UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ISADORA ROCHA LYRIO

MULHERES DE FASES: UM ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE QUATRO TRAJETÓRIAS DE CONSUMO DE BENS E SERVIÇOS LIGADOS À ESTÉTICA CORPORAL

Vitória
2020

ISADORA ROCHA LYRIO

MULHERES DE FASES: UM ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE QUATRO TRAJETÓRIAS DE CONSUMO DE BENS E SERVIÇOS LIGADOS À ESTÉTICA CORPORAL

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais
Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Pereira Pavesi.

Vitória

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

Lyrio, Isadora Rocha, 1990-
L992m Mulheres de fases : Um ensaio etnográfico sobre quatro trajetórias de consumo de bens e serviços ligados à estética corporal / Isadora Rocha Lyrio. - 2020.
160 f. : il.

Orientadora: Patrícia Pereira Pavesi.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Trajetórias do consumo. 2. Estética corporal. 3. Mulheres. 4. Ensaio etnográfico. I. Pavesi, Patrícia Pereira. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 316

Isadora Rocha Lyrio

MULHERES DE FASES: UM ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE QUATRO TRAJETÓRIAS DE CONSUMO DE BENS E SERVIÇOS LIGADOS À ESTÉTICA CORPORAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em 17 de abril de 2020.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Patricia Pereira Pavesi (UFES)
Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora

Profa. Dra. Maria Cristina Dadalto (UFES)
Examinadora Interna

Profa. Dra. Patricia Pereira Pavesi **por**
Profa. Dra. Mariana Zuaneti Martins (UFES)
Examinadora Externa

Ao querido Tales (*in memoriam*).
"*Don´t you know, they´re talkin´ bout a revolution. It sounds like a whisper. Poor people gonna rise up and take what´s theirs*"
(Tracy Chapman – Talkin´ Bout a Revolution).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força que me foi concedida, particularmente na reta final quando achei que não iria conseguir e estava quase desistindo. Não é tarefa fácil fazer um Mestrado trabalhando em dupla jornada, pois não podemos nos esquecer do trabalho doméstico que tanto nos consome. Mas, poderia ser ainda mais difícil se eu não contasse com alguns privilégios como não ter que me preocupar com a falta de comida na mesa, por morar em um bairro que fica perto da Universidade e não é alvo de violências cotidianas. Por isso, é sempre bom lembrar que precisamos defender a Universidade pública, gratuita e de qualidade para todxs, e que são necessárias estratégias, de cunho material e psicológico, para a permanência das pessoas nela.

O meu caminhar no Mestrado quase foi interrompido em outras oportunidades, mas isso não aconteceu porque dei a sorte de ter encontrado pessoas maravilhosas no percurso. Sou especialmente grata à minha orientadora, Patrícia P. Pavesi, por ter me aceitado como sua orientanda. O seu profissionalismo somado a uma dose de afeto foram imprescindíveis para a elaboração desse trabalho. Muito obrigada pelas palavras de incentivo quando mais precisei e pela atenção dispensada em cada parte do texto.

Agradeço imensamente às minhas interlocutoras, pois sem vocês nada disso seria possível. Obrigada por terem aberto as portas de suas vidas e me contado tantas histórias, foi incrível essa troca de experiências com vocês, aprendi muito. Tenho cada vez mais certeza da minha paixão pela Antropologia, pois ser Antropóloga me proporciona ouvir relatos tão ricos e importantes. Vocês compartilharam comigo suas opiniões, seu cotidiano, seus momentos de felicidade, de dor, de vergonha, e isso é de uma generosidade imensurável.

Sou grata à Mariana Zuaneti Martins e à Maria Cristina Dadalto por terem aceitado o convite para participarem da minha banca, colaborando para a concretização dessa etapa da minha trajetória acadêmica. Ressalto o carinho e a atenção da professora Maria Cristina Dadalto, principalmente no meu primeiro ano do Mestrado, com suas brilhantes contribuições e palavras de conforto. Agradeço, também, às professoras Eliana S. J. Creado e Mylene Mizrahi por terem dado contribuições valiosas ao meu trabalho e, ainda, a todas/os as/os

professoras/es da pós.

Um agradecimento especial à Izabel Cristina Ferreira Borsoi. Sou grata pela maestria com que nos ensinou acerca dos métodos e técnicas de pesquisa, proporcionando uma importante base para a construção do meu projeto de pesquisa e também pelas conversas e palavras de incentivo que foram essenciais para a minha decisão de fazer a seleção para o Mestrado.

Sou profundamente grata à Graziela pela paciência, pelas ajudas tanto na pesquisa quanto dentro de casa, pelo apoio e muito mais. Mesmo enfrentando um 2019 tão difícil, nós procuramos seguir adiante e isso só é possível quando há muito sentimento envolvido, cuidado e carinho. Obrigada. Agradeço aos meus avós Nazareth e Alberto (*in memoriam)*, minha mãe Ligia, minha irmã Marina e ao meu pai Fernando, às minhas tias Lilian e Hilda, meu tio Beto, e às demais pessoas da minha família. Obrigada por serem tão presentes e pelo amor incondicional. Não poderia deixar de incluir aqui minhas gatas Nina Simone e Capitu e meu cachorro Caipirinha, pois eles trazem luz a nossas vidas e nos incentivam a buscar um amanhã melhor (até mesmo porque o petisco não pode ter fim).

O meu percurso não teria sido o mesmo sem meus colegas da Pós-graduação. A vida me presenteou com uma turma tão maravilhosa e especial conhecida por *Mestado 2018*, em que pude conviver e trocar experiências incríveis. As sextas-feiras na rua da Lama foram espetaculares ao lado de vocês. Agradeço axs queridxs Caio, Vinícius, Gusthavo, Marcela e Guilherme. Um especial agradecimento à Raysa pela companhia, pelas conversas, pelos auxílios nas leituras dos trabalhos finais das disciplinas, pelos cafés nos intervalos e pela estadia tão calorosa e divertida em *Guaraparis*. Agradeço, particularmente, ao grupo *Insultos Decoloniais* dxs maravilhosxs Eliane, Rodrigo, Rayane e Elisa. Um destaque à Izzy por todo o carinho e pelas palavras de apoio direcionadas a mim nos momentos de *bad*; e à Paula, por sua generosidade em me ajudar com os estudos de trajetória e de outros assuntos com tamanha paciência e brilhantismo. Muito obrigada.

"Porque o ideal de mulher branca, sedutora mas não puta, bem casada mas não nula, que trabalha mas sem tanto sucesso para não esmagar seu homem, magra mas não neurótica com a comida, que continua indefinidamente jovem sem se deixar desfigurar por cirurgias plásticas, uma mamãe realizada que não se deixa monopolizar pelas fraldas e pelos deveres de casa, boa dona de casa sem virar empregada doméstica, culta mas não tão culta quanto um homem; essa mulher branca e feliz, cuja imagem nos é esfregada o tempo todo na cara, essa mulher com a qual deveríamos nos esforçar para parecer – tirando o fato de que elas devem ficar de saco cheio com qualquer coisa –, devo dizer que jamais a conheci, em lugar algum. Acredito até que ela nem mesmo exista".

Virginie Despentes

"[...] no dia seguinte ao que ele lhe dera o fora ela teve uma ideia. Já que ninguém lhe dava festa, muito menos noivado, daria uma festa para si mesma. A festa consistiu em comprar sem necessidade um batom novo, não cor-de-rosa como o que usava, mas vermelho vivante. No banheiro da firma pintou a boca toda e até fora dos contornos para que os seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marylin Monroe. Depois de pintada ficou olhando no espelho a figura que por sua vez a olhava espantada".

Clarice Lispector

RESUMO

Resumo: Trata-se de pesquisa que tem por objetivo compreender o consumo estético a partir da trajetória de quatro mulheres de diferentes faixas etárias, sendo meus sujeitos de pesquisa estas mulheres e suas narrativas de vida envolvendo o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal. Assim, mais do que relatar como se dão as práticas daquele tipo de consumo pelas mulheres que acompanhei ou focar somente nas opressões ligadas aos padrões de beleza que, certamente, favorecem a busca por esse tipo de consumo, importa, no que tange à minha pesquisa, explorar a interpretação que os sujeitos dão a tais práticas ao longo de suas vidas. Com fulcro nos estudos do consumo em Antropologia, me proponho a realizar um ensaio etnográfico sobre as trajetórias de consumo de minhas interlocutoras, explorando os diálogos entre os sujeitos nele envolvidos e os sentidos atribuídos aos bens, serviços e trocas. A atenção etnográfica à reconstrução de trajetórias investe na consideração da autobiografia e na complexidade de elementos que esta abarca, possibilitando, assim, a ampliação do olhar sobre o tema.
Palavras-chave: Trajetórias do Consumo. Estética Corporal. Mulheres. Ensaio Etnográfico.

ABSTRACT

Abstract: This research aims to understand the aesthetic consumption from the trajectory of four women of different age groups. In this sense, my subjects are these women and their life narratives involving the consumption of goods and services related to body aesthetics. Thus, more than reporting how the practices of that type of consumption occur by women that I followed, or focusing only on oppressions linked to beauty standards, which certainly favor the search for this type of consumption, it matters, in terms of my research, explore the interpretation that subjects give to such practices throughout their lives. With a focus on consumption studies in Anthropology, I propose to carry out an ethnographic essay on the consumption trajectories of my interlocutors, exploring the dialogues between the subjects involved in it and the meanings attributed to goods, services and exchanges. The ethnographic attention to the reconstruction of trajectories invests in the consideration of the autobiography and in the complexity of elements that it encompasses, thus enabling the expansion of the look on the theme.
Keywords: Trajectories of Consumption. Body esthetics. Women. Ethnographic Essay.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Personagem Vampira do desenho X-Men: Evolution 49
Figura 2 - Personagem da novela Estrela-Guia 49
Figura 3 - Estojo de maquiagem infantil anos 90-2000 52
Figura 4 - Personagem Roberta da novela *Rebelde* 52
Figuras 5 e 6 - Franja caída no rosto do estilo *Emo* 52
Figura 7 - Exemplo de perfil da rede social *Fotolog* 52
Figuras 8 e 9 - Fotos da mala de Ana 57
Figuras 10 e 11 – Fotos do banheiro de Ana 59
Figura 12 – Foto do dia da tatuagem de Ana 61
Figura 13 – Exemplo de antigas tatuagens de chiclete 66
Figura 14 – Exemplo de como eram as antigas tatuagens de chiclete 66
Figura 15 – Foto do dia da tatuagem de Cláudia 68
Figura 16 – Exemplo de rouge 70
Figura 17 – Colônia Seiva de Alfazema 73
Figura 18 – Objetos encontrados na bolsa de Tânia na primeira entrevista 81
Figura 19 – Exemplo de sapato mocassim feminino ortopédico 82
Figura 20 – Foto do espaço no banheiro de Tânia onde estão seus produtos relacionados à estética corporal 84
Figura 21 – Foto do espaço no armário de Tânia onde estão seus produtos relativos à estética corporal 85
Figura 22 – Exemplo de calçado Conga 87
Figura 23 – Exemplo de calçado Kichute 88
Figura 24 – Exemplo de uniforme em uma escola pública de São Paulo em 1968 88
Figura 25 – Creme para cabelo Neutrox 91
Figura 26 – Foto de objetos que estavam na bolsa de Marta na primeira entrevista 92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12
1 CONTEM SUAS HISTÓRIAS: DA PESQUISA ÀS INTERLOCUTORAS 22
1.1 Antropologia e autoetnografia: um pouco da minha trajetória 22
1.2 Minhas interlocutoras 28
2 TRAJETORIAS DE CONSUMO E ESTÉTICA CORPORAL 35
2.1 Estética corporal e consumo 35
2.2 Trajetórias do consumo 40
2.3 Ana 48
2.4 Cláudia 61
2.5 Tânia 68
2.6 Marta 85
3 CORPO, PADRÕES DE BELEZA E CONSUMO 96
4 SENTIDOS DO CONSUMO 119
4.1 Consumo e beleza 119
4.2 De onde vem? 123
4.3 Gênero, raça e classe social nas trajetórias 128
4.4 O batom 140
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 143
REFERÊNCIAS 149
ANEXO A – MAPA DO BAIRRO JARDIM CAMBURI 157
ANEXO B – MAPA BAIRRO JARDIM DA PENHA 158
ANEXO C – MAPA BAIRRO SANTA LÚCIA 159
ANEXO D – MAPA BAIRRO SÃO PEDRO 160

INTRODUÇÃO

Ao longo da minha trajetória acadêmica nas Ciências Sociais, questões ligadas à temática Gênero foram as que mais me despertaram curiosidade e interesse. Trata-se de um tema bastante amplo com diversas abordagens teóricas e metodológicas e, muitas delas, se voltam sobre noções como "corpo", "sexo" e "sexualidade", inclusive, de modo a desnaturalizar construtos que, até então, pareciam dados de uma natureza incriada e não elaborações históricas e sociais.

Durante os estudos, li o livro de Naomi Wolf (1992), *O mito da beleza – como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres,* que evidencia como os padrões de beleza funcionam de modo a facilitar e manter a opressão contra as mulheres, especificamente as ocidentais. O livro apresenta como as mulheres são coagidas a buscarem determinados padrões envolvendo, por exemplo, um corpo magro e sem marcas do envelhecimento e as diferentes maneiras pelas quais esse sistema opressor opera. A leitura dessa obra me marcou pela relevância da temática e pela profundidade de suas reflexões e, apesar de eu ter encontrado respostas para muitos dos meus questionamentos, fui sendo instigada a pensar em outras questões e ansiar por novas pesquisas.

Apesar da relevância dos apontamentos quanto aos graves problemas causados pela tentativa de alcançar os padrões de beleza, eu observava, por outro lado, diversas mulheres utilizando produtos como maquiagem, acessórios, realizando procedimentos estéticos, como práticas naturalizadas no cotidiano e percebia como muitas delas tinham, inclusive, pensamentos críticos sobre este tipo de agência, conscientes quanto a essa imposição dos padrões. À medida que eu observava mais e mais casos reais, o tema do consumo de produtos estéticos foi se delineando como uma possibilidade de pesquisa de cunho acadêmico.

O tema foi se mostrando, assim, complexo e contraditório, pois de um lado há os problemas relativos à existência dos padrões de beleza que, de fato, são rígidos e precipuamente direcionados às mulheres e, por outro, eu observava a grande procura por bens e serviços de estética corporal como experiência cotidiana de muitas delas.

Até então, me considerando “feminista”, ficava reparando no modo como filmes, propagandas, etc., serviam para disseminar os padrões de beleza ligados, por exemplo, a questões étnico-raciais, de idade, de formas corporais, e como tudo isso poderia oprimir as mulheres e induzi-las ao consumo de bens e serviços de estética corporal que prometem a tão sonhada perfeição. Foi quando comecei a cursar a disciplina de Antropologia do Consumo na graduação, ministrada pela Dra. Patrícia P. Pavesi, que passei a ter contato com reflexões diferenciadas sobre o consumo em nossa sociedade. Nesse ponto, através das leituras realizadas, a ideia de uma mera passividade das mulheres frente ao consumo de bens e serviços estéticos já estava me causando certo incômodo.

Falo de mulheres porque é corriqueira a conexão entre consumo e o feminino, muito embora possa se dizer que desde sempre o cuidado estético seja também um atributo masculino. No entanto, quando o consumo não está atrelado à satisfação de supostas necessidades básicas, ele acaba sendo considerado fútil e vazio, permitindo, assim, a desqualificação daqueles sujeitos, principalmente quando voltado para bens e serviços ligados à aparência física, como, por exemplo, maquiagem, depilação, cirurgias plásticas, etc. Isso, inclusive, é apontado por alguns pesquisadores como um dos motivos pelos quais o estudo do consumo foi negligenciado por tanto tempo nas Ciências Sociais. Nesse sentido:

> Vinculado ou associado à questão da reprodução cotidiana e da esfera doméstica, o *consumo* também tem sido historicamente desprezado pela teoria social. No discurso sociológico clássico foi considerado uma atividade menor e potencialmente anômica, tendo sido também associado ao feminino. No discurso do marxismo e, particularmente, como abordado pela "teoria crítica" da Escola de Frankfurt, o consumo é tipicamente equiparado com o consumismo, a alienação, o fetichismo da mercadoria e a "manipulação da consciência" e das necessidades (ADELMAN, 2004, p. 8, itálico da autora).

Nava (1997) expõe que, apesar dos diversos termos epistemológicos e análises, as narrativas falharam em tratar das experiências das mulheres e que, de maneira geral, os estudos da Modernidade voltaram as atenções para a esfera pública, como a política, área esta da qual elas estavam excluídas. Revela, ainda, que os estudos feministas, a despeito da sua riqueza e importância, tendem a focar na subordinação das mulheres e sua histórica marginalização e não nas experiências intencionais por elas vivenciadas por meio do consumo, por exemplo.

Não obstante, diante das considerações até aqui feitas, cabe uma pergunta: por que estudar o consumo quando há tantos outros problemas políticos e sociais, muitas vezes considerados de

maior importância? Primeiro, justamente para tentar desmistificar as visões que tratam esse tema como irrelevante. Por meio de contribuições de autoras e autores e de minhas interlocutoras, buscarei refletir sobre como essa prática pode nos ajudar a desvelar certos aspectos das sociedades modernas. E, por que estudar o consumo de bens e serviços estéticos no universo feminino? Há alguns dados que nos ajudam a entender a importância deste recorte, que apresentarei na sequência.

Segundo notícia veiculada no site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, em 27 de outubro de 2017, a demanda por procedimentos estéticos não cirúrgicos aumentou 390% nos últimos dois anos, sendo os quatro tratamentos mais procurados aqueles voltados para preenchimento, toxina botulínica, *peeling* e *laser* (VIDALE, 2017). Os últimos dados globais sobre a demanda por procedimentos cosméticos (cirúrgicos e não- cirúrgicos) indicam que as cirurgias estéticas continuam crescendo em todo o mundo, sendo que, em 2018, houve um aumento de 5,4% no total de procedimentos cirúrgicos e não cirúrgicos realizados, com o Brasil ocupando a segunda posição no número total de procedimentos, perdendo apenas para os Estados Unidos. Os dados indicam, ainda, que o Brasil subiu para o primeiro lugar no mundo em procedimentos cirúrgicos e que as mulheres representam 87,4% dessa demanda em todo o mundo (ISAPS, 2019). Nas ruas, é fácil encontrar salões de beleza ou, o que vem sendo chamado atualmente de centros de estética[1], e em um rápido contato com tais locais é possível verificar o predomínio da presença feminina.

Em junho de 2019, foi noticiado que, a despeito do momento de crise, o mercado de cosméticos no Brasil cresceu. Entre janeiro e março de 2019, houve um crescimento de 10,64% na movimentação financeira do setor em relação ao mesmo período de 2018. A notícia ainda destaca que o Brasil é um dos campeões mundiais no consumo per capita de cosméticos e que se trata de uma situação que exprime, principalmente, o aumento dos gastos do público feminino, que representa 70% dos consumidores (MENDES, 2019).

Destaco, ainda, que o tema foi alvo recentemente de ampla discussão pública a partir de notícias sobre lastimáveis mortes de três mulheres ocorridas após a realização de

[1] Sobre os centros de estética, cumpre elucidar que são locais que oferecem serviços dos mais diversificados, desde os comuns como depilação, maquiagem até os chamados procedimentos estéticos não-cirúrgicos, como *laser* e *peeling*, conforme indica o site de um dos centros estéticos de Vitória/ES (DUARTE, 2018).

procedimentos estéticos[2]. Nos comentários das notícias e mesmo no dia a dia, é possível perceber debates informais intensos sobre a questão, e muitos deles estão pautados na ideia de que as mulheres são influenciáveis e buscam a todo custo se encaixarem nos padrões de beleza.

Estes e outros dados mostram a importância que bens e serviços estéticos têm para as mulheres, especialmente no Brasil. A Antropologia, então, conforme Gomes (2016), nos ajuda a refletir sobre como funciona construções culturais ligadas a certas visões de mundo, para além de sua fisicalidade orgânica. Nesse sentido, se há números mostrando elevada busca por modificações corporais em determinada sociedade, como é o caso do Brasil, torna-se importante analisar os motivos dessa procura e quais são as visões de mundo que estão em jogo nesse processo.

Levando em consideração a centralidade que o corpo ganhou nos últimos tempos, muitos estudos surgiram com diferentes abordagens sobre o consumo de bens e serviços estéticos por mulheres. Além da abordagem que visa conhecer os tipos de serviços estéticos mais procurados, outras duas podem ser identificadas, as quais analisarei mais detidamente.

A primeira delas é a abordagem relativa à ideia de que mulheres buscam tal consumo desejando apenas alcançar determinados padrões de beleza, encontrando-se numa posição de passividade diante de certas exigências sociais. Essa perspectiva pode ser encontrada em estudiosas como Muraro (1971), que aponta como as indústrias, especialmente as estrangeiras, manipulam as mulheres brasileiras influenciando-as ao consumo, a fim de manterem o controle da sociedade. Não obstante a riqueza e a importância de análises como a de Muraro (1971), que foram fundamentais para denunciar as opressões a que as mulheres estavam sujeitas, ressalto que, dentre as múltiplas possibilidades de reflexão que o tema suscita, minha pesquisa procura discutir, a partir de dados de pesquisa empírica, quais os sentidos que minhas interlocutoras dão a esse tipo de consumo.

---

[2] LANG, Marina. *Polícia investiga morte de três mulheres após procedimento estético no Rio*. In: UOL notícias. Rio de Janeiro, 24 jul. 2018. Disponível em: < https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/07/24/policia-investiga-3-morte-de-mulher-apos-procedimento-estetico-no-rio.htm> Acesso em: 28 jul. 2018.

Outra abordagem para o tema pode ser encontrada nos estudos acerca do consumo, entendendo este como uma categoria importante na compreensão de fenômenos sociais, considerando as possibilidades criativas ligadas a ele. Nesse sentido, considero que meu trabalho está mais próximo a essa orientação teórica, pois tem por objetivo geral investigar a temática do consumo de bens e serviços de estética corporal a partir das percepções de minhas interlocutoras. Pretendo investigar mais especificamente, através das narrativas delas, como se relacionam e como se relacionaram com aquele tipo de consumo ao longo de suas vidas, considerando as experiências vivenciadas.

O meu tema de pesquisa já foi alvo de relevantes estudos, de diversas naturezas, e pretendo ampliar o olhar, buscando, por meio de pesquisa de orientação etnográfica, as narrativas de minhas interlocutoras a fim de elaborar um estudo que contribua para os debates, ciente de que não irei esgotá-lo e que novas contribuições devem ser feitas de modo a proporcionar avanços no conhecimento. Busco, assim, compreender o consumo estético a partir da análise de trajetória de mulheres de diferentes faixas etárias, sendo meus sujeitos de pesquisa estas mulheres e suas narrativas quanto ao consumo de bens e serviços ligados à estética corporal em suas vidas. Deste modo, mais do que relatar como se dão as práticas do consumo de bens e serviços estéticos pelas mulheres que acompanhei/acompanho, ou como o mercado e a mídia apresentam determinados padrões de beleza que, sem dúvida, podem induzir as pessoas a esse tipo de consumo, importa, no que tange à minha pesquisa, explorar a interpretação que os sujeitos dão a tais práticas ao longo de suas vidas e verificar a produção de significados na perspectiva cultural.

A ideia, portanto, é trabalhar com a perspectiva dos atores envolvidos no fenômeno, buscando entender os sentidos do consumo daqueles bens e serviços, tendo em vista apontamentos de autores como Campbell (2006), Douglas e Isherwood (2006), Miller (2007), que discutem consumo não como ato meramente passivo, mas como uma categoria boa para pensar experiências, estratégias para demarcação de identidades, etc. Quanto ao método de pesquisa, Pinto e Lara (2011, p. 51) apontam o etnográfico como uma opção útil por possibilitar uma investigação sobre o modo como certos grupos sociais acessam bens e serviços e quais os significados que atribuem a eles, somado a suas experiências no processo de consumo, traduzindo, assim, desejo, relações sociais, visões de mundo, etc., perspectiva que me serve de inspiração neste trabalho.

O questionamento que fica mais latente não está relacionado a uma demarcação de limites entre o que seria agência do sujeito ou conformidade a certos padrões, mas, sobretudo, entender como minhas interlocutoras lidam com os padrões culturais e como se dá essa relação em suas vidas. Nesse sentido, a "Antropologia e os estudos de Cultura Material pesquisam tanto as condições que fazem as pessoas quanto suas respostas a essas condições" (MILLER, 2009, p. 32) e, diante de tal consideração, procuro discutir as aproximações que podem ser estabelecidas entre o meu objeto de estudo e a Cultura, tendo em vista o objetivo do meu trabalho de buscar entender como as interlocutoras que acompanhei se relacionam com as práticas de embelezamento.

Tendo em vista a temática e os meus objetivos, a primeira ideia que me veio à mente foi a de ir até um local específico e observar o consumo de serviços de estética corporal na prática, fazer entrevistas com algumas consumidoras e realizar alguns procedimentos. Em resumo, tratava-se, inicialmente, de uma observação participante somada à realização de entrevistas estruturadas. Tudo mudou quando, na fase de cumprimento de créditos, fiz duas entrevistas exploratórias para a disciplina Seminários, ministrada pela professora Dra. Aline Trigueiro. Minha orientadora leu as entrevistas, gostou, e acabamos por mudar o nosso foco de estudo para acompanhar as interlocutoras e suas narrativas. O foco, então, não mais estava em espaços materiais, mas, sim, nas trajetórias dos sujeitos, independente do lugar por onde circulavam, possibilitando, inclusive, a análise no Ciberespaço.

Como o meu interesse sempre foi mais voltado para a Antropologia e eu desejava elaborar uma Etnografia, o fato de não ter um espaço geográfico físico específico para pesquisar me causou certa angústia, porém, alguns autores me ajudaram a entender que temas ligados à Modernidade, como o meu, podem e devem ser pesquisados com um novo olhar e apresentar características distintas das monografias clássicas da disciplina. Isso não significa considerar uma melhor que a outra, mas, sim, vê-las como diferentes possibilidades de produção do conhecimento.

Para Marcus (1991, p. 200), a Antropologia que se proponha a compreender a Modernidade precisa repensar certas categorias clássicas para a análise antropológica, visto que fenômenos importantes como comunidades, sistemas de parentesco, estruturas de poder, rituais, ainda que

continuem sendo documentados, "[...] não podem mais servir, em si e por si sós, como conceitos básicos que organizam a descrição e a explicação etnográficas". Assim, os requisitos apontados por Marcus (1991) para a criação de um texto modernista incluem, resumidamente: a redefinição do observado, abrangendo aqui, a ruptura com o conceito de comunidade, a problematização do tempo e a problematização da perspectiva/voz; e, também, a reformulação do observador.

O conceito de comunidade dá lugar, na etnografia modernista, à ideia de que a construção de identidades – seja de um grupo, de um indivíduo ou de uma sociedade – não depende apenas das atividades verificadas em uma localidade específica, sendo produzida, simultaneamente, em locais diversos e por diferentes pessoas com diferentes fins. Já na problematização do tempo, há uma ruptura com o conceito de história, no sentido da necessidade de repensar a determinação histórica como contexto primordial na explanação do presente etnográfico. Isso não significa desmerecer o passado, mas, sim, dar espaço, por exemplo, a noção de memória, seja individual ou coletiva, como fonte de construção das identidades (MARCUS, 1991).

Entendo como essencial os apontamentos de Marcus (1991), especialmente quanto a noção de memória e não apenas de estrutura como relevante na percepção histórica, pois, conforme aludido anteriormente, se fosse dado destaque somente às estruturas de poder que historicamente oprimiram e desprezaram as experiências das mulheres, não seria possível avançar nos estudos e continuaríamos a relegá-las a uma posição de passividade, julgando-as como influenciáveis e destituídas de qualquer agência em relação aos seus corpos, suas vidas e perante a própria construção da história. A atenção etnográfica à reconstrução de trajetórias investe na consideração da autobiografia e a complexidade de elementos que esta abarca, que vão além de questões político-ideológicas.

Outro aspecto de destaque em Marcus (1991), é a problematização da perspectiva/voz, que pretende a ruptura com o conceito de estrutura. Tal problemática não se refere a uma indispensabilidade da estrutura enquanto realidade social derivada de padrões de comportamento ou conjunto de códigos que organizam discursos sociais. Refere-se, sim, ao deslocamento do peso analítico para a perspectiva como "voz", possibilitando ao etnógrafo reconhecer propriedades do discurso pela exposição, na medida do possível, da qualidade das vozes por meio de categorias como narrativa, figuras de linguagem, etc. Nesse sentido: "As

vozes não são vistas como produtos de estruturas locais, baseadas apenas na comunidade e na tradição, nem como fontes privilegiadas para a definição de perspectivas, mas como produtos de conjuntos complexos de associações e experiências que as constituem" (MARCUS, 1991, p. 208).

As observações de Marcus (1991) quanto às vozes da etnografia devem ser consideradas, especificamente no momento da escrita do texto etnográfico. Novamente, vemos um rompimento com a ideia de estrutura como determinante para as análises etnográficas e a inserção das vozes dos sujeitos pesquisados. Assim, vislumbro a importância de considerar as vozes das consumidoras de bens e produtos estéticos para a minha pesquisa, através de suas narrativas, por exemplo, muito mais do que focar somente nas estruturas que impõem certos discursos, a fim de que seja possível entender os sentidos daquele tipo de consumo, que podem ser diversos e estarem em contínua transformação.

Os estudos do consumo em Antropologia têm por objetivo realizar a pesquisa construída com base em diálogos entre os sujeitos nela envolvidos, em sentido diverso das noções iniciais da disciplina que apresentavam um pesquisador como representante das vozes dos sujeitos por ele pesquisados. A busca pelos sentidos e valores atribuídos aos bens e às trocas nas vozes das minhas interlocutoras é objetivo nesta Dissertação. Assim, novas formulações teóricas, como é o caso da etnobiografia, reforçam a necessidade de se considerar os indivíduos, especialmente ao introduzir conteúdos ligados à biografia e à Etnografia, salientando que, embora não seja a forma metodológica principal da minha pesquisa, a orientação etnobiográfica serve como reflexão de fundo a ela.

A narrativa do método etnobiográfico busca incluir as experiências individuais de cada um dos atores fundamentados em suas apreensões culturais, de modo a pensar as relações entre subjetividade e objetividade, cultura e personalidade, como não antagônicas. O propósito da etnobiografia, portanto, é focar na criatividade individual, para além de dicotomias como público/privado ou individual/social, adentrando nas instituições culturais por meio do seu uso pelos sujeitos (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012).

A etnobiografia problematiza o pensamento sociológico clássico de individual/coletivo, sujeito/cultura, produzindo "uma quase reificação positiva da categoria indivíduo", com o

objetivo de se contrapor a uma percepção de sociedade como uma realidade que constrange os indivíduos e que limita, mediante a ideia de cultura, o espaço para a individualidade e a imaginação pessoal. Ressalta-se que a categoria de indivíduo não é propriamente o aspecto representativo, e sim a "pessoa/personagem tomada enquanto manifestação criativa" (GONÇALVES, 2012, p. 29-30).

A minha intenção, portanto, é produzir um ensaio etnográfico considerando a multiplicidade de vozes e de interpretações dos próprios sujeitos pesquisados, levando em consideração as trajetórias conforme narradas pelas próprias interlocutoras através de análises que focam nos sujeitos e não na totalidade de um certo grupo ou comunidade e, nesse sentido, questões antigas nas Ciências Sociais, como a relação indivíduo/coletividade, cultura/personalidade, são alvo de novas problematizações e com ela novas possibilidades de produção do conhecimento. Para isso, entrevistei e acompanhei quatro interlocutoras, com idades de 23, 39, 52 e 54 anos, no período de setembro/2018 a novembro/2019.

Percurso da discussão

Sobre a organização e a forma textual deste trabalho, destaco que o primeiro capítulo é dedicado à apresentação das minhas interlocutoras, incluindo alguns dados como idade, ocupação, bairro onde moram, e à exposição sobre como cheguei até elas. Ainda no referido capítulo, início as discussões relativas ao modo como este trabalho foi pensado e quais as estratégias por mim utilizadas para a pesquisa e para a escrita do texto.

O segundo capítulo inicia com apontamentos acerca da relação entre estética corporal e consumo, incluindo um breve histórico de como os estudos sobre o consumo foram tratados, particularmente dentro das Ciências Sociais. Em seguida, faço considerações quanto aos estudos de trajetória e narrativa de vida, em especial a ideia de "curso de ação" de Bertaux (2014). Explico como a ideia de curso de ação foi importante para eu pensar as trajetórias de consumo de bens e serviços ligados à estética corporal de minhas interlocutoras. A partir daí, exponho as trajetórias de consumo de bens e serviços relativos à estética corporal das minhas interlocutoras da maneira como me foi narrado por elas.

No terceiro capítulo, faço uma reflexão envolvendo as concepções sobre o corpo e como tais concepções não podem ser destacadas das relações de poder estabelecidas em determinados

espaço e tempo. São discutidas noções de beleza e como os padrões vão sendo formados, particularmente no Brasil. Ao longo do capítulo, apresento como os padrões apareceram nas narrativas de minhas interlocutoras, e o modo como elas lidam com eles e com outras exigências sociais ligadas ao corpo.

Por fim, no quarto capítulo, busco aprofundar algumas discussões travadas nos capítulos anteriores, de modo a pormenorizar temas de destaque que apareceram nos diálogos com minhas interlocutoras, como a interseccionalidade gênero/raça/classe e os principais meios pelos quais o consumo de bens e serviço voltados à estética corporal foi sendo aprendido e incorporado em suas vidas.

1 CONTEM SUAS HISTÓRIAS: DA PESQUISA ÀS INTERLOCUTORAS

1.1 Antropologia e autoetnografia: um pouco da minha trajetória

O tema do consumo de bens e serviços voltados para a estética corporal pode ser estudado sob o ponto de vista do sujeito que consome, pensando em suas escolhas, as marcas que prefere, os tipos de produtos que lhe agrada. Mas, ao mergulharmos mais a fundo na temática, encontramos outras noções envolvidas, como beleza, corpo, etc., e tais noções só fazem sentido se pensadas dentro de uma determinada cultura. Mas o que é cultura? O que cultura tem a ver com a Antropologia?

A Antropologia se constituiu enquanto disciplina científica na segunda metade do século XIX, quando definiu como seus objetos empíricos autônomos as sociedades então chamadas "primitivas", ou seja, localizadas fora das áreas europeias ou norte-americanas. Nesse momento, a ciência concebia a completa separação entre o observador e seu objeto (LAPLANTINE, 2003). Mais adiante, ocorreu o desenvolvimento dos estudos da cultura, atribuindo-lhes caráter científico. Tais estudos passaram a estarem conectados ao desmantelamento da concepção da natureza humana predominante no Iluminismo, uma visão do homem como um ser naturalmente constituído que partilhava de uma uniformidade de composição descoberta pela ciência natural. Na visão Iluminista, existem leis que regem a natureza humana e estas são imutáveis, ainda que tal imutabilidade seja suplantada em alguns momentos pela moda local. O surgimento do conceito de cultura vem acompanhado pelo declínio da perspectiva uniforme do homem e a Antropologia moderna, independente do que afirme, tem a certeza de que não existem homens não-modificados pelos costumes de locais determinados, tornando extremamente difícil conceber uma linha divisória entre o que seria natural, universal e imutável no homem do convencional, localizado e mutável (GEERTZ, 2008).

No final do século XX, alguns antropólogos passaram a falar sobre uma eventual crise na Antropologia que seria fruto, principalmente, do desaparecimento dos povos aborígenes ou dos então chamados povos primitivos devido aos avanços do Capitalismo e da incorporação de tais povos em grandes civilizações, levando ao fim do que, para eles, constituiria o objeto de estudo da disciplina. Em contrapartida, há antropólogos que não vislumbram uma crise na

Antropologia e nem a possibilidade de que esta venha a desaparecer (OLIVEIRA, 1995; SAHLINS, 1997).

Em Sahlins (1997), a noção de crise estaria vinculada a uma ideia de desaparecimento da "cultura" como objeto central da Antropologia, o que, para ele, não é plausível. Mesmo com a ocorrência de certas mudanças, a "cultura" não pode ser deixada de lado porque sem ela deixaríamos de entender um fenômeno particular da espécie humana que ela nomeia: "a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos" (SAHLINS, 1997, p. 41).

Já para Oliveira (1995), o problema de maior importância não está situado no plano dos objetos concretos, mas, sim, no epistemológico, pois o cenário de crise anunciado por alguns autores deriva da ideia de que a existência de diversos paradigmas no plano epistemológico da disciplina seria responsável pela crise disciplinar. Contudo, para Oliveira (1995, p. 217), a "Antropologia moderna está constituída por um elenco de paradigmas simultâneos", ou seja, os diferentes paradigmas e teorias convivem numa contínua relação, formando uma matriz disciplinar. A Antropologia está repleta de teorias contrárias, mas não-contraditórias, convivendo normalmente, uma vez que uma teoria não tem poder suficiente de argumentos para suprimir outra. A produção antropológica é quase toda orientada para a elaboração de teorias de médio alcance presentes em monografias sobre determinadas sociedades ou culturas e, muitas delas (senão todas), são passíveis de críticas, sobretudo quando elaboram modelos distintos sobre uma mesma sociedade ou aspecto cultural (OLIVEIRA, 1995).

Conforme destaquei, a matriz disciplinar da Antropologia é formada por distintos paradigmas e teorias e dentre os paradigmas, há um mais recente que suscitou, segundo Oliveira (1995), uma dinamização na disciplina: o paradigma hermenêutico. Tal paradigma trouxe elementos importantes para dentro da Antropologia, destacando-se, resumidamente, como relevantes as seguintes contribuições: moderação na "autoridade do autor", visando a eliminação do autoritarismo; aumento do foco na produção da escrita, com necessária problematização sobre o processo de textualização das análises etnográficas; atenção quanto ao momento histórico do encontro etnográfico envolvendo "sujeito cognoscente e objeto cognoscível"; e apreensão quanto aos "limites da razão científica" da própria disciplina, o que não significa dizer abandonar a razão e suas viabilidades de explicação (OLIVEIRA, 1995, p. 221).

Tematizar e problematizar essa relação entre sujeito pesquisador e sujeitos pesquisados é de suma importância para o desenvolvimento do meu trabalho porque é preciso estar ciente do poder que o pesquisador tem no momento do contato com o campo, especialmente nas entrevistas e o quanto este fato pode afetá-las. Assim, apontando as lógicas de poder constituídas nessas relações, podemos pensar em formas de torná-las um pouco mais simétricas e uma das formas para tanto é levar em consideração que:

> [...] a relação que se impõe entre as partes envolvidas no processo cognitivo, de monológica, passa a ser dialógica, alterando a própria prática da chamada entrevista com a transformação do pesquisador e de seu informante em interlocutores (significando isso que uma relação caracteristicamente marcada como uma via de mão única, passa a ser de mão dupla, conseqüência do diálogo tomado agora como essencial na busca – nem sempre e dificilmente alcançada, é verdade – de simetria nas relações entre pesquisador e pesquisado) (OLIVEIRA, 1995, p. 223).

Seguindo essa noção processo dialógico nas entrevistas, percebi o quanto minhas interlocutoras se sentiam à vontade para falar sobre o consumo de bens e serviços de estética corporal realizado ao longo de suas vidas. Por meio das entrevistas, tive acesso a situações vivenciadas por elas no passado que estão relacionadas ao seu atual consumo, ao mesmo tempo em que foram reveladas questões para além do consumo que serão abordadas neste trabalho. Hockey (2002, p. 214-215) aponta como as etnografias dentro da Antropologia priorizaram a observação participante e relegaram as entrevistas a uma opção secundária, evidenciando o quanto a observação participante carrega uma noção de que o terreno apropriado da disciplina é o “mundo observável do comportamento humano”. No entanto, não é possível ao o Antropólogo enquanto “outro” ser incorporado dentro de certas partes da vida e de tempos que não mais existem e, por isso, ele precisa desempenhar seu papel em diferentes tipos de espaço, alguns deles “virtual” outros “interno”, neste caso ligado à imaginação e às memórias dos entrevistados (HOCKEY, 2002, p. 219).

Assim, tendo em vista que pretendia analisar partes da vida das mulheres pesquisadas que não mais existem no presente, considerei como sendo o principal método para a minha pesquisa a realização de entrevistas qualitativas com perguntas abertas. O objetivo das minhas entrevistas foi obter, seguindo a terminologia de Bertaux (2010), “narrativas de vida” das mulheres pesquisadas, tratando-se de uma expressão cunhada para diferenciar a história vivida por uma pessoa e a narrativa que ela conta sobre sua vida ou parte de sua experiência vivida. O aspecto

mais interessante de se recorrer à narrativa de vida é a dimensão “diacrônica”, que viabiliza uma percepção sobre as “lógicas de ação no seu desenvolvimento biográfico e as configurações de relações sociais no seu desenvolvimento histórico” (BERTAUX, 2010, p. 17). Não se trata da apreensão de esquemas ou sistemas de valores de uma pessoa isolada, mas, sim, do estudo sobre um fragmento específico da realidade social-histórica, destacando o seu funcionamento, como se transforma, as lógicas de ação que o caracterizam, por esse motivo, recorrer às narrativas de vida não exclui outras fontes, como estatística, observação direta, etc. (BERTAUX, 2010). Ressalta-se que na entrevista narrativa, não são as perguntas que figuram como ponto fundamental, mas, sim, os relatos mais longos e coesos dos entrevistados na forma de uma narrativa sobre a área de interesse do pesquisador (FLICK, 2013).

Nesse sentido, busquei fazer de minhas entrevistas uma relação dialógica em que tanto eu, como pesquisadora, quanto minhas entrevistadas fôssemos interlocutoras, resultando em diálogos que construíram este trabalho. Tudo isso coloca em evidência o fato de que a autoria em um trabalho não é somente da pesquisadora, pois são as diferentes vozes que possibilitam a construção do mesmo, sendo importante, portanto, levar em conta cada uma delas no momento da escrita etnográfica. Esse processo de colocar em forma de texto as narrativas obtidas em um processo de diálogo foi bastante desafiador para mim, uma vez que não é fácil pensar sobre o que escrever e como escrever as memórias e a visão das minhas interlocutoras quanto ao tema. Outro desafio é registrar as interpretações das minhas interlocutoras de modo a não elaborar um trabalho contendo apenas as minhas interpretações e análises, sobretudo pensando em uma maneira de construir o texto articulando as visões delas e os trabalhos de autoras e autores, sem sobrepor um ao outro.

São muitas as dificuldades impostas aos experimentos mais radicais e modernistas na etnografia, experimentos estes que buscam se afastar das convenções realistas em direção a um trabalho elaborado com a forma e atento a “reciprocidade de perspectivas” a fim de evidenciar o contexto dialógico do trabalho de campo e incorporar múltiplas vozes autorais no texto controlado por um único autor, tratando-se, em resumo, de uma tentativa de “evocar o mundo sem representa-lo” (MARCUS, 2016, p. 268). Como possível maneira de se atender a essa necessidade, o autor cita a forma modernista do ensaio:

> O ensaísta pode mistificar o mundo, deixar as ações de seus objetos em aberto quanto a suas implicações globais, adotando uma postura retórica de semicompreensão e semiespanto profundos diante do mundo no qual vivem o objeto etnográfico e o etnógrafo. Essa é, assim, uma forma adequada a uma época como a atual, na qual os paradigmas estão confusos, os problemas são difíceis de abordar e os fenômenos só são compreendidos parcialmente (MARCUS, 2016, p. 268).

Sem pretender alcançar uma construção fechada, o ensaio suspende o conceito tradicional de método, considerando que "o pensamento é profundo por se aprofundar em seu objeto, e não pela profundidade com que é capaz de reduzi-lo a uma outra coisa" (ADORNO, 2003, p. 27). O modo de exposição do ensaio não deve operar como se tivesse deduzido o objeto e, por isso, não haveria mais nada a ser dito. Sendo a realidade fragmentada, o ensaio também pensa em fragmentos, buscando encontrar a realidade através das fraturas (ADORNO, 2003), ou seja, recusa a imposição de ordem mediante a escrita a um mundo essencialmente fragmentário (MARCUS, 2016). O ensaio é um gênero textual que pode ser escolhido tanto por autores "experientes, densos, originais e profundos" quanto por principiantes, aqueles que nem sempre possuem domínio técnico dos gêneros científicos, consistindo em um texto dos que preferem a "liberdade de expressão, mesmo sabendo que jamais podem abdicar do rigor" (PAVIANI, 2009, p. 6). Me considero na segunda posição, tanto devido a minha pouca experiência quanto ao exíguo tempo do mestrado para a confecção de uma etnografia, por isso, optei pelo ensaio, já que não queria dispensar a liberdade de expressão por ele proporcionada. Reitero que a utilização do ensaio me permitiu elaborar um texto mais autoral, que não se confunde com uma peça literária, pautado em uma perspectiva etnográfica mais voltada para as narrativas de vida do que para a observação das práticas cotidianas.

Assim, ressalto que meu objeto de estudo consiste nas trajetórias de quatro mulheres sobre o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal, cujo objetivo é trazer para a discussão algumas questões relativas à temática por meio da escala micro, pensando em como concepções, ideias, normas sociais, de cunho mais gerais podem operar nas realidades dessas mulheres. Quanto à forma deste trabalho, saliento que o presente ensaio etnográfico será composto pelas vozes das minhas interlocutoras e também pelo meu ponto de vista, de modo a serem explicitados cada um deles, incluindo na análise os processos interpretativos de construção do texto.

Antes de apresentar minhas interlocutoras, gostaria de acrescentar algumas informações sobre

mim além daquelas apresentadas na introdução, uma vez que também sou consumidora de bens e serviços ligados à estética corporal e, portanto, faço parte daquilo que pretendo investigar. Pelo fato de estar começando por minhas narrativas de vida, devo fazer alguns comentários quanto à chamada autoetnografia. Adianto que não elaborarei uma autoetnografia, uma vez que o foco não está em minha trajetória, mas julgo interessante abordá-la brevemente para que seja evidenciado o meu interesse pelo tema e minha aproximação com as interlocutoras.

O método autoetnográfico se caracteriza pela inclusão da narrativa pessoal do sujeito pesquisador, reconhecendo as suas experiências como tendo um papel importante na pesquisa, tanto na definição do tema quanto em seu desenvolvimento (SANTOS, 2017). A autoetnografia é um método pós-moderno de pesquisa que inclui narrativa, reflexividade, estilo e relações entre autor, leitor e o texto, tendo a experiência do autor como central, possibilitando o movimento do privado para o público de maneira política, chamando os leitores a fazerem mais do que ler passivamente (BOLEN, 2012).

Assim, destaco que usarei de algumas estratégias da autoetnografia, em especial as apresentadas acima para a construção de um texto que inclua as narrativas das minhas interlocutoras e as minhas, visando produzir um texto com base em processos dialógicos, de troca de experiências e vivências. Afinal, eu sou uma mulher branca, brasileira, de classe média e, para mim, a relação com a estética corporal se fez/faz presente, muitas vezes de maneira conturbada. Minha mãe é e sempre foi uma pessoa muito vaidosa e, desde muito cedo, tentou passar isso para mim e para minha irmã. Acontece que nem eu nem ela éramos muito ligadas a isso, mesmo crescendo com uma mãe que falava o tempo todo da importância da vaidade para a mulher.

Na infância, eu ganhava bonecas de presente, estojos de maquiagem, mas não ligava para nada disso. Eu só queria brincar de carrinho, jogar bola e vídeo game. Minha mãe falava que eu era muito “apagadinha” pelo fato de não usar maquiagem, nem bijuterias grandes e chamativas e, no começo da adolescência, resolvi mudar um pouco, tendo em vista que comecei a querer chamar a atenção dos garotos e, para isso, aprendi que deveria ser mais feminina, ou seja, usar outros tipos de roupa, a exemplo de saias, salto alto, maquiagem, etc. Bem, a mudança não foi tão gritante, mas eu passei a ser mais vaidosa e a consumir produtos

como maquiagem, brinco, pulseira. Ainda na adolescência, passei a ter vergonha do meu cabelo cacheado e cheio, porque algumas pessoas falavam mal dele e também porque a mídia mostrava que cabelo bonito era somente o liso ou um cacheado todo desenhado que não era o meu caso, mas, por um bom tempo, eu falei para mim mesma que não iria alisar. Até que, na faculdade (cursei Direito antes das Ciências Sociais), por volta dos 18 anos, não aguentei mais, e resolvi fazer o alisamento. Assim, dos 18 até meus 28 anos, eu vivi com o cabelo alisado, contudo, no começo desse ano de 2019, resolvi me libertar: cortei o cabelo bem curto e amei o resultado. Minha mãe detestou, claro.

Hoje, me sinto bem comigo mesma, usando pouca maquiagem, quase sempre de tênis. Isso não significa uma satisfação total com a minha aparência, há sempre aquela gordurinha que incomoda, o cabelo que não está em um bom dia, as espinhas que aparecem, as celulites, etc. De todo modo, conforme elucidei na introdução, esse me pareceu um tema de relevância para uma pesquisa, porque, além das já citadas estatísticas e notícias, eu sempre observei mulheres à minha volta se relacionando com bens e serviços voltados para a estética corporal, e este era também um tema frequente nas conversas, bem diferente do que observava em convívio com homens, não que essa preocupação com a estética corporal não aparecesse neles, aparecia, mas de maneira diferente, especialmente entre homens heterossexuais. Lembro que estou trazendo a minha narrativa e, portanto, não estou tratando a minha vivência como sendo a mesma das demais pessoas. Essa diferenciação entre homens e mulheres na preocupação estética ficava nítida quando eu notava que a maioria dos homens com quem convivi não deixavam de sair de casa porque haviam engordado, não aceitavam sentir dores para ter uma sobrancelha feita ou pernas e virilha depiladas. Por isso, o meu interesse no tema e, mais, o interesse em ouvir o que algumas dessas mulheres pensavam sobre o assunto e quais seriam as suas trajetórias quando ao consumo de bens e serviços voltados para a estética corporal. Nesse contexto, a pesquisa foi ganhando novos contornos e as minhas interlocutoras foram surgindo a partir do meu cotidiano.

1.2 Minhas interlocutoras

Como falei na introdução, meu planejamento inicial era investigar o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal em um local específico, por meio da observação participante. Após conversas com minha orientadora, decidimos que eu deveria seguir os

sujeitos. Ao mesmo tempo, eu participava de um grupo de estudos sobre História Oral e as conexões entre história de vida e a Antropologia começaram a se fazer presentes, até que chegamos na etnobiografia e as possibilidades que esta abria para a investigação antropológica a partir das vidas dos sujeitos. Pelo fato de eu também fazer parte do grupo de consumidoras de bens e serviços voltados à estética corporal, pensei que o melhor a fazer era conversar com mulheres que conhecia. Decidi entrevistar mulheres cisgênero (tenho interesse em ampliar essa análise em outras pesquisas) e, a princípio, com idade acima dos 50 anos. Ressalto aqui, que todas as minhas interlocutoras serão identificadas por pseudônimos e, ainda, que todas elas consentiram a gravação de suas entrevistas.

Ao falar sobre meu interesse nesse público, logo fui lembrada por uma amiga minha "por que você não faz com Tânia?" Achei uma ótima ideia, até mesmo porque, haveria uma facilidade maior para nos encontrarmos já que moramos no mesmo bairro. Sendo assim, a procurei pelo WhastApp e falei sobre minha pesquisa, convidando-a a participar. Ela aceitou prontamente e marcamos uma entrevista. Tânia faz parte do meu núcleo familiar, mas, não é tão próxima a mim, tanto que eu não tinha muito conhecimento acerca da sua vida, especialmente do passado, pois, quando nos encontrávamos, as conversas giravam em torno de questões do cotidiano. O bairro onde residimos se chama Jardim Camburi e fica localizado em Vitória/ES. Trata-se de um bairro considerado de classe média, mas, na verdade, por ser muito grande, Jardim Camburi apresenta lugares com empreendimentos mais luxuosos, voltados ao público com maior renda aquisitiva, ao mesmo tempo em que existem aqueles ocupados por pessoas de menor poder aquisitivo, como é o nosso caso. Não que não sejamos de classe média, mas é só para demarcar certas particularidades, pois, para algumas pessoas, especialmente da Região Metropolitana da Grande Vitória (compreende os municípios de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória), morar em Jardim Camburi é sinônimo de riqueza, o que não é verdade. Tânia nasceu no interior de Minas Gerais, depois se mudou para uma cidade um pouco maior chamada Tarumirim/MG, até vir para Vitória/ES.

Em abril de 2019, fomos até um bar que ela costuma frequentar localizado em frente à minha casa e realizei a primeira entrevista. Tânia estava bastante à vontade para falar sobre o assunto, mas fomos interrompidos diversas vezes para que ela cumprimentasse pessoas que conhecia. Pedi a Tânia que falasse um pouco sobre quem ela era:

> Eu sou uma pessoa comum, nada de mais, que trabalha, estuda, tem filho, uma netinha gosto muito dela, a família mora toda aqui, temos um bom relacionamento, objetivo é trabalhar e quem sabe um dia aposentar, fazer outras coisas interessantes também, porque trabalhar também é interessante, lógico. Mas, basicamente isso (TÂNIA, 52 anos).

Além das informações acima, Tânia relatou que vive em uma união estável com seu companheiro, tem 52 anos e trabalha com arquivo público. Após transcrever a entrevista, percebi que precisava aprofundar algumas questões narradas por Tânia, por isso, solicitei um novo encontro. Dessa vez, marcamos em minha casa no mês de setembro de 2019, domingo, pela manhã. A conversa fluiu melhor do que na primeira e Tânia foi lembrando e relatando mais coisas sobre sua relação com o consumo ligado à estética corporal, especialmente fatos do passado. Quanto a seu atual consumo, Tânia explicou que, fora de casa, faz "permanente afro" nos cabelos, além de pintar e cortar, em um salão localizado em um bairro chamado de Fátima, localizado próximo à Jardim Camburi, porém pertencente ao município da Serra/ES. Às vezes Tânia pinta as unhas, mas nesse caso, ela vai em qualquer salão, normalmente em Jardim Camburi para facilitar o deslocamento.

Antes de entrar em contato com Tânia, realizei uma entrevista exploratória com Ana em setembro de 2018, na UFES, para uma disciplina da Pós-graduação. Quando mostrei a entrevista para minha orientadora, ela gostou do resultado e decidimos mantê-la como uma de minhas interlocutoras, se assim ela permitisse, claro. Na minha qualificação, questionei à banca se seria proveitoso ter como interlocutoras mulheres de diferentes idades, o que foi respondido afirmativamente. Apenas me foi orientado conversar com uma mulher por volta dos 35, 40 anos, a fim de ter alguém em uma faixa etária intermediária entre Ana de 23 e as demais interlocutoras acima dos 50.

Conheci Ana no mestrado. Ela entrou na mesma turma que eu e em pouco tempo nós duas e outras pessoas da sala nos identificamos e logo estávamos conversando e trocando experiências. Todas e todos sabiam que a minha pesquisa versava sobre consumo de bens e serviços voltados para a estética corporal, mas, quando decidi pesquisar a temática com foco nas trajetórias individuais, Ana comentou sobre a sua vontade de participar, pois teria diversas coisas a falar acerca da sua relação com a estética corporal, demonstrando bastante interesse em contar sobre a sua rotina de cuidados corporais e as intervenções feitas em seu corpo ao longo da vida. Assim, realizei a entrevista exploratória com ela. Como no caso de Tânia, notei

que precisava de mais detalhes quanto a alguns fragmentos relatados na primeira entrevista, por isso, marcamos uma nova, que foi realizada em outubro de 2019 na casa de Ana.

Ana tem 23 anos, é estudante, solteira, moradora de Jardim da Penha, Vitória/ES. Ela nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, município do Espírito Santo muito conhecido por dois fatos: suas altas temperaturas e por ser o local de nascimento do cantor Roberto Carlos. Aos 18 anos, Ana se mudou para Vitória/ES para fazer graduação na UFES.

Como falei, minha intenção inicial era entrevistar mulheres acima dos 50 anos e este era o meu foco antes da qualificação. Em razão disso, Marta surgiu como uma possibilidade por sermos do mesmo ambiente de trabalho. Ela realiza um trabalho voluntário onde eu exerço minha profissão de assistente administrativo. Apesar de fazer parte do mesmo âmbito de trabalho, não a encontro todos os dias, somente quando há alguma atividade específica. Um dia, nos encontramos para uma visita e, no caminho, comentei sobre a minha pesquisa, já pensando na possibilidade de convidá-la a participar ou de que ela pudesse me indicar alguém com o perfil que procurava. Ela achou interessante e disse para marcarmos um dia, pois teria muitas coisas a me contar sobre sua vida.

Desde o momento em que comentei da pesquisa, Marta me perguntou algumas vezes sobre qual dia faríamos. Contudo, naquele momento, eu estava atarefada com o texto para a qualificação e, por isso, pedi para adiarmos um pouco. Até que, em maio de 2019, nos encontramos e combinamos de fazer a entrevista no outro dia. Marta gosta muito de conversar e nesse dia, ela contou que falou da pesquisa para uma amiga dela, e esta amiga se interessou em participar, mas pediu para agendarmos uma data certa, pois precisava estar arrumada, maquiada. Marta, então, me disse que explicou a essa amiga que não era uma entrevista para a televisão, que o meu objetivo era conhecê-la em seu dia a dia, saber de sua rotina como mulher. Ainda naquele dia, Marta comentou estar se achando muito bem consigo mesma hoje, aos cinquenta e quatro anos.

No dia combinado, ela chegou mais cedo e ficou aguardando enquanto conversávamos um pouco. Nos deslocamos para uma sala mais isolada para dar início à entrevista. Marta tem 54 anos, segundo ela, “dizem que não, mas tenho” (SIC), e é moradora grande São Pedro, Vitória/ES, e é solteira. Disse ser difícil se definir em termos de profissão por ser um

“pouquinho de cada coisa” (SIC), mas a de diarista se destaca. Quando pedi a Marta que me falasse sobre quem ela era, obtive como resposta uma narrativa bastante detalhada de sua vida. Nesse ponto, destaco que vou trazer um pouco dessa narrativa de Marta pois me pareceu um aspecto importante para ela. Ainda que eu não esteja elaborando uma etnobiografia, preciso, como pesquisadora social, estar atenta e ter a sensibilidade de entender aquilo que nossas interlocutoras querem ou não que esteja na pesquisa, mesmo que não falem diretamente. E dois casos nesse sentido foram exemplares para mim: o de Cláudia, que não quis me dar muitos detalhes de sua vida, especialmente de seu passado, e o de Marta, que narrou praticamente toda a sua vida. Sendo assim, julguei importante deixar nesse trabalho a sua narrativa, não diretamente, porque não haveria espaço, já que foram, aproximadamente, 30 páginas de entrevista transcrita, mas de forma resumida por mim. Para Marta, contar acerca de sua vida para uma pesquisadora era uma forma de se expressar e de mostrar como o seu atual momento, que inclui a relação com a estética corporal, tem ligação com os acontecimentos de sua vida.

Marta nasceu no interior de Cachoeiro do Itapemirim/ES e conta que começou a trabalhar muito cedo, aos nove anos de idade, idade em que já não convivia mais com sua família, pois se mudou para Colatina/ES para trabalhar em casa de família. Ela ressaltou que, nessa época, o dinheiro que recebia era repassado à sua mãe, uma vez que precisava ajudar a criar seus doze irmãos. Por volta dos dezessete anos, após um desentendimento com a mãe, foi sozinha para Vitória/ES. Aos vinte anos, Marta engravidou da primeira filha e a criou sozinha. Nesse momento, Marta morava em uma casa própria no município da Serra/ES com a filha e estava grávida quando, certo dia, ao voltar da casa de sua irmã, se deparou com sua casa incendiada. No mesmo ano, além de perder a casa, Marta contou que o pai de suas filhas e sua irmã foram assassinados e, ainda, que descobriu, no momento do parto, que esperava gêmeos. Marta disse que chorou muito após seu parto por ficar pensando como faria para criá-las, pois não tinha condições, e contou ao médico o motivo da tristeza. A partir dali, Marta passou a receber ajuda de muitas pessoas e grupos, como um ano e meio de aluguel pago em outra casa, alimentos, roupas.

Passado um tempo, Marta conheceu outra pessoa, que também veio a falecer. Desse relacionamento, nasceu um filho, seu “único filho homem”, que estava completamente saudável até os oito meses, quando adoeceu. Marta o levou diversas vezes a diferentes

médicos, que tratavam o caso como “virose”, “gripe”, até que ele passou muito mal um dia e foi para o hospital e lá ficou internado durante um ano, seis meses e quinze dias. O filho havia contraído meningite e a vida de Marta parou novamente, uma vez que o médico diagnosticou uma lesão no cérebro e por causa dela, ele não iria andar, nem falar. Marta o levou para casa e cuidou dele por vinte e três anos, até seu falecimento.

Além de narrar tais eventos nessa primeira entrevista, Marta e eu conversamos acerca da sua trajetória com relação ao consumo de bens e serviços ligados à estética corporal. Após a transcrição do áudio, também solicitei uma nova entrevista a fim de aprofundar em alguns pontos relatados anteriormente. Assim, realizamos a segunda entrevista no mesmo local da anterior, em setembro de 2019.

Voltando ao momento da qualificação, resolvi acatar a sugestão da banca e comecei a fazer uma busca em minha memória no sentido de identificar alguma mulher que conhecia por volta dos 40 anos. Não consegui, por isso, busquei ajuda de uma amiga. Ela falou que iria ver no seu ambiente de trabalho, já que é professora em uma academia só para mulheres. Minha amiga veio com a resposta de que havia conversado com uma professora que aceitou participar da pesquisa. Trata-se de Cláudia, uma pessoa que não era totalmente desconhecida minha, pois já tínhamos frequentado o mesmo local, porém não chegamos a conversar. Só uma advertência foi feita pela minha amiga: Cláudia era reservada. Pensei: “bom, isso pode ser um complicador para o tipo de pesquisa que estou realizando”, mas decidi levar adiante, pegando o contato dela. Expliquei sobre a pesquisa à Cláudia e, devido a sua agitada rotina de trabalho, foi difícil conseguir agendar um dia. Enfim conseguimos e, em agosto de 2019, fui até o seu local de trabalho e nos direcionamos para uma sala reservada na academia, em que foi possível realizar a entrevista. Enquanto assinava o termo de consentimento, Cláudia brincou que era para eu colocá-la na Globo. Depois, começamos a entrevista que transcorreu muito bem, mas percebi que ela realmente era uma pessoa reservada e não se abria tanto para falar do passado. Sem dúvida, o meu pouco contato anterior com ela pode ter tido influência nesse fato, mesmo assim, durante as perguntas sobre o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal, Cláudia foi aos poucos revelando fragmentos do passado, ainda que sem muitos detalhes, conforme apresentarei no próximo capítulo.

Cláudia tem 39 anos, é solteira, nascida em Vitória/ES, atualmente moradora de Santa Lúcia,

Vitória/ES, e trabalha como professora de Educação Física. Assim como foi feito no caso das demais interlocutoras, transcrevi a entrevista de Cláudia e percebi que era preciso aprofundar em algumas questões. Devido à sua rotina bastante corrida, perguntei se poderia fazer mais perguntas por meio do *WhastApp* a fim de que ela fosse respondendo quando pudesse. Ela aceitou, contudo, notei que Cláudia foi ainda mais reservada pelo aplicativo. Inclusive, em um dado momento, ela chegou a indagar se eu teria mais perguntas, uma vez que não "gostaria de expor muito as coisas". Não insisti e encerrei as perguntas com Cláudia, solicitando apenas que me chamasse, caso fosse realizar alguma prática de embelezamento.

Minhas quatro interlocutoras, como disse, são mulheres cisgênero. Ana é bissexual enquanto as demais são heterossexuais. A questão da identificação foi algo que apareceu ao longo das narrativas e, também, quando pedia para que se descrevessem em termos físicos. Nesse quesito, Ana se identificou enquanto branca, Tânia e Marta como negras (destaco que, ao longo das narrativas, a palavra "morena" também apareceu em suas descrições) e Cláudia como parda. Ana, Tânia e Cláudia moram em bairros considerados de classe média, enquanto Marta é residente de um bairro periférico de Vitória\ES e essa desigualdade pode ser vista no mapa dos quatro bairros que retirei do site da Prefeitura de Vitória que estão no anexo do trabalho. São dados de 2012, mas indicam bem as desigualdades, conforme podemos observar na renda média da população dos bairros. Essa disparidade pode ser notada tanto se compararmos os bairros entre si, quanto na diferença da renda média dos bairros para a renda média do município de Vitória. Tais informações são importantes, uma vez que, conforme veremos, possuem relação com a trajetória do consumo de bens e serviços ligados à estética corporal de cada uma de minhas interlocutoras e, ainda, possibilitam ao leitor um maior conhecimento acerca da localização e das principais informações dos bairros onde elas residem.

2 TRAJETORIAS DE CONSUMO E ESTÉTICA CORPORAL

Feitas as apresentações das minhas interlocutoras, passo agora para suas trajetórias de consumo de bens e serviços ligados à estética corporal. Primeiro, elucidarei as concepções delas acerca da estética corporal, colocando em diálogo com a literatura pertinente. Após, apresentarei as trajetórias do consumo das minhas interlocutoras, conforme me foi contado nas entrevistas, explorando como elas montaram sua estética corporal ao longo da vida e como elas o fazem atualmente. Perceberemos como as trajetórias de consumo podem revelar outros aspectos ligados à biografia de cada uma delas, por isso, a importância de abordar o tema do consumo, em particular dentro das Ciências Sociais.

2.1 Estética corporal e consumo

> Isadora: Voltando àqueles assuntos eu queria primeiro te perguntar... O que você entende por estética corporal?
> Marta: Estética corporal. Ah, eu acho é você estar sempre cuidando da pele, do cabelo, eu acho que tipo, principalmente na idade que estou a gente busca sempre estar renovando, sempre estar inventando alguma coisa, como eu, vivo inventando. Eu acho que estética, pra mim, igual, estar cuidando da pele, cuidando do corpo, da alimentação, malhar, pra mim, eu acho que é isso. Eu entendo, vejo como isso, é um grupo que faz... se não, não tem por que estética, eu penso assim.

> Isadora: E voltando àquele nosso assunto... poderia me falar o que é estética corporal pra você?
> Cláudia: Cuidar do que te incomoda. Detalhes. Uma aplicação de varizes, um botox, enfim...

> Isadora: Entendi. Você falou sobre estética, o que pra você é estética corporal?
> Ana: Ih. Assim, quando eu falo dessa questão de estética eu acabo muito mais falando da composição para, tipo, ter algo bonito. Eu venho da comunicação, então a gente trabalha com esse conceito de estética audiovisual, de estética gráfica, que é uma coisa que você compõe pra tipo, ter um sentido e ter uma coerência, mas sempre ligado nessa coisa do que é agradável, do que é bonito, então eu acabo vendo meio que a estética do corpo nesse sentido, do que a gente faz pra compor, pra poder ficar bem, pra poder ficar bonito. Esses dias eu tava até vendo, que eu sigo umas pessoas que são consultoras de estilo, embora eu nunca tenha me consultado com nenhuma, e aí tem um negócio que se chama análise de cor, que você descobre a sua cartela de acordo com o seu tipo físico de cor de pele, de cabelo, de olho, pra saber quais cores ficam melhores em você, e aí eu fiquei tipo obcecada por isso, fiquei só olhando assim, porque não me consultei, né? Mas nesse sentido de você saber o que fica melhor na sua estética, entendeu? Porque aí, não é que você não pode usar uma cor que seja fora da sua cartela assim, sua cartela tem, supondo, sua cartela tem azul, verde e amarelo, não é que você não pode usar uma cor além disso, mas é que essas cores te deixam mais bonitas, te deixam mais coerentes, combinam mais com você, e aí mesmo que você use fora, é você saber colocar acessórios nessa cor, maquiagem, é nesse sentido de uma composição estética, de coisas que vão ficar bem, que vão ficar melhor em você.

Nos diálogos com minhas interlocutoras, a estética corporal aparece como uma “composição”, como diz Ana, ou “renovação” e “invenção”, como nos fala Marta. Há, também a ideia do cuidado com o corpo, de alterá-lo a fim de se sentir melhor, os “detalhes” de acordo com Cláudia. Um aspecto que chama a atenção é o fato de que produzir estética corporal perpassa pelo consumo, seja de alimentos, de botox, de maquiagem, de acessórios, etc. No mesmo sentido, Mizrahi (2015, p. 32) compreende a estética corporal como uma montagem elaborada a partir de “objetos industriais retirados do mercado e aos quais se atribui sentido próprio”, surgindo, assim, como “produto de uma composição feita por meio do consumo”. Por isso, a importância de se pensar o consumo como um processo que envolve a criatividade dos sujeitos ao atribuírem diferentes significados aos produtos encontrados no mercado, pois:

> É nesse processo de apropriação dos bens – via produção, apreensão e circulação de objetos e imagens – que os sujeitos dão visibilidade a si mesmos como membros partícipes da sociedade urbana moderno-ocidental. A estética, a forma e a aparência, como discursos não orais, bem como o consumo que as cerca permitem-nos acessar aspectos da vida social que de outro modo poderiam ficar silenciados, constituindo-se em importante ponte de acesso às subjetividades, às moralidades, às emoções, às políticas, às identidades coletivas (MIZRAHI, 2015, p. 33).

Entender o consumo e os significados para as pessoas é, portanto, de fundamental importância para o presente trabalho, porque, é, principalmente, por meio dele, que as pessoas constroem suas estéticas corporais. Antes de adentrar nas trajetórias de consumo das minhas interlocutoras e expor os diversos aspectos de suas vidas que tais trajetórias me proporcionaram acessar, vou discutir alguns pontos atinentes ao tema do consumo dentro das análises sociais, a fim de entendermos um pouco o lugar desse assunto no âmbito das pesquisas, em particular, nas Ciências Sociais.

No meio acadêmico, temáticas referentes a consumo são amplamente estudadas, contudo, Barbosa e Campbell (2006) destacam que a tradição intelectual preponderante nas Ciências Sociais e na História até meados da década de 1980 tinha por objetivo entender o lado da produção, muito mais do que o da demanda, ou seja, partia-se do princípio de que o entendimento da moderna sociedade capitalista estaria conectado aos processos relacionados à produção de bens e riqueza, além do sistema de estratificação social.

Por muito tempo, os estudos priorizaram análises sobre a oferta, desconsiderando a demanda. Muito desse processo se deve ao fato de o consumo ter ganhado uma conotação de imoralidade, de algo que deveria ser combatido por ser visto como prejudicial à sociedade. No

entanto, Barbosa e Campbell (2006) apontam que essa rejeição moral e intelectual ao consumo evidencia uma visão idealizada e ingênua, que entende a importância dos bens materiais para as pessoas como um fenômeno recente. Trata-se, para os autores, de um pressuposto de que é possível prescindir das relações com os objetos, ignorando o fato de que estes sempre mediaram as relações das pessoas com o mundo.

Ademais, é preciso supor como função essencial do consumo a sua capacidade de dar sentido, de modo a repensar ideias como a da irracionalidade do consumidor e a da utilidade (consumir apenas aquilo que considera ser bom para comer, vestir, etc.), apresentando, em seu lugar, a ideia de que mercadorias são boas para pensar, pois podem ser tomadas como um meio não verbal para a criação humana (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006). Cultura e consumo possuem uma íntima relação jamais vista no mundo moderno, contudo, as Ciências Sociais demoraram a percebê-la e a entender o seu significado. Os bens de consumo estão carregados de significado cultural e os consumidores dedicam seu tempo a eles visando "expressar categorias e princípios culturais, cultivar ideias, criar e sustentar estilos de vida, construir noções de si e criar (e sobreviver) a mudanças sociais" (MCCRACKEN, 2003, p. 11).

Depreende-se, assim, que os estudos sobre a modernidade acabaram por não dar atenção à demanda e, consequentemente, às experiências proporcionadas pelo consumo, pois o foco estava em entender aspectos da produção. Os estudiosos não haviam percebido, até então, que o consumo poderia ser uma fonte de informações sobre a sociedade e funcionar como um ponto de análise tão importante quanto a fundamental discussão acerca dos prejuízos por ele gerados.

Analisando o tema a partir de uma perspectiva macro, Bauman (2008) reforça a ideia do consumo como uma atividade cotidiana e que, se reduzido a condições metabólicas, como digestão e excreção, pode ser entendido como um aspecto permanente dos seres humanos, sem limites temporais ou históricos. O consumo, portanto, acompanhou diversos povos durante muitos anos, contudo, ganhou um diferencial quando passou a ser "consumismo", tornando-se particularmente importante para a maioria das pessoas. Nesse sentido, o autor apresenta o consumismo como um atributo da por ele chamada "sociedade de consumidores" ou "sociedade de consumo".

Uma sociedade de consumo, segundo Bauman (2008), promete a garantia da satisfação dos desejos humanos de maneira única, jamais vista em nenhuma outra sociedade do passado. No entanto, tal promessa só é bem-sucedida quando o desejo continua insatisfeito, fazendo dessa busca incessante por satisfação o motor da economia dessas sociedades. Para ele, o consumismo é "um excesso e um desperdício econômico" e, por isso, uma "economia do engano", que aposta na "irracionalidade dos consumidores, e não em suas estimativas sóbrias e bem informadas" (BAUMAN, 2008, p. 65).

A análise de Bauman (2008) é importante para refletirmos sobre a nossa sociedade como um todo, no modo como o mercado busca apresentar novos produtos e, assim, incutir novos desejo nas pessoas a fim de manter a economia em pleno funcionamento. Essa é de fato uma marca da nossa sociedade a qual não podemos negar, contudo, quando pensamos em perspectivas locais sobre situações específicas ligadas aos consumidores e às atividades de consumo, essa ideia de que o consumidor age irrefletidamente, abraça a cultura consumista e a ela obedece não dá conta de abarcar as possibilidades ligadas aos significados que os consumidores dão ao seu consumo, dele podendo se utilizar em diferentes esferas, inclusive na política não sendo possível tratar como se fosse uma atividade tão irracional assim. Além disso, lembro a discussão do capítulo anterior acerca da reflexividade, em que minhas interlocutoras ao mesmo tempo que se deixam levar em alguns momentos pelas pressões sociais ligadas à estética corporal, elas também refletem sobre isso a todo instante, rechaçando, muitas vezes, as tentativas de imposição de um tipo de consumo.

Segundo Bauman (2008, p. 128), uma cultura consumista "é marcada por uma pressão constante para que sejamos alguém mais". Os mercados de consumo se esforçam para desvalorizar ofertas antigas a fim de abrir espaço às novas, criando uma insatisfação com a identidade antiga e o conjunto de necessidades a ela atrelado. Assim, descartar o passado e buscar novos começos faz parte dessa cultura, sendo, na verdade, um "dever disfarçado de privilégio" (BAUMAN, 2008, p. 128). Uma das expressões dessa vida marcada por novos começos é o crescimento surpreendente da cirurgia cosmética, que não tem mais a finalidade de remover uma cicatriz ou atingir uma "forma ideal negada pela natureza ou pelo destino", mas, sim, ficar em dia com os padrões que mudam rapidamente, visando manter o próprio

valor de mercado e descartar a imagem antiga para dar lugar a uma nova (BAUMAN, 2008, p. 130).

Sem dúvida, as cirurgias plásticas representam, hoje, um dos grandes mercados voltados para a novidade e se nutre das constantes mudanças nos padrões de beleza, no entanto, explicar o crescimento dessa procura por procedimentos estéticos apenas com base na ideia de que são necessidades criadas pelas indústrias, acabam suscitando outras questões como, por exemplo: por que as mulheres representam mais de oitenta por cento dessa demanda em todo o mundo, conforme apresentei na introdução? Assim, é importante que os estudos do consumo articulem as análises macro/micro, bem como a articulação com outras variáveis, como gênero, raça, classe, etc., de modo a compreender alguns aspectos que podem aparecer em pesquisas que se voltem para os consumidores e suas escolhas.

Para Miller (2007), os estudos do consumo da maioria dos acadêmicos parecem considerá-lo como sinônimo do moderno consumo de massa e, portanto, um perigo para a sociedade e para o meio ambiente. Mas, a percepção do consumo enquanto uma atividade maligna apareceu muito antes do consumo de massa moderno, por exemplo, quando associado ao gasto de recursos em contraste com a produção, essa associada a criatividade, criadora de valor como no trabalho de Karl Marx. Desse modo, verifica-se que os debates morais existem antes da preocupação com o materialismo contemporâneo, mas ganham novos contornos na Modernidade, como, por exemplo, no caso da crítica ambientalista em que o consumo é visto como destruição. Essa crítica ambientalista poderia ter sido, em sua maior parte, direcionada à devastação dos recursos do mundo levados a efeito pela produção ao invés do consumo. Contudo, normalmente não é isso o que acontece e o consumidor é identificado como aquele que gasta recursos escassos, enquanto a produção é entendida como auxiliar secundário ao consumo. Assim, as críticas antigas e contemporâneas “tentam definir e condenam a porção do consumo que é feita além do que é considerado necessário de acordo com algum padrão moral de necessidade” (MILLER, 2007, p. 35).

Todavia, os estudos do consumo não devem ficar adstritos a esse debate vazio sobre se o consumo é bom ou ruim, sendo importante considerar o que está sendo produzido nesse âmbito que foge a concepções de cunho moral. Foram as escolas de administração que possivelmente produziram o maior conjunto de material sobre o assunto, a despeito de a

maioria deles ter se baseado em questões estritamente positivistas, testando hipóteses como qual das prateleiras do supermercado é a mais procurada pelos compradores. Avançando a discussão, passaram a surgir estudos qualitativos e interpretativos dentro das escolas de administração, esses, sim, de maior interesse para os estudos da cultura material (MILLER, 2007).

As considerações feitas até o momento buscam trazer um pouco da perspectiva histórica sobre como o consumo foi sendo tratado nas análises acadêmicas, especialmente nas Ciências Sociais, e como as atenções se voltaram para ele tardiamente como objeto de estudo livre de julgamentos moralistas. O meu objetivo aqui não é fazer juízos de valor sobre o consumo, se é bom ou ruim, mas tentar entender quais os significados que ele pode ter dentro de nossa cultura e o que outros aspectos podem estar envolvidos no ato de consumir.

Objetivando compreender os sentidos do consumo de bens e serviços ligados à estética corporal para minhas interlocutoras, me dediquei às entrevistas narrativas sobre como tal consumo se deu ao longo de suas vidas. Além disso, solicitei a elas que me chamassem para participar de algum momento relacionado ao consumo de estética corporal e pedi permissão para tirar as fotos que exibirei nesse capítulo. Essa segunda parte do trabalho não fácil. Nenhuma delas me procurou e eu precisei solicitar mais de uma vez. Os motivos para tanto eu não sei dizer, se por não quererem que eu participasse de um momento mais íntimo, se não entenderam o que eu realmente estava querendo ou se, simplesmente, esqueciam ou não consideravam algo que fosse de utilidade para mim. Pode ter sido uma combinação de todos esses motivos ou algum outro, mas o alegado esquecimento combinado a dizeres como “mas eu não faço nada” me fizeram notar que, para elas, se tratava de um acontecimento da vida cotidiana e, por isso, não se davam conta de como poderia ser importante para uma pesquisa. Mesmo com dificuldades, consegui participar de, pelo menos, um momento na vida de Ana, Tânia e Cláudia. Só não consegui de Marta, mas destaco que, das três, ela foi a que mais demonstrou vontade em falar sobre si nas entrevistas e, como meu foco estava nas narrativas sendo a observação uma fonte de informações complementares, não julgo que tenha trazido prejuízos ao trabalho.

2.2 Trajetórias do consumo

Conforme apresentei, este trabalho tem por objetivo explorar questões atinentes ao consumo de bens e serviços ligados à estética corporal pela perspectiva de quatro mulheres. Não pretendo, assim, fazer generalizações, mas buscar analisar o tema por meio das narrativas dessas mulheres e da literatura pertinente, de modo a ser possível colocar autoras e interlocutoras para dialogarem. Um item chave a ser considerado nos estudos que utilizam a história de vida refere-se às "conexões estabelecidas, nestes trabalhos, entre uma trajetória individual e o meio social" (GUÉRIOS, 2011, p. 13), envolvendo, portanto, a relação indivíduo-sociedade. Alguns trabalhos sobre trajetórias passaram a ser desenvolvidos no campo da História, sendo chamados pelo nome de "microhistória", englobando discussões ligadas ao processo da redução da escala de observação, contudo, não se trata de escolher entre micro ou macro para analisar determinado processo social, mas, considerar a complexidade envolvendo a análise microssocial pela possibilidade de levar em conta a multiplicidade de escolha dos atores e identificar os diversos níveis de contextos apropriados (GUÉRIOS, 2011, p. 16).

Os debates quanto a relação estrutura social e ação individual ganharam importantes contribuições a partir da pesquisa de trajetória de vida (BORN, 2001). Foi com os estudos da chamada "Escola de Chicago", que a metodologia do relato de vida teve início nas Ciências Sociais na década de 1920, sendo o trabalho *The Polish peasant in Europe and America: monograph of an immigrant group*, dos sociólogos Willian Thomas e Florian Znanieckzi, considerado o precursor (CARVALHO, 2015; GUÉRIOS, 2011). Após algum tempo de farta produção de estudos sob a égide da "Escola de Chicago", a utilização do método sofreu um declínio e, somente, no final da década de 1970, o uso foi recuperado na França, com a publicação de um relatório de pesquisa de Daniel Bertaux (GUÉRIOS, 2011). Junto com a restituição do método vieram, também, críticas, uma delas de destaque, feita por Pierre Bourdieu em seu texto *A ilusão biográfica*.

Para Bourdieu (2005, p. 183), a história de vida "é uma dessas noções que entraram como contrabando no universo científico". Segundo o autor, um dos pressupostos da teoria alicerçada na história de vida está no entendimento da vida como um todo, "um conjunto coerente e orientado", que pode ser apreendida como um "projeto", apresentando uma ordem cronológica envolvendo começo e fim. A análise levada a efeito pela história de vida conduz a elaboração da noção de trajetória como "série de posições sucessivamente ocupadas por um

mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações" (BOURDIEU, 2005, p. 189). Para Bourdieu (2005, p. 190), não é possível buscar compreender uma vida suficiente, sem outros vínculos que não a vinculação ao "sujeito", cuja constância diz respeito apenas ao seu nome próprio, ou seja, a compreensão da trajetória não pode ser feita sem a construção prévia dos "estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou".

Saindo em defesa da história de vida, Bertaux (2014) critica o "cientificismo", uma crença na ideia de que o desenvolvimento de um verdadeiro conhecimento científico dentro das Ciências Sociais precisa seguir rigorosamente os passos das Ciências Naturais. Trata-se, para Bertaux (2014, p. 251), de uma crença hegemônica na disciplina, sobretudo devido a interesses corporativistas, que criou na sociologia dominante um desinteresse nos cursos de ação individual, rejeitando a técnica proposta da entrevista narrativa no sentido de que o seu reconhecimento pelos cientistas seria uma negação da própria existência, porque iria fragilizar a influência da por ele chamada "ilusão cientificista". Outro erro comum do positivismo cientificista é achar que a "história de vida é demasiadamente subjetiva para trazer à sociologia informações objetivas sobre a realidade exterior ao sujeito" (BERTAUX, 2014, p. 262), quando, se multiplicarmos as histórias de vida dentro de um mesmo "mundo social" (BECKER, 1977), será possível obter informações acerca do fenômeno estudado e, caso se queira ampliar o estudo para uma dada sociedade, por exemplo, é necessário multiplicar a coleta de histórias de vida para outros setores que vivenciam aquele fenômeno. Uma ressalva quanto à generalização, uma vez que esta só é possível dentro do espaço regional observado e deve levar em conta as ideias de "recorrência" e "saturação" para se tornar generalizável.

Nos textos dos pais fundadores da sociologia há muito mais espaço para "estruturas" e "constrangimentos" do que para a ação, dando a entender que, do ponto de vista sociológico, ação individual não é importante, excetuando os trabalhos de Max Weber que deixaram uma tipologia de lógicas de ação. Não se trata de ação aos moldes dos behavioristas ligados à *survey research*, uma vez que ação humana não se reduz a comportamentos momentâneos, sem "*durée*", como é o caso de comportamentos eleitorais ou econômicos (compras, por exemplo). A ação humana se desenvolve na *durée*, muitas vezes ao longo de anos, nasce de um projeto, tendo sido pensada, refletida e traduzida em estratégias. Durante seu desenvolvimento, pode encontrar obstáculos imprevistos que modificam seu curso. Tal

propriedade da ação na *durée* pode ser conceituada como curso de ação, referente à sucessão ordenada de ações levadas a efeito pelo sujeito na *durée* a fim de tentar efetivar um projeto ou defender uma convicção. Ação aqui é sempre "localizada", visto que o ator individual age em uma sociedade já constituída e ocupada por outros atores (BERTAUX, 2014). No caso das minhas interlocutoras, entendo que as ações de consumo de bens e serviços de estética corporal são efetivadas na busca por realizar o projeto de ter uma "boa aparência".

Nesse sentido, adotar a ideia do curso de ação me pareceu adequada aos propósitos do meu trabalho ainda que não tenha a intenção de fazer generalizações de cunho sociológicas, tendo em vista a centralidade conferida às narrativas de vida dos indivíduos e a possibilidade de que tal concepção se articule aos estudos do consumo com foco nos consumidores e os sentidos que estes atribuem ao consumo, mais do que nas estruturas que tentam os induzi-los àquela atividade. Pensar uma metodologia que abra espaço para trabalharmos com ação humana percebida enquanto sucessão de ações com vistas a atingir uma finalidade nos auxilia a visualizar o consumo para além de uma ação momentânea, como um ato realizado apenas no momento da compra. Todas as minhas interlocutoras apontam para esse fato, revelando como seu consumo está permeado por muitos cálculos e estratégias para efetivá-lo ou não.

> Isadora: Você vai vendo os produtos? Você mesma procura saber? Ou você vê alguma coisa e leva?
> Ana: Então, eu procuro saber o que precisa, assim, que meio para essas coisas de rosto tem os passos básicos de limpar, tonificar, hidratar e proteger, que seria sabonete, passar um tônico, um hidratante e protetor solar. E aí, eu fui meio que atrás do básico, que esses produtos são muito caros. E é uma coisa que eu não faço. Eu gosto dessas coisinhas de me cuidar, mas eu não gasto tanto dinheiro com isso, até mesmo porque eu nem tenho (risos). Mas, aí eu vejo, eu procuro saber na internet, quais são legais, depois eu vou na farmácia, aí na farmácia eu vou vendo um por um, qual parece ser mais bacana, qual parece tá mais acessível.
> I: Você faz todo um cálculo ali então?
> A: Ah. Com certeza. Até mesmo porque, tem produto que vai chegar a custar R$ 200,00, sendo que tem outros de marca mais popular que vai custar R$ 20,00, R$ 30,00. Então eu vou geralmente para esses mais baratos. Óbvio que outro de uma qualidade bem maior, mas não rola. (…) E também de fazer você se sentir bem, de será que eu estou fazendo isso só porque tem que ser feito para me sentir bem, para ser bonita, ou estou fazendo isso realmente para mim, porque eu to achando bom? Então eu fui me adaptando assim.
>
> Os outros é mais por estética, porque minha unha dá muita cutícula, por exemplo. Eu faço em casa, como te falei, tô com preguiça, se eu tô com um dinheirinho que não vai me fazer falta eu vou e faço no salão, tranquilo pra mim. Fico a semana toda com ele. Se for um esmalte que é igual ao que eu tenho em casa, ainda, meu bem, saiu um pedacinho eu vou lá (barulho com a boca) para durar mais, é ruim hein, pra durar, faço, e vou embora (Cláudia, 39 anos).

> Isadora – E mais o que que você faz? Você gosta de alguma coisa de cabelo, creme (interrupção – nessa entrevista, estávamos em bar que ela frequenta, por isso havia muitas pessoas conhecidas que paravam para cumprimentá-la) ...
> Tânia- De exercício?
> I - Não, de coisas que você faz cuidando de você, da sua estética corporal.
> T- Eu faço pouca coisa. Só mesmo lavar os cabelos porque é obrigatório. Só mesmo porque é obrigatório.
> I – Mas você usa algum shampoo específico, você pensa nisso ou não?
> T- Eu penso, mas aí na hora às vezes eu vou e procuro um shampoo que combine com cabelos étnicos, cabelos crespos, é o meu caso, e eu vejo sempre os que estão mais em conta, então eu não vou nos melhores, nos mais caros produtos, ah isso eu não faço, e um creme para massagem também que esteja ligado aos meus cabelos, né... não posso comprar produtos para cabelos lisos, porque o meu cabelo é crespo né.
>
> Isadora: Você nunca usou, né? Seria a primeira vez?
> Marta: Aplique a primeira vez (...) mas também, não sei se vou usar, entende? Eu não gosto de coisas que dá muito trabalho, usar aplique você tem que estar sempre... eu penso muito em que e onde vou empregar meu dinheiro, e essa coisa de aplique, por exemplo, você paga cento e tantos, vamos supor, você vai pagar, eu vou pagar 80 reais no cabelo, 80 reais no cabelo se desse o tanto de cabelo com 80 reais, se não vou ter que gastar mais e 180 reais para colocar. Aí de três em três meses eu tenho que tá fazendo manutenção, eu tenho que lavar a seco, vai valer a pena? No meu modo de ver, não. Que só para colocar, eu vou gastar 80 com mais 180, já vai quase 300 reais. Aí tá, eu pego esses 300 reais, vou lá compro um creme de hidratação, compro umas ampolazinhas, faço uma hidratação, permaneço com meu cabelo curtinho, que não dá trabalho, e o que sobrou, com as contas que eu faço, tanta coisa posso fazer com o que vai sobrar. Então, eu tenho essa, por já ter passado muito aperto na vida, eu tenho hoje essa visão de focar no que eu comprar, no que eu vou gastar, como que eu vou gastar.
> I: E você faz esses mesmos cálculos para produtos relacionados à estética, igual você falou, os cremes...
> M: Sim. Eu compro, por exemplo, eu compro um creme para fazer hidratação, eu, se tem um creme que o preço dele é vinte, vamos colocar, é vinte e seis reais, que é para hidratar, mas se eu chego no supermercado e tem um que tá lá de nove e noventa, e ele vai fazer o mesmo processo do de vinte e três, por que que eu vou levar o de vinte e três? Eu vou levar o de nove e noventa, entendeu?

Nas falas acima, podemos notar como a atividade de consumir não se limita ao momento da compra do produto ou serviço, ela envolve diversas outras ações, como pesquisar produtos na internet, fazer cálculos monetários e, mesmo na hora da aquisição, o consumidor está refletindo, não sendo, portanto, um ato irracional. A pesquisa de Pavesi (2014) também se deparou com as peculiaridades do consumo levado a efeito por pessoas da Grande Terra Vermelha, um núcleo de bairros periféricos, localizado no município de Vila Velha/ES, para além do sentido de sua conexão com alienação e irracionalidade:

> Outro perigo também é a frequente associação do consumo à alienação, especialmente entre os mais pobres. Todo o tempo que passei na GTV me permitiu observar que, a partir do consumo e da precariedade, os moradores estabelecem performances genuínas, desenvolvem sistemas de trocas, organização e ordenação

> da vida cotidiana complexos, que, muitas vezes, são tomados por analistas como residuais e formas reativas e pouco emancipadoras de lidar com a exclusão. As sapiências populares não representam nesse sentido apenas táticas desesperadas de sobrevivência, são agências criativas e originais. Uma série de aprendizagens desconhecidas por outros segmentos sociais é desenvolvida, dentre eles, certo tipo de competência para o consumo. Ao contrário do que apostam muitos analistas, o consumo nesses grupos não é irracional e desenfreado. Ele é feito a partir de uma série de cálculos monetários e relacionais onde são avaliados com muito critério os custos e as demandas de investimento na vida social. O "consumismo" pode revelar se melhor estudado, um denso e rigoroso repertório de ação, e o seu aprendizado dá-se na linguagem do consumo onde, por exemplo, os mais jovens aprendem que é importante lutar pela posse de certos bens para ser aceito pelo grupo e também transitar por outros (PAVESI, 2014, p.175).

Os apontamentos de Pavesi (2014) evidenciam aspectos do consumo ligados à criatividade e à racionalidade, além de ser, muitas vezes, a porta de entrada para acesso ao grupo que intentam fazer parte. Conforme Pinto e Lara (2011), o ato de consumir é inerente ao ser humano e o desejo por bens e serviços não está somente relacionado a aspectos utilitaristas de quantidade de recursos, mas é influenciado pela interação com o sistema cultural e simbólico da vida em sociedade. O processo de consumo inclui experiências e funciona, ainda, para: "moldar comportamentos, preferências, relações sociais, estilos de vida, padrões de consumo além da própria identidade e autoconceito do indivíduo" (PINTO; LARA, 2011, p. 48).

Importante ressaltar que abordagens mais recentes sobre o consumo descobriram um novo uso para as práticas de consumo além das visões clássicas de autores como Mary Douglas e Pierre Bourdieu, que evidenciaram os usos do consumo como uma forma de reprodução das estruturas sociais ou de busca por identidades, distinção social e *status*. Tratam-se das práticas de consumo utilizadas como uma nova maneira de participação política e atuação na esfera pública, conforme abordagens como a de Néstor Garcia Canclini (PORTILHO, 2008).

Através da realização de um trabalho de campo na Feira Orgânica e Cultural da Glória, no Rio de Janeiro/RJ, Portilho (2008) buscou analisar os discursos sobre as práticas de consumidores engajados em formas de consumo que eles consideram social e ambientalmente responsável. As conclusões da autora mostram como o grupo por ela pesquisado faz a autoatribuição responsabilidades pela coletividade, contrariamente a noções apressadas que poderiam considerá-los despolitizados, individualistas e indiferentes. Portilho (2008, p. 16) observou naquele tipo de consumo uma "politização da vida privada", no sentido de que os indivíduos levam comprometimento e ação política para o cotidiano de suas vidas privadas.

Estas são descobertas importantes pois evidenciam como o consumidor não pode ser tratado como um lugar de mera passividade frente às investidas do mercado. Sem dúvida a pressão exercida pela mídia e outros meios é uma poderosa influência no comportamento do consumidor, no entanto, não podemos deixar de considerá-lo um sujeito que também reflete sobre suas ações, suas escolhas e que pode, através do consumo, não apenas buscar a distinção ou demarcar identidades, mas, também, realizar novas maneiras de participação política e de inserção na esfera pública. Tudo isso revela a importância da análise da ação dos sujeitos no ato de consumir e, a fim de ampliar ainda mais os debates, julgo que pensar o consumo dentro do "curso de ação" (BERTAUX, 2014) pode trazer interessantes questões sobre o assunto.

Vimos, até aqui, que o método da trajetória, narrativa ou história de vida ofereceu uma nova contribuição para os debates atinentes à relação estrutura social e ação individual e que tem recebido críticas e defesas quanto à sua validade. Expus como o curso de ação mais do que descrever um comportamento de compra pode ser interessante para pensarmos os sentidos do consumo e, assim, auxiliar nas pesquisas que envolvem o tema. Considerando a utilização da narrativa de vida e, portanto, da análise do curso de ação, surgem os seguintes questionamentos: como fazer esse curso de ação aparecer na pesquisa? Quem é a melhor pessoa para narrá-la. Para Bertaux (2014), o curso de ação exige o uso da forma narrativa para descrever suas histórias e peculiaridades, fato que pode gerar desconforto a algumas pessoas do âmbito acadêmico:

> Para um espírito cientificista é uma conclusão profundamente chocante. De fato, nem os astrônomos, nem os físicos, nem os químicos, nem os geólogos jamais iriam pedir aos astros, às montanhas, aos oceanos ou às massas em movimento para lhes contar por que eles se movem como o fazem. Como eles sabem de antemão que eles não obteriam resposta, eles ficam satisfeitos em observar seus movimentos da maneira a mais precisa possível, inclusive –quando podem– fazendo variar de maneira experimental os parâmetros (Galileu). Para o sociólogo cientificista nós devíamos fazer o mesmo: observemos, meçamos com precisão, mas não esperemos nada dos "objetos humanos" que estudamos. Comportemo-nos como verdadeiros cientistas. Mas por que não? Observar a conduta dos indivíduos membros das sociedades humanas como fazem os especialistas em formigas, abelhas ou cupins levou e levará ainda a algumas descobertas. Este é, parece, o programa positivista no sentido não caricatural do termo. De uma certa forma, o programa do interacionismo simbólico, baseado na observação direta, se aproxima dele nesse ponto (BERTAUX, 2014, p. 260).

Ademais, respondendo ao segundo questionamento sobre quem deveria narrar o curso da ação, Bertaux (2014) explica que ninguém melhor que a pessoa que a comandou do início ao fim. Mesmo se ele alterar um pouco a história, o resultado será:

> [...] bastante mais rico em informação factual e em percepção sobre os significados subjetivos que qualquer questionário ou uma hipotética, mas impossível, observação direta. Sobretudo se a entrevista foi relativamente bem conduzida, deixando ao entrevistado (ao "sujeito") uma grande liberdade, mas trazendo-o na medida do possível ao tema da entrevista. Esse resultado é o que chamamos de uma história de vida (BERTAUX, 2014, p. 261).

Importante destacar que, para Bertaux (2014, p. 261), já existe história de vida desde o momento em que uma pessoa se dispõe a contar de forma narrativa sobre algum momento de seu passado ou de algum aspecto de sua existência suprimindo outros, ou seja, para se configurar uma história de vida não é preciso que seja "completa". Nesse ponto, vislumbro que consegui obter a narrativa de vida de todas as minhas interlocutoras, pois, cada uma a seu modo, abordou questões do passado relativas ao consumo de bens e serviços de estética corporal. Umas, como eu falei, se abriram mais e narraram uma quantidade maior de eventos acerca de suas vidas, enquanto outras foram mais contidas, mas todas se permitiram falar um pouco sobre o passado e o presente de suas relações com aquele tipo de consumo.

Segui os apontamentos de Bertaux (2014) no sentido de possibilitar às minhas interlocutoras serem as responsáveis por narrarem seus cursos de ação quanto ao meu tema de pesquisa, por isso, optei por trazer as transcrições das entrevistas no que diz respeito às narrativas delas sobre o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal. Com relação às entrevistas, informo que seguiram as orientações das "entrevistas narrativas" (FLICK, 2013), desta forma, a fim de deixar minhas interlocutoras à vontade para darem seus relatos, fui até elas com as seguintes perguntas "geradoras da narrativa": a) Nome, idade, ocupação, cidade onde mora; b) Me fale um pouco sobre você; c) O que você acharia interessante falar sobre consumo de bens e serviços de estética corporal?; d) E você? Como é sua relação com esse tipo de consumo?; e) Como começou essa relação, desde infância, adolescência?. Após as interlocutoras falarem de seus entendimentos acerca do assunto e narrarem suas experiências, eu focava no atual consumo delas. Com as entrevistas transcritas, eu analisei o material e procurei os "fragmentos narrativos" que não haviam sido detalhados exaustivamente a fim de completá-los na segunda entrevista, a chamada "sondagem narrativa" (FLICK, 2013).

Destaco que nesse capítulo, apresento as narrativas completas de minhas interlocutoras, mas, ao longo do trabalho, algumas partes delas serão trazidas novamente de maneira fragmentada a fim de facilitar a leitura no momento em que eu estiver tratando de outras questões surgidas

através dos relatos.

2.3 Ana

A sequência das trajetórias a serem narradas seguirá as idades das minhas interlocutoras em ordem crescente. Para Ana, a primeira coisa que vem à sua mente quanto a consumo de bens e serviços ligados à estética corporal e mulheres é o "exagero" presente em situações em que as pessoas acabam tendo problemas de saúde ou morrem na busca pelo encaixe nos padrões de beleza inalcançáveis impostos pela sociedade. Por outro lado, ela vê como uma coisa boa, por estar "ligado a autoestima da mulher" e se a pessoa se sente bem com isso, significa que é importante. Há, portanto, para ela, dois lados envolvidos, o do "exagero" e do "autocuidado".

Perguntei como era essa relação na vida de Ana e ela disse se considerar vaidosa, porém não consome muito fora de sua casa, pois não frequenta salões de beleza, não pinta as unhas, priorizando atividades que podem ser realizadas dentro de casa, como fazer a sobrancelha. Ana pinta o cabelo e gosta de usar maquiagem, relatando não ter feito nenhum procedimento mais invasivo e, para ela, são coisas que gosta de fazer. Direcionei, então, as perguntas para a infância e adolescência de Ana:

> Isadora: E como é que foi na infância, adolescência, sua relação com isso?
> Ana: Então, é engraçado porque hoje em dia sou assim, não pinto unha, não faço nada, mas eu já tive muitas fases. Uma coisa muito marcante na minha vida é cabelo, assim, que desde que eu era criança, a minha mãe pintava meu cabelo e, novamente, essa coisa de não ir ao salão, acho que vem de casa, porque a minha mãe era meio doida (risos) ela fazia mexas no meu cabelo, tipo com sete anos, aquelas mexas da Vampira do X-Men[3], pintava de roxo, aquele corante violeta, gente, isso é meio tóxico.
> I: Mas ela fazia ou você pedia?
> A: É, eu pedia, via na novela, eu e minha irmã a gente pintava o cabelo de papel crepom, que meu cabelo era muito escuro não pegava, ai tinha aquela novela Estrela-Guia que tinha uma personagem com cabelo laranja, aí meu sonho era ter cabelo laranja, e aí minha mãe foi pintar de papel crepom e meu cabelo não pegava, eu chorava que meu cabelo não pegava papel crepom. Aí depois disso ela começou a fazer uma mexas, porque a minha mãe fazia no próprio cabelo dela, então a gente pedia, ela fazia também, com sete anos, seis anos.
> I: Então, você me falou um pouco que gosta de pintar o cabelo ainda... você faz isso e mais o que? O que você faz em relação à estética que você lembra?

[3] Vampira, originalmente, Rogue, é uma personagem de história em quadrinhos licenciada pela Marvel Comics, que apareceu pela primeira vez na Avengers Annual nº 10, em outubro de 1981, e possui uma mecha branca no cabelo (GUIA DOS QUADRINHOS, 2007). Guia dos Quadrinhos. **Vampira**. In: Guia dos Quadrinhos, 05/03/2007. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/vampira-(anna-marie)/267> Acesso em 08 jan. 2020.

> A: Atualmente, ah, posso responder mais um pedaço da outra que esqueci?
> I: Claro! Aqui não tem ordem não, o que você for lembrando.
> A: Eu esqueci que é também relacionada a cabelo, que meu cabelo sempre foi liso, só que tem aquela época que você faz uns 12 anos que seu cabelo dá uma mudada, e aí eu lembro que meu cabelo deu uma onda. Tipo, uma onda, e eu fiz porque fiz pra minha mãe que eu tinha que alisar meu cabelo, porque, né, o bonito era ter cabelo liso. Novamente a sociedade impondo esse padrão. E aí eu fui alisar meu cabelo. Alisei, aí tá, quando você alisa fica lindo, aí depois que eu alisei, depois que eu lavei, voltou igual era antes, porque, tipo, meu cabelo já era liso (risos), então não tinha mais o que alisar. E eu fiquei brava, porque, tipo, fui no salão e paguei.

Figura 1 – Personagem Vampira do desenho X-Men: Evolution

Disponível em: <https://www.hqzona.com.br/2018/09/04/x-men-evolution-os-10-melhores-episodios/> Acesso em 08 jan. 2020.

Figura 2 – Personagem da novela Estrela-Guia

Disponível em: <https://gente.ig.com.br/2014-07-26/thais-fersoza-muda-o-visual-e-aparece-com-os-cabelos-mais-longos-e-caheados.html> Acesso em 08 jan. 2020.

Ana contou sobre sua rotina de cuidados corporais (abordarei o atual consumo mais a frente) e, quase no fim da entrevista, lembrou da sua relação com o corpo na adolescência, quando passou a consumir suplementos e a fazer academia:

> Isadora: Pelo que to entendendo você faz muito pra você, né?
> Ana: Sim. Eu tento. Ah tem uma história legal (risos) quando eu era adolescente, eu era muito, muito magra e eu me sentia péssima, porque, tipo, todo mundo quer ter bunda e perna, então, eu era muito, muito magra, e eu achava isso horrível, sabe? E,

> aí eu entrei na academia, tomava suplementos, fazia mil coisas, mas e depois eu percebi que não adiantava muito, né?

Fiz uma segunda entrevista com Ana e busquei aprofundar algumas questões levantadas por ela na anterior e novas informações apareceram acerca da trajetória do seu consumo de bens e serviços ligados à estética corporal:

> Isadora: Então... aí outras questões foram mais da primeira entrevista, que eu fiquei pensando, algumas questões a mais. Você tinha comentado muito sobre a sua mãe e alguns personagens também de desenhos, da Vampira, e aí, eu tava pensando assim... o que mais você lembra nessa questão de pensar em vaidade, estética corporal, do que ou de quem você mais se lembra? Enfim, como você começou, quem mais você lembra, tipo, eu olhava aquela pessoa, aquela coisa...
> Ana: Tá... eu (risos e um comentário de "ridículo" bem baixinho). Na minha família, a minha irmã sempre foi muito patricinha[4], assim, muito preocupada com essas coisas e quando eu era mais, e ela é seis anos mais velha que eu, então, tipo assim, quando eu tinha lá meus cinco anos, eu era criança, não tava nem aí pra nada, e a minha irmã já tipo onze anos, ela se maquiava o dia inteiro e aí eu meio que fugia disso, não gostava, um pouquinho depois mais velha, eu comecei a imitar assim, sabe? A pegar sombra... eu lembro até hoje uma vez que eu fui na casa de minha avó que eu passei tanta sombra no olho que a sombra começou a cair dentro do meu olho (risos), umas coisas de criança, sabe? De você querer fazer coisas assim ne?
> I: Era da sua avó essa maquiagem?
> A: Não... era minha mesmo, fui pra casa da minha avó. Aí eu pegava os brincos da minha irmã e pendurava tudo e as alergia ficava, nossa, uma desgraça (risos). E aí depois quando eu fui ficando mais velha, isso eu devia ter uns oito anos assim, depois eu fui ficando mais velha, eu fui querendo mais ser diferente, assim, nessa *vibe*[5] pré-adolescente rebelde e aí uma das minhas grandes (risos) referências era em "Rebeldes", a novela (risos), que era a Roberta, né? Que era ruiva e eu pintei meu cabelo na época com onze anos, e eu passava super lápis de olho e, tipo, eu ia pra escola com o olho preto assim e botava uma franja na cara bem forte assim, então eu sempre procurava essas personagens assim, de programa, de novela, de filme, que tivessem esse visual um pouco mais alternativo que era o que eu gostava ne? E depois com a internet, chegou aquela época do *emo*[6], eu tinha te falado disso?
> I: Não.
> A: E com treze, quatorze anos assim, eu comecei a mudar, tipo, passei a usar preto, mais franja, tipo, na verdade, antes eu não tinha franja, eu comecei a usar franja nessa época, usar franja, e a maquiagem bem, bem pesada, então eu gostava dessa estética mais emo, mais gótica, mas o segredo era falar que você não era emo, todo mundo te perguntando você falava que não era, mas você era, porque, tipo, o pessoal

---

[4] O termo "patricinha" usado por Ana se refere a uma pessoa, no caso mulher, que se preocupa em demasia com a aparência e possui um estilo voltado para o uso de maquiagem, roupas da moda, salto alto, etc.

[5] O termo "vibe" no contexto que eu conheço aqui da Grande Vitória tem diferentes conotações, podendo significar vibrações positivas, mas, também, como é o caso, sugere uma ideia de modo de estar ou de ser, um estado das pessoas ou das coisas

[6] "Olhos pintados com lápis preto, cobertos com franjas, adereços como cintos de grandes fivelas e tênis coloridos, além de *piercings* no rosto e roupas de cor predominantemente escura (embora existam os que prefiram outras cores) são alguns dos elementos utilizados pelos emos, que tentam expressar um estilo próprio que se tornou comum nos centros urbanos na última década. Obviamente, tal grupo não nasceu apenas como um estilo ou certo modismo. Originalmente, surgiram na década de 1980, nos Estados Unidos, tendo em suas raízes um gosto pelo rock e pelo punk, mas mais precisamente pelo chamado emocore, um gênero de música que mistura hardcore (de tom mais agressivo) com letras românticas" (RIBEIRO, 2020). In: RIBEIRO, Paulo Silvino. **Os emos como uma tribo urbana**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/emo.htm>. Acesso em 07 de janeiro de 2020.

zoava a sua cara e, tipo, eu lembro que a minha família ficava falando "tira isso da cara, tá horrível, essa franja tá horrorosa" e eu me achava linda, eu não tava nem aí, eu usava, era o que eu gostava. Naquela época tinha *Fotolog*[7] essas coisas, e tinha muita gente que era famosa por fazer foto bonita, e eu seguia muita gente que fazia essas fotos, era a coisa da franjona, emo, lembra? Aí eu queria parecer essas pessoas só que não era compatível com o calor de Cachoeiro (risos), que a galera morava na Inglaterra, então, tipo assim, no calor de Cachoeiro, a maquiagem escorria, a franja ficava toda suada, aquele cabelo na cara (risos), péssimo, e aí nesse sentido de a gente ver a galera que fazia essas fotos, eu tinha umas amigas também que eram do mesmo estilo que eu e a gente sempre se reunia pra fazer sessão de fotos, separava umas roupas bem *dark* assim (risos), essas coisas. E aí a gente gostava muito desse estilo e a minha família falava que era muito feio, não sei o que, mas eu adorava, eu brigava, ficava muito brava, porque eu achava uma falta de educação a pessoa virar pra mim na minha cara e falar que eu estava feia (risos).
I: Quem falava muito isso?
A: Eu tenho uma tia, uma tia que a gente até se parece muito, mesmo cabelo e tal, mesma cara, e ela olhava pra mim "nossa, que cabelo horroroso" "nossa, estragou seu cabelo quando você pintou" e eu ficava muito triste e muito brava porque não podia porque eu tava gostando e na época eu achava lindo, hoje em dia eu vejo e falo "é, estavam certos" mas fui feliz, importante...
I: Você não se importou na época?
A: Não, eu ficava triste porque eu acho chato, é chato a pessoa falar isso, mas eu não me importava, eu usava mesmo assim. Que eu gostava, era o que achava bonito usar, e hoje em dia eu vejo que realmente, a pessoa tava certa, tentou dar um toque, mas não rolou, mas acho que faz parte, experiência assim de você estar se descobrindo, enquanto pessoa, descobrindo o que você gosta, tanto que até hoje eu gosto mais desse estilo alternativo, eu uso preto, eu tenho outro tipo de franja, eu pinto o cabelo, mas eu acho que de um jeito muito mais sutil e que, tipo assim, adequado, que as pessoas não ficam olhando "que pessoa é essa?" (risos) Eu espero, pelo menos (risos). Mas é basicamente disso, eu pegava muito, no início, de novela e depois mais de internet, eu cresci com o *boom* da internet.
I: Mas quanto a maquiagem que você levou pra casa da sua avó, era sua?
A: Era minha
I: Você comprou ou alguém...
A: Quando a gente era criança, o que acontecia, aniversário assim, vinha aqueles parentes de longe, dava aqueles estojinhos de maquiagem mais vagabundinhos, que têm aquelas cores cintilantes, então, eu tinha um monte dessas coisas, que ganhava em festinha assim. Eu pegava também muita coisa da minha mãe, da minha irmã. Mas aí com uns doze anos assim eu já fui comprando, comprando assim, né, pedindo os meus, as minhas coisas mesmo, mas antes era essa coisa vagabunda que a sombra caía no olho (risos).
(...)
A: [...] esse lance de depilar a perna, veio muito da minha mãe, porque ela brigava comigo se eu não tinha depilado, porque era feio sair assim, então eu fiquei muito presa a isso, e hoje você vê um monte de gente saindo sem, com a perna cabeluda e é normal, não tem nada de mais, né? Mas veio desde pequena nesse sentido...
I: A sua mãe costumava a falar...
A: Falava... ah, até hoje, mas hoje acho que ela aceitou um pouco que eu não gosto dessas coisas... mas, nossa, unha, tudo...

[7] "O Fotolog, rede social para publicação de fotos, foi lançado em 2002 e se tornou febre no Brasil. Em 2016, o serviço foi descontinuado e deixou uma legião de fãs sem suas contas e com pouco tempo para salvar os posts antigos" STIVANI, Mirella. **Dez curiosidades sobre o Fotolog, famosa rede de fotos dos anos 2000**. Disponível em <https://www.techtudo.com.br/listas/2018/06/dez-curiosidades-sobre-o-fotolog-famosa-rede-de-fotos-dos-anos-2000.ghtml> Acesso em 07 jan. 2020.

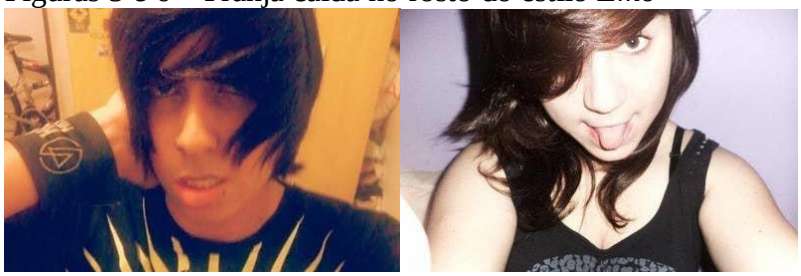
Figura 3 – Estojo de maquiagem infantil anos 90-2000

Disponível em: <https://www.tudointeressante.com.br/2016/07/19-coisas-que-marcaram-a-infancia-nos-anos-90-e-2000.html> Acesso em 08 jan. 2020.

Figura 4 – Personagem Roberta da novela *Rebelde*

Disponível em: <https://rbdrebelde.fandom.com/pt-br/wiki/Roberta_Pardo> Acesso em 08 jan. 2020.

Figuras 5 e 6 – Franja caída no rosto do estilo *Emo*



Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/raphaelevangelista/25-imagens-da-cultura-emo-que-vao-te-fazer-chorar-por-dentro> Acesso em 08 jan. 2020

Figura 7 – Exemplo de perfil da rede social *Fotolog*

Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/raphaelevangelista/25-imagens-da-cultura-emo-que-vao-te-fazer-chorar-por-dentro> Acesso em 08 jan. 2020.

A trajetória do consumo de bens e serviços ligados à estética corporal de Ana é marcada por sua relação com o cabelo – colorir, corte específico e alisar – pelo uso da maquiagem e pelas roupas. Na infância, lembra da sua irmã passando maquiagem, usando brincos e, no início, não ligava, mas, com o tempo, foi ficando curiosa e passou a tentar imitá-la. Ainda na infância, por volta dos sete, oito anos, começou a ter interesse por copiar certas estéticas de personagens da mídia, como novelas e desenhos, e pedia para pintar o cabelo parecido com o delas, desejo atendido pela mãe, primeiro com a tentativa de tingir com papel crepom, que não funcionou, depois utilizando tinta para fazer mexas. Entrando na adolescência, fez um alisamento, sem sucesso e passou a buscar uma identidade própria ainda ligada a personagens, dessa vez de um seriado, pintando o cabelo com onze anos. Depois, se afastando ainda mais das representações ligadas à sua família, Ana passou a se interessar pelo estilo *emo* que compartilhava com um determinado grupo de amizade, para tanto, cortou a franja e passou a utilizar maquiagem e roupas de cores escuras, mesmo com duras críticas que ouvia da família, principalmente de uma tia. Sua trajetória também está marcada pela fotografia, pois ela conta que tirava fotos com suas amigas para postar na rede social da época, o *Fotolog*. Ainda na adolescência, passou a consumir suplementos e a malhar.

Atualmente, conforme consta em uma parte de sua narrativa, Ana diz que, a despeito das diferenças, segue um pouco o estilo que viveu, que ela chama de “alternativo”, se referindo a usar roupas pretas, ter uma franja (não igual à da adolescência) e pintar o cabelo. O consumo de Ana se resume a pintar o cabelo no salão e, em casa, fazer a sobrancelha, depilar a perna com cera, e usar maquiagem, principalmente batom e pó compacto. Além disso, ela revelou fazer tratamentos para a pele, que antes envolviam métodos mais caseiros, porém, com o tempo, passou a envolver medicamentos receitados por uma médica. Na primeira entrevista:

> Isadora: Aí faz mais o que em relação à estética?
> Ana: É, eu faço cabelo, agora eu faço *skin care* que são cuidados com a pele, tá na moda agora. E tem até essa coisa de moda de estética, uma hora você faz isso, outra hora você faz outra coisa, então a moda agora é de cuidados com a pele do rosto. Aí, eu comprei sabonete, fui super empolgada comprar esfoliante, comprar demaquilante, comprar creme, comprar, óbvio que tudo é um pouquinho, assim (risos), aí eu acordo todo dia de manhã, eu lavo, aí eu passo creme, faço massagem facial, que é tipo uma drenagem no rosto pra tirar o inchaço (risos). Todo dia de

> manhã e de noite, aí eu ponho uma musiquinha e fico super lá assim, curtindo.
> I: Nossa, então é um ritual, né?
> A: É um ritual, mas eu especialmente gosto disso, que, pra mim, é meio que uma rotina de autocuidado, porque me faz tirar um tempo pra fazer uma coisa pra mim, né? Fora da coisa de trabalho e tal. E me faz me sentir bem, que as vezes eu to, assim, com a mesma cara que acordei, passei as coisas, fiz massagem, eu me sinto maravilhosa e saio achando que eu fiz um botox (risos).

Na segunda entrevista, perguntei se os consumos de Ana ligados à estética corporal eram mais voltados para beleza ou saúde. Ela respondeu e, ainda, me contou sobre novos tipos de consumo que estava realizando:

> Isadora: E falou sobre o que você consome atualmente, tintura, negócio pra pele, e pensando nesse seu consumo, você acha que está mais voltado, daquilo tudo que você me falou, pra beleza ou pra saúde?
> Ana: Ah não, pra beleza (risos), pra beleza. Tipo assim, o tratamento que eu tô fazendo, inclusive tem até uma coisa nova que eu comprei, mudou a minha cara (risos). Eu tinha negligenciado dermatologista e só comprado um negócio que ela pediu aí eu tomei coragem e comprei o outro que era um pouco mais caro, mas assim, era o que eu tinha que ter comprado desde o início, porque ele é um sérum que uniformiza a pele, melhorou muito as manchas que eu tava tendo no rosto e aí, tipo assim, essa questão do dermatologista, acho que foi um pouco dos dois, porque eu tava, tive uma crise de acne então é um problema de saúde, mas aí depois os resultados dessa acne, as consequências, viram mais uma questão estética, porque, tipo, a pele fica marcada, então está muito mais voltado pra beleza nesse sentido de me sentir bem. O próprio cabelo né, você pinta, não preciso pintar o cabelo, não tenho o cabelo branco, e mesmo se tivesse não precisaria (risos) mas é porque eu gosto, eu me acho mais bonita assim. Mas hoje uma diferença que eu vejo, assim, de quando eu era mais nova, é que eu tô muito mais preocupada em fazer coisas pra estar perto de uma beleza talvez mais natural, pra tipo assim, deixar a minha pele melhor, pra eu poder ficar de boa com ela, do que tentar cobrir, botar um monte de maquiagem, sabe? Que acho que também é uma coisa que acaba fazendo mal e piorando sua pele, então muito mais nesse sentido do cuidado, da beleza como cuidado, do que na beleza só pra ficar bonita, sabe? Faz sentido isso que eu falei?
> I: Claro que faz...
> A: Então eu to muito mais preocupada nisso, dessa coisa de ter uma rotina de cuidar da pele, de, se eu passar maquiagem, eu posso chegar em casa cinco horas da manhã, mas eu não vou dormir de maquiagem, porque eu sei que é uma coisa que faz mal, então, ligado a isso pra ter uma pele sempre boa, pra não precisar ficar usando 15 quilos de produtos pra sempre.

Perguntei à Ana quando ela se sentia muito bem com relação à sua aparência:

> Isadora: E me fala um momento que você se acha assim, tipo, to muito linda.. ou uma roupa que você põe, sei lá... algo que você faz, que você gosta..
> Ana: Ah sim, quando eu me arrumo pra sair, especialmente festa assim, eu olho e falo assim “nossa, muito bonita”... acho que é uma coisa que eu não acostumada a usar, então acho que tipo, é uma coisa que dá um realce assim..
> I: Festa que você diz... aquelas festas mais elaboradas assim?
> A: Qualquer festa, tipo, até pode ser elaborada que a maquiagem é melhor (risos), porque no dia a dia, eu acabo usando pouca maquiagem, ainda mais agora que eu trabalho de casa, eu não saio muito, então passo todos os dias sem maquiagem e tal, então quando eu me arrumo pra ir pra uma festa, eu olho e falo assim “nossa, devia

> fazer isso mais vezes" não faço (risos). Mas, mais assim... e muitas coisas também, tem muitos dias, depois que eu saio da academia, mas aí acho que tá muito ligado a você estar com sensação de endorfina assim, sabe? De alegria por ter feito uma atividade física, que às vezes eu saio da academia to toda esculhambada, mas nossa, to linda hoje! (risos) mas acho que tá muito mais ligado a esse sentimento bom que fazer exercício traz. Acho que é isso. E eu me sinto feia geralmente quando to te TPM, que aí eu fico (inaudível) fico muito estressada, fico, a pele fica ruim, você fica toda achando defeito em tudo, achando tudo ruim. E quando você vê foto feia também. Você fica assim, nossa..
> I: Como assim?
> A: Você vai e tira um monte de foto, e você saiu feia na foto (risos), pegou aquele ângulo ruim "nossa, eu estou muito horrorosa" (risos).
> I: Você gosta de tirar foto?
> A: Já gostei mais.. mas gosto ainda. Antigamente, eu tirava muito, igual eu falei que a gente ia pra fazer sessões de fotos com os amigos, hoje em dia eu tenho um pouco de preguiça, mas ainda tiro, mais quando eu viajo, porque tá num lugar legal, e eu acho que tirar foto, pelo menos pra mim, tem muito a ver com essa coisa de eu ter me arrumado e tal, então agora como eu tô cheia de trabalho essas coisas, eu não to fazendo muitas coisas da vida além de trabalhar, eu tenho tirado até pouca, porque não tem do que, to aqui trabalhando "bem linda hoje no meu *home office*" (risos). Mas acabo tirando mais nessas ocasiões assim, quando eu to com os amigos, eu saio pra passear, que aí você tá mais ajeitadinha (risos).
> I: Eu te acompanhei aquele dia que você tava indo pra uma viagem, você ia ter uma formatura... lembra?
> A: Lembro..
> I: Então, aquele dia você tirou foto? De você?
> A: Tirei várias... (...) Mais do que a foto a gente arrumada, o que importa é a câmera (risos)... que a minha amiga tem um celular muito bom que tira foto modo retrato e fez vários *books* porque aquela foto é sensacional, você pode estar o capeta mas a foto vai sair bonita, porque o que importa é o modo retrato.
> (...)
> I: E pra você assim, tudo o que você fez, se depilar, fazer sobrancelha, não sei o que..o que você acha que isso tem, porque tem que fazer essas coisas ou principalmente quando tem festa, que você me falou...
> A: Ah, porque a gente é obrigado (risos). É claramente uma imposição social de que mulher tem que estar de unha feita, depilada, faz parte do padrão de beleza que a gente tá enquadrado, e assim, é muito difícil sair disso, a gente cresceu com isso, tipo, eu depilo desde novinha, desde que eu tinha, sei lá, 13 anos... então já vão mais de 10 anos aí, então você cresce com isso e é difícil você começa a achar que o bonito, o que é socialmente aceitável é assim, e aí quando você precisa sair, igual, essa semana to sem depilar a perna, eu preciso sair na rua com a perna assim, tipo, eu fico incomodada, eu saio porque eu quero me treinar a sair pra eu não precisar ficar depilando a perna toda hora ou sair de calça, não quero, mas é uma coisa que é difícil, você fica assim "ai, as pessoas vão olhar e achar, sei lá, que tá feio" achar que, a gente criou essa ideia de que está ligado a desleixo, né? Sendo que não tem nada a ver... o humano tem pelo, e aí eu tento muito me vigiar nessa questão assim de conseguir, de me forçar a sair assim, de fazer as coisas, porque não tem nada de errado com isso, pra quebrar um pouco com essa imposição que colocam na gente, então acho que tá muito ligado a isso, essa sociedade patriarcal que impõe que mulheres tenham um certo perfil de beleza.

Do relato de Ana, percebo que o momento em que ela se sente muito bem com a aparência envolve uma festa, em especial a que ela chama de "elaborada", já que faz uma maquiagem melhor. Segundo Ana, ainda mais importante que a produção, é uma boa câmera fotográfica para sair "bonita" na foto. Atualmente, ela tira mais fotos quando está com amigos ou em um

lugar bonito, não mais focando em si mesma, exceto em caso de estar “arrumada”, momento em que gosta de se fotografar. Ela comentou, ainda, acerca dos preparativos “necessários” para estar dentro dos padrões de uma festa, como formatura, casamento. A partir das conversas com minhas interlocutoras, fui notando que certos assuntos e experiências se assemelhavam umas das outras, por isso, achei melhor abordá-los em seções específicas após as apresentações das narrativas de vida de cada uma delas.

Conversando com minhas interlocutoras, chamou a minha atenção uma situação vivenciada por Tânia, Marta e Ana, que foi a mudança do interior para uma cidade maior. Eu já havia conversado com Tânia e Marta e as duas relataram a percepção de que na cidade, o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal era mais evidente e diferenciado. Em razão disso, procurei Ana pelo *WhatsApp* e, em um momento em que ela podia me atender, a indaguei acerca do assunto:

> I: Então, queria saber de você se sentiu alguma diferença em relação a ter mudado de Cachoeiro para Vitória em relação a estética corporal... se percebeu alguma diferença em você ou em outras pessoas a sua volta...
> A: O que eu notei foi, embora Vitória não seja uma cidade muito grande, ela é uma cidade bem maior que Cachoeiro no sentido de desenvolvimento assim mesmo, então o que eu tinha em Cachoeiro era assim as pessoas se vestiam muito iguais, todo mundo em Cachoeiro tinha usado aparelho, eu nunca tinha conhecido alguma pessoa que não tinha usado aparelho (risos), isso foi muito chocante pra mim. Todo mundo se vestia muito igual, era sempre um padrão muito grande que eu nunca gostei muito porque sempre foi esse padrão mais “Melissa”, assim sabe? E não era o que eu gostava porque eu gostava mais de usar preto, essas coisas, e quando eu cheguei a vitória eu senti que eu tinha mais espaço, que tinha mais pessoas que gostavam de se vestir como eu. Não que fosse uma coisa muito diferente, mas em Cachoeiro era diferente por ser uma cidade pequena, sabe? E aí aqui em Vitória eu percebi essa, como as pessoas se vestiam muito diferentes umas das outras e isso foi um ponto muito positivo pra mim, porque, às vezes ah, sei lá, você não gosta de sair diferente dos outros, embora, eu sempre saí, mas as pessoas ficam tipo te olhando e aqui era mais tranquilo isso... e as pessoas aqui não, nem todo mundo tinha usado aparelho, então eu conheci pessoas que tinham dentes tortos (risos)... muito classe média, né? Mas era isso... acho que Vitória apresentou mais uma diversidade pra mim que eu não tinha contato em Cachoeiro. Tanto de vestimenta quanto de estilo pessoal mesmo, de cabelo, de dente, de tudo. E aí eu acho que foi um espaço pra mim muito importante pra eu poder fazer o que eu queria comigo mesma, podia usar as roupas que eu queria sem ser tachada de estranha. Eu podia ter o cabelo que eu queria sem destoar muito, que em Cachoeiro eu acabava destoando muito das pessoas e olha que naquela época eu nem vestia só preto, sabe? Eu usava umas roupas mais neutras de outras cores, mas aqui em vitória foi quando eu passei, usar só preto, pintar o cabelo.... e eu acho que parte disso, principalmente ligado a roupa, foi porque em Cachoeiro até o momento eu estudava em escola então usava uniforme e aqui era outra coisa, de você, universidade você pode usar a roupa que você quiser e pra mim, essa questão da roupa, passa uma mensagem muito importante de quem você é... é um meio de comunicação muito forte, então eu acho que Vitória abriu esse espaço pra mim, principalmente por eu poder estudar na universidade onde eu podia usar o que eu quisesse.

Além das entrevistas, acompanhei Ana em dois momentos ligados ao seu consumo. Na primeira vez, conversávamos por *WhatsApp*, e ela comentou que iria participar de uma formatura e, por isso, precisava depilar e fazer a sobrancelha. Perguntei se eu poderia acompanhá-la e ela aceitou. Assim, no mês de julho de 2019, fui até a sua casa por volta das 15h30. Ao chegar, percebi uma mala (a formatura ocorreria em outro Estado) aberta em seu quarto já pronta, com diversos objetos a serem utilizados para seu embelezamento, como shampoo, condicionador, sabonete para o rosto, desodorante, maquiagem, diversos tipos de batons, e perguntei se poderia tirar uma foto, tendo sido autorizado por ela. Ana comentou que precisou pedir mais maquiagem para sua irmã, pois a dela não seria suficiente. Disse, também, que sua mãe reclamaria quanto ao fato de ela não ter pintado as unhas para a formatura.

Figuras 8 e 9 – Fotos da mala de Ana

Fonte: Autora.

Ana vestia um short e uma blusa de frio e me falou que estava esperando a água esquentar para derreter a cera. Conversamos enquanto esperávamos. Ela pegou umas folhas de papel para forrar o chão e separou as folhas para a depilação, talco e óleo de coco. O talco era para passar antes da depilação, um procedimento que ela aprendeu quando se depilava no salão e continua fazendo em casa. Perguntei com que idade começou a se depilar e ela explicou que por volta dos 12, 13 anos, primeiro no salão, depois em casa. Comentou que no início, quando começou a se depilar sozinha, se machucava muito até aprender as “técnicas”, com, por exemplo, puxar a cera do lado certo e com rapidez.

A depilação é um procedimento que exige o conhecimento de muitas técnicas e eu lembrei de um episódio que aconteceu comigo. Por muito tempo, depilei a virilha com uma depiladora no

salão de beleza. Mas, a minha situação financeira mudou e precisei cortar uns gastos, por isso, fui até uma loja de cosméticos e comprei cera para depilação em casa. Eu, porém, comprei cera fria, pois não sabia que haveria alguma diferença para a quente. Apliquei a cera na minha virilha e, ao tentar tirar, a mesma não saía. Eu colocava e tirava a folha depilatória várias vezes no mesmo local, totalmente sem jeito e devagar. Resultado: ganhei uma assadura feia, que levou dias para melhorar. Isso aconteceu, porque eu achei que era um procedimento fácil de se fazer, que não demandava nenhum conhecimento, mas estava errada e senti na pele (literalmente) a falta dele.

Com a cera pronta, Ana começou o procedimento de depilação das pernas, realizando-o com muita destreza e rapidez, deixando apenas alguns pingos de cera caírem no chão. Ela disse que, normalmente, isso não acontece e só aconteceu por eu estar ali observando. Ana finaliza a depilação passando o óleo de coco a fim de retirar o excesso de cera.

Ana bebia água o tempo todo e me disse que era um dos fatores mais importantes para a beleza. Após a depilação, foi a vez das sobrancelhas. Ana pegou um espelho de aumento, mencionando tê-lo pegado de sua mãe. Ela usava uma pinça, para puxar os pelos, além de escovinha e tesoura. Durante o procedimento, Ana contou que demora a fazer a sobrancelha, mas quando faz, nota a diferença e lembrou que quando decidiu cortar o cabelo e fazer franja, uma amiga lhe disse que franja exigia um maior cuidado com as sobrancelhas, por chamar a atenção para o local, necessitando estarem sempre bem feitas. Ela, então, me olhou com uma cara de “até parece” e explicou que não faz as sobrancelhas com frequência por não gostar.

Perguntei se ela tem produtos relacionados estética corporal e ela me levou até o banheiro, exibindo produtos como maquiagem, especialmente batons, remédios contra acne, demaquilante, potes contendo argila para passar no rosto. Ela lembrou que fazia tempo que não passava a argila e que iria passar naquele momento. Ana pegou o pote de argila branca e passou no rosto, deixando agir por 10 minutos. Nesse intervalo, ela borrifava água no rosto, pois a argila vai sugando a água da pele, explicando que o procedimento seria para deixar a pele mais uniforme. Ela contou, ainda, que sempre se preocupou com espinhas e que procurava tratamentos caseiros para o problema, mas, por não conseguir solucioná-lo, resolveu se consultar com um dermatologista.

Figuras 10 e 11 – Fotos do banheiro de Ana

Fonte: Autora.

Passado um tempo, Ana me procurou no *WhatsApp* perguntando se eu considerava tatuagem como estética corporal. Falei que se ela considerasse, então, sim, uma vez que buscava o entendimento de minhas interlocutoras quanto ao assunto. Ela, então, explicou que ouviu um *Podcast*[8] sobre isso e compreendeu que a tatuagem faz parte da estética corporal, por isso me convidou para acompanhá-la ao estúdio de tatuagem. Achei muito interessante a colocação de Ana, pois me alertou quanto a esse tipo de consumo dentro da minha pesquisa. Assim, combinamos de irmos juntas para que eu pudesse acompanhá-la no procedimento.

No dia vinte e oito de setembro de 2019, às 14h40, nos encontramos no ponto de ônibus da UFES. O local é próximo, fica na Avenida conhecida por Reta da Penha, no bairro Santa Luíza – Vitória\ES, mas tomamos um ônibus para atravessar a ponte, devido ao receio de atravessar a Ponte da Passagem a pé. Chegando ao local, fomos recebidas pelo tatuador. Sentamos nas cadeiras e Ana tirou da bolsa uma vasilha contendo dois objetos que seriam os moldes para os desenhos. O tatuador fez os desenhos e depois foi organizar os materiais. Ele forrou a cama com material plástico, depois pegou a agulha e as tintas. O primeiro passo consiste em raspar o local que será feita a tatuagem, depois, o tatuador desinfeta o local com álcool. Após, o tatuador pressiona o molde impresso com o desenho na pele da pessoa até que

[8] "Podcast é uma forma de transmissão de arquivos multimídia na Internet criados pelos próprios usuários. Nestes arquivos, as pessoas disponibilizam listas e seleções de músicas ou simplesmente falam e expõem suas opiniões sobre os mais diversos assuntos, como política ou o capítulo da novela. Pense no podcast como um blog, só que ao invés de escrever, as pessoas falam" (SCHMIDT, 2008). SCHMIDT, Alana. O que é Podcast? In: Tecmundo, 29/12/2008. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/1252-o-que-e-podcast-.htm> Acesso em: 16 mar. 2020.

fique nítido e começa a fazer os contornos da tatuagem com o aparelho elétrico, pintando o desenho em seguida.

Ana fez três tatuagens pequenas e sentiu muita dor, a despeito de conhecer essa sensação por já ter tatuado antes. A primeira das tatuagens feitas naquele dia, segundo Ana, doeu bastante e, ao finalizá-la, vi que seu rosto estava com uma expressão de dor. Nesse momento, Ana falou, ainda com a expressão de dor: “Pelo menos tá lindo, né?”. Durante o procedimento, Ana ficava o tempo todo olhando para o desenho que estava sendo feito em sua pele, inclusive, provocando um leve problema em seu pescoço, de acordo com ela, por ficar observando a tatuagem realizada na parte de trás do seu corpo. Ao final de cada tatuagem, Ana se olhava em um espelho grande localizado no estúdio e, após terminar as três, ela foi até o espelho e disse: “Estou belíssima!”.

Para completar, na segunda entrevista com Ana, perguntei novamente o significado da tatuagem para ela:

> I: Então, A. uma coisa que achei interessante quando você me chamou pro negócio da tatuagem, então eu queria que você me falasse um pouco sobre a tatuagem. O que pra você representa..
> A: Tá.. eu não sei se te falei no dia que a gente foi lá, mas é, esses dias eu ouvi uma pessoa falando um negócio que eu me identifiquei muito. Ela falou que tatuagem é acessório e aí quando ela falou isso eu falei tipo “nossa, é verdade” porque, assim, as primeiras você acaba fazendo mais “ai, um significado muito profundo da minha alma” mas depois você, pelo menos eu ne, já peguei um pouco disso e fui mais pelo lado estético, porque eu acho que é uma coisa que, tipo, compõe o meu visual assim, sabe? Então eu procuro muito mais fazer uma coisa que eu acho bonita do que uma coisa que tem um significado profundo. Óbvio que às vezes faz uma coisa que significa, você quer lembrar, mas mais nesse sentido de fazer uma coisa bonita que eu goste, porque é tipo uma roupa que eu to usando sabe? Você coloca e aí você coloca a roupa, tá ali, compondo a sua estética e a tatuagem pra mim faz parte disso, eu não uso anel, não uso cordão, essas coisas, não gosto, mas aí nesse sentido de ter uma tatuagem como acessório, eu gosto muito, inclusive essa aqui do pulso eu fiz, aí minha tia fica até falando que é uma pulseira, e eu reparei que realmente parece, que faz esse papel, então eu acabo vendo muito como isso assim. E às vezes eu vejo foto minha antiga sem tatuagem e é esquisito, parece sei lá, não diria assim outra pessoa mas parece que falta alguma coisa, porque já é, tá comigo todo dia, então, tipo, não sei me ver sem isso. É isso
> I: Entendi..mas você falou dos acessórios, você não gosta de usar acessórios..
> A: É..não.. eu tenho esse alargadorzinho assim mas eu não gosto, porque eu sempre tive alergia a bijuteria e até coisa de ouro e prata me dava alergia quando era mais nova, então, nunca tive o hábito e aí crescendo eu acabei não gostando assim, tipo, eu não tenho, eu não consigo lembrar de usar, sabe? Nem é uma coisa que eu ache tão bonito, eu tenho uma dificuldade de entender o que é bonito ou feio em acessórios, é um bloqueio que eu tenho (risos) porque diferente da minha roupa, ou igual das tatuagens que eu tenho um direcionamento estético da minha preferência, com joia e tal eu não consigo, eu não sei dizer, se é feio ou não, então, eu acabo não

> usando porque eu não consigo, fica nesse limbo pra mim de não saber se é feio ou fica esquisito (risos) mas eu já reparei que às vezes se eu vou numa festa e aí eu pego emprestado uma coisa pra mim e aí eu fico olhando tipo, isso é bom? Eu não sei se isso tá bom aqui ou não sabe, aí eu sempre tenho que pedir ajuda.

Ana considera suas tatuagens como acessórios, no sentido de terem mais relevância pelo lado estético do que por algum significado "profundo". Mesmo que tenha alguma significação ou guarde uma lembrança, para Ana, a tatuagem é algo que vai compor a sua estética corporal.

Figura 12 – Foto do dia da tatuagem de Ana

Fonte: Autora.

2.4 Cláudia

A percepção de Cláudia (39 anos) quanto ao consumo de bens e serviços ligados à estética corporal envolve, em primeiro lugar, o que ela chama de "extremo": "Tem coisa que é demais. Tem coisa que me incomoda, como você tá fazendo comigo, eu vou falar de mim, eu acho que tem coisa que é demais, como é que eu vou dizer, é muita vaidade". Cláudia é, de minhas interlocutoras, a que tem um contato mais direto com um local que oferece serviços ligados à estética corporal por ser professora de uma academia só para mulheres. Para Cláudia, existem dois lados que impulsionam ao referido consumo, um que vem da própria pessoa ligado à

vaidade, e o outro está relacionado à cobrança que sofrem, incluindo ela mesma, que escuta frases como “ah, passar um batonzinho, né?”, e, por causa disso, algumas delas acabam entrando nesse “extremo”, não sendo este o seu caso: “Então, às vezes, tem pessoas que se sentem, essa questão também de serem vistos pela sociedade de uma forma diferente, acabam entrando nessa também por causa disso, mas eu não ligo muito pra isso não” (CLÁUDIA, 39 anos).

Cláudia falou do seu cabelo e, na minha pergunta sobre o que ela fazia, já foram surgindo algumas narrativas do seu passado:

> Isadora: Você falou do cabelo... o que você faz no cabelo?
> Cláudia: No meu cabelo eu faço selagem. O meu cabelo ele nunca foi, nunca teve uma forma. Foi sempre algo que me incomodava. Primeiro, quando eu era criança, era muito engraçado, a minha prima tinha o cabelinho curtinho e aí a gente falava que era cabelinho de poodle, né? Era aquela tufa na frente e atrás (risos), daí a gente brincava, botava toalha na cabeça, “ai, eu quero ter o cabelo grande, eu quero ter o cabelo grande”, e a gente queria ter o cabelo grande. Aí quando ele foi crescendo, aí tava de boa, minha mãe falou assim “ah, você quer tentar fazer..” na época era relaxamento de raiz, “vamos relaxar a raiz” aí começamos a relaxar a raiz, pô, via que meu cabelo mudava...
> I: Com quantos anos ?
> C: Ah, eu tinha os meus treze para quatorze, foi quando eu comecei mesmo a fazer. E aí eu me sentia bem. Meu cabelo ficava mais baixo, que ele era muito cheio, eu tenho muito cabelo, além de ter muito, o fio é grosso, então ele fica muito cheio , muito armado. E aí quando eu fazia ele ficava baixinho, dava forma. E eu por não ficar naquele, trata o cabelo final de semana, não tenho paciência pra isso. Quando eu fazia, tipo, era uma hidratação quando eu fazia o relaxamento no salão, acabou, o resto era passar um cremezinho só pra não, deixar ele um pouquinho mais hidratado pra não ficar seco também , mas, tipo, e fui me sentindo bem. E aí ficou por isso assim.
> (…)
> I: E o que você lembra de você, você tava falando do cabelo..da sua mãe.. como foi assim essa questão desde a infância até a adolescência, o que você lembra...
> C: Essa questão de vaidade, de estética?
> I: Isso
> C: Então, por eu ver muito a minha mãe, minha mãe ela é assim. Tanto que as minhas tias falam “ah, você não”, como é? “bota uma roupa melhor”... mas não botar uma roupa melhor, é porque ela gosta de se vestir assim, uma bermuda pra ela tá bom, um blusão pra ela tá bom. Gosta, ela já gosta muito de batom, sombra essas coisas ela não usa, mais porque ela dá alergia, mas ela usa muito batom, onde ela vai ela passa um batom. Brinco, assim, ela gosta de usar, mas ela é básica e eu puxei isso dela. Eu sou básica, quando a gente tem uma festa pra ir, ela fica, “ai, me ajuda aqui” “mãe, vai assim, bota essa sandália”, aí, tipo, hoje, por exemplo, ela consegue se arrumar um pouquinho a mais, então ela compra umas roupinhas mais arrumadinhas, não só o básico, até porque de repente ela vai a algum lugar , tipo, dali, ah vamos não sei pra onde, ela pelo menos já tá pronta, ela é aposentada, ela faz o que ela quer, mas ela já tá arrumadinha, não é aquela coisa de sapatinho, igual eu, eu uso muito sapato baixo, eu gosto, adoro, não gosto de salto, uso às vezes porque vou num lugar que eu vou tá um pouquinho mais arrumada e não combina eu usar uma saia longa, não combina, mas, tipo, vou pro aniversário, vou botar um sapato um pouco mais alto, né? E esse mais alto também é um “Anabela”, que me deixa

> confortável, não vem com esse negócio de salto agulha não, não inventa moda não. E ela é assim, então eu puxei isso dela, o básico, o prático. E o cabelo dela é enroladinho, só que o dela sempre foi enroladinho, igual o seu assim. Sempre foi enroladinho, o meu nunca teve forma. Então, hoje eu uso um cabelo liso porque é prático pra mim. Pra ela é tranquilo, ela lava, tem tempo, de passar creme, de ficar não sei o que, eu não. Mas eu puxei isso dela assim, a praticidade dela.
> I: Então a sua mãe ela é mais prática e você pegou isso dela, né? Então você foi sempre assim...
> C: Sempre assim... e é a mesma coisa. Ela só não consegue fazer unha em casa, que ela vai fazendo "ai, eu borro tudo", mas se dependesse, tem um alicate em casa, se precisar rapidinho fazer ali, ela faz, não tem nada disso, mas quando dá, quando pode, ela vai no salão e faz o cabelo dela, o cabelo pra ela é, tá branco, então vai retocar. Então, pra elas que já tem o cabelo branco, já fica mais difícil, aí ela tá sempre retocando. Mas, fora isso, ela nunca ligou assim.

Percebi que Cláudia não falava tanto do seu passado e, por isso, não insisti. Continuei a entrevista e, durante a nossa conversa sobre bens e serviços de estética corporal, alguns eventos do passado foram aparecendo:

> C: Quando eu era mais jovem eu gostava muito de preto e cinza, o que me escondia, que eu sempre fui muito cheinha, então, assim, achava que meu peito era muito grande, então meio que usava meio que as roupas mais escuras pra poder esconder. Hoje, não, depois que eu fui amadurecendo, meu corpo já mudou completamente, me sinto super bem... super bem, não, me sinto bem. Às vezes tenho aquela coisa de falar "opa, tá na hora de fechar a boca de novo"..mas, assim, me sinto bem. Eu me olho, "pô, que legal!" estou com 39 anos, mas eu tô muito bem, melhor que muita novinha aí, muita novinha ou outras pessoas , eu me sinto bem.
> (…)
> I: Você falou ai agora que antes você usava coisas mais básicas, mais básicas não, cores mais cinzas, pra se esconder, você acha que isso foi mudando quando assim? Com a idade? Como que foi...
> C: Com certeza. Eu vou te falar que isso chegou na minha fase, chegou nos meus trinta anos. Com trinta anos tudo mudou. (…) a cabeça da gente muda. Então, você se sente, na minha fase de trinta anos foi a melhor fase. Tava totalmente segura mesmo comigo. Questão profissional, o que eu queria fazer, pra onde é que eu vou. Então, assim, tudo o que eu, dentro do meu estilo, tudo o que eu comprava e colocava, "beleza, tô legal". Então, assim, você se descobre, acho que cada fase também é diferente, né? Agora eu entrando na fase dos quarenta, com certeza já tem outras ideias na minha cabeça aqui, tipo, pera aí, o que eu curtia antes, não to curtindo mais. Mas em questão de roupa, ainda tem, meu estilo ainda se mantém, nada de mudar totalmente não, pelo menos nessa fase, mas de como eu era, adolescente, passei por essa fase, depois me formei, como mulher, aquela coisa toda, e veio de vinte e poucos... nessa fase estudando, estagiando, procurando alguma coisa pra ver o que eu vou ser profissionalmente. Trinta anos eu falei "agora tá legal" "tô bem" e aí: "tô segura, deixa eu usar esse vermelho leão aqui" mentira, vermelho eu não gosto não (risos), mas tipo meio que um estilo, uma roupa mais "caramba, tô presente" "opa, essa cor tá legal" "opa, esse sapatinho tá bonitinho" meu cabelo a mesma coisa, acordo, mas é que eu sempre quis ter o cabelo grande, mas fora isso. Foi nos trinta mesmo que eu comecei a me sentir mais segura. Hoje me sinto também, só que é diferente. Seu corpo muda, muita coisa trava. A minha luta hoje é com alimentação, que eu sempre fui muito básica, só que o básico às vezes não dá pra ficar se mantendo, eu tenho que fazer uma salada. (…) Cada fase tem uns negócios diferentes, umas questões diferentes. Então, nos meus vinte, eu tava estudando ali, comecei uma faculdade, não, não é isso que eu quero, fui fazer outra, comecei com administração, aí fiz um ano de administração e falei "ai, mãe não é

> pra mim". Aí fiquei mais um ano sem estudar, pra tentar, só trabalhando, eu já trabalhava... "vou fazer Educação Física" comecei.

Pela narrativa de Cláudia, é possível resumir que, no seu entendimento, ela não é uma consumidora assídua de bens e serviços ligados à estética corporal, e que se considera uma pessoa "básica". Na infância e adolescência, Cláudia se incomodava com o cabelo por não ter "forma", e por desejar um cabelo comprido, por isso, fez o relaxamento e depois passou para a selagem. Outro ponto destacado por Cláudia foram as cores de suas roupas, pois, de acordo com ela, quando mais jovem só usava preto e cinza por se achar "cheinha" e por achar seu peito grande demais. Diferente de hoje, em que ela se sente bem, a despeito de relatar certa preocupação quanto às mudanças corporais decorrente da idade. Segundo Cláudia, o seu melhor momento foi aos trinta anos, quando ela passou a se sentir melhor consigo mesma e isso refletiu em seu consumo, uma vez que passou a usar roupas mais coloridas, que chamam a atenção. Esse estilo que Cláudia chama de "básico" vem, segundo ela, de sua mãe, porque esta nunca mostrou tanta preocupação em seguir certos padrões. Mesmo com críticas por parte das irmãs, Cláudia explica que sua mãe sempre usou roupas que gostava e a deixavam confortável e que nunca usou muita maquiagem, apenas o batom, que passa para ir a qualquer lugar. Além do batom, sua mãe hoje pinta os cabelos por estarem brancos.

Atualmente, o consumo de Cláudia está mais voltado para a beleza e perpassa pelos serviços de selagem no cabelo, fazer as unhas, que às vezes são feitas em casa e outras no salão, pelas roupas e pela alimentação. Na entrevista conversamos um pouco sobre essa rotina:

> C: Eu faço unha em casa, mas se eu tô com uma graninha sobrando, lógico que nunca vai tá sobrando, mas, se não vai me fazer falta, "hoje eu tô com uma preguiça de fazer em casa", eu vou no salão e vou fazer. Pé, mão, ou só a mão ou só o pé. Pé pra mim é tranquilo demais fazer, que meu pé se deixar eu faço de um em um mês, é bem tranquilo e a mão eu faço em casa, a minha mão eu faço mais porque fico movimentando o tempo todo, mexe com água, dona de casa não tem jeito, mas, tipo, tem coisa que você vai precisar fazer, o cabelo também, o cabelo não tem jeito, se ficar em casa não é a mesma coisa, não adianta.
> (...)
> C: (…) Aí hoje eu faço, graças a Deus inventaram a selagem, que pra mim é bem mais prático, tipo, eu faço, eu fico, daqui a, eu suo muito, infelizmente eu tenho que fazer de três em três, mas, se dependesse, eu faria bem depois, mas não faço nada no meu cabelo, foi um produto que se deu bem com meu cabelo, meu cabelo desenvolve bem, fica brilhoso, não precisa ficar hidratando, eu não hidrato meu cabelo, não hidrato, até porque eu já falei que não tenho paciência pra isso. Então, quando eu fiz, eu falei "caraca, que produto é esse?" e aí fiz com uma, já fiz com uma pessoa, depois fiz com outra, aí eles vão mudando muito de produto... Isso é que é "uó", mas, tipo, é um produto que ela manteve e eu falava "não, eu gosto desse não, eu gosto daquele outro roxinho" meu cabelo dura mais, fica melhor. Então, é

> onde ela sempre compra com o revendedor, representante sei lá, o representante dela. Então, não largo ela também não. A não ser que ela fale, “Cláudia, eu vou pra Guarapari”, não vou pra Guarapari fazer meu cabelo, mas é uma coisa que eu adorei. Não tem que ficar lavando, lavo meu cabelo segunda, quarta e sexta e já tá tranquilo, não tenho que mexer com mais nada, por isso que eu gostei, praticidade. Eu sou uma pessoa prática e objetiva com as minhas coisas, então “ah, vou pra lá não sei o que” roupa (som com a boca) roupa, então, comigo, passei na loja de, não tem necessidade de ficar comprando, passei na loja, vi uma coisa que achei legal, lembrei, “to precisando” , eu chego na loja, eu olho, “não, não vou levar agora não”, eu sou muito assim. Não esquento muito a cabeça com isso.
> I: No seu dia a dia você, na rotina, quanto tempo mais ou menos você gasta? Com isso, com seu corpo.
> C: Agora que tô assim voltando a treinar devargazinho, que tinha me dado uma inflamação no punho e no ombro, mas eu sempre fui muito de coletivo, então assim, de eu ir pra uma academia, por mais que eu sou formada, ir pra uma academia e treinar, eu não tenho muita paciência pra isso. Eu sou mais de ensinar, eu gosto disso, mas de fazer mesmo. Hoje, o que eu gasto, por dia é pouquíssimo. Tenho gastado muito com alimentação, melhorei bastante minha alimentação.

Ainda fiquei um tempo conversando com Cláudia por *WhatsApp*, tendo em vista que foi o jeito mais fácil para conversarmos devido à sua rotina movimentada de trabalho. Cláudia me disse que não existe nenhum procedimento relacionado à estética corporal que ela gostaria de fazer fora dos que já faz e ela respondeu que não. Perguntei a ela se, além do cabelo, havia feito alguma outra mudança em seu corpo e a resposta foi negativa. Nesse momento, eu já havia conversado com Ana sobre a tatuagem e aproveitei para perguntar para Cláudia, pois reparei que ela tinha algumas.

> I: Além da mudança no cabelo, existe alguma outra realizada em seu corpo?
> C: Não.
> I: Eu observei que você tem tatuagem. Certo?
> C: Sim. Ah tá. Seria isso?
> I: Então...o que a tatuagem significa pra você?
> C: Gosto muito.
> I: Por que você fez?
> C: Cada uma tem história. Desde a primeira. Não faço por fazer.
> I: Você poderia me contar um pouco dessas histórias?
> C: A primeira é um sol. Gosto de sol, verão e tinha na época figurinhas de chiclete tattoo. Guardei até ter o dinheiro. Outra ganhei. Cavalo marinho. Escolhi por causa do mar. Coragem no braço. Fase tempestade que passei. Filtro dos sonhos na panturrilha. Sou um pouco mística. E meus cachorros. Amo! E ainda vou fazer minha mãe.
> I: Ah sim... sua mãe é tranquila com suas tattoos?
> C: Percebeu que eu não mudei e ninguém muda por isso.
> I: Pelo visto o interesse vem desde cedo por tatto ne? Você lembra com quantos anos mais ou menos começou esse desejo?
> C: Não lembro, mas foi cedo.
> I: O que você achava sobre tatuagem? Legal, bonito.... o que te despertou essa atenção?
> C: Bonito.
> I: Com quantos anos fez a primeira?

> C: Acho que 18 ou 19.
> I: E aí você juntou o seu dinheiro e fez... você tentou fazer antes? Tipo, pedir para seus pais ou estava determinada a fazer por conta própria?
> C: Conta própria. Dinheiro do lanche da escola. Na verdade, não foi 18. Foi com 16.

Figura 13 – Exemplo de antigas tatuagens de chiclete

Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-744160037-zazuage-bol-lote-c7-tatuagens-no-usadas-vinham-em-chiclete-_JM>. Acesso em 14 jan. 2020.

Figura 14 – Exemplo de como eram as antigas tatuagens de chiclete

Disponível em: <https://blog.tattoo2me.com/mais-de-30-memes-sobre-tatuagem-para-voc%C3%AA-compartilhar-9d92259549f0>. Acesso em 14 jan. 2020.

Eu também me lembro bem das tatuagens que vinham em chicletes. Sempre amei e esse interesse me acompanhou, até o dia em que, de tanto pedir à minha mãe, ela me autorizou a fazer. Eu tinha dezesseis anos quando fiz a primeira, depois disso, as outras duas, foram feitas após os dezoito, incluindo uma no braço que fiz no final do ano de 2019. Para mim, assim como para Ana, tatuagem é muito mais uma questão de estética, de composição corporal, do que de significado (o significado também existe, mas não figura como o principal motivo que

nos levam a fazer uma tatuagem). Para Cláudia, tatuagem não é somente algo bonito a ser feito para compor sua estética corporal, mas, é também, uma forma de demarcar aspectos de sua personalidade, uma forma de representar alguns de seus gostos e de lembrar daquilo que ama. O mesmo sentido pode ser encontrado na pesquisa de Miller (2009, p. 35), em que para uma de suas informantes "cada *piercing* representa uma memória" e as tatuagens seus "melhores relacionamentos". Ainda segundo Miller (2009, p. 36), "são as tatuagens que estabelecem as possibilidades completas do inalienável. Elas garantem que as memórias dos melhores relacionamentos nunca poderão ser extraídas". Estes relacionamentos, para Cláudia, incluem seus cachorros e seu mãe (que deseja tatuar). Além disso, as tatuagens representam seus gostos pelo sol, pelo verão, pelo mar; a sua personalidade, retratada em um filtro dos sonhos; e, ainda, uma fase ruim de sua vida.

Bem, minhas conversas com Cláudia haviam encerrado quando, minha amiga, que a conhece e a indicou para minha pesquisa, me falou que ela iria fazer uma tatuagem com o mesmo tatuador que nós também faríamos. Eu, então, a procurei pelo *WhatsApp* e perguntei se poderia acompanha-la no dia do procedimento. Ela me autorizou e falou o dia que estava marcado. Nos dia e horário combinados, nos encontramos no estúdio, localizado na Praia do Canto, em Vitória\ES. Logo o tatuador chegou e abriu a porta para entrarmos. Ficamos quase duas horas conversando na entrada enquanto o tatuador pensava no desenho. Terminado o desenho, subimos para o andar de cima onde se localizam as camas e os materiais. O tatuador forra toda a cama com material plástico e começa a preparar o aparelho. Pega as tintas e as agulhas. Todo esse procedimento é igual ao da tatuagem de Ana, primeiro raspar o local, depois desinfetar, pressionar o molde do desenho na pele para, assim, começar os contornos da tatuagem com o aparelho elétrico e, por fim, colorir ou sombrear.

Durante o procedimento, Cláudia falava da dor que estava sentindo. Eu ficava quieta, só observando, até mesmo porque, sei que existem pessoas que, como eu, não gostam de falar muito em momentos de dor. Em alguns momentos, Cláudia falava um pouco e, dentre os assuntos, ela comentou que gasta seu dinheiro com tatuagem, bebida e comida, que não liga muito para maquiagem ou outros procedimentos. Me perguntou qual seria o objetivo da minha pesquisa e eu expliquei um pouco sobre ela. Cláudia me disse que tem pegado o pó facial de sua mãe e que ainda não comprou um para ela. Ainda durante o procedimento, Cláudia falou sobre as suas tias terem, por muito tempo, pressionado sua mãe para que se arrumasse mais e

hoje uma delas está bem diferente e já não se importa tanto com a aparência. No fim do procedimento, Cláudia disse ter ficado muito satisfeita com o resultado e tirou muitas fotos.

Figura 15 – Foto do dia da tatuagem de Cláudia

Fonte: Autora.

2.5 Tânia

Logo no início da primeira entrevista, Tânia me disse que quase não utiliza nada relacionado a bens e serviços de estética corporal, mas gostaria, faltando-lhe tempo e disposição. Ela acha muito válido esse tipo de consumo e gostaria de caminhar, pedalar, ir com maior frequência ao salão de beleza. Trata-se, portanto, de uma relação boa para Tânia, em especial considerando a saúde e, segundo ela: "[...] a beleza é muito importante, mas nem tanto pela beleza, mais pela saúde". Pedi, então, para me contar um pouco sobre como começou essa relação:

Isadora – E, me fala um pouquinho melhor sobre essa relação. Como começou isso

de você usar, como era na infância, me conta o que você se lembra.
Tânia – Ah, eu me lembro de muita coisa. A minha mãe não é ligada a questões de beleza não, mas a minha avó era e eu achava o maior barato. Ela tinha o pó de arroz, que fala blush hoje, né? A base! Que é a base hoje, e sempre pintou os cabelos, sempre passou um batom, sempre gostou de brincos, colares, então da família a gente tem muito disso, e como eu fui mais criada pela a minha avó do que pela minha mãe eu acabei gostando, né? E um monte de tios que moravam junto que também gostavam né, não é que gostavam tanto, mas é que em algumas ocasiões que sai, ir a igreja num casamento, aí as pessoas davam uma arrumada, se enfeitavam, colocavam brinco, basicamente isso. Até que eu usava mais adornos, mas com a idade já apareceram várias alergias e sensibilidades, a metais por exemplo, então tudo o que é metal hoje eu quase não uso, então eu desnudo de brincos, de anéis.
I – Entendi. Então você gostava de usar esses adornos então?
T – Gostava, gostava muito! Eu usava anéis assim em todos os dedinhos quando era jovenzinha. Usava em dois dedos, três dedos, brinco se pudesse colocava dois em um mesmo furinho, entendeu... antes de usar lente metálica, que usei quase 20 anos, eu botava aquele lápis mais a sombra, eu gostava quando era mais jovem, mas depois foi dando alergia, alergia e intolerância, intolerância, aí eu fui tirando essas coisinhas.
I – Então você é, você teve alergia até a maquiagem pelo visto, pelo o que você está falando, passou a ter alergia?
T – Quanto a maquiagem, eu usava muito, e o mínimo de maquiagem que eu enfiava dentro do meu olho me prejudicava muito a visão, parecia que pegava fogo, e aí devagarzinho eu fui e tirei o lápis (pausa), nos cílios eu nunca usei nada mesmo, sobrancelha eu continuo fazendo, mas, é, metais de qualquer tipo, exceto ouro, ouro eu posso usar, mas não dá (risos), o ouro eu posso usar, mas o medo ninguém usa
I – Então você disse que começou mais pela sua avó, né? Vendo a sua avó...
T – Foi ...a família grande muita gente usava também, minha avó, as tias, as tias incentivavam, ajudavam, maquiavam, deixavam passar um batom, passavam um negocinho vermelhinho, porque naquela época, aquilo que chama de base era tudo coloridinho, a gente ficava com um vermelhinho na face (pausa). Não era base, era rouge... eu acho que chamava rouge, a gente passava no rosto pra colorir mesmo, dava uma feição de saúde (pausa), porque o rosto tem um brilho e só criança que tem a bochecha rosadinha, aí a intenção era que se ficasse a bochecha rosadinha também. Eu acho que era isso. Até hoje as festas juninas o povo coloca a bochecha rosadinha, que era coisa característica lá do interior de onde eu vim.
I – Ah é? Então como era lá no interior? Porque pelo visto tinha muito esse interesse de vocês...
T – Tinha, olha porque a gente morou no interior no ponto mais estratégico que meu avô construiu a igreja em frente a nossa moradia, a fazendinha, então lá era o ponto de encontro dos humildes, de todo mundo que queria ir a igreja. Então a gente via que todo mundo ia arrumadinho para a igreja, colocava o melhor vestido, a melhor sandália havaiana, naquela época você ia de sandália havaiana mesmo porque a caminhada era longa, então as pessoas, não existia usar salto, não tinha como né, vai ficar andando na estrada de chão empoeirada você tem que ou usar sapato fechado ou de havaiana, o que tivesse. E aí nós íamos naquele grande encontro da comunidade lá na porta da nossa casa e todo mundo arrumadinho. Quem tinha batom passava, quem tinha blush passava, entendeu? Brinco, brinco de bolinha, que imitava aqueles... dourado
I – Isso no caso as mulheres, né?
T – As mulheres. Os homens não eram vaidosos não. Os homens iam arrumadinhos de maga comprida, calça comprida e sapato, naquela época lá na minha infância não tinha essa questão dos homens serem vaidosos não.
I – Você passou a perceber isso também por exemplo quando você foi, no caso, ficando mais madura e foi vendo que essa relação continuou com essas pessoas que você via, igual suas tias, continuou isso?
T – É, como a gente sai do interior e vem pra uma cidade um pouco maior, aí que piorou mais, porque lá a gente encontrou gente que não era da roça, na nossa cabeça eles eram muito mais evoluídos que nós, então nunca tinha pisado num salão de

> beleza, acho que cabelo era cortado em casa mesmo, então fui vendo aqui que o negócio lá era mais progredido, mais adiantado, e aí se já tinha, pintou uma tendência a ficar vaidosa, ficou mais né, porque aí viu um público totalmente diferente né, pessoas que... lá não tinha baile na roça, não tinha baile de 15 anos, a gente foi vendo outras coisas e com isso a gente ficava mais interessada em se arrumar.
> I – Aham. Então você acha que aflorou isso?
> T – É, um pouquinho, mas não acho que aflorou muito não porque a família muito grande tem pouco dinheiro, não tem dinheiro, então não dava pra querer produzir todo aquele monte de filho porque não tinha como, então a gente achava até bonito, queria até fazer, mas nem sempre a gente fazia. Ir fazer unha, esse negócio nunca existiu lá na minha adolescência na minha cidade, a gente fazia em casa mesmo, limpava, as vezes pintava também, mas tudo em casa. Basicamente em casa, não tinha esse negócio de como na cidade é mais pessoas, aquela cidade não tinha isso de vou no salão, vou fazer o cabelo, vou fazer um corte especial, não tinha condição, família muito grande de deixar todo mundo no salão, só se fosse pra casar, aí era um motivo justo (risos)
> I – Aí quando alguém casava então fazia?
> T – Aí a pessoa de produzia toda, fazia tudo né, unha, cabelo, sobrancelha, maquiagem, tudo no salão, mas fora isso a pessoa se arrumava em casa mesmo, mas conseguia se arrumar.
> (…)
> I – Você já fez algum procedimento, assim digamos mais invasivos como cirurgias estéticas?
> T – Não, não fiz nenhuma cirurgia estética. Eu que sofri um acidente, fiquei com essa cicatriz, fiz uma cirurgia pra diminuir uma falha que eu tenho aqui, porque eu tinha uma entrada aqui, então largo assim por causa de que perdi todo esse cabelo, num acidente de carro, então o médico diminuiu e ela ficou, se tinha 2 ou 3 centímetros, ela ficou com 1, mas ela existe, está aqui até hoje, e o cabelo tampa, mas nunca fiz uma cirurgia de mama, nunca fiz […].

Figura 16 – Exemplo de rouge

Disponível em: <https://woomagazine.com.br/make-e-asas-maquiagem-e-nostalgia/>. Acesso em 09 jan. 2020.

Também realizei uma segunda entrevista com Tânia, dessa vez na minha casa e não no bar. Preparei um café e conversamos bastante, especialmente sobre questões advindas da primeira

entrevista que busquei aprofundar:

> I: Outra questão que achei interessante é que quando eu perguntei pra você como começou um pouco essa relação com a estética corporal e aí você lembrou de muitas mulheres da sua família. Você falou de tias, avós...
> T: Aham..
> I: Então, pra você a referência vem dessas pessoas, ou você lembra assim de outros lugares, outras pessoas, outros meios que te apresentavam isso, ou foram mais essas pessoas mesmo?
> T: Da família também, por exemplo, tinha, a gente, eu a vida toda tive o cabelo crespo, então eu achava que, eu não ia em salão, o que eu ia fazer em salão? Meu cabelo era crespo, naquela época não tinha os artifícios de hoje, hoje tem, você faz um permanente afro, você relaxa depois enrola, é aquilo que eu sempre fiz, agora que parei de fazer, mas eu ficava apaixonada de ver o pessoal escovar o cabelo no salão, eu achava mó barato, mas pra isso tinha que ter o cabelo liso, meu cabelo não era liso. Então as minhas opções há trinta, quarenta anos atrás eram pouquíssimas, era alisar. Apesar de, lá, quando adolescente, eu podia achar interessante alisar, hoje eu não acho mais, eu gosto do meu cabelo cacheado mesmo. Mas, a referência tinha muito na minha família porque o pessoal lá em casa não tinha condições de ficar indo, por exemplo, em salão sempre, era só muito, uma vez no ano, então, a gente colocava bobs uma na outra, entendeu? Quem tinha o cabelo mais liso fazia touca, antigamente usava fazer uma touca...
> I: Sei
> T: Isso fazia o cabelo ficar liso. Quem tinha o cabelo ondulado aí conseguia que ele ficava liso e quem colocava bobs conseguia que ele ficava armadinho assim, arrumadinho, como se tivesse sido escovado, a função da escova. Até hoje é usado bobs mas pra outros artifícios. Eles colocam uns bobs grandes, antigamente os bobs eram pequeninhos, era tudo diferente, bota na touca, naquele negócio pra depois sair uns cachos diferentes, eles ainda usam bobs. Mas eu via muito isso, o pessoal tentando manter o cabelo bonito, fazer unha, tinha tia que, inclusive, sabia fazer muito bem, mas não fazia fora, fazia só a dela e alguém de casa assim. E minha avó também, foi uma referência muito grande, que ela era vaidosa. Minha avó gostava de usar um pozinho de arroz no rosto, porque naquela época era isso que tinha ne? Duas coisas que eu me lembro do pó de arroz que deixava marrom assim a face ou tinha os pós de arroz mais vermelhinhos que o pessoal vivia com a face rosadinha, era o pó de arroz e batom, sempre batom, sempre essa, e os batons, e perfume, esses três itens sempre tinha. E bijuterias também, que naquela época o mais simples que tinha não era bijuteria era ouro mesmo, eu via minha avó usando brincos de ouro, achava bonito, aquelas bolas de ouro (...). Então, como a minha avó foi quem me criou, então eu via muito ela que falava "tem que sair bonita" "tem que arrumar". Ela deixava a gente usar o pó de arroz de vez em quando, não era sempre, mas, e se não deixasse a gente ia lá escondido e passava também. Então sempre teve essas coisas, roupinha de ir na cidade, naquela época comprava tecido pra mandar fazer na costureira, então ela tinha muito isso também, roupa nova no aniversário, então a gente foi sabendo, roupa nova no dia de domingo, que era o dia da igreja, então essas coisinhas. E a minha mãe também, a minha mãe não ficou tão próxima quando a gente era criança mas... e a minha mãe por ser muito ligada à igreja nunca foi ligada a pinturas assim, a fazer maquiagem, isso não, nunca, a minha mãe não, só questão de higiene e limpeza mesmo, a minha mãe é uma pessoa que nunca pintou o cabelo na vida, então ela não é minha referência pra isso não porque, por ser evangélica ela nunca passou, se passou batom foi quando era muito jovem, nunca gostou de perfume, nunca gostou de, eu acho que o único anel que ela usou foi aliança. Então, ela não é onde eu me espelhei pra gostar de... talvez por isso até que eu não use tanto, porque eu sei que vou incomodá-la se eu usar, entendeu?
> I: Ah é?
> T: Sim. Se eu chegar lá toda "emperequetada" (palavra usada para designar uma pessoa que utiliza muita maquiagem, adornos, etc.), cabelo pintado de vermelho,

batom vermelhaço, brinco, colar, isso incomoda a minha mãe. Então eu, como não tenho...
I: Você acha que é por religião? É isso?
T: Por conta da religião, é porque ela é evangélica, e não usa nada disso. E mesmo quando ela não era religiosa, ela já tinha restrições a perfume, já tinha, ela sempre teve intolerância assim com os perfumes fortes ne? E quando criança, o que existia era perfume forte, Alfazema. Tem até hoje uns vidros aí que a Avon manteve, no mesmo design. Então, os perfumes eram, hoje, a gente chama até de fedorentos, era forte. Então, ela nunca agradou desse cheiro forte, ela foi fazendo as escolhas dela, ah, não vou usar, não vou usar. Depois é que ela se tornou evangélica, ela era católica, muitos anos depois ela se tornou evangélica, muitos anos assim, ela já devia ter mais de trinta quando ela, talvez, eu não sei a idade certa. Então ela nunca foi ligada a essas coisas de muito perfume, muita pintura, de chegar com batom vermelhaço, a cara pintada, os olhos coloridos, não, ela não gosta.
I: Mas por que você acha que incomoda, ela já chegou a falar? Ou você vê que incomoda?
T: Ela não gosta por conta da religião.
I: Mas ela já falou com você alguma coisa? De você chegar assim de determinada pintura...
T: Ah sim. Ela fala, ela só não fala porque eu evito, mas ela fala, ela fala dos outros, ela vê "Nossa! Como aquela pessoa... ela tá com os rosto até diferente de tanta pintura que passou". A pessoa que coloca aquela sobrancelha que fica gigante, como chama? Cílios. A minha tia quando, a irmã dela quando se formou, fez uma produção dessa, botou aqueles cílios, ela "nossa, ficou horrível, não gostei" "não gostei" (risos). Eu vou te mostrar a foto, "não gostei, ficou feia a foto dela". E a foto que tá no WhatsApp é a foto da formatura dela (mostrando a foto).
T: Essa é minha tia, mais nova, é que ela tem um total, foram treze irmãos. Um morreu bebezinho, doze. E somente um faleceu, morreu um tio. Então, ainda continuam 11 irmãos. Tá vendo, ó?
I: Toda maquiada, né?
T: Beeem maquiada, aí ela falou "nossa, horrível, não gostei, não gostei da foto" porque ela tá maquiada. E na concepção dela a pintura, o excesso de vaidade não é coisa de Deus, né? Mas é porque ela é uma evangélica bem das antigas assim. Que hoje em dia tem pessoas que vão na igreja da mesma igreja que a minha mãe, mas têm outro tipo de comportamento (...). Mas aí, então, ela nunca foi de pintura, muito discreta, se teve eu não consigo nem lembrar, se teve foi tão pouco que não consigo lembrar. Aí talvez alguma coisa inconscientemente, apesar de ter gostado muito de ver minha avó se arrumando e ter copiado muita coisa dela, mas o fato de respeitar o fato de a minha mãe não gostar, a gente opta em não exagerar. Por exemplo, eu gosto assim mesmo, simples, quando a gente é jovem, a gente tenta tudo, eu tentei passar aquele lápis preto no olho, não deu certo, me deu uma alergia, me deu uma confusão danada, desisti. Logo em seguida passei a usar lente, usei lente de contato uns 25 anos, então eu jamais podia pintar o olho, porque a lente irritava que pegava fogo, então, com isso, eu também tirei o lápis preto. Hoje, às vezes, eu passo um lápis preto aqui pra tingir os cabelos brancos (apontando para a sobrancelha). Ainda quero ir lá e pintar ela, mas ainda não...eu só limpo assim, mas ainda quero criar coragem de pintar que quando eu vejo também a sobrancelha feita artificialmente eu acho esquisito, eu ainda não achei legal. É muito difícil você achar uma pessoa e falar "nó, ficou perfeito!", é muito difícil, aí eu fico com receio (...).
I: Eu fiquei curiosa também agora que você falou ai a questão do cabelo... mas você chegou, você falou que fazia touca ne?
T: Não, eu não. Eu via as outras fazendo. Na minha família, essas irmãs como eu fui criada com as irmãs da minha mãe, né? Que a minha mãe ficou viúva eu tinha menos, não quando minha mãe ficou viúva eu tava na barriga dela. Ela quando ela optou ir pra São Paulo trabalhar pra sustentar os filhos eu não tinha dois anos. Então eu fui criada com a família da minha avó que são as irmãs dela, que tinham o cabelo não tão crespo como o meu. Então, elas tinham esses cuidados de fazer a touca, de botar o bobs, agora nós não, eu sempre tive o cabelo crespinho, pituquinha, a gente fazia pituquinha, minha avó fazia isso e eu, agora tá na moda, se vê gente de

> pituquinha, que é aquele coquinho, sabe o que é pituca?
> I: Hum..não
> T: É quando você pega um pouquinho assim, maior, enrola e faz uma...
> I: Ah tá, sei sei...
> T: Aí lá na roça chamava pituquinha, pituca, fazer uma pituca é quando você amarra o cabelo e faz um coque. Um coque, quando é um coque é coque mesmo, mas quando você faz vários, são várias pitucas. Então, a minha avó pegava um tanto, que o meu cabelo vai, pegava um tanto aqui, penteava, aí pegava enrolava, enrolava, botava um grampo, aí fazia vinte, entendeu? Hoje tá na moda e eu acho uma graça, acho uma gracinha. Mas nós, no meu cabelo não dava pra fazer o que as outras faziam, o máximo que a gente tentava, pra ver se ele esticava, porque naquela ocasião, eu cresci entendendo que cabelo bom era cabelo liso, então eu fazia de tudo pro meu cabelo ficar liso, então pegava o bobs, aí você vai e coloca o bobs, no que ele fica esticado ali horas, depois, quando você tira o bobs ele fica armadinho, esticado, mais ou menos esticado, né? Não fica liso não, mas lavou (barulho com a boca) aí enrola tudo de novo, pegou uma aguinha aí enrola tudo de novo. Então, no nosso cabelo não tinha solução, o meu cabelo sempre foi tratado baixinho como cabelo de homem. Depois é que eu vim deixar ele crescer, que aí surgiram outras alternativas que eu não conhecia, o salão que eu gosto de ir hoje (...). Mas quando eu vou fazer o que eu gosto, que é o permanente afro, aí eu tenho uma pessoa específica que faz em Bairro de Fátima. Que é uma pessoa excelente, ela é instrutora no SENAC nesses assuntos de cabelo, então ela é fera, entendeu?

Figura 17 – Colônia Seiva de Alfazema

Disponível em: <http://artificiofeminino.com.br/blog/produtos-de-beleza-antigos-que-deixaram-saudades/>. Acesso em 09 jan. 2020.

Continuando a entrevista, Tânia me contou mais coisas sobre seu passado:

> I: Outra coisa que eu achei muito interessante que você comentou, vocês mudaram de uma cidade um pouco menor pra uma maior ne? E ai você falou que vocês viam muito as outras pessoas... fazendo salão. E quem tinha tendência à vaidade foi ficando mais, mas nem tanto por falta de dinheiro. Você lembra de algo, assim, algum episódio, vem na sua mente (...) se a sua família, suas tias, que você falou que eram mais vaidosas e que mudaram e viram essas outras pessoas... chegar a ficar chateada ou ter alguma questão em relação a isso? Não ter condição de estar fazendo o que as pessoas lá faziam? Você lembra de algum episódio?
> T: Ah, naquela época o *bullying* era muito grande. Você fez eu lembrar de algo que eu não tinha lembrado. Eu, por muito tempo, logo que eu cheguei em Tarumirim, eu saí da roça... não havia nenhum tipo de discriminação lá na roça. Aí saí da roça com

dez anos e fomos pra cidade, e pegamos aquela cidadezinha pequena com aquele monte de meninas bonitinhas de cabelo liso, tinha baile de debutantes, a gente não tinha o costume de nada daquilo. Eu, por muito tempo, usei lenço, eu usava lenço que o pessoal falava do meu cabelo de pico, falavam do meu cabelo. Eu, por muito tempo, usei lenço como os velhos usam, lenço mesmo. O lenço, naquela época, hoje pode ser enfeite, o lenço naquela época era pra tampar mesmo, tipo assim, era considerado um adorno bonito, pessoas de idade usavam, mas é porque naquela época não tinha acesso às coisas que têm, os shampoos que têm, os cremes que têm, então, eles até arrumavam o cabelo, mas depois botava o lenço e quando eu cheguei à Tarumirim, agora eu lembrei disso, eu usei lenço um tempo que eu ficava muito incomodada com o meu cabelo, depois usei boné, usei boné, porque o meu cabelo era, era um típico cabelo masculino, crespinho e baixinho... mas aí depois, eu tinha um primo que implicava de eu ficar colocando lenço, ele implicava, vivia fazendo brincadeira "por que que eu tô usando lenço" eu usava pra tampar o cabelo, meu cabelo era redondinho igual cabelo de homem, eu pesava quarenta quilos, eu parecia um molequinho de rua mesmo, parecia um menino, então usei lenço um tempo, depois usei boné, até que um dia eu tirei. Não sei o que me motivou a tirar também o lenço, não sei, tirei e aí assumi e aí pronto. Isso foi logo que eu cheguei em Tarumirim, justamente porque as pessoas eram todas meninas "dondoquinhas", tudo filhinha de papai. Naquela época, quem tinha uma loja de tecido era rico, naquela época, há quarenta anos atrás, imagina! Hoje você tropeça em loja de confecções a preço de dez, vinte reais... naquela época não, era caro você comprar um corte de tecido pra mandar pra costureira fazer. Então, as filhas desses comerciantes tinham um poder né, um status muito maior que nós que viemos da roça, nós tínhamos um nome mas nós não tínhamos dinheiro, nem loja, só tinha nome de família mesmo assim. Então... eu não sei em que momento que eu criei coragem pra tirar o lenço, teve uma vez que o meu primo ficou aborrecido com aquele lenço de eu ficar usando aquele lenço, tirou o meu lenço, eu até chorei, porque eu tinha vergonha, o pessoal falava do meu cabelo. Eu vim assumir meu cabelo curto sem trauma mesmo, depois eu assumi também e pronto, esqueci daquilo, saiu da minha mente assim, foi uma fase ruim, esqueci tanto esqueci que não comentei da outra vez, foi uma fase ruim, passou, aí assumi o cabelo curto. Depois eu tentei alisar que eu tinha um vizinho que era metido a cabeleireiro, ele realmente se tornou cabeleireiro lá nos EUA, ele pá, e passava, o que inventava de passar no meu cabelo a gente passava, "vamos passar um alisante", ele passava, vamos, ele sabia escovar, autodidata, ele sabia fazer o negócio tudo, e ele era nosso vizinho (...) mas aí a gente servia de cobaia (risos).

I: Mas isso lá em Tarumirim ou aqui?

T: Isso em Tarumirim. Aí ele ia "vou fazer o seu cabelo", ia lá escovava, isso a gente já não tinha mais dez anos, a gente já tinha mudado, já tinha mudado de casa, já tinha melhorado o status, o pessoal já conhecia mais a gente... e a gente passou a morar nessa casa que era perto desse pessoal, e ele era muito amigo e tal, aí ele tentava, então eu já tive uma época que quis alisar o cabelo sim, quando tinha menos que quinze, então talvez, ou nessa fase, antes dos dezesseis, dezessete. Depois fui deixando natural, fui deixando natural, pronto, assumi ele natural, ficou um tempão, depois eu vim pra Vitória/Es, depois que eu comecei a tentar relaxar meu cabelo, queria que ele tivesse um caimento, não ficasse redondinho igual de homem, né? (...) eu prefiro ele assim mais cheinho, ele tá mais baixo do que eu gostaria, mas não me incomoda tanto, agora na minha idade já aprendi a aceitar também ne, não tem como assim resolver o problema, ele sempre vai crescer crespo e eu vou ter que dar um jeito nele, não vai ter jeito. Mas, enfim, não tenho trauma, mesmo que eu cortar meu cabelo hoje do formato que ele era quando eu tinha, que era o formato cabelo homenzinho, não me atrapalha mais, a gente aprende a se assumir.

I: É um aprendizado, né?

T: É... mas, assim, se alguém da família teve algum trauma assim eu acho que fui eu mesma que tive com esse negócio de amarrar o cabelo com lenço. Eu fiz isso não sei dizer quanto tempo, um mês, dois meses, três meses, eu fiz um bom tempo. Depois que eu consegui tirar o lenço eu ainda andei de boné um tempo pra depois conseguir tirar. Nem sei quem me incentivou, como eu consegui, eu acho que foi sozinha, que eu não lembro de ninguém conversando comigo. Não tinha esse negócio não, família

> grande não tinha esse negócio de ter uma pessoa pra ficar lá batendo papo com você não, se vira sozinha, família grande é assim. Então não tem assim, "ah tinha uma pessoa lá em casa", tinha não, cada um pegava os seus probleminhas e devagarzinho eles iam sumindo, saindo, nem sei quando é que eu assumi os cabelos curtos sem ficar traumatizada com a, mas, enfim, era besteira, a gente era muito jovem, era muito influenciada... ficava assim "nossa, Fulano tem o cabelo tal" e a gente tem esse cabelo de pico aqui, sempre tinha, naquela época o pessoal fazia maldade.
> I: Mas essas pessoas, no caso, os filhos que você falou aí, as filhas, eram mais, você lembra quem mais falavam assim, se eram meninas ou meninos?
> T: As meninas. As meninas que implicavam com as meninas
> I: E essas meninas eram, você lembra, elas eram brancas?
> T: Mais brancas, a maioria...
> I: As que eram ricas...
> T: É, eu acho que quase todas eram brancas. Mas a gente achava até... parecia até que na cidade não tinha gente negra, até parece, né? Eles implicavam não só, também, devem ter falado alguma coisa de cor, porque antigamente, ninguém, se acontecesse dentro da sala de aula, o professor nem tinha noção que tinha que corrigir aquilo, tinha que ser uma pessoa muito iluminada pra ter noção de que deveria criticar se alguém falasse "negrinha", naquela época era *bullying* hoje a gente trata negros como uma raça de pessoas, mulatas de várias cores, que nós podemos chamar de negros, a nossa cor é preta mas pode usar a palavra negra pra definir diversos tons de negros que existem, mas, naquela época o pessoal falava "negrinho", "crioulinho", entendeu? Tinha muito dessas coisas, "crioulo", "negro", "preto", "pretinho", "serviço de preto", olha, como usava isso, quando fazia uma coisa errada "ih, ó, serviço de preto", serviço mal feito, então tinha muito, as pessoas da escola, assim, eu acho que mais, eles viviam de cochichos, havia muita coisa negativa, ainda hoje existe, né? Imagina quarenta anos atrás? Sem chance. As pessoas não tinham e aí a gente foi passando e superando isso aí devagarzinho sem ver, sem assim, não tinha uma pessoa, não existia um psicólogo na escola, não existia, não tinha. Mas só disso que eu lembro, que você falou, depois de tanto falar do cabelo, eu lembrei da história do cabelo.

Nessa parte da entrevista, observei pontos interessantes que tocam na questão do método. Primeiro, diz respeito ao fato de como uma entrevista sobre o consumo dentro do "curso de ação" (BERTAUX, 2014) de um indivíduo pode revelar informações não apenas quanto aos aspectos atinentes àquele tipo de consumo, mas, também, outras que não eram o foco inicial, especialmente quando realizada mais de uma entrevista, possibilitando à pessoa recordar ainda mais eventos do seu passado. Em segundo lugar, abordar o consumo dentro do curso de ação permite uma abertura para que as pessoas narrem fatos e eventos de sua vida, mesmo que não diretamente relacionados ao consumo, como foi o caso de Tânia, que foi revelando aspectos de sua vida sem eu ter perguntado diretamente, como sua mudança do interior para a cidade, o fato de ter sido criada pela avó, uma vez que a mãe teve que ir para São Paulo trabalhar. Tudo isso faz parte da história de vida do indivíduo que ele narra no momento em que se lembra de bens e serviços do passado.

Ainda na segunda entrevista, perguntei sobre um ponto que chamou a minha atenção na anterior, e tivemos um diálogo em que Tânia narrou aspetos do passado ao mesmo tempo que

tratou do presente:

I: Uma outra questão, é a última, que achei interessante, que você falou que você gostava de usar salto, não todo dia, mas gostava, aí depois teve uma fratura no pé e você teve que diminuir. O que que você gosta no salto?
T: Ah eu acho que o salto deixa a gente mais elegante, né? Oh, tem roupa que pede um salto, uma pantalona, uma calça de boca mais larga, pede um salto. Uma saia longa, pede um salto. Se eu usar uma saia longa e sapato baixo fica aquele negócio arrastando no chão, fica aquele trem todo esquisito, então eu não uso, eu falo assim (risos) eu até tenho vestido que vai até embaixo assim, mas eu não me acho nem com corpo para usá-lo nem tenho. Tem roupas que pede um salto alto, faz uma diferença enorme. Agora, estando você de jeans que é o que eu acabo usando, calça seja jeans ou não, calça, você pode estar tanto de salto, tanto de bota, tanto de calçado baixinho que vai ficar bem, você pode usar um salto ou não, uma sapatilha baixa ou não, uma "Anabela" ou não, tudo cai bem com a calça, então acabo... mas eu parei de usar por isso, assim, porque o meu ossinho aqui fica doendo, mas eu acho chique demais o salto, acho bonito, quem pode usar bota então, acho lindo bota de salto. Eu quando uso bota, bota sem salto. Quando criança, eu lembro da minha tia ela gostava de usar bota aí a gente vivia enfiando os pés naquelas botas, ia andando pela casa pra treinar (risos).
I: Ah é? Vocês treinavam? Me conta...
T: Treinava. Salto fino, a gente ficava lá equilibrando, "vamos andar" (risos). Essa tia que eu te mostrei a foto. Era ela que tinha as botas, biquinho fininho, salto fininho e nós... ficava dentro de casa treinando, mas nunca fui de usar botar de salto.
I: Treinou muito? Caiu muito?
T: Treinei bastante, andava tudo torto, lá vai eu e a (uma pessoa da família), fazia, também minha irmã, mas nunca tive e depois de grande passei a não gostar tanto de salto fino, apesar que eu acho um luxo o bico fino. Meu pé é largo, então nunca deu certo, eu queria usar mas meu pé é largo, meu pé é largão, meu pé não é de sapato de bico fino, mas eu achava um luxo, acho até hoje, uma mulher bem arrumada com um sapato de bico fino, acho muito bonito, só não, pra mim não dá muito bem, não pode ser tão fininho, né? E hoje então, eu nunca consegui equilibrar bem em saltos fininhos...
I: Então você acha que tem uma relação bastante ali com mulher? O salto.
T: É... acho lindo. Agora, salto fino então, eu nunca fui de usar, quando usava salto, o salto não era fino, eu procurava um salto que tivesse uma boa plataforma que eu nunca fui delicadinha pra andar, nunca fui graciosa, isso aí eu nunca fui não...
I: Graciosa?
T: É... essas pessoas delicadinhas, graciosinhas, não. Nunca fui. Sempre fui de andar rápido, às vezes de correr pra pegar um ônibus e tal, então, nunca me dei muito bem com essa delicadeza, as pessoas saem do carro toda delicada, de salto fino, têm seu próprio carro.. a gente não, não acostumou com isso ne? Normalmente se for usar um salto fino, a gente que anda rapidamente, estaria quebrando ou estragando tudo que a gente que anda à pé é diferente de quem anda de carro. Quem anda de carro o sapato vai durar muito mais, não vai ficar tomando chuva pela rua, quantas vezes a gente molha o calçado na rua? Então essas diferenças assim. Tem gente que é mais delicada mesmo, na estrutura corporal mesmo, no jeito de andar, anda com mais delicadeza, com mais assim charme. Eu essas coisas nunca tive, de andar, entendeu? Nunca tive. E eu se for pra usar um salto, mesmo quando mais jovem, mesmo antes de quebrar o pé, eu sempre usava um salto com uma boa base de plataforma, um salto não fino, não fino, nunca tive equilíbrio pra ficar em cima daquilo, agora, eu acho muito bonito, eu acho lindo. Mas, não é pra todo mundo, né? (risos)
I: Você acha que não é pra todo mundo?
T: Não é pra todo mundo. Uma pessoa que tem um pezão largo igual o meu como é que vai usar um sapato daquele? Não tem jeito, a gente tem que se conformar (risos).
I: Então...você falou pessoas, você está se referindo a um sexo específico? Ta falando das mulheres?

> T: É. To falando só das mulheres mesmo, só das mulheres. Tem pessoas que ficam melhor numa roupa e às vezes por mais que a gente queira, às vezes não fica tão bem naquela roupa. É igual vestido longo, tem umas mulheres que usam um vestido longo bonito, sai pela rua assim... agora, se uma pessoa, infelizmente, eu não to tão obesa, mas eu to gordinha, já não fica no vestido longo, eu sou muito crítica com isso e tem gente que é muito, que tá com cem quilos ou mais e quer botar o vestido longo, então aí, eu acho, eu se tivesse chance falaria pra pessoa "não ficou legal", a gente que é gordinha tem que ficar no joelho no máximo, porque ai alonga mais a silhueta, enquanto vestido longo faz você ficar reta, de cima embaixo, e eu acho lindo (...) Enfim, assim, eu sou mais uma roupa bem básica, que me vista bem, que eu fique confortável,

Achei interessante a narrativa de Tânia sobre o fato de que ela e outras mulheres de sua família treinavam para andar de salto alto e como ela vislumbra essa relação entre o andar de mulheres que ela chama de "graciosas" "delicadas" e o seu, que segundo ela, é um andar rápido, não combinando, portanto, com o salto fino. Essa percepção de Tânia quanto ao nosso modo de andar traz à tona uma reflexão interessante sobre um aspecto corporal: a maneira de andar é, normalmente, entendida pelas pessoas como um ato natural, realizado automaticamente sem que tenhamos aprendido.

Contudo, o modo de andar é citado por Marcel Mauss como uma das técnicas corporais, pois, existe uma "educação do andar" (2003, p. 404). Segundo Mauss (2003, p. 407), o "corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem" e as "técnicas do corpo" são as maneiras pelas quais os seres humanos, de sociedade a sociedade e ao longo dos tempos pela tradição, aprenderam a se servirem de seus corpos. Para se configurar enquanto técnica, um ato precisa ser tradicional e eficaz, isto é, deve ser passível de transmissão entre as pessoas e eficaz em decorrência de ser realizado de maneira tão habitual que passa a não ser sentido enquanto técnica aprendida, mas, sim, como um ato de ordem física ou mecânica, sendo este seu objetivo. Citando várias maneiras de andar em diferentes sociedades, o autor deduz que talvez não exista um modo natural no andar do adulto, mas, sim, formas adquiridas (MAUSS, 2003, pp. 404-405).

Para Mauss (2003), as técnicas do corpo devem ser entendidas sob o ponto de vista do que ele chama por "homem total", pois a arte na utilização do corpo perpassa, primeiro, pela imitação de atos que vêm de fora (transmitidos por gerações numa determinada sociedade), aqui considerados até mesmo aqueles relativos ao biológico, passando o indivíduo a assimilar os movimentos daquele ato para reproduzi-lo posteriormente. Deste modo, Mauss (2003, p. 420)

destaca sobre as técnicas: “O que sobressai nitidamente delas é que em toda parte nos encontramos diante de montagens fisio-psico-sociológicas de séries de atos”.

Pensando na relação entre as técnicas do corpo de Mauss (2003) e a visão de Tânia sobre a maneira de andar, vislumbro que a aprendizagem das técnicas corporais pode ser potencializada através do consumo, uma vez que, para ela, existe um jeito de andar que cabe somente a certas mulheres, particularmente aquelas que têm uma condição financeira melhor e podem usufruir de um carro, por exemplo, e é justamente um bem de consumo, o salto alto, capaz de propiciar a efetiva realização da técnica do andar diferente entre elas.

A meu ver, se o andar já é uma técnica, andar de salto alto é uma técnica corporal ainda mais peculiar. Lembro perfeitamente quando ganhei da minha tia uma sandália com um salto considerável que eu mesma escolhi sem ter a mínima noção do que me esperava, pois haveria alguma festa e eu, por ser uma menina no começo da adolescência (por volta dos doze ou treze anos), “precisava” daquele tipo de calçado. Minha tia comprou a sandália e, quando fui calçar em casa, não consegui me equilibrar, ficando com muita vergonha, já que estava na frente dela e não sabia usar o sapato que eu mesma havia escolhido. Na minha cabeça, eu conseguiria usar o salto imediatamente e hoje, rememorando o episódio, entendo o motivo pelo qual pensei assim: simplesmente por ser uma menina. Pelo fato de ter convivido com mulheres que utilizavam salto com frequência, aquilo me pareceu natural a todas e, portanto, eu deveria saber também. Mas, não se tratava de um conhecimento inato e eu tive que aprender com a minha tia a técnica de andar com aquele salto, caindo diversas vezes até conseguir, enfim, me equilibrar.

Vimos, então, alguns aspectos da narrativa de vida de Tânia com foco no passado. Com relação ao seu atual consumo de bens e serviços de estética corporal, é possível notar a relação do seu consumo passado com o presente, embora existam diferenças, em especial concernentes a situações que a fizeram desistir ou alterar certas práticas de consumo devido a problemas fora de seu alcance, como alergia e lesão no tornozelo. Na primeira entrevista, Tânia me contou sobre o seu atual consumo de bens e serviços de estética corporal:

> I – E mais o que que você faz? Você gosta de alguma coisa de cabelo, creme...
> T- De exercício?
> I - Não, de coisas que você faz cuidando de você, da sua estética corporal.

T- É... Eu faço pouca coisa. Só mesmo lavar os cabelos porque é obrigatório (risos). Só mesmo porque é obrigatório.
I – Mas você usa algum shampoo específico, você pensa nisso ou não?
T- Eu penso, mas aí na hora às vezes eu vou e procuro um shampoo que combine com cabelos étnicos, cabelos crespos, é o meu caso, e eu vejo sempre os que estão mais em conta, então eu não vou nos melhores, nos mais caros produtos, ah isso eu não faço, e um creme para massagem também que esteja ligado aos meus cabelos, né... não posso comprar produtos para cabelos lisos, porque o meu cabelo é crespo.
I – Então você vai sempre pensando nisso, né?
T- Vou pensando no tipo para o meu cabelo, entendeu? Me incomoda um pouco os cabelos estarem ficando brancos, então eu pinto também, só falta pintar as sobrancelhas que estão ficando brancas também.
I – Mas você pinta em casa ou vai no salão?
T – Não, eu vou no salão. Eu pinto no salão. Isso eu faço. Em casa eu só lavo mesmo e dou massagem. Pintar, cortar, dar um relaxamento de vez em quando é tudo no salão, porque eu não tenho confiança eu mesma fazer.
I – Mas é todo mês que você faz isso?
T – Não, eu faço demoro uns 4 meses para ir no salão... é porque quando faço, faço tudo: dou a relaxada que preciso, pinto e corto... faço isso e, de vez em quando, faço a unha. Eu mexo com arquivo, então minha unha tá sempre precisando fazer, sempre sempre precisando fazer.
I – A ta, aí então você faz a unha também, você gosta de fazer, mas aí só vai de vez em quando?
T – É, faço a unha uma vez no mês que faço a unha, ou mais se for preciso, se tiver alguma ocasião especial, mas é basicamente não tenho muita paciência com creme, o corporal, não tenho, passo assim uma gota e cola o corpo inteiro, passo pouquíssimo creme.
I – Tipo hidratante, alguma coisa assim?
T – O hidratante eu passo aí que colou, eu já sou muito calorenta. Então, a gente tava falando sobre o creme corporal, eu tenho a pele extra seca, eu não gosto de passar creme. Eu sei que eu tenho a pele seca, que pra pele seca tem outros, mas quanto mais eu passar eu sei que vou suar, e eu sou muito calorenta e acabo usando pouco creme. Então eu sou ruim de usar creme no rosto, quase não uso, nas mãos, e basicamente eu uso uma gotinha de batom, e só.
I – Uma gotinha de que?
T – Um cremezinho só de nada no rosto e um batom.
I – Batom? Batom é o que você gosta de usar?
T- É. Gosto de usar batom.
I – Tem um aí na bolsa?
T – Tenho. Só não to usando aqui agora, mas tenho (risos).

Continuando a entrevista, perguntei sobre a rotina de Tânia, o tempo por ela gasto com estética corporal, dentre outros assuntos que ela foi abordando:

I – E quanto você gasta assim por dia em média assim de tempo pra fazer algo relacionado a estética, seja cabelo, pra passar batom, você tem uma noção?
T – Tenho... meia hora (risos).
I – Meia hora? Por dia?
T – Por aí... no máximo. É que cuidar da higiene bucal, e o cabelo que dá um pouco mais de trabalho uns 10 minutos, e perfume, o desodorante, o creme, o batom, meia hora no máximo.
I – E como é essa sua rotina que você faz?
T – Só de manhã. Depois que voltei e tomei banho aí não uso nada mais. Só se tiver um compromisso.
I – Aí você usa mais alguma coisa?
T – Ah sim, se tiver um compromisso pra sair aí eu tomo um novo banho, aí de novo

> passo batom, um creme, perfume, mas se não, se for pra ficar em casa eu já deixo sem usar.
> I – Entendi. Então é mais da rotina e aí você vai para o trabalho?
> T – Para o trabalho. E aí se eu não for para o trabalho eu não vou fazer essa rotina.
> I – Então, você acha importante essa questão para o trabalho?
> T – Para o trabalho. Porque no trabalho você pode encontrar com n, diversas pessoas e todas vão sempre estar produzidinhas, arrumadinhas, com uma roupa legal, de salto, eu não uso salto, como já tive uma fratura no pé eu já tenho desvantagem que não consigo usar salto, tô sempre de rasteirinha, então, não gosto de roupas também muito chamativas, então é outra desvantagem, roupas bem básicas, calça preta, um jeans, uma blusa básica, que não seja decotada, que não seja transparente, enfim, eu vou tirando um monte de coisas que eu já não gosto, já gostei, mas não gosto mais, então pelo menos um batom, um perfuminho, um banhozinho e o cabelo arrumado tem que estar né, então isso eu faço sempre para ir para o trabalho, aí quando eu chego em casa eu fico a vontade: descabelada, sem creme, sem batom, sem perfume.
> I – Mas você falou do negócio do salto, você gostava de salto?
> T – Gostava, gostava. Não saltos finos, porque não tenho equilíbrio em cima daquilo, mas o salto plataforma, o salto mais largo eu usava, usei muito.
> I – Você gosta de sair pra comprar ou não gosta muito?
> T – Gosto, gostar eu gosto.
> I – Mas você compra ou não, você costuma sair pra comprar roupa essas coisas?
> T – Costumo, hoje mesmo eu comprei blusa pra trabalhar, porque trabalho, assim, as roupas vão ficando batidas né, todo mundo vai se repetindo a roupa toda semana, aí de vez em quando eu vou lá e compro uma blusinha pra disfarçar e tal, incomoda que uma hora ela vai ficando velha, desbotada, e aí você tem que trocar, não tem jeito, descostura ali, aparece uma linha ali, e tal.
> I – Mas aí então todo mês você acha que você compra roupa?
> T – Não, todo mês não, eu acho que demoro uns 3 meses, aí eu vou lá e compro umas 3 blusinhas, aí compro 2, aí depende das ofertas que tem nas lojas.
> (...)
> I – E sapato você costuma também comprar assim?
> T – É, a mesma coisa de vez em quando assim. Sapato dura mais né, assim de uns 6 em 6 meses, Aí eu vou lá e compro com preço bom, qualidade boa, que não estraga fácil na rua, tem que olhar isso tudo né? (risos)
> I – Ah é? (risos).
> T – É, porque eu andei comprando uns sapatos aí não tão baratos e que não podia ver uma gota de água. Então quando eu chego na loja agora eu falo logo assim: aguenta chuva? Aguenta chuvinha? Porque a gente anda na chuva né, não tem jeito... de vez em quando a gente pega chuva.... Não, mas o cara falou a verdade, eu tomei várias chuvas e o sapato está perfeito lá em casa, eu só mudei porque pra mudar a cor mesmo, porque o meu pé sua demais, ele é preto fechadinho, bonitinho, confortável, ortopédico e foi barato.

Para Tânia, a não utilização de certos bens é visto como uma desvantagem. Mesmo assim, ela não sacrifica seus gostos pessoais (usar roupa básica no lugar de mais chamativas) nem sua saúde (alergias e problema no tornozelo) para seguir um determinado padrão no seu ambiente de trabalho. Além disso, aparece, novamente, a questão dos cálculos feitos pelo consumidor quanto aos produtos e serviços que serão adquiridos ou não. Tânia faz cálculos para adquirir produtos mais baratos, contudo, está igualmente atenta para a qualidade dos bens, uma vez que aprendeu em sua experiência como consumidora que, sem uma boa qualidade, o bem adquirido pode não lhe ser útil quando ela mais precisa (o caso dos sapatos e a chuva). Ao final dessa primeira entrevista com Tânia, pedi a ela que mostrasse o que carregava em sua

bolsa relativo à estética corporal e se eu poderia tirar uma foto dos bens, tendo sido autorizado por ela. Os objetos contidos em sua bolsa fazem parte de uma estratégia levada a efeito por Tânia, que envolve deixar guardado um anel, o batom, um perfume e um fio dental, para os por ela chamados “casos de emergência”. As situações de emergência consistem em reuniões ou eventos após o trabalho que não estavam previstos, revelando uma artimanha dentro do seu consumo de bens e serviços ligados à estética corporal.

Figura 18 – Objetos encontrados na bolsa de Tânia na primeira entrevista

Fonte: Autora.

Na segunda entrevista, retomamos alguns pontos do seu consumo de bens e serviços ligados à estética corporal:

> I: Mas pra você foi um processo assim, você foi tendo alergia foi normal ou você ficou meio assim? Não poder usar essas..
> T: Não, tranquilo. Eu sou fã de usar, faço questão do batom, eu faço questão de ter um anel, se for possível, mas tem que ser um anel que não me dê alergia, tem tantas lojinhas de bijuterias baratinhas, não dá pra mim, só de falar eu já comecei a coçar. Não dá por conta da quantidade de metais nocivos que têm lá (...). Aí fui eliminando, então não tem muita falta. O que eu acho que gostei muito de usar, joias, bijuterias e adornos, antes dos 30, mais ou menos isso, hoje eu faço questão, se eu fizer questão, tiver que usar, vou usar um brinco discreto, eu já gostava de brincos maiores, eu não gosto tanto mais. Então eu preferiria um brinco discreto, anel eu sou fã e anel, apesar de ter uma mão grossa, grosseira, mas eu gosto de anel, assim, um anel, um brinquinho eu já to satisfeita e o batom, não faço questão de muitas outras coisas ne? Apesar de achar bonito. Tem gente que usa vários adornos, mas eu uso pouquinha

coisa. Mas eu me considero, eu acho assim que eu, apenas com o batom e o brinquinho já tá bom, já to satisfeita, não preciso mais do que isso.
I: Essa outra questão que eu ia perguntar, foi algo que me chamou atenção. Você falou da mão. Você comentou que sua mão, você falou assim...
T: A minha mão aparenta ter mais idade do que eu de fato tenho...
I: Ah, você tinha falado assim, você falou não gostar de unhas tão grandes, achar que não combinava, você comentou "não ter a mão feminina". O que é ter uma mão feminina?
T: Ah, normalmente uma mãozinha mais delicadinha. Por exemplo, mesmo que eu faça minha unha, vai melhorar, mas tá, eu me machuco muito porque mexo muito com fogão, eu me queimo muito, tenho muitas cicatrizes, entendeu? Tem gente que tem os dedos mais fininhos, meus dedos são grossos, eles não são fininhos, sempre foram assim. E eu como mexo muito com cozinha, muito com produtos, sabão, etc., produtos de limpeza, então isso tudo agride a mão e eu não me acostumei a usar luva, um defeito, né? Você fica o dia todo sem creme na mão. É difícil. Você tem que ter um potinho de creme na sua mesa de trabalho que aí quando você lembrar já passa. Mas eu já me acostumei com ela assim, eu não sou traumatizada por ter as mãos mais enrugadinhas não, entendeu? É mais a mão direita, que é a mais enrugadinha, é a que eu mais uso, essa daqui é menos (apontando para a mão esquerda)
(...)
I: Mas tem um *look* que se você fosse montar, se você fosse montar um look pra você que você gostasse muito e falasse "nossa!"... como que seria assim?
T: Eu acho que seria uma calça jeans azul, uma calça jeans eu quero dizer azul assim não desbotada e nem rasgada, apesar de gostar, um calçado mocassim fechado, eu acho ótimo, mocassim baixinho, tipo ortopédico porque eu já preciso usar, que tenha uma elevação atrás, e uma camisa feminina, bonita, feminina, de qualquer cor, eu gosto de branco, eu gosto de qualquer cor, branco, preto, vermelho, qualquer cor eu gosto entendeu?
I: Essa camisa feminina seria como assim?
T: Camisa mesmo, porque tem camisa de homem masculina né, o corte é específico, você sabe pela gola quando ela é feminina, você sabe que tem uns detalhezinhos assim que de homem não tem. O de homem dificilmente vai encerrar aqui, como que chama? Três quartos, então, de mulher geralmente que tem até aqui, eu não sei se homem também já usa, não me lembro, então essas camisas toda bonita que encerra aqui, você fica sempre bem vestida.

Figura 19 – Exemplo de sapato mocassim feminino ortopédico

Disponível em: <https://www.americanas.com.br/produto/476321256/sapato-feminino-ortopedico?cor=Bege&pfm_carac=Mocassim&pfm_index=21&pfm_page=category&pfm_pos=grid&pfm_type=vit_product_grid&sellerId&sellerid&tamanho=33>. Acesso em 13 jan.

2020.

Em resumo, o consumo atual de bens e serviços voltados para a estética corporal de Tânia envolve: roupas e sapatos do seu agrado, que sejam confortáveis, em particular, camisa, calça jeans e sapato mocassim tipo ortopédico; relaxamento, pintura e corte nos cabelos; creme hidratante corporal; fazer as unhas esporadicamente; creme para cabelos étnicos; batom; anel e brinco.

Quando Tânia me contou que se arrumava para trabalhar, logo me veio à mente a ideia de observar esse momento. Entrei de férias do trabalho e logo mandei uma mensagem para ela perguntando se eu poderia acompanha-la algum dia. Ela concordou e marcamos de nos encontrarmos em sua casa. Assim, no dia dezenove de julho de 2019, por volta das 07 horas, cheguei em sua casa, tendo sido recebida por seu companheiro. Tânia já havia tomado banho e estava de calça jeans e top. Ela parecia estar à vontade, porém, revelou, em tom de brincadeira, que se apressou um pouco para colocar a calça e o top porque, segundo ela, "como vou receber Isadora de calcinha e sutiã?". Tânia, então, pegou um creme a fim de passar em seus cabelos, comentando ser a parte mais difícil, a de "dar um jeito no cabelo", gastando em torno de dez minutos nessa parte. Enquanto ajeitava o cabelo, Tânia me disse que ele não estava como ela gosta, uma vez que fez um relaxamento em um salão mais barato do que aquele que estava habituada e não gostou do resultado. Explicou que no salão que gosta, o relaxamento não alisa, somente "abaixa" o volume do cabelo.

Após finalizar a parte do cabelo, Tânia foi para seu quarto e passou um hidratante nos pés e nas pernas, além do rosto e do colo. Comentou que o colo era um local que se preocupava em passar hidrante sempre por estar "enrugando", sendo um lugar do corpo que aparenta a idade. Depois, foi a vez do batom. Observei uns três tipos de batons em seu armário, no entanto, havia um que ela gostava mais, por isso, começou a procura-lo em sua bolsa sem sucesso. Ela, então, passou um batom mais rosado nos lábios, explicando que ela gosta é um marrom e sua preferência tem a ver com o fato de ele ser mais hidratante dos que aqueles do seu armário. Perguntei se ela usava todos aqueles batons e ela respondeu que sim, passando, inclusive, um outro por cima do rosado.

Tânia comentou sobre um creme de cabelo bem caro que sua irmã trouxe dos EUA para ela

que estava quase no fim. Ela disse que o creme é ótimo, mas, pesquisou na internet, e compra-lo está fora de questão, já que custa 100 dólares, solicitando à irmã que traga para ela quando vier ao Brasil. Pedi autorização de Tânia para tirar fotos dos seus “cantinhos” da beleza, ela riu e comentou que podia, contudo estava tudo uma “bagunça” e que não tinha “nada”. No momento em que fui tirar foto do armário do banheiro, Tânia estava dispondo os produtos de modo que esse creme mais caro por ela citado ficasse na frente dos demais:

Figura 20 – Foto do espaço no banheiro de Tânia onde estão seus produtos relacionados à estética corporal

Fonte: Autora

Ainda conversamos um pouco e ela foi para o seu quarto “arrumar” o cantinho de seu armário onde ficam localizados outros produtos ligados à estética corporal. Quando voltei para o quarto, vi que ela estava acrescentando objetos, como absorventes, cortador de unha e pinça, para aquele espaço onde estavam batons e hidratantes. Além disso, Tânia disse que colocaria uma “santinha” dela e assim o fez. A imagem de Nossa Senhora Aparecida no “cantinho”

arrumado por Tânia me remeteu a uma espécie de altar, um altar composto não apenas por objetos ligados à religiosidade, mas, também, pelos objetos usados na composição estética corporal dela.

Figura 21 – Foto do espaço no armário de Tânia onde estão seus produtos relativos à estética corporal

Fonte: Autora.

No fim, Tânia colocou uma blusa de manga comprida e botões, falando que precisava sair para o trabalho. Nos despedimos e eu fui embora, pedindo para que ela me chamasse caso fosse realizar algum procedimento no salão de beleza.

2.6 Marta

Realizei duas entrevistas com Marta. Na primeira, como eu falei, ela me contou bastante sobre sua vida. Conforme abordei no capítulo anterior, Marta se diz adepta da vaidade e, por muito tempo, se privou de muitas coisas relativas à estética corporal, como usar certas cores de roupas e maquiagem. Hoje, aos 54 anos, Marta, com o “coração ainda ferido, doído” (SIC) por causa do falecimento de seu filho, disse que vive uma nova fase em sua vida. Perguntei à

Marta como começou sua relação com a estética corporal e ela confirmou que sempre foi vaidosa, relatando as situações que a marcaram quanto ao assunto:

> I: E como começou essa relação, me conta um pouco o que você lembra...
> M: De qual?
> I: Isso aí, de estética corporal, de corpo, que que você se lembra? Você sempre foi vaidosa?
> M: Sempre, sempre fui.
> I: De tudo, o que você lembra, desde infância até...
> M: Eu era a Marta que tinha o cabelão nas costas. Tipo assim, eu sempre fui aquela pessoa que sempre achei que sempre eu podia ter o melhor. Desde que comecei a trabalhar, sempre achei que tinha que ter o melhor. Então, na minha época, existia dois modelos de uniforme (...) existia um uniforme percal[9] e o uniforme de um pano mais que sei lá, uma ou duas vezes se desbotava e existia a *conga alpargata* e existia o *Kichute*. Então era assim, quem usava a c*onga alpargata* era pobre, era considerado pobre...
> I: Era um sapato? Só pra saber..
> M: Era um tênis. *Conga Alpargata* que era o nome, a *Conga*, hoje sapatênis, mas antigamente, aí logo depois da conga veio o tênis *All Star*, mas antes era *Conga*. E aí quem usava *Conga* era pobre, era taxado de pobre. Quem usava o uniforme de tecido mais grosso também era pobre e eu sempre fui uma pessoa, tipo assim, sempre tive uma visão rica. Eu, tipo, eu trabalhava e meu dinheiro tinha que ir pra minha casa ok, mas aí, eu queria da pessoa que eu trabalhava falava assim ó "eu quero meu uniforme, mas não quero meu uniforme" "ah, porque você é uma neguinha muito metida" "eu quero meu uniforme" e aí ela foi tá...
> I: De escola, né? Você tinha quantos anos?
> M: Nove pra dez anos. Uniforme de escola. Então, meu uniforme de escola, era, como eu já te falei, tinha a *Conga* e o *Kichute*, então eu falei "não, eu não quero usar uniforme do tecido grosso" então, tipo, as minhas irmãs usavam esse uniforme, eram as condições, mas eu coloquei na minha mente "se eu trabalho, eu posso ter meu uniforme (...)" então, tipo, tá, tinha o valor da minha mãe, tinha, mas tinha que ficar meu uniforme, era a única condição que eu aceitava, tipo, eu quero meu uniforme, eu quero ter coisa do melhor, entendeu? Aí tipo, eu tinha a minha saia de uniforme toda pregueadinha, era uma saia, era tipo, tinha o modelo da saia toda pregueada, de percal, e a saia que tinha duas, antigamente eles falavam macho, hoje é prega, mas antigamente era macho, é que tinha duas pregas, uma na frente e uma atrás, e ficava tipo, na barra da saia, ficava meio que aberto, isso, aí o modelo das minhas irmãs era daquele eu não, minha saia toda pregueada, toda pregueada mesmo, minha blusa de percal e minha saia de percal. Aí tipo assim, eu ia pra escola. (…) hoje eu entendo o que que é *bullying*, mas engraçado eu já sofri *bullying* (...). Hoje eu vejo violência, mas lá atrás eu achava que era normal, eu imaginava, mas aí eu sofria *bullying* na escola porque eu chegava com meu uniforme, então, tipo, as meninas que usavam uniforme diferente eram as filhas de dono de supermercado, dono de farmácia, dono de.... entendeu? Eram as filhas das pessoas que minha mãe lavava roupas pra elas. E eu tava nesse grupo e aí as meninas de classe menor, elas me faziam *bullying*, elas me chamavam de riquinha, de metidinha. Eu tinha o cabelo que era grande, então, só

[9] "O nome Percal é usado para definir um tecido firme e compacto. Possui uma utilização específica do número de fios, e quando você toca esse tecido consegue realmente notar essa diferença. O tecido nada mais é do que o resultado do entrelaçamento de dois conjuntos de fios. O Percal é um tecido que possui ligamentos entre trama (sentido vertical) e urdume (sentido horizontal) que forma uma tela, e que resulta em um tecido com características finas e densas. É de origem Persa e geralmente é composto de 100% algodão, mas também pode ser uma mistura de outros fios. É interessante entender também que por conta desse entrelaçamento, o percal 100% algodão é mais macio do que um tecido simplesmente 100% algodão, que tem a trama mais aberta". Blog Scavone Casa. **O que é tecido Percal?** 19\11\2017. Disponível em: <http://blog.scavonecasa.com.br/2017/11/19/o-que-e-tecido-percal/>. Acesso em 16 mar. 2020.

> gostava que minha mãe fazia trança ou a pessoa daquela onde que eu morava na casa dela, que eu dormia e morava no serviço, fazia trança, entendeu? Aí elas puxavam minha trança do cabelo, batiam com a minha cabeça na parede, tudo porque eu usava aquele uniforme melhor. E aí eu fui crescendo e falei pras minhas irmãs que sempre, todas nós sempre fomos é, hoje, hoje (risada sarcástica) fala doméstica, mas nós sempre fomos "escravinhas" "neguinhas" "escravinhas dos brancos" né? Porque nunca eles chegavam numa (apontando para a minha pele), pra procurar uma pessoa pra trabalhar, eles não queriam uma pessoa de cor deles, não, (...) fomos as "neguinhas", "escravinhas dos branquinhos" e sempre tinha aquela coisa de trabalhar e dinheiro ir pra casa e aí eu sempre fui dessa coisa do movimento, do barulho, eu sempre fiz aquele barulho, e eu fui falar com minhas irmãs "não, vocês trabalham, vocês também podem usar uniforme de vocês do mesmo jeito que eu uso" "ah, mas se nós comprar roupa, vai bater, mamãe vai bater" "que mamãe vai bater, vocês podem comprar o uniforme de vocês, porque vocês trabalham" então eu sempre, tipo, fui daquelas de, tipo, de, elas sempre, tipo, por eu ser a mais nova, mas sempre me seguiram, entendeu? Aquela coisa assim, não, nossa, se ela vai então vamos também. Tipo, aí comecei a dizer não pra muitas coisas. Eu trabalhava em casa de família aí chegava na hora, num dia de domingo hora do almoço, eu só tinha direito a pé da galinha, pescoço da galinha!? Não! Aí eu comecei a dizer não, falei não, pera aí, eu não quero isso, eu pegava, sem brincadeira, eu pegava o que tivesse lá fora, não, eu não quero isso, eu quero um outro pedaço de carne, ou vou pra casa da minha mãe porque na casa da minha mãe eu comia o que eu queria, apesar de ser muita criança, aquela coisa toda, mas na casa da minha mãe tinha carne de porco pra comer, tinha as galinhas que colocava um monte e ovo, jogava e cozinhava dois ovo, três ovo, eu tinha cacho de banana que você pegava, então, tipo assim... não era tipo porque a gente trabalhava, entendeu? Tipo, todo mundo almoçava e depois você almoçava, então, assim, hoje ne, hoje eu olho, como a gente era besta, porque, a gente comia o resto, né? (…) Então tipo, prato era pé da galinha, pescoço da galinha, fazia questão de fazer o pescoço com a cabeça, sabe? Só tirava as coisas da cabeça, limpava, era o prato, a comida do prato aí eu comecei não, não quero isso, não vou comer isso, me tornei a menina rebelde, mas graças a Deus que, tipo assim, hoje, eu paro e analiso que eu fui exemplo, porque muitas pessoas conseguiram dizer não atrás de mim, (...) não quero isso, não, não vou comer isso, era sempre um resto, era a sobra da roupa de um filho, às vezes era uma roupa que nem te cabia... aquela coisa grande, não, eu não quero isso, não vou vestir isso, então, comecei, eu ia lá comprava o pano, fazia minha mini saia, minha blusa e fui.

Figura 22 – Exemplo de calçado Conga

Disponível em: <http://brasilista.blogspot.com/2017/02/tenis-brasileiros-que-ninguem-esquece.html> Acesso em 15 jan. 2020.

Figura 23 – Exemplo de calçado Kichute

Disponível em: <http://brasilista.blogspot.com/2017/02/tenis-brasileiros-que-ninguem-esquece.html> Acesso em 15 jan. 2020.

Figura 24 – Exemplo de uniforme em uma escola pública de São Paulo em 1968

Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/album/2014/02/08/veja-como-eram-os-uniformes-escolares-no-seculo-passado.htm?mode=list&foto=15> Acesso em 15 jan. 2020.

Vimos que a primeira lembrança de Marta acerca de sua relação com o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal é da época de escola, em que havia uma diferenciação entre os vestuários, os considerados de “rico” e os de “pobre”. Pelo fato de trabalhar, Marta sempre exigiu ter o melhor vestuário, contudo, foi alvo de *bullying* por parte de colegas que, como ela, não pertenciam ao grupo das meninas ricas e, portanto, não usavam o melhor vestuário. Além de exigir o melhor vestuário, Marta foi contando como passou a dizer não para muitas outras situações, como comer “resto” de comida, usar roupas que não eram o seu número. Por meio dessa narrativa, podemos ver que a trajetória de Marta é marcada pelo

racismo, sexismo e classismo, mas abordarei esse tema de maneira específica nas próximas seções. Continuando a narrativa de Marta:

> I: Você falou do cabelo, você falou que tinha o cabelão...
> M: É, tinha o cabelo grande, grande e cacheado, aí depois comecei a ficar com ele alisado...
> I: E você alisou por que? Você lembra?
> M: Coisa de querer ficar diferente... aí ficava naquela de pranchando. Aí hoje não, só que agora tô pensando, a Marta quer ter cabelos longos, como o cabelo da Marta vai demorar a crescer, a Marta tá pensando em usar aplique (...).
> I: Você nunca usou, né? Seria a primeira vez?
> M: Aplique a primeira vez, porque eu sempre tive o meu cabelo natural. Agora como meu cabelo natural está curto, eu quero, não sei, uma Marta diferente, aí tô pensando em usar aplique, mas também, não sei se vou usar, entende? Eu não gosto de coisas que dá muito trabalho.
> (…)
> I: O que, você leva mais... é isso da sua infância, adolescência...
> M: É eu sempre gostei, tudo meu sempre foi diferenciado, eu sempre gostei de usar mini saia, sempre gostei de blusa, sempre gostava de dançar quadrilha, mas eu gostava de fazer meu vestido, eu sempre fui aquela do diferenciado, eu sempre fui diferenciada.

Marta se define como "diferenciada" e explica que gostava de confeccionar suas próprias roupas, que incluíam, saias, blusas, vestidos. Na segunda entrevista, Marta retomou algumas questões conversadas na anterior e falou sobre o seu processo de emagrecimento:

> I: Você emagreceu?
> M: muito.
> I: Como que foi esse processo. O que significou pra você?
> M: Muita coisa. Tipo assim, minha autoestima, autoestima, melhor sono, melhor, você abrir o guarda-roupa e poder vestir aquilo que você quer vestir sem tá "ai esse aqui tá me apertando, ai esse aqui não me serve" então assim, pra mim melhorou todo o contexto, tipo, achar que eu tenho, que eu posso ter alguém que goste de mim, que antes eu achava "que nada", hoje eu já tenho mais aquela, eu tinha vergonha do meu corpo e do meu rosto, eu jamais falaria com uma pessoa igual eu tô falando agora (...) ou jamais falaria com uma pessoa via câmera, vídeo, não falava, de jeito nenhum, eu não conseguia falar porque eu me achava feia, me achava, hoje não, entendeu? Hoje eu sou outra pessoa. Eu falo, namoro pela câmera, não tinha essa coisa pra mim, era mal mal por escrita, hoje eu já tenho, então pra mim foi nossa, perder 33 quilos e oitocentos foi perder, não perdi eu eliminei a gordura e ganhei a vida, porque durmo melhor, não tem mais aquela coisa da pressão alta, tinha que ficar tomando remédio (...).

Busquei aprofundar outros pontos que me chamaram a atenção na primeira entrevista:

> I: Outra questão que foi na passada você tinha falado que tinha o cabelão nas costas então sempre foi aquela pessoa que achou que podia ter o melhor, falou sobre

vestuário... enfim, essa questão da vaidade, você lembra de ter visto em alguém... como foi? Ou você mesma foi criando isso, ou você viu em algum lugar?
M: Não, vaidade, vaidade, eu sempre fui, eu só bloqueei, eu quando era mais nova, era, tipo, eu era bem mais, eu era vaidosa, só que eu bloqueei essa minha vaidade, eu não bloqueei assim total, mas eu bloqueei um pouco a minha vaidade, um pouco assim no período em que eu estava cuidando do meu filho foram 23 anos que, igual meu amigo fala, você dormiu 23 anos e quando você acordou você acordou bela adormecida. Então, 23 anos eu não, não ficava muito naquela preocupação tipo de, ai, até porque eu não tinha muito pra onde sair e quando eu saía, no que saía com ele, eu não achava que, tipo assim, tava indo pra um médico, entendeu? Já tinha aquela coisa (...) de ser vaidosa eu sempre fui, sempre...
I: Mas foi sozinha? Você não lembra de alguma coisa que te chamava a atenção, se aprendia com alguém...
M: É... quando criança, na verdade, eu venho de uma família de vaidosos. Minha mãe sempre foi vaidosa, minha mãe, Deus me livre, se minha mãe tivesse aqui agora e tivesse com esses pouquinhos de cabelo branco aqui frente, não, ela não aceitava. O cabelo dela tinha que tá pintado, tanto é que no dia da morte dela foi muito engraçado, ela pintou o cabelo, ela escovou o cabelo, ela fez unha, e faleceu de noite. Então, assim, a vaidade acompanhou ela até o último minuto, ela fazia unha, fazia cabelo, ela era fortinha, mas ela gostava sempre de estar de roupa nova, então, assim, na minha família é meio que assim, tem umas que se cuida mais, outras se cuidam menos. A minha irmã, por exemplo, tenho uma irmã que tem uma rede de salão no Rio, então ela vive de cuidar da beleza dos outros (…). Mas, assim, na nossa família a gente sempre foi, mas engraçado é que eu acho que as duas mais vaidosas mesmo já se foram, que é a minha mãe e minha irmã, que é primeira, segunda da parte das mais velhas, aquela ela era, assim, a vaidade dela superava, porque ela sempre tava fazendo esfoliação... o dia de hoje assim ela já ia pro serviço de rolo, de bobs no cabelo (risos), aí já saía do serviço, já passava pra fazer unha, porque quando ela chegava em casa, ela tirava os bobs ia, sabe, ela era festeira mesmo (...). Eu assim gostava, eu gosto, mas eu não gosto de coisa chamativa, então, assim, pra mim usar um batom... não gosto de maquiagem, não gosto de usar maquiagem. Tem pessoas que fala assim: nossa, por que você não muda a cor do seu cabelo? Eu não me vejo eu com cabelo vermelho, eu não me vejo com o cabelo chocolate (…).
(…)
I: Você me falou também, uma coisa interessante, é que vocês moravam mais no interior, né? Depois vocês vieram pra cá, não é isso? Um lugar mais...
M: É, na verdade, quando eu nasci, onde eu nasci, é interiorzão, eu acho que, eu, na verdade, sempre morei no interior, assim, sempre que eu tinha contato com a minha família, eu tinha no interior, até porque eu saí do interior pra Colatina, que eu comecei a trabalhar com 9 anos, 9 pra 10 anos, então eu saí do meu interior pra Colatina, mas sempre que eu ia ver meus pais, era interior... depois que meu pai, tipo, adoeceu, se aposentou, aí meu pai com o dinheiro dele, ele tinha a aposentadoria, foi que ele comprou uma casa na cidade, mas aí nesse meio tempo meu pai mais minha mãe já estavam separados, então, meu pai tinha a casa dele (…).
I: Mas você sentiu alguma diferença nessa questão de vaidade, digamos, quando você foi de um lugar no interior para..
M: Pra cidade? Não, assim, não tanto. Porque na cidade, na cidade eu comecei mesmo a entender que eu tinha que tá mais arrumada, você vai pegando uma certa idade, né? Ai vai olhando pras meninas, aí você faz um grupinho de amizade, aí nossa, pô, minha amiga pinta a unha, pô, você entende? Você começa a não querer ficar desigual... e aí hoje, acho que antigamente não era tanto, hoje é mais, antigamente não, antigamente você... a febre era *Havaianas*, quem tinha *Havaianas*, quem tinha *Kichute*, era chique, então eu sempre procurei estar nesse padrão de... mas se os meus amigos podia, eu também procurei me colocar nesse padrão... depois de um bom, uma boa etapa de sofrimento, que, no início sofri muito, apanhei muito, mas que foi bom (risos), foi bom pra umas coisas. E aí depois que eu comecei a, com doze, treze, quatorze anos, eu já não tava mais com essa família primeira que eu fui, eu já tava com uma família mais.. e era uma família muito religiosa, uma família que

> tava sempre, todo domingo tinha aquela coisa de roupa de ir pra missa, então eu comecei a pensar assim "poxa, eu vou pra missa, eu tenho que tá arrumadinha"... Então, e ali eu fui e cresci... sempre, o meu cabelo era grande, então eu queria o meu cabelo... *Neutrox* tadinho, que sofria comigo na época..
> I: Aí você me contou que foi antes dos doze que você começou a sofrer *bullying*?
> M: Isso.. .antes dos doze. Depois dos doze, eu fui criando a minha postura, o que eu queria, entendeu... e é o que eu sou hoje é o que eu criei, você entende? Aquela coisa da igualdade, eu nunca me achei melhor e nem pior do que ninguém, sempre procurei, tipo, "ah, se Fulano pode, se Fulano tem, eu também posso, eu também tenho". Então, assim, eu sempre me botei nesse padrão.

Assim como Ana e Tânia, Marta sentiu diferença ao mudar para uma cidade maior, pois, segundo ela, precisava estar "mais arrumada". É interessante notar que quando eu perguntei diretamente sobre se ela lembrava de ter tido alguma influência quanto a seu consumo ligado à estética corporal, a família foi a resposta, em particular, sua mãe e sua irmã, contudo, na pergunta acerca da mudança de localidade, Marta relatou como seu consumo também foi se alterando por causa do "grupinho de amizade", por não querer destoar do grupo, e, ainda, em razão da convivência com uma família religiosa, que se preocupava com a vestimenta e com a aparência para ir à missa aos domingos. Outro ponto significativo diz respeito ao fato de Marta ter recordações de certas marcas, como *Kichute*, *Havaianas* e *Neutrox*. O creme de cabelo da marca *Neutrox* também marcou a minha infância e consigo lembrar até do cheiro mesmo sem o usar há muitos anos.

Figura 25 – Creme para cabelo Neutrox

Disponível em: < https://www.uol.com.br/universa/album/2015/02/26/batom-24h-e-papel-crepom-voce-se-lembra-dos-hits-de-beleza-dos-anos-90.htm?mode=list&foto=34> Acesso em 27 jan. 2020.

Atualmente, o consumo voltado à estética corporal de Marta envolve hidratantes corporais, roupas e sapatos, perfume, fazer as unhas, adornos, cremes para cabelo, além de misturas caseiras para passar no rosto:

> M: Eu sou uma pessoa hiper vaidosa, ó, tenho três tipos de cremes diferentes, pra você ter uma ideia.
> I: Ah é, me conta deles...
> M: Não, pera, três, deixa eu ver, é mais. Deixa eu ver, *Nívea*, um outro lá que não lembro o nome, três da marca (i ponto, acho) que é da Avon, e tem um outro, que é da Avon também, que é pra pele morena. Sei que eu tenho três lá. Eu não gosto muito de usar perfume, como se fala, perfume... aquele cheiro... meus perfumes são mais discretos, tipo, aquele perfume que eu só passei aqui, passei aqui, passei.
> (…)
> Hoje não, hoje me adaptei ao cabelo curto, to tentando fazer ele ficar cacheado, mas fiquei mais prática, tipo, cortei, na verdade hoje eu não penteei, eu só saí, então, tipo assim, eu fiquei mais prática, mas gosto de eu mesma faço minha unha.
> I: Você mesmo faz?
> M: Eu mesmo
> I: Em casa?
> M: É, tenho minha maleta de unha, tenho alicate, até mesmo pela prevenção. Quando lá, de repente eu quero fazer uma unha mais... Eu levo meu alicate. Mas eu mesma faço minha unha, eu mesma faço uma hidratação no cabelo, então, tipo assim, não sou aquela pessoa de salão, eu acho que, pra mim ficar bonita, eu não preciso de ir no salão, eu posso ficar bonita com as minhas, com os meus métodos, que são meio malucos.
> I: Ah é?
> M: É. Creme de pele de rosto, por exemplo, eu tenho lá que eu ganhei, mas não é o que eu uso, não gosto. Eu faço minha hidratação de pele, tipo, gema de ovo com maisena. Azeite com maisena, é tipo, com coisas naturais. Acho que por isso que to novinha sempre, né? Eu não tenho aquela coisa, não gosto muito daquela coisa de... pra se compor um creme tem muitas coisas que vão ali dentro, então tem muitas coisas que a sua pele não vai aceitar. Então, eu já vou mais no natural...
> I: E eles são pra que que se passa assim? Pra hidratar?
> M: Por exemplo, agora por último, pra limpar a pele, eu uso vinagre, pra limpar. E essa coisa da maisena, é uma hidratação, é tipo uma máscara que você pode fazer também (…). São tudo natural, eu não gosto muito dessa coisa química.
> (…)
> I: Você gosta de usar coisinhas..
> M: É, gosto de anéis, pulseiras (…) eu gosto sabe, tipo, de fazer composições, por exemplo, a minha roupa tem que estar composta com o meu adereço que tô usando, você entendeu? É mais ou menos assim. Não gosto muito daquela coisa... se eu coloco um jeans eu vou lá vejo uma camiseta que eu vou colocar com jeans, se eu vou colocar uma roupa marrom uma calça mais molinha, aí eu vou ver, eu sou desse, eu sou minha própria estilista. Eu crio, não gosto de seguir moda. Moda pra mim não existe, essa coisa de ah não sei o que, não. Tá na moda o que eu gosto de usar, o que eu me sinto bem.
> (…)
> I: E como é ter 54? Como que é?
> M: Ter 54 é uma delícia. Tô assim, tô me amando e tô sendo amada. Que é o mais difícil... difícil namorar nessa idade.

No final dessa primeira entrevista, perguntei a Marta se havia algum objeto relativo a consumo de estética corporal em sua bolsa, o que foi respondido positivamente. Solicitei autorização para tirar uma foto e ela me autorizou.

Figura 26 – Foto de objetos que estavam na bolsa de Marta na primeira entrevista.

Fonte: Autora.

Na segunda entrevista, Marta falou um pouco sobre sua rotina ligada à estética corporal além de outros assuntos que busquei aprofundar a partir de pontos tratados por ela na primeira entrevista. Marta voltou a falar sobre o quanto está se sentindo bem aos 54 anos:

> I: Você acha que os cuidados no caso que você diz é mais pra beleza ou pra saúde?
> M: Eu acho que é um conjunto, um contexto. Eu falo por mim, esses dias até.. às vezes você , você não está acostumada a lidar com tanto elogios e quando vem você fica meio ne, eu, por exemplo, tiro por mim, eu me acho bem mais jovem agora, bem mais, sem sombra de dúvida (…). Mas, igual, você perguntou de estética, a estética porque, eu comecei, cortei algumas coisas, eliminei algumas coisas que eu não como mais, e tô sempre cuidando, hoje, por exemplo, fiz uma hora e quarenta e cinco de malhação...
> I: Caramba! O que você fez?
> M: Ah eu fiz um pouco de tudo, eu fiz coxa, malhei coxa, malhei os braços, aí tem um outro aparelho lá que simula caminhada, sei que eu fiz um pouco de tudo, fiz uma hora e quarenta e cinco,
> I: Isso na academia ou naquela...
> M: Na academia dos velhinhos[10]. É... mas ali tipo tem a posição certa do aparelho mas você pode inverter as posições, tipo, o que você malha o braço, você pode malhar um braço só ,entendeu? Tem vários... então, fiz uma hora e quarenta e cinco de malhação, eu não, e olha que eu não estava com vontade de malhar hoje,
> I: Você vai todos os dias? Como você tá indo?
> M: Eu tenho ido pouco, eu gosto de malhar, gosto de caminhar...

[10] Marta se refere às Academias Populares da Pessoa Idosa (APPIs), que são espaços para a prática de exercícios físicos com aparelhos instalados ao ar livre. Para mais informações ver o site da Prefeitura Municipal de Vitória: <https://www.vitoria.es.gov.br/cidade/orientacao-ao-exercicios#a_soe>. Acesso em 16 jan. 2020.

> I: Você gosta?
> M: Gosto, mas (...)... é falta de tempo. Mas eu, pra te ser sincera eu não gostava, mas agora eu já não gosto de não ir, entende?

Durante nossa conversa, Marta comentou uma situação engraçada envolvendo fotografia, por isso, perguntei sobre essa relação e, ainda, solicitei que relatasse a sua rotina associada à estética corporal:

> M: [...] inclusive, esses dias, tirei uma foto, postei a foto, depois que eu fui analisar a foto, eu tô do lado de uma vassoura (risos) ...
> I: Mas você tira foto mais em casa, no dia a dia?
> M: É... ai eu falei "caraca" aí meu sobrinho, que mora no Rio de Janeiro, que não vale nada "po tia, ouvi dizer que tinha comprado um carro, mas..." ai eu falei (risos) "seu ordinário, tá vendo? Meu carro não precisa nem de gasolina é só sair voando" tipo assim, levei na esportiva, porque tem pessoa que fala assim "ai, tirou foto com a vassoura..." "vassoura faz parte do meu dia a dia também, então, nada porque eu não tirar foto com a vassoura" então, assim, eu acho que a dificuldade que muitas mulheres hoje encontram, vou colocar no foco da minha idade, é pra serem conquistadas... eu sou mulher, mas eu digo, às vezes é um pouco da postura delas, você entendeu? Acha que "ah, a pessoa tem que" "ah, gostar de mim tem que gostar do jeito que eu sou" ei, mas, pô, até aonde? Acho que não custa um cabelo, um creme de pele, uma coisa assim que te... mas também uma coisa que é com você, que você se entende com aquilo, eu não uso um creme de pele que eu, tipo, que eu não gosto, eu uso creme de pele pra minha pele. Eu uso creme de cabelo pro meu cabelo, agora mesmo eu tava vindo conversando com a sobrinha minha postiça que estuda aqui na escola, ai falou assim "ah, tia, tem um" ela tava com o cabelo grande, aí cortou, tá cacheando, ela falou assim "tia, tem um creme de cabelo que eu vou te mandar no "zap" (se referindo ao *WhatsApp*), porque pro nosso cabelo é maneiro" que ela também é morena, né? Eu falei assim, "tá" eu só gosto de coisas que tenham o meu, que se dá comigo, (...) eu não me dou bem com creme, por exemplo, se eu pegar um pote de creme de cabelo que não seja tipo (...) negra pra passar no meu cabelo aí de tarde eu boto a mão assim tá igual uma farinha, ele quebra todinho, então, tipo, eu não me dou. O creme de pele a mesma coisa [...].
> I; Você passa todo dia? Descreve pra mim como você faz... você acorda...
> M: Quando eu venho pra cá (se referindo ao nosso local de trabalho) de manhã é uma luta. Pesadelo, porque, tipo, eu já levanto aí tá, olho no relógio, são, acordo cedo, 5:30, quando eu venho pra cá de manhã, 05:30, aí já levanto e ai eu vou passar prancha, já coloco a prancha pra esquentar (nessa segunda entrevista, Marta já estava usando o cabelo alisado, por isso, relatou esse processo), faço meu café e vou ali... vou lá passo alguma coisa no rosto tipo um, ultimamente eu tô usando *Hipogloss* no rosto, aí deixo no rosto, aquele tempo eu to ali movimentando, arrumo a bolsa, pego jaleco, ai vou no guarda-roupa e começa o dilema "quem eu vou vestir?" (risos), aí apronta a roupa mais ou menos, já jogo (...) em cima da cama, umas duas mudas de roupa, se uma não deu vai, vou no espelho, olhei, não quero você, vem cá você. Aí tá, me arrumei, aí, tipo, eu vou, tomo banho, tiro aquele *Hipogloss* que passei no rosto, aí eu vou, tomo um banho, coloco a roupa, aí nesse tempo eu vou tipo, comer...
> I: O *Hipogloss* é pra que?
> M: Pra deixar sua pele... você vê que não fica aquela coisa assim seca, pele seca.. Aí eu vou coloco, a prancha nesse meio tempo já tá quente, aí eu prancho o cabelo, a última coisa que eu faço, basicamente, é o cabelo, porque unha, se eu tiver que fazer, eu faço de hoje pra amanhã, porque de manhã não dá tempo, lógico. Ai é assim.
> I: Você passa maquiagem, alguma coisa...

> M: Não, muito vago um batom. É assim, esse é o meu, como diz o outro, meu ritual (...) agora eu to muito florada, to partindo pro florado, (...) Mas, assim, eu não tenho aquela coisa de muito, ah, tem que me arrumar, não! Só que eu vou me arrumar assim, em cima dos minutos contados...
> I: E essas roupas, você compra com frequência?
> M: Não. Eu não sou mulher de loja. Não. Até porque, tipo assim, eu gosto, compro... às vezes na loja, você nem sempre você tem aquela coisa do garimpar, sinceramente, eu gosto de comprar roupa no brechó, porque o brechó você chega, pode, você garimpa, entendeu? E todas essas minhas roupas que eu uso, todas elas eu não compro em loja. Às vezes eu passo aí olho, tem a menina que tem um brechó, seminovo e ela me fala "tem uma coisa aqui que é a sua cara", e realmente vou lá, às vezes um macacão, alguma coisa assim, então assim, eu compro mas não é sempre que eu compro, porque nem sempre o que tá na loja me agrada...
> I: Mas e brechó, você costuma ir de quanto tempo? Quantas vezes?
> M: Não, assim, não vou com frequência, até porque se eu for com frequência eu levo o brechó todo (risos) [...].

Em resumo, podemos dizer que o atual consumo de bens e serviços voltados para a estética corporal de Marta envolve aplicar tonalizante para os cabelos, fazer as unhas, usar um batom, vestuário e calçados, malhar e caminhar, usar produtos para a pele (que alterna entre vinagre, *Hipogloss*, gema de ovo, azeite com maisena), cremes hidratantes, cremes para o cabelo, além de alisamento do cabelo com prancha.

3 CORPO, PADRÕES DE BELEZA E CONSUMO

No capítulo anterior, vimos algumas noções sobre a estética corporal, mais exatamente, o que é estética corporal e como se realiza sua produção segundo as minhas interlocutoras e os apontamentos de autores. A fim de aprofundarmos nas ideias contidas nas trajetórias individuais do consumo de bens e serviços de estética corporal, é preciso colocar em discussão, ainda que brevemente, concepções sobre o corpo e as percepções sociais e individuais quanto a essa corporalidade. Entra em cena o que se entende por beleza, seus padrões e as consequências provocadas por eles nas trajetórias dos indivíduos, no caso, das minhas interlocutoras.

Antes de avançarmos, vou buscar elucidar algumas questões atinentes a termos que são comumente utilizados para descrever o período histórico em que vivemos. Em seu livro *A Condição Pós-moderna*, Lyotard (2009) expõe que a palavra pós-moderna é usada no continente americano por sociólogos e críticos para designar o estado da cultura a partir do fim do século XIX em que transformações afetaram as diretrizes relacionadas à ciência, à literatura e às artes. No referido livro, o autor analisa as mudanças ocorridas no saber científico com o advento das sociedades pós-industriais.

Anthony Giddens (1991), por sua vez, entende que, para analisar tantas mudanças ainda por nós não plenamente compreendidas, não basta inventar novos termos como "pós-modernidade", "sociedade pós-industrial", "sociedade de informação", "sociedade de consumo" etc., mas, sim, aprofundar os estudos sobre a natureza da própria modernidade. Para o autor, o período que está sendo alcançado representa uma radicalização e uma universalização das consequências da modernidade, em que é possível perceber os contornos de uma nova e diferente ordem, que é "pós-moderna", porém com outro sentido daquele comumente chamado de "pós-modernidade" (GIDDENS, 1991).

No entendimento de Giddens (1991), a modernidade provocou descontinuidades que provocaram rupturas com os tipos tradicionais de ordem social de maneira jamais vista, tanto considerando sua "extensionalidade" quanto sua "intencionalidade". A extencionalidade diz respeito à dimensão global atingida pelas interconexões sociais, enquanto à intencionalidade aponta para as alterações em algumas das mais íntimas e pessoais características do nosso

cotidiano. Não é que não existam continuidades entre o tradicional e o moderno, mas as mudanças ocorridas nos últimos três ou quatro séculos foram tão profundas e abrangentes que há pouco conhecimento a fim de tentar interpretá-las (GIDDENS, 1991).

Em se tratando do contexto brasileiro, o tema da modernidade foi alvo de amplas discussões por autores como Holanda (1995), Fernandes (1976), Souza (2006), dentre outros que, de modo geral, buscaram entender e caracterizar as especificidades da modernidade brasileira e mesmo se seria possível utilizar essa concepção para o Brasil. Tavolaro (2005) faz um breve panorama das diferentes perspectivas e análises sobre a temática, expondo os motivos pelos quais a modernidade brasileira deve ser entendida a partir das recentes discussões acerca da noção de "modernidades múltiplas", ou seja, de que existem experiências modernas distintas e não apenas uma que seria advinda da experiência dos países centrais (especialmente os países da Europa ocidental, local considerado como do nascimento do projeto da modernidade).

Ainda segundo Tavolaro (2005), dentro do "discurso sociológico hegemônico" a sociedade brasileira seria classificada como "peculiar" em relação a tais "sociedades centrais", sob alguns rótulos como "semimoderna", "periférica", devido as suas particularidades, levando-as a tratarem a "margem" como um desvio do "centro" e vice-versa. A modernidade brasileira deve ser analisada considerando as várias combinações e transformações pelas quais a sociedade brasileira passou ao longo do tempo durante a constituição do social, sendo este um processo resultado de "disputas entre forças sociais". Nesse sentido, os contextos modernos são compreendidos como aqueles derivados de "conflitos entre projetos, demandas, interesses e concepções de mundo que lutam entre si pelo controle de seu ordenamento" (TAVOLARO, 2005, p. 15).

Sendo a constituição do social resultado de um processo de "disputas entre forças sociais", os contextos modernos são aqueles derivados de "conflitos entre projetos, demandas, interesses e concepções de mundo que lutam entre si pelo controle de seu ordenamento" (TAVOLARO, 2005, p. 15). A modernidade brasileira, portanto, deve ser analisada sob uma ótica que considere as várias combinações e transformações pelas quais a sociedade brasileira passou ao longo do tempo, e não por meio de uma lógica que, em último caso, condiciona o social. Além disso, outro ponto que diz respeito à modernidade no Brasil é o aspecto da globalização, esta concernente à coexistência assimétrica de diferentes formas de sociabilidade além da moderna

no contexto global. O ímpeto globalizante tem sido cada vez mais presente e expandido pelas formas societárias modernas, possibilitando-as penetrar em outros territórios e contextos sociais além das fronteiras locais e nacionais, significa dizer que, em condições globais, as chamadas "sociedades modernas centrais" não podem mais ser tidas como únicas propagadores e disseminadoras da sociabilidade moderna e, por conseguinte, as "sociedades modernas tardias" não podem mais ser intituladas como receptoras passivas e de formas de vida e concepções de mundo modernas. Não se trata de desconsiderar os contextos específicos de cada experiência moderna, mas, sim, de buscar não essencializar tais contextos comparando-os exclusivamente a certos aspectos culturais e/ou econômicos supostamente determinantes (TAVOLARO, 2005).

Partindo das considerações de Tavolaro (2005) de pensar o Brasil como um país moderno, sem ignorar suas particularidades, entendo que algumas das características da modernidade podem ser analisadas dentro do contexto brasileiro, como é o caso da globalização. Assim, tanto Giddens (1991, p. 60) explorando a questão de como "acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa" quanto Tavolaro (2005, p. 17) salientando a importância de se perceber que as sociedades modernas tardias também são "centros dinâmicos geradores e transformadores da modernidade, capazes de impactar o padrão de sociabilidade experienciado pelos supostos iniciadores da modernidade", sem perder de vista as assimetrias existentes nas relações de poder no cenário internacional, são úteis nas reflexões ora apresentadas. Minha interlocutora Tânia (52 anos) foi quem me chamou a atenção para como o consumo de bens e serviços relativos à estética corporal pode evidenciar essa complexidade do local-global. Em uma das entrevistas, Tânia falava sobre seus cabelos e contou que um dia sua irmã quis presenteá-la levando-a ao salão dela e, a partir de então, tivemos o seguinte diálogo:

> Isadora – A sua irmã gosta então dessas coisas também?
> Tânia – Sim, a minha irmã é mais vaidosa do que eu.
> I – É? Ela mora por aqui também?
> T – Mora nos Estados Unidos. Ela é mais vaidosa, por exemplo, eu nunca passei um creme antirrugas. Ela sempre gostou de passar o creme antirrugas. Porque lá tá muito frio também e o frio maltrata muito a pele lá. Ela sempre gostou, ela só tem 2 anos de diferença de mim, mas ela já usa o creme há um tempão, ela sempre foi muito mais cuidadosa do que eu. Eu não lembro de passar um creme na mão na hora de dormir; a mão dela, ela é mais jovem do que eu, a mão dela parece ser mais jovem do que a minha, que ela passa o creme na hora de dormir, eu não passo.
> I – E será que lá ela tem mais facilidade de ter esses, você vê isso?
> T – Ela tem facilidade, lá o povo é consumista pra caramba, tem facilidade sim,

> porque lá é assim: você compra, lá ele faz de tudo pra você consumir, você compra, compra e ganha um monte de bônus. Cada vez que você compra você ganha um bônus, aí qualquer bônus que você ganha você volta lá e faz outra compra, porque compre isso e ganhe bônus, depois você vai lá em dinheiro, em reais, que eu vou chutar aqui, eu não sei, de repente você tem lá 400 reais de bônus na loja, você volta lá com mais 100 e pega uma coisa chiquérrima que você quer de 400, então lá eles faz de tudo pra pessoa consumir, mas independente disso ela vem aqui no Brasil, ela leva os produtos, leva *Natura*, ela leva produtos da *Natura*, ela leva o creme antirrugas, que a Natura tem e que esqueci o nome agora, o *Renew*...
> I – Mas por que? Ela fala o que? Por que ela gosta mais? Por que acha mais em conta?
> T – Porque é famoso, tanto aqui quanto lá. A *Natura* e a *Avon* é conhecida aqui como é conhecida lá fora. Eles sabem que a linha *Renew* é famosa, é boa, então...
> I – Nesse caso então fica mais em conta ela comprar aqui?
> T – Fica mais em conta aqui. Você encontra tudo lá, mas a preços que são 3, 4 vezes mais caros, aí ela vem e leva daqui pra lá. Leva *Renew*, leva óleo *Sève*, que nós, tanto ela quanto eu sempre usamos o óleo *Sève* quando dá, mas na nossa idade a gente já não tá pra óleo, a gente tá pra creme né, porque aí o creme hidrata né, o óleo nem tanto, então hoje ela procura levar mais coisas de creme pra ela, como também leva creme de cabelo daqui pra lá.
> I – E ela traz alguma coisa de lá pra cá?
> T – Traz também. Me trouxe um creme de cabelo maravilhoso, tá lá em casa, traz. Tem coisa boa lá também, só que bem caro.

A conversa me fez lembrar de outro exemplo dessas trocas realizadas entre o Brasil e outros países, com a influência do primeiro, como é o caso da chamada "depilação brasileira", que sempre ouvi falar do sucesso que um determinado tipo de depilação da região pélvica fez em outros países[11] Lembrei, ainda, de uma conversa que tive com uma mulher que conheci no ônibus (ela e eu pegamos a mesma linha de ônibus quase todos os dias), em que conversávamos sobre produtos relativos à estética corporal. Ela vende produtos da *Eudora*[12] e me contou sobre uma parente sua que viaja aos Estados Unidos com frequência e sempre quando vai, leva produtos daqui para lá, explicando que são muito valorizados. Considerando tais informações junto com as de Tânia (52 anos), é possível compreender que, em contexto de globalização, as sociedades ditas não centrais não são apenas receptoras passivas de modos de vida, normatividades, etc., dos países centrais, podendo haver uma troca com influências de ambos os lados. Pensar na particularidade vivenciada por Tânia e sua irmã, além de outras, também pode dar indícios de que as trocas de bens como apresentadas configurem um

---

[11] As irmãs Jonice, Jocely, Janea, Joyce, Juracy, Jussara e Judseia, que acabaram sendo conhecidas como *J Sisters*, nasceram em Vitória/ES e foram para Nova York trabalhar, até que conseguiram abrir seu próprio salão e criaram o famoso estilo de depilação conhecido por *Brazilian Wax:* "O estilo envolve a remoção de todos os pelos da vagina e do ânus. Para efeito decorativo, uma certa quantidade de pelo é deixada no púbis - a região triangular abaixo do abdômen - em formatos opcionais: um triângulo, uma faixa estreita (...)." (VENEMA, 2017). VENEMA, Vibeke. **As mulheres que popularizaram mundialmente a 'Brazilian wax' – a depilação íntima brasileira**. 17/01/2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38600350>. Acesso em 16 mar. 2020.

[12] "Lançada em fevereiro de 2011, Eudora é uma das unidades de negócio do Grupo Boticário". Disponível em: <https://www.eudora.com.br/>. Acesso em 16 mar. 2020.

processo maior, oferecendo indicações para pesquisas acerca do assunto (GINZBURG, 2006; RODRIGUES, 2005).

As considerações acima me permitem, assim, refletir que o Brasil pode ser entendido enquanto um país moderno que recebe influências de outros países e também os influencia. É claro que, dentro do cenário mundial, essa influência do Brasil quanto ao consumo de bens e serviços de estética corporal, e, portanto, quanto à própria noção de beleza, não deixa de ser um fenômeno recente e menos intenso do que o processo contrário. Historicamente, o processo de formação dos padrões de beleza no Brasil sofreu grande influência da colonização e o nosso imaginário nesse quesito é permeado pelas ideias de que um corpo belo é aquele que possui características próximas às encontradas nos europeus. Antes de adentrar na discussão sobre padrões de beleza, coloco as seguintes questões para que possam servir de base para a elucidação de certos pontos que julgo importantes para o avançar dos debates: O que cultura tem a ver com a percepção do corpo? Qual é a concepção de corpo que predomina no ocidente moderno? Quais são as influências dessa concepção moderna ocidental para os países que sofreram com a colonização, especialmente o Brasil? O que acontece quando adicionamos gênero-raça-classe à discussão e qual a relação que pode ser estabelecida com os padrões de beleza? Que relação podemos estabelecer entre essa percepção do corpo e o consumo?

Não obstante sua aparente obviedade, a percepção corporal e a relação que mantemos com nosso corpo não são óbvias quando estamos tratando de seus sentidos dentro de uma cultura. Cada sociedade possui uma ideia acerca do corpo que se modifica ao longo do tempo, atribuindo-lhe sentido e valor. Apesar existirem muitas reflexões feitas sobre o tema “corpo”, precisamos atentar para o fato de que não existe um corpo sem uma pessoa que o encarna, uma vez que recaem várias representações sobre ele, por isso, nem mesmo deve ser tido como um universal (LE BRETON, 2007; 2011). O caminho para pensarmos sobre o corpo envolve a construção do objeto e a elucidação do que está subentendido, pois “O corpo não é uma natureza. Ele nem sequer existe. Nunca se viu um corpo” (LE BRETON, 2007, p. 24). Para Paredes (2014, p. 98), o corpo é a forma de existir de cada ser humano e esse corpo é que nos localiza no mundo e nas relações sociais que foram construídas antes da nossa chegada a ele.

Na visão ocidental, predomina a separação dualista do homem e seu corpo, diferente de algumas sociedades tradicionais, por exemplo, em que o corpo não se distingue da pessoa. O

corpo moderno, por outro lado, pressupõe "o isolamento do sujeito em relação aos outros (uma estrutura social do tipo individualista), em relação ao cosmo (as matérias-primas que compõem o corpo não têm qualquer correspondência em outra parte) e em relação a ele mesmo ter um corpo, mais do que ser o seu corpo" (LE BRETON, 2011, p. 9). Para Foucault (2003), em uma sociedade como a do século XVII, o corpo do rei não era uma metáfora e sua presença física era de suma relevância ao funcionamento da monarquia. Com o advento da República, como não existe um corpo da República, o novo princípio, operante no curso do século XIX, passa a ser o corpo da sociedade, sendo necessário proteger este corpo com o emprego de "receitas, terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes" (FOUCAULT, 2003, p. 145). Ocorre, então a substituição da "eliminação pelo suplício" por "métodos de assepsia" como a criminologia, a eugenia, a exclusão dos "degenerados", de maneira que o surgimento do corpo social, diferente das ideias de universalidade das vontades ou do consenso, seja fruto da materialidade do poder atuando sobre o corpo dos indivíduos (FOUCAULT, 2003, pp. 145-146).

Como vimos, existem diversas formas culturais de se entender e lidar com a corporalidade e mesmo a noção de pessoa também não é universal. No entanto, a visão ocidental sobre o corpo, apesar de não ser única, teve grande influência ao redor do mundo tanto por causa da recente globalização, como, também, pelo processo anterior de colonização levada a efeito por países europeus aos países dos demais continentes[13]. As consequências geradas pela influência ocidental não se resumem à exportação de novas concepções sobre o tema, sendo muito mais profundas e sérias do que podem parecer inicialmente, inclusive, conforme Paredes (2014), a ideia da divisão entre corpo e alma é o que tem delineado a colonização[14].

Refletindo sobre os problemas para a Bolívia, assim como para os demais países latino-americanos, das políticas neoliberais e como estas necessitam do colonialismo histórico e do

---

[13] "A 'ocupação colonial' em si era uma questão de apreensão, demarcação e afirmação do controle físico e geográfico – inscrever sobre o terreno um novo conjunto de relações sociais e espaciais. Essa inscrição de novas relações espaciais ('territorialização') foi, enfim, equivalente à produção de fronteiras e hierarquias, zonas e enclaves; a subversão dos regimes de propriedade existentes; a classificação das pessoas de acordo com diferentes categorias; extração de recursos; e, finalmente, a produção de uma ampla reserva de imaginários culturais" (MBEMBE, 2018, pp. 38-39).

[14] "Para descolonizar el concepto y el sentimento del cuerpo, hay que descolonizarnos de esa concepción escindida y esquizofrénica del alma por un lado y cuerpo por otro; es lo que ha planteado la colônia" (PAREDES, 2014, p.100).

interno como bases raciais, Paredes (2014) aponta as nefastas consequências da herança da invasão colonial, que incluem, dentre outras, exclusão, machismo e racismo contra os/as indígenas, resultando na formação de um colonialismo interno que prescinde do branco invasor, uma vez que é levada a efeito por seus herdeiros brancos, os neo-colonizadores, sejam eles nascidos ou não em terras bolivianas, mas que delas usufruem. Uma das consequências geradas pelo colonialismo interno é o imaginário estético racista, discriminador, que aflige cotidianamente os corpos, em especial, das mulheres indígenas ou de origem indígena. Trata-se de um imaginário ético e estético dos corpos que impõe critérios ligados à beleza, educação e bem vestir, qualificando como belas, educadas, limpas e bem vestidas as mulheres brancas ou com traços ocidentais, por outro lado, como feias, mal-educadas, sujas e malvestidas as mulheres não-brancas com traços indígenas. Ter corpos marcados pelo colonialismo afeta as relações entre as mulheres e das mulheres com homens, relações estas que se dão no contexto de um colonialismo interno, resultando em um "comportamento colonial no erotismo, no desejo, na sexualidade, no prazer e no amor, evidentemente[15]" (PAREDES, 2014, p. 54, tradução minha).

No Brasil, a formação de padrões de estética corporal também foi influenciada pela colonização e, posteriormente, pelo projeto nacional. A história brasileira é marcada por uma representação sexual que partiu dos colonizadores europeus ao se depararem com outros povos, no caso os povos indígenas, transformando-os em aberrações, pecadores, que não possuíam humanidade, representações mentais dos europeus que marcaram os três primeiros séculos de colonização do Brasil. A partir do período da República (1889), iniciou-se o projeto de formação nacional com a invenção de um povo brasileiro, e a ideia de um modelo de beleza calcado nos estereótipos europeus era o almejado pelos defensores desse projeto (FLORES, 2000). Gonzalez (1984, p. 237) fala em "ideologia do branqueamento", projeto de dominação que visava dominar os negros por meio da "internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais", tendo sido justificado e reforçado por intelectuais, cientistas, escritores.

Os "padrões estéticos de uma cultura autêntica são estilizações elaboradas a partir da vida comunitária", portanto, em uma comunidade de pessoas brancas, define-se como ideal de

[15] "[...] tienen por resultado un comportamiento colonial en el erotismo, el deseo, la sexualidad, el placer y el amor, por supuesto" (PAREDES, 2014, p. 54).

beleza humana o indivíduo branco, da mesma forma como em outras comunidades como Japão, China, em que os padrões de beleza refletirão realidades étnicas tipicamente encontradas em tais países (RAMOS, 1995, p. 193). Contudo, o processo de "europeização do mundo" traz alterações nas bases das culturas que alcança devido à superioridade material e prática da cultura ocidental, provocando nas culturas não europeias o que Ramos (1995) chama de "patologias culturais". Uma dessas patologias consiste na adoção pelos indivíduos do padrão estético exógeno e o Brasil é um exemplo de país em que existe tal patologia, pois o brasileiro, especialmente o "letrado", acolhe o padrão estético europeu. O caráter patológico se refere ao fato de que se adota um "critério artificial" para avaliação da beleza humana, abdicando de critérios locais ou regionais no julgamento do belo (RAMOS, 1995).

Bem, vimos que a visão dualista ocidental corpo-mente provocou e ainda provoca consequências de diferentes ordens, inclusive com papel fundamental para a efetivação da colonização; e mais, que a violência do processo colonizador no Brasil gerou um imaginário de beleza ligado aos padrões corporais dos europeus. Junto à concepção de corpo, estão as relações de poder envolvidas, que incluem a definição de quais corpos são mais importantes e quais são menos, quais são considerados belos, quais não são, etc. Apesar da permanência de certas concepções por um longo período, com as consequências sentidas por muito tempo, elas não são imutáveis e podem mudar constantemente, gerando novas visões de mundo, novas relações de poder.

Segundo Le Breton (2011), um novo imaginário do corpo foi sendo desenvolvido nos anos 1960 por meio do descobrimento de um corpo por parte do "homem ocidental", formando novos discursos e práticas envolvidos pela mídia. Ainda de acordo com o autor: "As aventuras modernas do homem e de seu duplo fizeram do corpo (...) lugar privilegiado do bem-estar (a forma), do bem-parecer (as formas, *body-building*, cosméticos, dietéticas, etc.), paixão pelo esforço (maratona, *jogging*, *windsurfe*) ou pelo risco (escalada, "a aventura", etc.)" (LE BRETON, 2011, p. 10). Para Foucault (2003, p. 146), o domínio e a consciência do corpo só foram possíveis devido ao "investimento do corpo pelo poder", citando como exemplos ginástica, desenvolvimento muscular, enaltecimento do corpo belo, que conduziram ao desejo de seu próprio corpo por meio do insistente trabalho exercido pelo poder sobre o corpo "das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio".

Mas, que relações podem ser estabelecidas entre essas novas formas de se lidar com o corpo e as mulheres? Conforme vimos na introdução deste trabalho, essa busca da boa forma através de produtos e serviços cosméticos está mais presente entre as mulheres do que homens; além disso, o que significa a publicidade de produtos ligados ao embelezamento serem mais voltadas ao público feminino? Talvez esse novo imaginário do corpo tenha mais coisas a nos dizer.

Tratando dos acontecimentos ocorridos na Europa e nos Estados Unidos, Wolf (1992) aponta que as mulheres passaram a ganhar as ruas após longo período de silenciamento e que nas duas décadas após o renascimento do feminismo no início dos anos 70, as mulheres ocidentais conquistaram alguns direitos importantes, como controle da reprodução, educação superior, possibilidade de entrar para certas profissões. Tudo isso não significou total liberdade para mulheres instruídas dos países ditos de "Primeiro Mundo" (uma terminologia da autora que indica os países centrais sobre os quais tratei anteriormente) e, muitas delas, sentem que essa falta de liberdade se conecta a questões que não deveriam ser importantes, levando-as a sentirem vergonha por se preocuparem com a aparência física, com o corpo, com as roupas. Assim, quanto o aumento dos direitos alcançados pelas mulheres corresponde à maior rigidez das imagens da beleza feminina a nós impostas. Junto à crescente agitação nas estruturas do poder, cresceram os distúrbios relativos à alimentação, a procura por cirurgia plástica estética, a pornografia, as obsessões com um corpo magro e livre das marcas do envelhecimento. Trata-se do "mito da beleza", uma arma política que utiliza imagens da beleza feminina para controlar a ascensão das mulheres (WOLF, 1992).

Vemos, assim, que ao mesmo tempo em que há a propagação do mito da beleza, se difunde a ideia de que se preocupar com a aparência física é motivo de vergonha e esse movimento dual entre buscar a beleza e sentir vergonha disso aparece em uma das conversas que tive com Ana sobre consumo de bens e serviços ligados à estética corporal, quando perguntei se ela tinha algo mais a falar sobre o assunto, ela disse:

> Eu acho que temos que temos que parar de demonizar essas coisas (..) acho mesmo, porque eu acho que a gente acaba botando tudo em muitas caixinhas, a gente põe na caixinha de "ah estética é supérfluo" ou "estética é tudo o que eu preciso pra minha vida, eu preciso estar no padrão e faz de tudo pra alcançar". Então, eu acho que não, tem que ter um equilíbrio entre isso, não é demonizar, nem endeusar, acho que é uma parte natural da nossa vida, né? A gente se cuidar e, as vezes você quer fazer, assim, só por fazer, porque, ai você nem precisa, você só quer fazer aí vai e faz (ANA, 23

> anos).

Se importar com a aparência física pode, portanto, ter vários significados a despeito da problemática que envolve no caso das mulheres. Claro que o desejo de ser belo também está presente entre os homens, ainda mais com esse "descobrimento do corpo" citado por Le Breton (2011). No entanto, "encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens" (WOLF, 1992, p. 15), cabendo a esses disporem daquelas que encarnem a beleza, sob uma justificativa biológica e, por isso, imutável, de que a beleza teria relação com a fertilidade dentro de um sistema de seleção sexual. Porém, nada disso se comprova, nem que a beleza é universal, nem que as fêmeas precisam ser "belas" para serem escolhidas para a reprodução. Em minhas conversas com Ana, essa diferenciação entre mulheres e homens também apareceu, inclusive, ela citou o livro da Naomi Wolf:

> Isadora: Você falou enquanto mulher... você vê que pra homens...
> Ana: Ah, é muito diferente, é muito diferente. Tipo assim, a coisa que eu mais percebo, eu acho que é essa questão do, de peso mesmo, o quanto mulher tá sempre preocupada em estar magra e acha que só vai ser bonita se for magra e é um grande coisa de construção e com os homens é muito diferente. Óbvio que tem homens com a auto estima comprometida por causa dessas questões, mas você vê que eles não se abalam se eles estão acima do peso, se eles ganharam alguma coisa, eles continuam sendo homens, eles continuam bem...
> I: Andando na praia...
> A: Andando na praia sem camisa... e a gente não. Às vezes a gente fica com medo de ir na praia porque não podem me ver de biquíni. A mesma coisa de envelhecer, de mulher quando fica velha, fica feia, e nenhum homem vai te querer mais porque você é velha, enquanto o homem fica velho, fica mais bonito. Essas coisas que são bem óbvias, mas que é bizarro quando você para pra pensar. E nesse livro da Naomi foi bem esse tapa na cara de ver como é gritante a diferença dessas questões estéticas, dessas pressões.

Ainda segundo Wolf (1992, p. 15), a "beleza" é um mito e consiste em um "sistema monetário semelhante ao padrão ouro" e, como tal, tem sua regulamentação dada pela política tendo em vista certos objetivos que, no caso do mundo ocidental da era moderna, é manter o domínio masculino. Assim, as mulheres são valoradas e hierarquizadas conforme o padrão físico instituído culturalmente. Como as mulheres ocidentais de classe média estavam ganhando força do ponto de vista material, o mito da beleza, da maneira como reapareceu na última geração, precisou recorrer ao aprimoramento tecnológico e ao fervor reacionário maiores do que antes, com isso, o arsenal passou a contar com a disseminação de milhares de imagens do ideal de beleza construído (WOLF, 1992). Ainda que tenha sido lançado na década de 90, essa discussão de Wolf (1992) sobre a fervorosidade com que certos grupos defendem os padrões

estéticos para as mulheres a partir da maior liberalização de parte delas frente a certos domínios, como religião, família, costumes sexuais, é bastante atual. Através das redes sociais é possível visualizar diversos tipos de comentários, principalmente feitos por homens, que ligam o feminismo à "feiura", como se a mulher só fosse feminista pelo fato de não ser bonita. Além disso, tivemos algumas expressões de pessoas políticas que também intentaram reafirmar essa ligação, como é o caso da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos[16].

Considerando que a beleza é política e, no mundo dominado pelos países centrais, ela será determinada por padrões estéticos encontrados nos indivíduos dominantes, no caso, os brancos, quais são as demais características que foram impostas como padrão de beleza às mulheres brancas nos países centrais? Resumidamente, são eles: valorização da juventude e a ideia de que o envelhecimento é "feio" para as mulheres; criação de uma qualificação pela beleza no espaço profissional (a autora cita o caso do telejornalismo como uma resposta sobre qual seria essa aparência quando coloca dois profissionais sentados para apresentarem um jornal, sendo o homem mais velho, com rugas, e a mulher jovem e bem maquiada); enaltecimento do corpo magro. Para que as mulheres "alcancem" tais padrões, não faltam indústrias, empresas, clínicas que fornecem milhares de alternativas para "ajudá-las", desde que paguem o preço, logicamente. Com isso, vemos empresas e profissionais lucrando muito com a venda de produtos e serviços ligados à estética corporal e, também, o nascimento de uma "meritocracia" com relação ao corpo, como se as mudanças nele fossem facilmente alcançáveis, bastando a mulher querer (e ter dinheiro, claro!) (WOLF, 1992).

Tânia (52 anos) mesmo, quando perguntei sua opinião sobre o consumo de bens e serviços de estética corporal, me respondeu achar "muito válido" a pessoa se cuidar, ter sobrancelhas e cabelos "perfeitos", porém ela acaba não fazendo tanto e se cobra por isso: "Então, eu vivo me cobrando, 'ah, eu preciso caminhar', 'eu preciso pedalar'. A questão assim de estética de ir em salão eu vou pouco, mas não é que eu não queira, (…) gostaria de ir mais, entendeu? Mas ai ou por falta de tempo ou por outra coisa acabo não indo". Trata-se de uma culpabilidade que também tem relação com a separação entre mente (ou alma) e corpo. Analisando as raízes

[16] Colaboradores Yahoo Notícias. **Vídeo de ministra Damares chamando feministas de 'feias' causa polêmica na internet**. In: Yahoo! Notícias, 16/01/2019. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/video-de-ministra-damares-chamando-feministas-de-feias-causa-polemica-na-internet-133306967.html>. Acesso em 17 dez. 2019.

da gordofobia, Piñeyro (2016, p. 63) aponta que o centro da questão gordofóbica está justamente nessa separação, em que o corpo precisa ser negado em seus prazeres, seus apetites, agora sob o discurso da ciência e não mais da Igreja, como foi na Idade Média, ou da razão, no Iluminismo, devendo estar sempre sob controle e, assim, qualquer alteração corporal que não esteja dentro dos padrões é vista como uma desobediência passível de culpabilidade e punição. A gordura figura como a principal inimiga da boa forma e, junto com a flacidez, são tidas como símbolos da indisciplina, da preguiça e da falta de um tipo de virtude relacionada ao "investimento do indivíduo em si mesmo" (GOLDENBERG; RAMOS, 2007, p. 31). Ao relatar seu processo de emagrecimento, Marta contou sobre a vergonha que sentia antes de emagrecer 33 quilos:

> […] eu tinha vergonha do meu corpo e do meu rosto, eu jamais falaria com uma pessoa igual eu tô falando agora (...) ou jamais falaria com uma pessoa via câmera, vídeo, não falava, de jeito nenhum, eu não conseguia falar porque eu me achava feia, me achava, hoje não, entendeu? Hoje eu sou outra pessoa. Eu falo, namoro pela câmera […] (MARTA, 54 anos).

Ao mesmo tempo, é preciso ter em mente que existem variações de percepção sobre gordura e magreza nas diferentes classes sociais do Brasil, não se tratando de polarizar ou reforçar estereótipos de classe, mas, sim, entender o que tais aspectos simbolizam a depender de cada contexto histórico e cultural, uma vez que uma mesma pessoa pode ser considerada gorda pelas classes mais privilegiadas e determinados grupos sociais e como magro pelas classes populares e outros grupos, do mesmo modo que um corpo tido como gordo nos dias atuais talvez não fosse assim classificado em séculos passados. Fica em destaque que no Brasil, não é somente o corpo extremamente magro que é valorizado, existindo, também, o estereótipo da mulher "gostosa", que diz respeito a um corpo mais cheio, mais curvilíneo. Esse ideal não se refere, necessariamente, a mulheres consideradas gordas, pois nele está presente a preocupação com a flacidez, a celulite, etc. (BETTI, 2014).

A partir do fim do século XX e início do XXI, deu-se início no Brasil, principalmente nos grandes centros urbanos, a uma crescente "glorificação" do corpo. Se antes o corpo era mais escondido e supostamente mais controlado, ele passa a ser alvo de maior exibição pública, de forma que o decoro diante do corpo nu ou seminu aparenta não existir, contudo, ele permanece, dessa vez concentrado na obediência às regras da sua exposição. Nesse sentido, o a "redescoberta" do corpo não acabou com o controle sobre o mesmo, já que surge uma nova moralidade, sob a aparente liberdade física e sexual, ligada a necessidade de conformação aos

padrões estéticos (GOLDENBERG; RAMOS, 2007, p. 24-25). Aliado a isso, temos a difusão das Tecnologias de Informação e Comunicação, especialmente com a ampliação de acesso aos celulares com internet e câmera fotográfica, que possibilitam a exibição do corpo. Atualmente, a posse de um dispositivo de comunicação está diretamente relacionada, para muitos indivíduos, à própria constituição de si e seus corpos são pensados dentro de uma lógica de construção diária realizada através dos dispositivos e suas possibilidades de conexão, de modo que os "celulares e disposição para a conexão literalmente, vestem os sujeitos" (PAVESI, 2014, p. 218). Ana (23 anos) e Marta (54 anos) revelaram como a fotografia de si mesmas e a possibilidade de exibi-las nas mídias sociais são partes importantes para a constituição de suas relações com o corpo e com a estética corporal, tanto que para Marta (54 anos) significa a sua autoestima:

> Isadora: [...] você gosta de tirar fotos ne? O que a foto representa pra você?
> Marta: Hoje, o meu autoestima. Hoje eu me vejo, tipo assim, ah, tô bem. Às vezes eu tiro uma, não gostei, apago, eu quero mostrar pra mim e pra... que eu estou bem, entendeu? Porque acho que a melhor forma de você mostrar pra alguém que você está bem é você mostrar. Então, tipo, é numa roupa, é sei lá, numa pose, é... eu quero mostrar pra mim mesma "nossa, cê tá bem, cê conseguiu".

Em uma rápida olhada no perfil do *Facebook* de Marta (54 anos), podemos notar a postagens de muitos *selfies*, algumas, inclusive, vestindo roupas íntimas. O interessante é que, a despeito do que os autores falarem sobre a necessidade de se obedecer a rígidas regras para a exposição do corpo, isso não se aplica no caso de Marta, pois, ela se sente muito bem com seu corpo aos 54 anos de idade, mesmo que os padrões digam que o corpo belo é o jovem e sarado de academia. Já Ana (23 anos), revelou a importância das redes sociais para o processo de aceitação do seu corpo na adolescência, devido a possibilidade de ver outros tipos de corpos sendo exibidos que não aqueles determinados pelos padrões estéticos no Brasil:

> [...] quando eu era adolescente, eu era muito, muito magra e eu me sentia péssima, porque, tipo, todo mundo quer ter bunda e perna, então, eu era muito, muito magra, e eu achava isso horrível, sabe? E, aí eu entrei na academia, tomava suplementos, fazia mil coisas, mas e depois eu percebi que não adiantava muito, né? Porque, gente eu nasci assim o que é que eu vou fazer? E aí eu aprendi que não dava pra eu tentar ser uma coisa que não posso ser, sabe? Só porque a sociedade acha bonito você ter uma bunda e não ser uma tábua. E aí foi um procedimento duro pra mim, e aí a rede social até me ajudou um pouco porque eu fui vendo as outras pessoas que eram muito, muito magras, eu falava assim "poxa, essa menina é tão bonita, por que eu também não posso me sentir assim?" Então, isso é um processo muito complicado por ser aquela fase de adolescência, que você ta se descobrindo, você ta amadurecendo. Tanto que hoje em dia eu não sou mias tão magra assim. E aí depois eu aprendi que era isso, que eu não tinha que fazer as coisas só porque se esperava

> isso de mim. Eu tinha que fazer pra me sentir bem, óbvio que a gente continua caindo nas armadilhas, as vezes eu, sei lá, "eu engordei", ai você olha aquela gordurinha, é ínfima, é ridícula, não gosto nem de falar porque é ínfimo. Aí você vê aquela gordurinha e fica "aff, que saco", (..) aí depois eu paro e penso para quando eu era mais nova, "quando eu era mais nova o meu sonho era ser do jeito que eu estou hoje, que que eu to reclamando?". Parece que a gente nunca tá satisfeito, aí tento pensar muito nisso pra mim, tudo que eu faço é pra eu me sentir bem, e não pra atingir um padrão, ou atingir expectativas das outras pessoas, porque, no final, o que importa é pra mim, a minha felicidade depende de mim, não dos outros. E você nunca vai tá bom pros outros, você tem que estar bom pra você. Eu acho que é isso (ANA, 23 anos).

Em resumo, verifico que os apontamentos de Wolf (1992) quanto à atribuição de valores entre as mulheres ocidentais pelos critérios físicos, podem ser complementados pelos de Ramos (1995) quando este trata da adoção do padrão estético europeu por sociedades não europeias e Paredes (2014) quando esta fala sobre como o colonialismo interno atinge os corpos, principalmente das mulheres não-brancas, ao propagar um imaginário estético racista que qualifica hierarquicamente como belas as mulheres brancas em comparação com as não-brancas. Ou seja, o recrudescimento da imposição de imagens de beleza feminina levado à efeito nos países centrais gera consequências ainda mais graves nos países que foram colonizados devido aos processos de colonização interna e de globalização. Entra em cena, também, a difusão de tecnologias que facilitaram o acesso à câmera fotográfica em celulares, possibilitando uma maior visibilidade dos corpos nas redes sociais, podendo significar um aumento na preocupação e na ansiedade quanto aos padrões estéticos ou, como vimos nos casos de Marta (54 anos) e Ana (23 anos), um meio de conhecer outros corpos que não sejam os definidos pelos padrões e mostrar satisfação com o próprio corpo.

No Brasil, conforme o exposto, há a valorização do padrão estético europeu (RAMOS, 1995) e, por outro lado, a sexualização dos corpos negros, especialmente as mulheres, uma vez que "[...] a mulher mulata foi discursivamente construída como um sujeito sexualizado, responsável pela procriação dos mestiços brasileiros[17]" (FIGUEIREDO, 2015, p. 164). Para Gonzalez (1984), esse fato tem a ver com o "mito da democracia racial", cuja atualização de

[17] Avançando a discussão, Figueiredo aponta para a importância da criação da identidade da mulher negra: "a construção do corpo feminino negro, discursivamente construído como símbolo de resistência e como um elemento importante para a afirmação da identidade negra no Brasil foi elaborado como uma resposta para a excessiva representação sexualizada atribuída ao corpo da mulata. Quer dizer, mais do que um discurso endereçado à mulher branca, o discursivo afirmativo da mulher negra tem como objetivo a desconstrução da mulata discursivamente e sexualmente construída. O que importa agora é opor à imagem da mulata faceira, sexualizada, construindo, assim, a imagem de uma mulher negra orgulhosa de si e, portanto, valorizada" (FIGUEIREDO, 2015, p. 164).

maior força simbólica ocorre no carnaval, quando a mulher negra se transforma na "rainha", sendo exaltada, admirada e desejada. Mas, como todo mito, o da democracia racial oculta algo e a violência simbólica que exerce é principalmente sobre a mulher negra, tendo em vista que, fora do carnaval, o cotidiano dessa mulher é marcado por profissões não valorizadas, como de empregada doméstica, pela violência presenciada contra seus homens, seus filhos ou seus irmãos devido à perseguição policial sistemática que mata e encarcera, especialmente jovens negros, facilitando, assim, a perpetuação da dominação dos brancos, que pode ser explicada pelo longo tempo de escravidão no país. Ao mesmo tempo, foram criados insultos racistas que visavam desqualificar as características físicas dos negros:

> É por aí que a gente entende porque dizem certas coisas, pensando que estão xingando a gente. Tem uma música antiga chamada "Nêga do cabelo duro" que mostra direitinho porque eles querem que o cabelo da gente fique bom, liso e mole, né? É por isso que dizem que a gente tem beiços em vez de lábios, fornalha em vez de nariz e cabelo ruim (porque é duro). E quando querem elogiar a gente dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?) (GONZALES, 1984, p. 234).

Por isso é importante levar em conta os estudos que trabalham a subordinação interseccional, como o de Yuval-Davis (1997). Para a citada autora, análises generalizantes não levam em consideração que a opressão das mulheres é localizada e integrada a relações sociais que envolvem distribuição de poder e de recursos materiais na sociedade, ou seja: "Gênero, etnicidade e classe, embora com bases ontológicas diferentes e discursos separados, são entrelaçados um ao outro e articulados um pelo outro em relações sociais concretas"[18] (YUVAL-DAVIS, 1997, p. 7, tradução minha). A despeito de existirem semelhanças em alguns pontos da discussão sobre consumo de bens e serviços de estética corporal, as minhas interlocutoras são muito diferentes entre si e possuem visões distintas que refletem e são refletidas por suas trajetórias de vida. Isso repercute, obviamente, em suas relações com e em suas ideias sobre os padrões de beleza, pois, quando as entrevistadas me contam suas narrativas de vida ligadas a estética corporal, fica evidente como gênero, raça, classe, idade e orientação sexual se articulam nas relações sociais concretas por elas vivenciadas.

Lembro que a utilização do termo *raça* não tem a ver com concepções superadas de classificação biológica. Segundo Munanga (2003), pesquisadores brasileiros utilizam o

---

[18] "Gender, ethnicity and class, although with different ontological bases and separate discourses, are intermeshed in each other and articulated by each other in concrete social relations" (YUVAL-DAVIS, 1997, p. 7).

conceito de raça para explicar o racismo, e não para afirmar uma realidade biológica, uma vez que o fenômeno do racismo ainda se fundamenta na ideia de existência de raças hierarquizadas. Mesmo que os estudiosos da ciência biológica já tenham demonstrado que raça não é uma realidade biológica, as raças fictícias e hierarquizadas ainda permanecem nas "representações mentais e no imaginário coletivo de todos os povos e sociedades contemporâneas" (MUNANGA, 2003, p.12). Devido a seu histórico, o conceito de raça está repleto de ideologia, pois esconde algo não declarado, que é a relação de poder e de dominação, relação esta escondida na ideia de natural, biológico. Tudo isso levou a alguns pesquisadores a substituírem o termo raça por outros, como etnia, contudo, tal substituição não altera a realidade do racismo, porque não elimina a relação hierarquizada estabelecida entre diferentes culturas (MUNANGA, 2003).

Bem, existem os padrões de beleza que são evidenciados a todo momento, especialmente através da mídia, nos lembrando sobre quais corpos são considerados bonitos, feios, saudáveis ou não. Vimos, ainda, que esses padrões são precipuamente direcionados às mulheres, sendo nossa obrigação "encarnar" a beleza (WOLF, 1992) e, ainda, que passam por constantes alterações e atualizações. Mas, como as minhas interlocutoras realmente se comportam frente a esses padrões? O que elas pensam sobre eles? Como gênero, raça, classe, idade se articulam dentro de suas análises sobre padrões estéticos? Tais perguntas não foram feitas dessa forma, contudo, o assunto foi abordado por elas durante nossos diálogos acerca do consumo de bens e serviços ligados à estética corporal.

Antes de trazer as ideias de minhas interlocutoras sobre corpo e padrões de beleza, julgo interessante abordar rapidamente sobre um assunto que é tido como um dos "problemas centrais da Sociologia" (CAMPOS, 2009, p. 146) e que sempre me instigou, ainda mais depois dos ricos diálogos travados com minhas interlocutoras. Falo da relação entre agência e estrutura. Como disse, é uma discussão central na Sociologia e, consequentemente, muitos autores clássicos se debruçaram sobre ela, como por exemplo, Durkheim (2000), Weber (2012) e Bourdieu (1983). Não vou aqui pormenorizar a discussão por não considerar que tenho, no momento, condições de fazê-lo e também por não julgar haver espaço para tanto nesse trabalho, mas vou tratar de alguns pontos que entendo serem úteis nesse momento, em

especial no que concerne ao entendimento sobre "reflexividade"[19].

A questão de fundo nessa discussão diz respeito ao modo como se dá a relação agência-estrutura, com os autores diferindo sobre se uma se sobrepõe à outra ou se há uma influência mútua entre elas. Estrutura e agência funcionam em escalas de tempo distintas, sendo a estrutura anterior, uma vez que os indivíduos nascem em contextos estruturais preexistentes, em que certos tipos de relações e papeis sociais já operavam antes de sua existência. Por isso, dizemos que as estruturas sociais são "anteriores, exteriores, autónomas e exercem influência causal sobre os indivíduos", todavia, para a efetivação dessa influência, é preciso que os agentes ativem os poderes causais das estruturas e é aí que entra o papel da reflexividade (CAETANO, 2011, p. 158). Para Archer (2000a, p. 73-74), os sujeitos são agentes ativos e reflexivos e o processo de ser humano envolve o contínuo desenvolvimento do trabalho reflexivo, especialmente por meio da conversação interna, em que este sujeito conduz "uma avaliação incessante, no sentido de saber se aquilo o que ele em algum momento definiu como preocupação(ões) última(s) ainda pode(m) ser vivida(s) pelo sujeito". Nas conversas com minhas interlocutoras, pude notar como o assunto relativo aos padrões de beleza e o modo como cada uma delas lida com eles foi sendo abordado quando eu perguntava a opinião delas sobre consumo ligado à estética corporal.

> Isadora: Então, me fala o que você pensa, por exemplo, de uma relação que tem entre estética corporal, o que você pensa dessa relação com o corpo?
> Marta: Eu acho, eu sou adepta à vaidade, acho que mulher, eu não tô a mulher que eu quero ser. Não, eu me imagino uma mulher. Eu acho que parei, eu parei essa mulher em várias etapas da minha vida, porque não é que, a mulher que sofreu, a mulher que ficou viúva, a mulher que perdeu o filho, a mulher que... A mulher que só perdeu. Então agora, eu to no meu foco de conquistar. Tanto que, tipo, eu mesmo me negava às vezes de "ah eu não posso ir com essa roupa" "ah, não vai ficar bem pra mim" "ah, não posso usar vermelho" "ah, não", não, não é que eu não gostava é que eu ficava naquela assim "nossa, batom vermelho, o que as pessoas vão falar de mim? " Eu era, eu era um pouco racista comigo mesma e não percebia.
> I: Ah é?
> M: É, porque, tipo assim, racista comigo mesma quando... por exemplo, a partir do momento que eu mesma me impedia de fazer uma coisa, eu estava sendo egoísta e racista comigo. Por que como é que eu posso dizer pra mim mesma que eu não poderia usar um vermelho. Por que? Por que que eu não poderia usar um vermelho? É, por que? Então, tipo assim, meu guarda roupa não tinha vermelho, meu guarda-roupa não tinha tons verdes, não tinha tons amarelos... "Eu usar amarelo? Não", você entendeu? Então, eu mesma me excluía (...). É porque, tipo, às vezes "Eu vou usar um esmalte vermelho na minha unha? Ah não, vai ficar horrível, eu sou negra", entende? Eu era racista comigo mesma. E de um tempo pra cá, depois que a Marta

[19] Para saber mais sobre temas como relações agência-estrutura, subjetividade, entre outros, cito alguns trabalhos como Ortner (2007), Archer (2000b), Archer (2011).

fez 54 anos, eu não sei se entrou um parafuso a mais (risos), se apertaram esse parafuso demais, ou se afrouxaram, ele caiu e ninguém viu. Eu sei que é uma outra Marta. É uma outra Marta que, quem tem acesso ao meu *Facebook* já responde tudo (risos), é uma Marta que tira muita foto, uma Marta que eu acho que devo ter, não sei, uns 800 amigos de internet, as vezes não dá nem tempo de atender todo mundo, é uma Marta, tipo, que mesmo pela internet, é uma pessoa, uma mulher muito cobiçada (...). Aí hoje, eu acho que eu tenho uma música do Martinho da Vila, "já tive mulheres de todas as cores", porque lá no meu racismo eu fui racista com as minhas roupas, minhas cores, comigo mesma, e tipo com os meus relacionamentos que eu achava que não podia me relacionar com pessoas mais claras do que eu, mas isso eu ainda tenho uma certa dificuldade, não é uma dificuldade, é por eu amar muito a minha cor, então eu acho meio que diz um não, meio que valorizar a minha cor, então se existem negros lindos, porque não um negro, não desfazendo da cor, mas não porque né a minha origem, a minha raça, então hoje acho que é por isso que eu me encontrei, porque hoje eu tô cor, mente, tudo a mesma coisa [...].

Isadora: O que você acha que seria interessante me contar um pouco sobre consumo estético? De modo geral, falar desse assunto, o que vem na sua cabeça?
Ana: Ah, me vem um pouco o exagero que acontece, essas notícias que a gente vê muito, de pessoas que têm problema de saúde, que morrem, têm algum tipo de intoxicação porque tem uma força na sociedade de impor um padrão de beleza, que a gente tem que se adequar a ele, não importa como você seja, você pode até estar muito perto do padrão, mas você, eles criam essa coisa de que você não é o suficiente, então você sempre está tentando chegar lá o mais perto possível, mas eu acho também pode ser uma coisa boa, né? Porque tá muito ligado a autoestima da mulher, então é importante porque se isso te faz bem, é importante que você faça. Então eu acho que tem esses dois lados, um lado mais tenso, né? De um exagero, de um padrão de beleza, e o lado bom que é o autocuidado, que faz bem.
I: Você vê então, como você enxerga essa relação pra você assim?
A: Pra mim, eu acho que é um pouco dos dois porque eu não sou uma pessoa, eu me considero vaidosa, mas eu não sou uma pessoa que consome tanto a nível fora de casa, de ir a salão, eu não pinto unha, eu faço minha própria sobrancelha, porque eu tenho preguiça assim, de fazer coisas que me exijam sair de casa (risos), então, eu mesma me cuido dessa forma, mais em casa. Mas, assim, eu pinto o cabelo, eu gosto de usar maquiagem, coisinhas assim. Nunca fiz nenhum procedimento mais invasivo, só coisa exterior. E isso, pra mim, é bom, porque eu gosto, assim, das coisas que eu faço, me fazem me sentir melhor comigo mesma, mas ao mesmo tempo, as vezes, eu fico nessa sensação assim de que “ah, eu podia sair sem maquiagem hoje” ou as vezes eu fico com vergonha quando eu não depilo a minha perna e aí eu não quero sair de short. Aí eu fico pensando “não, cara, você pode sair de short, ta tudo bem, que que tem, você tem pelo na perna, todo mundo tem”, mas aí fico aquela coisa “ah não, eu preciso estar depilada para sair de casa, não posso sair com a perna assim”. Às vezes é um pouco, como é que fala? Parece que te limita, que você tem que ficar dentro disso de que a sociedade espera que você esteja.

Isadora – Como tinha essa preocupação... você percebia?
Tânia - Tinha, porque a sociedade impõe também né, você sai muito diferente e todo mundo olha diferente pra você, então tinha que passar pelo menos um batom, uma corzinha no rosto se tivesse assim um blushzinho, mas nada de coisa tão sofisticada como hoje, que a pessoa bota cílios postiços, nossa o que eles fazem hoje não existia na nossa época não, eles botam aqueles cílios enormes, nem sei dizer o tanto de coisa que tem hoje, eu sei que você vê uma pessoa produzida e que hoje quase tudo é artificial (…) eu não tenho vontade, eu queria que a minha sobrancelha, ela tá branca porque eu não quero arrancar os pelos, porque eu sei que quanto mais você arranca os pelos, ele vai parar de crescer, um dia você vai ficar sem sobrancelha de tanto arrancar, da mesma forma que os cabelinhos dos seus cílios também não vão continuar nascendo para sempre, então eu penso na possibilidade de pintar sem

arrancar ou, mas eu não penso em colocar tudo artificial não, fazer aquele desenho e, isso eu não penso em fazer (pausa). (...) Que é muito na prática, a sociedade te impõe e te convence que é muito melhor você ter a unha artificial do que a unha própria, do que eu ficar lá deixando crescer como era antigamente, e lixa lixa lixa lixa, a pessoa ficava com 1 centímetro de unha dela, é muito trabalhoso, a pessoa vai lá, fica um mês e tira, é prejudicial porque a unha não respira, mas não estão nem aí, querem a unha bonita e deixam a unha, vai no salão, tira vai e coloca de novo...
(...)
I – Você já fez algum procedimento, assim digamos mais invasivos como cirurgias estéticas?
T – Não, não fiz nenhuma cirurgia estética. Eu que sofri um acidente, fiquei com essa cicatriz, fiz uma cirurgia pra diminuir uma falha que eu tenho aqui, porque eu tinha uma entrada aqui, então largo assim por causa de que perdi todo esse cabelo, num acidente de carro, então o médico diminuiu e ela ficou, se tinha 2 ou 3 centímetros, ela ficou com 1, mas ela existe, está aqui até hoje, e o cabelo tampa, mas nunca fiz uma cirurgia de mama, nunca fiz porque não tenho coragem...
I – É? Não tem interesse, não tem coragem?
T – É muito bonito ver o negócio perfeito, mas você pensar uma anestesia geral e tem algumas coisas que podem ser resolvidas de outra forma, menos o peitinho caído, o resto pode resolver de outra forma (risos), os peitinhos a gente vai tentando dar uma levantadinha neles... já é caído, ainda vai cair, dá uma pinça aqui ó, a questão da barriga a gente pode tentar resolver com a ginástica, então nenhuma cirurgia eu fiz estética, nem de seio, nunca fiz.

Isadora: E o que você acharia interessante falar sobre consumo de bens e serviços ligados à estética corporal?
Cláudia: Tem coisa que é demais. Tem coisa assim que me incomoda, como você tá fazendo comigo, eu vou falar de mim, eu acho que tem coisa que é demais, como é que eu vou dizer, é muita vaidade, né? Que a gente vê muito isso, a gente visa muito, que estar sempre bem "ah, eu tô bem", vou ali vou tomar uma injeçãozinha que vai queimar minha gordura, que não sei o que, que vai fazer... o excesso também de atividades físicas né, no sentido de, tem gente que se prepara pra isso, mas é o extremo, tem pessoas que têm, têm pessoas que têm a profissão de trabalhar com essa questão de estética, então elas precisam estar assim, mas eu acho que é em excesso. Eu acho que a pessoa não vive muito não, quando se enfia muito nisso daí... você fica preso, igual a gente fazendo dieta, pelo amor de Deus, agora no meus trinta e nove eu me encontro numa situação, misericórdia, pelo amor de Deus, Senhor, posso comer uma batatinha? Posso. Cinco quilos a mais. Tomar um refrigerante, 10 quilos a mais e cinquenta mil buracos na perna. Tenso. Mas assim, eu vejo que tem coisas que é extremo. Me incomoda um pouco, eu acho que as pessoas elas fogem um pouco do que elas são. Você acordar, pô, to acordando, caramba, eu acordei sem rímel, sem, tá, beleza, eu sou assim, eu nasci assim, tipo a Gabriela né? Então, já acorda, puff, já saio, senta um rímel na cara, vai ficar legal? Vai, vai ficar legal, mas pô? Não é uma morte. Igual às vezes você chegar num lugar, igual acontece às vezes, "Cadê o seu batom?" "Não, cadê o seu rímel?" Não tá, não tem batom, não tem rímel, não gosto de usar, eu uso quando eu quero usar. Então, tem essa questão de cobrança também. Então, às vezes tem pessoas que se sentem, essa questão também de serem vistos pela sociedade de uma forma diferente, acabam entrando nessa também por causa disso, mas eu não ligo muito pra isso não.
I: Mas você falou que às vezes te cobram..
C: Sim, sim, eu escuto, "ah, passar um batonzinho, né?" "ah não, não quero não, não gosto muito não". Hoje eu quero ficar sem batom. Que obrigação eu tenho de ficar usando? Não tenho obrigação nenhuma, eu uso quando eu quero, eu uso quando vou pra uma festa, isso é fato. Eu uso (6:57) quando eu vou pra uma festa, acabou. Agora, em casa, no meu dia a dia, não uso. Não vou dizer que eu nunca usei, quando eu quero usar "Ah, hoje eu vou passar um batom" as pessoas se assustam "Noossa, tá de batom" "Tô" "Você fica bem de batom". Gente, nasci sem batom, passei hoje porque tava afim. Mas é gostoso também quando você passa, você olha assim "caramba, tô bonita". É diferente. Mas, não ligo muito. Mas vejo isso, que tem muita

> gente que se prende a isso "Não tem alguém com um batom aí, com um rímel" "Gente, calma! É só um rímel, não vai morrer por causa disso".

Campos (2009) vislumbra na teoria de Margaret Archer um importante caminho para pensar sobre a reflexividade das mulheres com relação aos padrões de beleza. O reconhecimento dos padrões estéticos como algo a ser seguido depende de um processo reflexivo que estabelece aquilo que efetivamente nos preocupa e, nesse sentido, ao escolher seguir os padrões, as mulheres não estão necessariamente se abstendo de sua reflexividade, mas, sim, decidindo ativamente aquilo que deve ou não ser considerado. É claro que, como também somos formados por nossa socialidade, os padrões terão influência na formação de nossas identidades, no entanto, cada mulher pode escolher "como e em que medida estes padrões serão levados em consideração" (CAMPOS, 2009, p. 157). Esse processo reflexivo aparece nos diálogos acima, em que cada interlocutora apresenta um pouco das suas análises acerca dos padrões de beleza e como elas lidam e lidaram com eles em suas vidas. Elas abordam as pressões sociais e como aderem ou não àquilo que está sendo exigido, como mudaram essa questão ao longo de suas vidas, como internalizam certos padrões e outros rechaçam, os tipos de consumo relativo à estética corporal que preferem e os que não as atraem mesmo quando são bens ou serviços que a sociedade tenta nos impelir ao consumo.

É interessante perceber que essa reflexividade aparece com mais evidência nas narrativas de minhas interlocutoras quando falam sobre a passagem do tempo para elas em relação a seus corpos, notadamente nos casos de Cláudia (39 anos), Tânia (52 anos) e Marta (54 anos). Elas revelaram preocupações relativas ao envelhecimento, como ganho de peso, flacidez, contudo, também relataram ter adquirido mais autoconfiança, segurança e autonomia para consumir aquilo que desejam ou para rechaçar o que não é importante:

> Quando eu era mais jovem eu gostava muito de preto cinza, o que me escondia, que eu sempre fui muito cheinha, então, assim, achava que meu peito era muito grande, então meio que usava meio que as roupas mais escuras pra poder esconder. Hoje, não, depois que eu fui amadurecendo, meu corpo já mudou completamente, me sinto super bem... super bem, não, me sinto bem. Às vezes tenho aquela coisa de falar "opa, tá na hora de fechar a boca de novo"... mas, assim, me sinto bem. Eu me olho, "pô, que legal!" estou com 39 anos, mas eu tô muito bem, melhor que muita novinha aí, muita novinha ou outras pessoas , eu me sinto bem (…) Então, assim, você se descobre, acho que cada fase também é diferente, né? Agora eu entrando na fase dos quarenta, com certeza já tem outras ideias na minha cabeça aqui, tipo, pera aí, o que eu curtia antes, não to curtindo mais. Mas em questão de roupa, ainda tem, meu estilo ainda se mantém, nada de mudar totalmente não, pelo menos nessa fase, mas de como eu era, adolescente, passei por essa fase (...). Trinta anos eu falei "agora tá legal" "tô bem" (…) "tô segura, deixa eu usar esse vermelho leão aqui" mentira,

> vermelho eu não gosto não (risos), mas tipo meio que um estilo, uma roupa mais "caramba, tô presente"(CLÁUDIA).
>
> Isadora – Você tava falando a sociedade aí, você vê muito essa questão da imposição, o que você vê nisso assim?
> Tânia – Imposição não, impõe os jovenzinhos, aquelas menininhas assim que estão começando agora elas ficam bem influenciadas né?
> (...)
> I – Você acha que hoje em dia você estando com a sua idade você se importa menos com o que os outros vão pensar, ou...
> T – Eu me importo menos […].
>
> Então agora, eu tô no meu foco de conquistar (…). E de um tempo pra cá, depois que a Marta fez 54 anos, eu não sei se entrou um parafuso a mais (risos), se apertaram esse parafuso demais, ou se afrouxaram, ele caiu e ninguém viu. Eu sei que é uma outra Marta (...). Ter 54 é uma delícia. Tô assim, tô me amando e tô sendo amada (MARTA).

Pesquisando os significados do envelhecimento para mulheres na faixa etária de 50 a 60 anos das camadas médias e altas da cidade do Rio de Janeiro, Goldenberg (2008) encontrou entre elas discursos ligados à "invisibilidade", "falta", por outro lado, apareceram nos discursos ideias de "liberdade", conquistas, amadurecimento, descobertas, aceitação, resultados estes que vão ao encontro das narrativas acima das minhas interlocutoras. Para Wolf (1992, p. 17), inclusive, a ideia de que o envelhecimento na mulher é "feio" perpassa pelo fato de que: "[...] as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos".

Também me chamou a atenção nas narrativas, a diferença que existe entre minhas interlocutoras quanto à preocupação estética: Ana e Marta são as que demonstram uma preocupação mais evidente, se apresentando como pessoas vaidosas, enquanto em Cláudia e Tânia essa preocupação aparece de maneira mais indireta e esporádica, não se considerando pessoas muito vaidosas. Isso é interessante, pois, conforme falei anteriormente, há um direcionamento maior dos padrões estéticos às mulheres, contudo, observo que nem todas estão seguindo-os desenfreadamente, ainda que saibam e conheçam pessoas que assim o fazem. Nesse sentido:

> Apoiando-nos em Archer, ressaltamos que, mesmo que o "imitar" possa ser considerado um ato não-reflexivo (segue um parâmetro pré-dado), o imitador tem, a todo momento, tanto a possibilidade de criar algo novo como de desvincular-se daquela imitação que a princípio pode ter sido por ele considerada um compromisso válido (...). A reflexividade simplesmente possibilita que o ser humano monitore tanto as suas próprias ações como as impressões que ele recebe do meio. De fato, a conquista de uma suposta autonomia e o incremento da capacidade de agenciamento

> passam necessariamente pela reflexividade; mas, tais metas só serão efetivadas na medida em que o próprio sujeito designá-las como objetivos a serem perseguidos, ou, na terminologia archeana, como *preocupações últimas*. A relação entre mulheres e beleza parece bastante mais razoável e dotada de sentido se observada através dessa possibilidade sociológica, uma vez que numa mesma sociedade temos a chance de observar mulheres que cultuam fortemente a preocupação estética e outras para quem isto aparece esporadicamente e ainda há aquelas que jamais pensam no assunto (CAMPOS, 2009, pp. 159-160, itálico da autora).

Ainda tratando da beleza, busquei descobrir de minhas interlocutoras se elas se achavam bonitas. Para algumas delas perguntei diretamente, para outras não foi necessário, uma vez que o assunto foi abordado em outros momentos, de outras formas.

> Isadora: E quando você se sente, "Nossa, to bonita"?
> Marta: Ultimamente eu to me achando bonita sempre... sempre, sempre, porque, pra você ter uma ideia, eu não tinha fotos, eu não, até 2017, eu não tinha nem *Facebook*... 16, 17, é, 2017 foi que as minhas filhas criaram o *Facebook* pra mim. Ainda tava meio que "ah não quero", só que depois que eu tomei essa, "não, vou mudar", então, todo dia eu tenho que tirar uma foto, todo dia eu tenho que fazer uma foto, todo dia eu tenho que postar uma foto, entendeu? E quando eu não posto, já virou rotina, quando eu não posto, alguém vai e me pergunta "o que tá acontecendo? Você não postou foto hoje" aí eu vou lá e posto a foto. Aí eles ficam "nossa, mas você emagreceu mesmo" que não sei o que, então, assim, vai, tem os contras e os prós e os contras, tem aquela pessoa "nossa, ficou muito seca" "nossa, para de malhar" "nossa" já tem outros que "não, continua" [...].
>
> Isadora: Você tá falando da beleza, quando você se acha assim "tô"... você se acha bonita?
> Cláudia: Eu me acho.
>
> [...] não me considero uma pessoa feia, eu me descrevo assim, eu acho que tenho uma aparência razoável, tenho essa pequena cicatriz aqui (apontando para o rosto) mas já me acostumei com ela, já faz parte, entendeu? Tenho os traços assim razoáveis, mas não quer dizer também que eu seja uma pessoa tão focada em vaidade. Se fosse, eu não demoraria tanto tempo pra me cuidar assim de, quem é focado em vaidade não deixa, eu deixo meu cabelo ficar branco três meses pra depois pintar, entendeu? Eu não vou ao salão todos os finais de semana, não sou de depilar, nunca depilei, eu mesma passo meu prestobarba, meu gilete lá, entendeu? Então eu não me considero uma pessoa supervaidosa. Eu não sou muito de usar bijuterias porque tenho algumas alergias, posso usar mas desde que seja um bom material. Então, praticamente não me enfeito, não posso com pulseiras, colares que tenha metal, por exemplo, a maior alergia tá no metal, no plástico também. Então, assim, não me considero tão vaidosa (TÂNIA, 52 anos).
>
> Isadora: Você se acha bonita?
> Ana: Acho ... depende do dia (risos).
> I: Como assim?
> A: Não, tem dia que, assim, ... eu sei que eu sou bonita. Eu sei que eu tô num padrão muito padrão (risos), mas tem dias que eu estou me achando muito bonita, maravilhosa, mas tem dias que você se acha uó, principalmente quando você tá de TPM que, tipo, a pele fica toda horrível, você fica inchada, não sei, tudo muda. E é isso. A gente vive nessa coisa, tem dia que você se sente bem, tem dia que você se sente mal ... até mal assim, sei lá, tá triste, aí você se olha no espelho, você não consegue se ver bonita se você tá triste, eu acho, você fica vendo todos os defeitos porque você tá naquela vibe baixo astral assim, então eu acho que é isso...tem dia que sim, tem dia que não, mas no geral eu tenho uma consciência de que eu tô dentro de um padrão, sabe? De um padrão estético que é o padrão da sociedade

ocidental.

Das conversas, observei que minhas quatro interlocutoras se acham bonitas, sendo que as respostas de Marta e Cláudia foram mais firmes nesse sentido, enquanto as de Ana e Tânia colocaram outras reflexões, pois Ana lembrou de dias em que não se sente bonita, em especial no período conhecido por TPM (Tensão Pré-menstrual), e Tânia ressaltou uma pequena cicatriz em seu rosto e o fato de não ser muito vaidosa, que está relacionado, também, com certas condições vivenciadas por ela ao longo da vida. Outro ponto de destaque está na fala de Marta que, novamente, relaciona a beleza ao ato de tirar fotografias de si mesma, uma correlação que aparece em vários momentos de nossos diálogos, reafirmando a importância para ela de tal ato.

Os diálogos acima dão pistas de como as noções de beleza estão relacionadas ao consumo e, ainda, às trajetórias pessoais ligadas ao consumo de bens e serviços de estética corporal das minhas interlocutoras. Vimos como minhas interlocutoras refletem acerca dos padrões estéticos e o modo como essa reflexividade opera dentro de suas trajetórias de consumo. No próximo capítulo, retomarei algumas discussões atinentes ao processo de consumo, aprofundando em temas presentes nas narrativas das minhas interlocutoras que conectam padrões de beleza, trajetórias de consumo, motivos que levam ao consumo de bens e serviços de estética corporal, às situações concretas por elas narradas. Discutirei, ainda, sobre as primeiras lembranças quanto ao consumo de bens e serviços de estética corporal.

4 SENTIDOS DO CONSUMO

Nos capítulos anteriores, apresentei as narrativas de vida de minhas interlocutoras envolvendo a relação com o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal. Por meio das narrativas, tive acesso a diversos aspectos de suas vidas que vão além dos sentidos e significados que o referido consumo tem para elas.

4.1 Consumo e beleza

> Tipo assim, o tratamento que eu tô fazendo, inclusive tem até uma coisa nova que eu comprei, mudou a minha cara (risos). O próprio cabelo né, você pinta, não preciso pintar o cabelo, não tenho o cabelo branco, e mesmo se tivesse não precisaria (risos) mas é porque eu gosto, eu me acho mais bonita assim (ANA, 23 anos).

> Pé pra mim é tranquilo demais fazer, que meu pé se deixar eu faço de um em um mês, é bem tranquilo e a mão eu faço em casa, a minha mão eu faço mais porque fico movimentando o tempo todo, mexe com água, dona de casa não tem jeito, mas, tipo, tem coisa que você vai precisar fazer, o cabelo também, o cabelo não tem jeito, se ficar em casa não é a mesma coisa, não adianta (CLÁUDIA, 39 anos).

> Ah, eu amo ir no salão. Eu demoro a ir, mas quando vou eu falo "perdi 5 kg só de fazer o cabelo". Fazer a unha. Eu não depilo no salão, mas se depilasse então perdia 10, porque você sai leve. Um monte de cutícula sem fazer, (...) se você tira aquilo tudo, pega sua mão, seu pé, o cabelo sai balançando assim é tão bom, saio sentindo bem... você sai realmente falando: "Nó, tô bem!". (…) Eu hoje penso mais na minha saúde. Eu acho que o batom resolve todo o meu problema (TÂNIA, 52 anos).

> E como você desperta a atenção de alguém? Você se cuidando, você entendeu? Você não se recuando, porque tem pessoas, tem mulheres que faz cinquenta anos aí.. "ai, eu to com cinquenta anos mesmo" "ah, não quero fazer isso".. tipo, não se olha, não se cuida, não se ama, não se faz uma unha, não se faz um cabelo, não se faz mais nada porque já fez 50 anos e ai critica quando o homem que de repente tem uma idade igual a dela ou menor que a dela, quando um homem olha pra uma menina mais nova, "ah, porque só gosta de novinha" não, gente! Eu falo que até Deus gosta das coisas belas, que se não, não tinha feito essa maravilha, né? (MARTA, 54 anos).

Os trechos acima retirados das narrativas das minhas interlocutoras exemplificam uma percepção que tive em nossos diálogos: a relação entre beleza e consumo. A pesquisa de Mizrahi (2015, p. 32) com mulheres próximas ao núcleo familiar de artista de funk carioca também revelou correlações entre beleza e consumo, ou mais especificamente, beleza e poder de compra, sendo a beleza "entendida muito mais como feita, produzida, do que como dada, inata. Beleza não é tanto um dado biológico, mas um produto de elaborações estéticas que visibilizam gasto monetário. Estar belo e possuir inserção econômica são aspectos profundamente relacionados". Nesse sentido, participar da cultura do consumidor é um dos aspectos fundamentais da inclusão social e isso deve ser levado em conta ao tratarmos das

“práticas embelezadoras”, que são, de fato, uma forma de consumo (EDMONDS, 2007 p. 255).

A relação entre beleza e consumo é tão próxima que pude observar, dentro das narrativas de minhas interlocutoras, a lembrança de objetos específicos, de marcas de produtos. Ana, por exemplo, tem recordação de maquiagens de criança, Cláudia se recorda das figurinhas de chiclete com tatuagem, Tânia se lembra do rouge e da colônia *Seiva de Alfazema*, Marta nos contou sobre marcas de calçados, como *Kichute* e *Conga Alpargata*, além do creme de cabelo *Neutrox*. Segundo Rosales (2010), estudos têm apontado para a existência de interrelações entre histórias de vida, biografias e bens materiais e em sua pesquisa sobre migrações portuguesas resultantes do processo de descolonização de Moçambique nos anos de 1970, Rosales (2010) percebeu que os objetos e as práticas de consumo constituem uma poderosa fonte para abordar as narrativas dos sujeitos concernentes a suas experiências de migração e, ainda, que os objetos podem ter duas funções: auxiliar as pessoas a alcançarem seus objetivos ou atuar contra elas (normalmente em circunstâncias opressivas). Não perdendo de vista a relevância dos estudos no âmbito das Ciências Sociais que evidenciaram o aspecto dos impactos globais do modo de produção Capitalista, a autora declara a urgência em repensarmos a posição das coisas e suas conexões com as pessoas nas sociedades industriais contemporâneas (ROSALES, 2010).

Além de consistir em uma porta de acesso ao passado, os bens também fazem parte da criatividade das pessoas, que podem alterar a destinação, digamos, inicial, dos mesmos, e dar-lhes outra, como no caso do uso do papel crepom por Ana quando criança para tingir o cabelo. Os significados dos bens e do ato de consumir são diversos e suas funções dentro de uma determinada cultura pode variar, por isso, devemos estar atentos às peculiaridades envolvendo o processo de consumo de bens e serviços realizados pelas pessoas. Nessa perspectiva, importa destacar a seguinte reflexão de Carolina Maria de Jesus:

> 15 de julho de 1995 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (JESUS, 2014, p. 11).

A citação acima apresenta uma diferenciação importante para os estudos do consumo: de um lado, vemos um consumo voltado para a satisfação das chamadas necessidades básicas dos indivíduos e do outro, a autora aponta para a existência de outro aspecto do consumo, que tem a ver com a satisfação de desejos, mesmo em condições de extrema privação como era o caso dela naquele momento. Isso é importante para entendermos algumas particularidades quanto ao assunto, especialmente esse binômio necessidade X superfluidade, uma discussão que permeia os estudos do consumo e o imaginário sobre o mesmo, conforme pudemos observar anteriormente.

Para Campbell (2006), a pergunta sobre os motivos de atividades ligadas ao consumo terem ganhado tanta importância em nossa sociedade contemporânea vai além de "por que consumimos?" O autor levanta a tese de que esse processo pode estar ligado a questões mais profundas e definitivas dos seres humanos, questões relacionadas ao "ser e saber" e não apenas a satisfação de certas intenções imediatas. Destaca-se como aspectos principais do consumismo moderno, segundo Campbell (2006), a centralidade ocupada pela emoção e pelo desejo, em conjunto com certo grau de imaginação. A demanda do consumidor é instigadora fundamental do consumismo moderno e, para que essa demanda seja levada a efeito, depende do contínuo exercício pelo consumidor de seu desejo por bens e serviços. São, portanto, nossas habilidades de querer e desejar, as nossas emoções, que sustentam a economia das sociedades modernas (CAMPBELL, 2006).

Vislumbra-se, assim, como aspectos ligados à emoção e ao desejo se conectam ao consumo de tal maneira que não é possível entendê-lo por completo somente através do elemento da satisfação das necessidades objetivas, nem tampouco tratá-lo como uma atividade realizada automaticamente pelos indivíduos, sem que exista reflexão e criatividade nas escolhas.

Seguindo a ideia do consumo como um processo relativo ao "ser", é preciso considerar a pergunta "quem sou eu?". Muitos autores apontam que a identidade contemporânea é aberta ou flexível, como se as pessoas ficassem a todo tempo recriando a si mesmas, chegando à famosa "crise de identidade". De acordo com Campbell (2006), o consumo surge como uma atividade pela qual os indivíduos geralmente solucionam essa crise, considerando sua autodefinição também em termos de gostos (quando vamos nos identificar e dizemos que gostamos de algo, como um estilo musical, por exemplo), sem perder de vista definições

básicas como sexo, etnia, nacionalidade, etc. O autor explana que não se trata de comprar identidade por meio dos produtos, mas que esta pode ser encontrada em nossas reações a eles, no entendimento sobre o que gostamos ou não e, para ele, "consideramos que somos definidos por nossos desejos, ou por nossas preferências" (CAMPBELL, 2006, p. 52).

Da mesma forma que Le Breton (2011, p. 10) fala das "aventuras modernas do homem e de seu duplo" tendo o corpo como lugar especial do bem-estar, da paixão pelo esforço e pelos riscos, para Campbell (2006), a realidade na sociedade moderna é equiparada à intensidade da experiência vivida. Levando essa ideia para a dimensão do *self*, constata-se que não apenas nos definimos por nossos desejos, mas também que desejar intensamente ajuda a me convencer da minha existência. Isso não significa dizer que é somente no ato de fazer compras ou realizar uma atividade de consumo que a pessoa pode buscar identidade e significado, pois qualquer experiência que propicie forte reação emocional pode servir a tal propósito, sendo esta, inclusive, uma explicação que talvez ajude a entender o motivo da grande procura por viagens de aventura e esportes radicais, de filmes de terror e amor romântico, por exemplo (CAMPBELL, 2006).

Nesse sentido, o consumo pode funcionar como um indicador de como as pessoas se veem e o modo como querem ser vistas pelas outras em seu meio social, constituindo, assim, uma parte de sua identidade. Além disso, pode ter relação com a nossa própria existência no sentido de consistir em uma atividade ligada a aspectos emocionais do nosso ser, conforme vimos em Campbell (2006) e, por isso, os estudos do consumo se tornam um dos caminhos para pensarmos questões concernentes à realidade social.

Um pouco diferente de Campbell (2006), que vê o consumo como um processo mais individualista, envolvendo o indivíduo e seus sentimentos, Mary Douglas (2007, pp. 23-25) trabalha a ideia de que o consumidor é "inerentemente um animal social" que quer bens não para si mesmo, mas para dividir, presentear, não só dentro de sua família e, nesse sentido, os padrões de consumo seriam estabelecidos por pressões e expectativas de outras pessoas, estando pouco relacionado a "desejos e necessidades individuais". Seguindo a linha de Mary Douglas, Appadurai (2008, p. 48) entende o consumo como "eminentemente social, relacional e ativo, em vez de privado, atômico ou passivo".

Mesmo sabendo que são perspectivas teóricas diferentes, entendo que tanto a de Campbell (2006), trabalhando a ideia do consumo como associado ao indivíduo e seus desejos, quanto a de Appadurai (2008), que entende o consumo como relacional e social, podem ser úteis para analisar o meu tema de pesquisa. A partir da minha pesquisa de campo, vislumbro que o consumo de bens e serviços de estética corporal para uma mesma mulher ora pode estar voltado para si, para a construção de uma identidade ou para satisfação de um desejo de se sentir bem, ora pode ser relacional visando cumprir o que ela entende como expectativas de outras pessoas ou do seu meio social. Tânia, por exemplo, quando falava do seu ambiente de trabalho, explicou que se sente em desvantagem em relação a outras mulheres devido a seu estilo que ela chama de básico, contrastando com as demais, que usam roupas chamativas, salto alto, mas, mesmo assim, ela não se obriga a usar aquilo que não gosta ou não a deixa à vontade. Ana e Marta também evidenciaram essa questão, expondo que se arrumam pensando no seu gosto pessoal, ao mesmo tempo em que também gostam de estar arrumada para outras pessoas:

> O penteado, maquiagem, roupa, eu uso de acordo com o que eu gosto, tanto que, tipo, teve uma boa época, uns anos atrás, que eu usava vários batons pretos, porque eu adorava e todo mundo acha isso feio... igual, se você for pensar em homem, homem não gosta de batom escuro, que é forte, eu sempre amei. Então, tipo assim, eu penso muito nessa questão do que eu gosto, mas aí no sentido de me arrumar pensando no que eu gosto, mas você sempre quer que o outro te veja, não precisa, necessariamente, ser nossa, a pessoa mais linda do mundo, mas veem que você tá arrumada, que você tá bonita assim (ANA, 23 anos).

> Então, assim, eu antes andava me policiando com negócio de “ai vou colocar essa roupa, ai...” agora não, coloquei, gostei, saí, não tem esse negócio de “ai, quem vai gostar” não tem quem vai gostar, tem “eu vou gostar”. Acabou. Se eu gostei, hoje eu to nesse foco assim, no foco do porque a gente se cruzou, eu procuro não desviar esse foco, tipo, se a minha postura, se a minha pessoa do qual agradou, mas eu também procuro não desviar esse foco, então, tipo assim, se eu gostei e de repentemente, eu posto foto “nossa gata, você tá uma gata” então tipo assim, gostou, então esse é o meu foco... não é vesti uma roupa, passei ali a dona Joana não gostou, não vesti pra dona Joana, vesti pra mim, entende? (MARTA, 54 anos)

Assim, entendo que buscar compreender os sentidos do consumo de bens e serviços ligados à estética corporal dentro da trajetória de vida desses sujeitos pode proporcionar contribuições para os debates nesse âmbito.

4.2 De onde vem?

Como vimos, o consumo de bens e serviços de estética corporal para minhas interlocutoras envolve aspectos relativos ao *self*, ao desejo de estar bem, independente das pressões sociais,

ao mesmo tempo em que não estão ilesas de agirem em conformidade a certas expectativas da sociedade. No entanto, mesmo com as pressões estéticas a que estamos sujeitas, temos lembranças diferentes quanto aos meios pelos quais iniciamos nosso conhecimento desse tipo de consumo. Para minhas interlocutoras, quando eu perguntava sobre como começou a relação delas com o consumo de bens e serviços voltados à estética corporal, a família se destacou como esse lugar primeiro de aprendizagem. Apenas Ana deu maior destaque à mídia na primeira entrevista, mas, na segunda, também relatou ter visto pessoas de sua família. Relembro alguns trechos das narrativas ligados a esse ponto:

> Isadora: E como é que foi na infância, adolescência, sua relação com isso?
> Ana: Uma coisa muito marcante na minha vida é cabelo, assim, que desde que eu era criança, a minha mãe pintava meu (...) tipo com sete anos, aquelas mexas da Vampira do X-Men, pintava de roxo, aquele corante violeta (...).
> (...)
> I: [...] outras questões foram mais da primeira entrevista, que eu fiquei pensando assim. Você tinha comentado muito sobre a sua mãe e alguns personagens também de desenhos, da Vampira... o que mais você lembra nessa questão de pensar em vaidade, estética corporal, do que ou de quem você mais se lembra? Enfim, como você começou, quem mais você lembra, tipo, eu olhava aquela pessoa, aquela coisa....
> A: Tá... eu (risos e um comentário de ridículo). Na minha família, a minha irmã sempre foi muito patricinha, assim, muito preocupada com essas coisas e quando eu era mais, e ela é seis anos mais velha que eu, então, tipo assim, quando eu tinha lá meus cinco anos, eu era criança, não tava nem aí pra nada, e a minha irmã já tipo onze anos, ela se maquiava o dia inteiro e aí eu meio que fugia disso, não gostava, um pouquinho depois mais velha, eu comecei a imitar assim, sabe? A pegar sombra... (...) E aí depois quando eu fui ficando mais velha, isso eu devia ter uns oito anos assim, depois eu fui ficando mais velha, eu fui querendo mais ser diferente (...) aí uma das minhas grandes (risos) referências era em *Rebeldes* a novela (risos), que era a Roberta, né? Que era ruiva e eu pintei meu cabelo na época com onze anos (...) E depois com a internet, chegou aquela época do *emo*, (...). E com treze, quatorze anos assim, eu comecei a mudar, tipo, passei a usar preto, mais franja, tipo, na verdade, antes eu não tinha franja, eu comecei a usar franja nessa época, usar franja, e a maquiagem bem, bem pesada, então eu gostava dessa estética mais emo (...). E aí a gente gostava muito desse estilo e a minha família falava que era muito feio, não sei o que, mas eu adorava, eu brigava, ficava muito brava, porque eu achava uma falta de educação a pessoa virar pra mim na minha cara e falar que eu estava feia (risos).

Para Ana, as maiores influências ao longo da vida vieram da mídia, com as novelas, programas de televisão e, depois a internet. Mas, ela também aprendeu com sua família, vendo sua irmã e sua mãe. Interessante notar que, no período do início da adolescência, Ana passou a ter uma estética corporal diferente da que via nas pessoas de sua família, inclusive sendo criticada por esta, quando começou a se identificar com um grupo específico. Isso mostra como a relação com o corpo é aprendida, ao mesmo tempo que constitui um processo que não tem fim:

> Se a ordem social se infiltra pela extensão viva das ações do homem para assumir força de lei, esse processo nunca está completamente acabado. A expressão corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Os outros contribuem para modular os contornos de seu universo e a dar ao corpo o relevo social que necessita, oferecem a possibilidade de construir-se inteiramente como ator do grupo de pertencimento. No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros. Elas só têm sentido quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social (LE BRETON, 2007, p. 9).

No caso de Cláudia, não se trata de como ou com quem aprendeu a consumir, mas, sim, quem a influenciou a não gostar tanto de consumo voltado para a estética corporal:

> Isadora: E o que você lembra de você, você tava falando do cabelo... da sua mãe... como foi assim, essa questão desde a infância até a adolescência, o que você lembra?
> Cláudia: Essa questão de vaidade, de estética?
> I: Isso.
> C: Então, por eu ver muito a minha mãe, minha mãe ela é assim. Tanto que as minhas tias falam "ah, você não", como é? "bota uma roupa melhor" mas não botar uma roupa melhor, é porque ela gosta de se vestir assim, uma bermuda pra ela tá bom, um blusão pra ela tá bom. (...) mas ela é básica e eu puxei isso dela. (...) E ela é assim, então eu puxei isso dela, o básico, o prático. Cabelinho, e o cabelo dela é enroladinho, só que o dela sempre foi enroladinho, igual o seu assim. Sempre foi enroladinho, o meu nunca teve forma. Então, hoje eu uso um cabelo liso porque é prático pra mim. Pra ela é tranquilo, ela lava, tem tempo, de passar creme, de ficar não sei o que, eu não. Mas eu puxei isso dela assim, a praticidade dela.

Cláudia entende que o fato de não se importar muito com o consumo ligado à estética corporal é decorrente da influência de sua mãe, por esta ser o que ela chamou de "básica", "prática". Mas, diferente de sua mãe, Cláudia passou a se interessar por tatuagens, mesmo contra a vontade inicial daquela, não fazendo restrições quanto ao emprego de seu dinheiro nesse tipo de consumo. Quanto à Tânia, também podemos notar a preponderância da família na sua relação com a estética corporal:

> Isadora: Outra questão que achei interessante é que quando eu perguntei pra você como começou um pouco essa relação com a estética corporal e aí você lembrou de muitas mulheres da sua família. Você falou de tias, avós, você comentou...
> Tânia: Aham...
> I: Então, pra você a referência vem dessas pessoas, ou você lembra assim de outros lugares, outras pessoas, outros meios que te apresentavam isso, ou foram mais essas pessoas mesmo?
> T: Da família também, por exemplo, tinha, a gente, eu a vida toda tive o cabelo crespo, então eu não ia em salão, o que eu ia fazer em salão? Meu cabelo era crespo, naquela época não tinha os artifícios de hoje, hoje tem (...). Mas, a referência tinha muito na minha família, porque o pessoal lá em casa, não tinha condições de ficar indo, por exemplo, em salão sempre, era só muito, uma vez no ano, então, a gente colocava bobs uma na outra, entendeu? Quem tinha o cabelo mais liso fazia touca, antigamente usava fazer uma touca (inaudível) amarrava (...). Mas eu via muito isso, o pessoal tentando manter o cabelo bonito, fazer unha, tinha tia que, inclusive, sabia fazer muito bem, mas não fazia fora, fazia só a dela e alguém de casa assim. E minha

> avó também, foi uma referência muito grande, que ela era vaidosa. Minha avó gostava de usar um pozinho de arroz no rosto, porque naquela época era isso que tinha, né? (...) eu via minha avó usando brincos de ouro, achava bonito, aquelas bolas de ouro assim ó, eram umas bolas assim, tá voltando tudo agora, mas usava muito. Então, como a minha avó foi quem me criou, então eu via muito ela que falava "tem que sair bonita" "tem que arrumar". (...) E a minha mãe também, a minha mãe não ficou tão próxima quando a gente era criança mas... e a minha mãe por ser muito ligada à igreja nunca foi ligada a pinturas assim, a fazer maquiagem, isso não, nunca, a minha mãe não, só questão de higiene e limpeza mesmo, a minha mãe é uma pessoa que nunca pintou o cabelo na vida, então ela não é minha referência pra isso não porque, por ser evangélica ela nunca passou, se passou batom foi quando era muito jovem, nunca gostou de perfume, nunca gostou de, eu acho que o único anel que ela usou foi aliança. Então, ela não é onde eu me espelhei pra gostar de, talvez por isso até que eu não use tanto, porque eu sei que vou incomodá-la se eu usar, entendeu?
> I: Ah é?
> T: Sim. Se eu chegar lá toda emperequetada (palavra que significa muito cheia de adornos ou maquiagem), cabelo pintado de vermelho, batom vermelhaço, brinco, colar, isso incomoda a minha mãe. (...)E na concepção dela a pintura, o excesso de vaidade não é coisa de Deus, ne? Mas é porque ela é uma evangélica bem das antigas assim, né?

Para Tânia, as maiores referências do consumo de bens e serviços de estética corporal vieram da sua família, especialmente da avó que, segundo ela, era uma pessoa vaidosa, mas, também, de suas tias. Tânia contou, ainda, sobre sua relação com o cabelo, que, como vimos, envolve padrões de beleza racistas que definem por belo apenas o cabelo liso e não o crespo. Mais adiante, Tânia contou sobre sua mãe, uma mulher que, por conta da religião, não se interessava pelo consumo de bens e serviços de estética corporal. Além de não gostar de consumir, a mãe de Tânia acha feio mulheres que usavam muita maquiagem, adornos, por isso, Tânia passou a usar menos produtos relativos à estética corporal, explicando que, se usasse, iria incomoda-la. Marta também viu na família exemplos de pessoas vaidosas, em particular sua mãe e sua irmã, que estavam sempre cuidando do cabelo, seja pintando, escovando ou colocando bobs, das unhas, do vestuário:

> Marta: Já tinha aquela coisa mais... então, assim, mas essa coisa de ser vaidosa eu sempre fui, sempre...
> Isadora: Mas foi sozinha? Você não lembra de alguma coisa que te chamava a atenção, se aprendia com alguém...
> M: É... quando criança, na verdade, eu venho de uma família de vaidosos. Minha mãe sempre foi vaidosa, Deus me livre, se minha mãe tivesse aqui agora e tivesse com esses pouquinhos de cabelo branco aqui frente, não, ela não aceitava. O cabelo dela tinha que tá pintado, tanto é que no dia da morte dela foi muito engraçado, ela pintou o cabelo, ela escovou o cabelo, ela fez unha, e faleceu de noite. Então assim, a vaidade acompanhou ela até o último minuto, ela fazia unha, fazia cabelo, ela era fortinha, mas ela gostava sempre de estar de roupa nova, então, assim, na minha família é meio que assim, tem umas que se cuida mais, outras se cuidam menos. A minha irmã, por exemplo, tenho uma irmã que tem uma rede de salão no Rio, então ela vive de cuidar da beleza dos outros (...). Mas, assim, na nossa família a gente sempre foi, mas engraçado é que eu acho que as duas mais vaidosas mesmo já se

> foram, que é a minha mãe e minha irmã, que é primeira, segunda da parte das mais velhas, aquela ela era, assim, a vaidade dela superava, porque ela sempre tava fazendo esfoliação, ela, o dia de hoje assim ela já ia pro serviço de rolo, de bobs no cabelo (risos), aí já saía do serviço, já passava pra fazer unha, porque quando ela chegava em casa, ela tirava os bobs ia, sabe (...). Eu assim gostava, eu gosto, mas eu não gosto de coisa chamativa, então, assim, pra mim usar um batom... não gosto de maquiagem, não gosto de usar maquiagem.

Nesse ponto, observo que, não obstante a grande influência da mídia na apresentação dos padrões de beleza e nas possibilidades ofertadas através de bens e serviços para alcança-los, vemos a família como uma importante referência para as minhas interlocutoras. Claro que devemos considerar como as diferenças de idade e de classe social interferem nesse aspecto, pois, o crescimento de Ana junto à eclosão da internet e a possibilidade de ter tido acesso por ser uma mulher de classe média, provocaram alterações em sua estética corporal para além dos exemplos da família. Contudo, é interessante notar como se dão as dinâmicas entre normatividades ligadas aos padrões de beleza, a família e a religião, uma vez que, como expôs Tânia, sua mãe fazia escolhas dentro daquilo que era ofertado na época para a composição da estética corporal, incluindo, o não consumo, ou seja, ela escolhia não consumir produtos conectados à vaidade devido a sua crença religiosa. Em conformidade com essas narrativas, destaco como a questão da escala de análise focada nos indivíduos permite visualizarmos diversas normatividades operando, tanto em conjunto quanto contrariamente umas às outras e, nesse sentido:

> É natural e correto que a irredutibilidade das pessoas individuais às regras dos sistemas de grande escala tivesse situado o problema da escala no âmago do debate. Em oposição a um funcionalismo supersimples, é importante enfatizar o papel das contradições sociais na geração da mudança social; em outras palavras, enfatizar o valor explanatório das discrepâncias entre as restrições que emanam dos vários sistemas normativos (ou seja, entre as normas do estado e da família) e do fato de que, além disso, um indivíduo tem um conjunto diferente de relacionamentos que determina suas reações à estrutura normativa e suas escolhas com respeito a ela (LEVI, 1992, p. 139).

Dentro das narrativas das minhas interlocutoras sobre os meios pelos quais lembram de ter visto incialmente o consumo de bens e serviços voltados à estética corporal, notamos como a família e/ou a mídia desempenharam papeis importantes nesse processo, assim como a religião, que também apareceu em uma delas. Ressalto que o fato de pessoas de suas famílias realizarem o consumo de bens e serviços de estética corporal não significa, necessariamente, que essa aproximação tenha partido delas, podendo ter sido alimentada por outros meios que fogem ao alcance dos sujeitos.

Apesar das diferenças existentes entre as trajetórias, há um aspecto em comum: todas as minhas interlocutoras citam figuras femininas como suas referências (mãe, tias, irmãs, atrizes), não havendo menção a figuras masculinas quando o assunto é consumo de bens e serviços de estética corporal. Levando em consideração esse apontamento, dedicarei a próxima seção para tratar das intersecções gênero/raça/classe presentes nas trajetórias.

4.3 Gênero, raça e classe social nas trajetórias

Pensando na estética corporal, talvez a primeira coisa que pode ser considerado como uma produção de estética como falei até aqui, esteja nas roupas de bebê. Isso não apareceu nas falas de minhas interlocutoras e, portanto, trata-se de uma concepção minha. Vejo esse fato, principalmente, quando olhamos para as cores, uma vez que é bastante frequente nos depararmos com pessoas comprando roupas de criança de acordo com o sexo do bebê. Se for menino, azul, menina, rosa. Por mais que essa ideia tenha se relativizado muito com o tempo, ela não desapareceu e até tivemos um exemplo da importância disso para algumas pessoas, como é o caso da já citada ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves[20]. Podemos citar a roupa, como também, os adornos, pois, muitos fazem furo na orelha de bebês ou colocam pulseiras. Eu já vi muitos bebês usando pulseira, mas o furo na orelha eu só presenciei nas meninas. Na infância e adolescência passamos a ganhar presentes também conectados à feminilidade em nossa cultura. Ana nos contou sobre os estojos de maquiagem que ganhava. Eu lembro da minha festa de 15 anos. O sonho de minha mãe sempre foi que eu e minha irmã tivéssemos uma festa de 15 anos e, mesmo com certa dificuldade financeira, ela conseguiu realizar esse desejo. A festa foi ótima e nos divertimos bastante, mas, confesso que no outro dia fiquei um pouco decepcionada com os presentes, pois eu havia ganhado estojos de maquiagem, porta-joias e joias diversas, como colares, brincos e anéis. Não sei o que eu achei que iria ganhar, mas hoje entendo que eram presentes esperados para uma menina daquela idade.

Tudo isso evidencia que a separação dualista “homem X mulher” é muito importante em nossa sociedade. Por isso, também, vemos diariamente tantos tipos de preconceitos contra as

[20] PAINS, Clarissa. **'Menino veste azul e menina veste rosa', diz Damares Alves em vídeo**. In: O Globo, 03/01/2019. Disponível em: < https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024> Acesso em 27 fev. 2020.

pessoas LGBTQIA+. Para Wittig (1992), a diferença sexual é uma ideologia que funciona como uma censura em nossa cultura encobrindo, com fulcro na natureza, a oposição social entre mulher e homem, sendo assim, as categorias dualistas masculino\feminino, macho\fêmea servem para mascarar o fato de que as diferenças sociais pertencem a uma ordem econômica, política e ideológica. A fim de perpetuar o sistema de dominação a nível material e econômico, os exploradores explicam e justificam as divisões estabelecidas como se fossem resultado de diferenças naturais, portanto: "É a opressão que cria o sexo e não o contrário"[21] (WITTIG, 1992, p. 2, tradução minha). Explorando as ideias de Wittig, Curiel (2013) aponta que, para a referida autora, viver nas sociedades modernas, pautadas em um suposto contrato social, é viver dentro da heterossexualidade obrigatória e, assim, a nação, produto dessa modernidade, também foi delineada por esta lógica, sendo tudo legitimado e promovido por diferentes meios como a família, as leis, a ciência.

O conceito de gênero se formou no centro do pensamento feminista e foi inovador em diversos pontos, mas antes dele começar a ser utilizado, teóricas feministas passaram a se debruçar sobre estudos voltados para a situação das mulheres e os motivos e as causas da sua opressão, afastando explicações naturais. Nesse sentido, Curiel (2013) aponta que, tirando algumas concepções mais naturalistas, praticamente todas as correntes teóricas do feminismo compartilham a ideia de que mulher e homem não são categorias biológicas, mas, sim, construções sociais, fundando uma premissa de suma relevância para explicar um dos principais núcleos da opressão e subordinação das mulheres.

As conversas com minhas interlocutoras evidenciaram uma correlação entre consumo de bens e serviços de estética corporal e mulheres. Nas narrativas, a palavra mulher ou mulheres aparecia diretamente ou indiretamente nos relatos e a produção da estética corporal própria de cada uma envolve o consumo de bens ou serviços que são comumente relacionados à construção de uma feminilidade. Falando de minhas interlocutoras, os tipos de consumo destacados nas quatro narrativas foram o cabelo e a maquiagem, sendo, no caso desta, o batom, item citado por todas como o mais utilizado.

Quando tratamos da beleza, além dos já citados padrões estéticos como ser magra e jovem, ter o cabelo liso, etc., precisamos destacar a feminilidade, que também é um dos aspectos

[21] "It is oppression that creates sex and not the contrary" (WITTIG, 1992, p. 2).

necessários para estar dentro dos padrões. Para isso, é preciso recorrer a certos bens e serviços, como salto alto, maquiagem, depilação, pintar as unhas. Tanto é assim que um dos principais ataques ao feminismo está em sua suposta falta de feminilidade e a feiura a ela relacionada (não depilar, usar roupas masculinas, etc), criando um imaginário em que "[...] a palavra "feminista" tem um peso negativo: a feminista odeia os homens, odeia sutiã (...) ela não se pinta, não se depila, está sempre zangada (...), não usa desodorante" (ADICHIE, 2014, pp. 11-12) Nesse sentido:

> Foi ressuscitada a caricatura da Feminista Feia para atacar o movimento das mulheres. A caricatura não é original. Foi criada para ridicularizar as feministas do século XIX. A própria Lucy Stone, que seus simpatizantes viam como "um modelo de graça feminina... bela como o frescor da manhã" foi atacada por seus detratores com os "habituais comentários" sobre as feministas vitorianas: "mulher grande e masculina, de botas e charuto, dizendo palavrões como um soldado (WOLF, 1992, p. 23).

As interlocutoras da pesquisa de Betti (2014) relataram como mulheres fora do peso considerado padrão são interpeladas por familiares, amigos e conhecidos a se preocuparem mais com a aparência e serem mais vaidosas. São pessoas que dizem estar querendo "ajudá-las", mesmo emitindo opiniões não solicitadas, "orientá-las" a se cuidarem mais, porque, em suas visões, a gordura em uma mulher significa falta de esforço e elas precisam se "esforçar para serem mais 'femininas' e atraentes" (BETTI, 2014, p. 151).

Outro ponto presente nas narrativas de Marta e Tânia é o *bullying*. Não tratarei especificamente da temática por não ter condições de fazê-lo nesse trabalho, mas o que me chamou a atenção foi a questão de gênero, em sua interseccionalidade com raça e classe, presente nas situações. O *bullying* sofrido por Tânia e Marta foram cometidos por outras meninas, no caso de Marta por meninas da mesma classe que ela, e no de Tânia, por meninas brancas de uma classe mais abastada. Esses relatos do passado foram atualizados por Tânia que situou a questão do modo com ela visualiza em seu cotidiano:

> Tânia: Tenho vestido longo na etiqueta lá em casa, vestido longo assim, comprido, não quer dizer que é longo de festa, foi até minha irmã que me deu dos EUA, rajado, tipo de tigresa. Bonito, confortável, botei, serviu direitinho, só que tem que perder umas gramas pra poder entrar nele e não ficar ridículo, né? Eu prefiro usar uma roupa simples que me deixe mais confortável do que uma roupa pra pessoa ficar apontando "ah lá a barriga" o pessoal faz isso...
> Isadora: Você acha que faz?
> Tânia: Ah, claro que faz..principalmente mulher... "Ah lá como é que a pessoa veste aquela roupa?" "Olha lá o tamanho da barriga". Olha tudo. Mulher olha o furinho na

> bunda da outra. Tipo assim, "olha lá como ela botou aquela calça, dá pra ver as celulite tudo" a mulher vê isso tudo, não é o homem. O homem vê menos, ele se interessa mais pelo volume da coisa, acha bonito bundão, já outra mulher vê a celulite, a mulher vê a celulite. Então, é melhor não usar do que a pessoa ficar olhando pra gente (risos). É brincadeira, né? No final das contas, quem mais critica a gente são as outras mulheres, não tem jeito.

Esses casos revelam a competitividade existente entre as mulheres, competitividade esta que deve ser entendida dentro do sistema machista de poder. Vimos no capítulo 2, que, para Wolf (1992), a beleza é um mito criado para controlar as mulheres. O grande problema é que, mesmo que o mercado fosse o promotor do mito, ele não teria nenhum poder se as mulheres não o usassem umas contra as outras, por isso, é tão importante que as mulheres mudem a maneira como veem umas às outras[22] (WOLF, 1992). Assim, importa entender que as mulheres não são naturalmente competitivas, pois, nós fomos desde criança ensinadas a competirmos umas com as outras, especialmente no quesito beleza: "Criamos nossas filhas para enxergar as outras mulheres como rivais – não em questões de emprego ou realizações, o que, na minha opinião, poderia até ser bom – mas como rivais da atenção masculina" (ADICHIE, 2014, p. 38).

Sendo a divisão sexual fruto de uma construção social par encobrir relações de poder e não da natureza, podemos entender a importância dada a bens e serviços ligados à feminilidade como se pertencessem a um gosto "natural" das mulheres. Mas, não há nada de natural nisso e assim como existem mulheres que realmente gostam, existem as que não gostam ou gostam menos. E, ainda, enfatizo que dentro dessa composição da estética corporal por meio de bens e serviços, há a possibilidade de mudanças e transformações que o indivíduo pode fazer ao longo da vida:

> Qualquer que seja o lugar e a época do nascimento e as condições sociais dos pais, a criança está predisposta inicialmente a interiorizar e a reproduzir os traços físicos particulares de qualquer sociedade humana. Ao nascer, a criança é constituída pela soma infinita de disposições antropológicas que só a imersão no campo simbólico, isto é, a relação com os outros, poderá permitir o desenvolvimento. São necessários à criança alguns anos antes que seu corpo esteja inscrito realmente, em diferentes dimensões, na teia de significações que cerca e estrutura seu grupo de pertencimento. Esse processo de socialização da experiência corporal é uma constante da condição social do homem que, entretanto, encontra em certos períodos da existência, principalmente na infância e na adolescência, os momentos fortes. A criança cresce numa família cujas características sociais podem ser variadas e que

[22] Entendo que esse movimento já existe, principalmente na internet. Vejo muito postagens e mensagens de mulheres incentivando umas às outras a se aceitarem, aceitarem seus corpos, questionando os padrões de beleza, entre outras coisas.

> ocupa uma posição que lhe é própria no jogo das variações que caracterizam a relação com o mundo da comunidade social em que está inserida (...). A educação nunca é uma atividade puramente intencional, os modos de relação, a dinâmica afetiva da estrutura familiar, a maneira como a criança se situa nessa trama e a submissão ou resistência que a ela opõe aparecem como coordenadas cuja importância é mais e mais considerada na socialização. O corpo existe na totalidade dos elementos que o compõem graças ao efeito conjugado da educação recebida e das identificações que levaram o ator a assimilar os comportamentos de seu círculo social. Mas, a aprendizagem das modalidades corporais, da relação do indivíduo com o mundo, não está limitada à infância e continua durante toda a vida conforme as modificações sociais e culturais que se impõem ao estilo de vida, aos diferentes papéis que convém assumir no curso da existência (LE BRETON, 2007, pp. 8-9).

Voltando para minhas interlocutoras, tanto Cláudia quanto Tânia consideram o salto alto, bonito e elegante. Ainda assim, nenhuma das duas utiliza muito, porque ambas tiveram fraturas nos pés e, por isso, hoje preferem o conforto.

> Eu acho, é tudo questão de vaidade mesmo assim. Pra pessoa se sentir bem, tem gente que se sente maravilhosa num salto alto "tô poderosa". Tem roupa, tem mulher, por exemplo, que eu vejo. Bota um shortinho, uns pernão, bota um salto, a coxa (som com a boca) ressalta, fica ali aquele negócio meio que chamando a atenção, mas não tão vulgar tá bonitinho, é tudo questão de estar se sentindo bem, então tem gente que se sente super bem. Eu não me sinto. Eu me sinto desconfortável. Eu gosto de roupa confortável, sapato confortável [...] (CLÁUDIA, 39 anos).

> Ah eu acho que o salto deixa a gente mais elegante, né? Oh, tem roupa que pede um salto, uma pantalona, uma calça de boca mais larga, pede um salto. Uma saia longa, pede um salto. Se eu usar uma saia longa e sapato baixo fica aquele negócio arrastando no chão, fica aquele trem todo esquisito, então eu não uso, eu falo assim (risos) eu até tenho vestido que vai até embaixo assim, mas eu não me acho nem com corpo para usá-lo nem tenho ne? Tem roupas que pede um salto alto, faz uma diferença enorme (TÂNIA, 52 anos).

Tânia, inclusive, explanou de maneira bastante evidente como essa feminilidade tão promovida demanda certas condições que estão distantes da realidade de muitas mulheres no Brasil devido às desigualdades socioeconômicas:

> Tânia: É... acho lindo. Agora, salto fino então, eu nunca fui de usar, quando usava salto, o salto não era fino, eu procurava um salto que tivesse uma boa plataforma que eu nunca fui delicadinha pra andar, nunca fui graciosa, isso aí eu nunca fui não...
> Isadora: Graciosa?
> Tânia: É... essas pessoas delicadinhas, graciosinhas, não. Nunca fui. Sempre fui de andar rápido, às vezes de correr pra pegar um ônibus e tal, então, nunca me dei muito bem com essa delicadeza, as pessoas saem do carro toda delicada, de salto fino, têm seu próprio carro... a gente não, não acostumou com isso, né? Normalmente se for usar um salto fino, a gente que anda rapidamente, estaria quebrando ou estragando tudo que a gente que anda à pé é diferente de quem anda de carro. Quem anda de carro o sapato vai durar muito mais, não vai ficar tomando chuva pela rua, quantas vezes a gente molha o calçado na rua? Então essas diferenças assim. Tem gente que é mais delicada mesmo, na estrutura corporal

> mesmo, no jeito de andar, anda com mais delicadeza, com mais assim charme. Eu essas coisas nunca tive, de andar, entendeu? Nunca tive. E eu se for pra usar um salto, mesmo quando mais jovem, mesmo antes de quebrar o pé, eu sempre usava um salto com uma boa base de plataforma, um salto não fino, não fino, nunca tive equilíbrio pra ficar em cima daquilo, agora, eu acho muito bonito, eu acho lindo. Mas, não é pra todo mundo, né? (risos).

O comprimento do cabelo também é um dos pontos ligados ao feminino X masculino que apareceu nas trajetórias de Cláudia, Tânia e Marta.

> Primeiro, quando eu era criança, era muito engraçado, a minha prima tinha o cabelinho curtinho e aí a gente falava que era cabelinho de poodle, né? Era aquela tufa na frente e atrás (risos), daí a gente brincava, botava toalha na cabeça, "ai, eu quero ter o cabelo grande, eu quero ter o cabelo grande", e a gente queria ter o cabelo grande (CLÁUDIA, 39 anos).

> [...] meu cabelo era redondinho igual cabelo de homem, eu pesava quarenta quilos, eu parecia um molequinho de rua mesmo, parecia um menino, então usei lenço um tempo, depois usei boné, até que um dia eu tirei. (...) Depois fui deixando natural, fui deixando natural, pronto, assumi ele natural, ficou um tempão, depois eu vim pra Vitória/Es, depois que eu comecei a tentar relaxar meu cabelo, queria que ele tivesse um caimento, não ficasse redondinho igual de homem, ne? (TÂNIA, 52 anos).

> Aí hoje não, só que agora to pensando, a Marta quer ter cabelos longos, como o cabelo da Marta vai demorar a crescer, a Marta ta pensando em usar aplique, mas ainda é uma coisa que to pensando, se eu vou querer, me acostumar (MARTA, 54 anos).

Além do comprimento, em todas as narrativas, as mudanças feitas no cabelo ao longo da vida representam a busca por uma estética corporal própria, sendo um percurso marcado por erros e acertos (mudanças de salão, de tratamento, de cor, etc.). Para Ana, as alterações em seu cabelo ao longo da vida representam fases da infância, da adolescência, quando ela tentava se "diferenciar" ao mesmo tempo em que desejava se assemelhar a certas personagens de novelas e desenhos ou pertencer a determinado grupo de pessoas (o caso do grupo *emo*). Mesmo sendo uma mulher branca com cabelo liso, Ana (23 anos) tentou alisar o cabelo uma vez aos 12 anos "porque, né, o bonito era ter cabelo liso, (…) a sociedade impondo esse padrão".

Além de Ana, Tânia também alisou o cabelo uma vez e não gostou do resultado, por isso voltou para o relaxamento. Marta já teve várias fases com o cabelo, longo, curto, cacheado e alisado. Atualmente, Marta está com o cabelo que ela chama de "pranchado", que ela faz em sua casa, assim como Cláudia, que fez relaxamento por volta dos treze anos e hoje faz selagem no salão de beleza para manter o cabelo liso. O significado do alisamento para elas

envolve:

> Isadora: Você falou do cabelo, você falou que tinha o cabelão...
> Marta: É, tinha o cabelo grande, grande e cacheado, aí depois comecei a ficar com ele alisado, o cabelo foi perdendo a...
> I: E você alisou por que? Você lembra?
> M: Coisa de querer ficar diferente... aí ficava naquela de pranchando.
>
> Isadora: Você falou do cabelo... o que você faz no cabelo?
> Cláudia: No meu cabelo eu faço selagem. O meu cabelo ele nunca foi, nunca teve uma forma. Foi sempre algo que me incomodava.
> I: Com quantos anos?
> C: Ah, eu tinha os meus treze para quatorze, foi quando eu comecei mesmo a fazer. E aí eu me sentia bem. Meu cabelo ficava mais baixo, que ele era muito cheio, eu tenho muito cabelo, além de ter muito, o fio é grosso, então ele fica muito cheio, muito armado. E aí quando eu fazia ele ficava baixinho, dava forma. E eu por não ficar naquele, trata o cabelo final de semana, não tenho paciência pra isso. (...) Aí hoje eu faço, graças a Deus inventaram a selagem, que pra mim é bem mais prático (...) mas não faço nada no meu cabelo, foi um produto que se deu bem com meu cabelo, meu cabelo desenvolve bem, fica brilhoso, não precisa ficar hidratando, eu não hidrato meu cabelo, não hidrato, até porque eu já falei que não tenho paciência pra isso.
>
> Tânia: [...] então eu já tive uma época que quis alisar o cabelo, sim, quando tinha menos que quinze, então talvez, ou nessa fase, antes dos dezesseis, dezessete. Depois fui deixando natural, fui deixando natural, pronto, assumi ele natural, ficou um tempão (...) É muito bom você ter seu cabelo natural... a minha irmã esteve aqui em janeiro e eu tinha falado com ela assim "ai o dia que eu tenho que lavar o cabelo eu sofro", realmente meu ombro chega a doer do tamanho, porque ele estava, por exemplo, se ele estava crescido aqui natural e aqui ainda tem uns alisados e metade tava liso, metade enrolado, na hora de pentear você vai encontrar um milhão de nós, então, penteia penteia, pouquinho, pouquinho, até que chega na metade é uma luta, depois a outra metade. Ela querendo me agradar "não, vamos, vai lá no mesmo lugar que eu vou que é bom, vai lá, a menina faz um relaxamento" "mas eu não quero relaxar, eu não gosto de cabelo liso" "não, mas ela conversa com ela fala que você não quer muito" não adiantou nada, quando eu sentei a primeira frase que falei assim "eu não quero meu cabelo liso, eu quero que meu cabelo tenha, se um fio tem cinquenta voltinhas eu quero que tenha vinte, é relaxar um pouco o fio, entendeu?" "Entendeu" (risos) aí fez, até que atrás ela não relaxou não, mas aqui ela puxava assim tanto com as mãos, puxava, puxava, puxava, ficou lisinho (...). Usei arquinho um tempão que eu fiquei complexada com aquele cabelo liso pra esconder o liso eu fazia assim botava o arquinho até aqui tentava amassar o resto aqui botar uns cachinhos, agora a parte de baixo que realmente nós temos mais forte, essa não alisou tanto não , mas ela quis tanto me ajudar (risos) e me convenceu a ir lá, é realmente, a menina é gente boa, ela é baratinha, ela é barateira mas ela fez uma coisa que eu não queria que ela fizesse, ela alisou meu cabelo, aí agora ele tá, agora eu to conseguindo tirar o resto do cabelo alisado [...].

Podemos notar que o processo de alisamento do cabelo pode ter diferentes significados para as pessoas, mas, considerando o racismo existente no Brasil, conforme tratei no capítulo 2, o padrão estético de cabelo "bom" e "bonito" como sendo o liso não pode ser entendido fora dessa lógica. Segundo Figueiredo (2015, p. 155), o alisamento do cabelo na sociedade brasileira pode não ser entendido apenas como uma atividade de beleza, mas, também, como

uma forma de mover-se na “escala classificatória da cor”, tendo em vista as classificações da cor sejam elas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da cultura popular ou a bipolar (negro e branco). O movimento negro brasileiro, por exemplo, considerou a utilização do cabelo natural um símbolo de “afirmação da identidade”, tendo em vista a importância que o cabelo tem na delimitação do lugar dentro da escala classificatória da cor (FIGUEIREDO, 2015, pp. 155-156).

Por isso, a importância de se estudar as relações entre as categorias, o que Lugones (2008, p. 76) chama de “categorial”, levando em conta que não são categorias possíveis de serem separadas, pois pensar gênero, raça e classe como categorias dissociadas é considera-las apenas como binárias: homem/mulher, branco/negro, burguês/proletário. Análises de categorias tenderam a esconder a relação de intersecção entre elas ocasionando, assim, o apagamento da situação violenta das mulheres não brancas (LUGONES, 2008). Nesse sentido, a interseccionalidade das opressões racismo/sexismo/classismo foi evidenciado na trajetória de Tânia no momento em que falávamos sobre seu cabelo e sua mudança do interior para uma cidade maior, em que ela lembrou do lenço (depois boné) usado por muito tempo porque pessoas de sua nova escola se referiam ao seu cabelo como “cabelo de pico”. Na conversa, Tânia (52 anos) contou, como destacado na seção anterior, que as meninas brancas e ricas falavam mal do seu cabelo e, ainda, que, embora não tenha recordação específica, provavelmente também falavam algo ligado à sua cor de pele, até mesmo porque, ela cresceu ouvindo frases e expressões racistas como “negrinho”, “crioulinho”, “crioulo”, “serviço de preto”. Nesse sentido, ressalto que “o cabelo do negro, visto como ‘ruim’, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito” (GOMES, 2016, p. 42). Carolina Maria de Jesus também nos fala sobre sua experiência de ouvir frases e expressões racistas em relação ao seu cabelo e à sua cor e faz reflexões quanto a essa pretensa “superioridade” dos brancos:

> ... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:
> - É pena você ser preta.
> Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta.
> ... Um dia, um branco disse-me:
> - Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

> O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro tambem. A natureza não seleciona ninguem (JESUS, 2014, pp. 64-65).

Para Gomes (2016, p. 42), cabelo e corpo são "pensados pela cultura" e, assim, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser vistos como "expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil". O cabelo do negro evidencia o conflito racial vivenciado por negros e brancos no país e, tendo em vista a histórica construção do racismo brasileiro, os negros são os que sofrem a opressão dentro do processo de dominação política, econômica e cultural, opressão esta que não é aceita com passividade pelos negros, já que estão sempre buscando construir práticas políticas e reinventar práticas culturais. Em razão disso, as intervenções feitas no cabelo e no corpo pelo negro, ultrapassam questões de vaidade e tratamento estético, constituindo também um quesito identitário (GOMES, 2016).

A interseccionalidade racismo/sexismo/classismo também está presente na trajetória de consumo de Marta (54 anos), especialmente quando ela narra sobre o vestuário de melhor qualidade que desejava usar para ir à escola, em que ouvia da dona da casa em que ela trabalhava frases como "ah, porque você é uma neguinha muito metida". Além de sofrer agressões racistas, Marta também sofria agressões verbais e físicas de meninas do colégio, segundo ela, as "meninas de classe menor", por não aceitarem que ela usasse um vestuário melhor sendo da mesma classe que elas. Nas conversas com Marta (54 anos), ela relatou outros eventos racistas por ela vivenciados, como o fato de os brancos só quererem pessoas negras para trabalharem para eles, tendo sido, por muito tempo: "nós sempre fomos 'escravinhas' 'neguinhas' 'escravinhas dos brancos'".

Vimos, assim, que para as pessoas brancas do entorno de Marta, devido ao fato de ser uma mulher negra, havia comportamentos esperados e um deles envolvia a utilização de certos bens "condizentes". Mesmo assim, Marta agia de modo a contrariar tais expectativas sociais, mostrando sua agência nesse sentido ao exigir uniforme e calçado de melhores qualidades. Tais relatos evidenciam como pensar o consumo dentro das trajetórias dos indivíduos desvela os significados daquele consumo expondo, ao mesmo tempo, outras questões que poderiam não aparecer caso a pesquisa se limitasse a perguntar acerca do atual consumo das pessoas. Nesse ponto, a narrativa de Marta encerra uma importante reflexão ligada ao consumo por parte de pessoas vistas como subalternas na sociedade, como no caso de negros e negras no

Brasil:

> Durante muito tempo o consumo foi algo de que a maioria dos negros era excluída — principalmente os escravos. Proibições em relação ao consumo (ostentoso) destinavam-se a desumanizar e a marcar a exclusão. Não admira que ainda hoje os direitos civis sejam comumente distribuídos em função do que se pode consumir, do livre acesso aos rituais associados ao consumo ostentoso e ao que desse consumo se pode fazer notar em público. O consumo, portanto, também é um marcador étnico, bem como uma forma de oposição à opressão, uma maneira de, como negro, fazer-se visto ou mesmo ouvido. Por um lado, historicamente o consumo tem sido uma forma poderosa de expressão da própria cidadania e vem adquirindo cada vez mais importância na determinação do status entre os negros no Novo Mundo. Por outro lado, historicamente também, para grandes grupos de negros marcados pela escravidão e por suas conseqüências, a posição no trabalho não tem sido central para a construção da personalidade. Freqüentemente o que se pode chamar de "hedonismo negro" — resultado de uma relação conflitante com o trabalho assalariado — constitui as formas culturais criadas pelos negros e o modo como os não-negros as encaram: com uma mistura variada de desdenho e sedução. Nas últimas décadas, esse hedonismo tem se manifestado especialmente entre os jovens negros, e mais ainda entre aqueles de classe social mais baixa. Embora, em muitos sentidos, eles experimentem uma relação com a produção e o consumo muito similar à que ocorre com outros grupos de jovens (de classe baixa), os jovens negros geralmente somam uma perspectiva étnica a essa relação e, além disso, parecem celebrar sobremaneira o consumo — e o consumo glamouroso em particular (SANSONE, 2000, p. 88).

Através da leitura do fragmento acima, volto à discussão sobre o aspecto da moralidade que envolve o consumo, particularmente a distinção necessidades básicas X supérfluo. Tal diferenciação é fundamental para que diversos grupos definam critérios de direitos, conduta moral, participação, além de propiciar a observância dos mecanismos de poder implícitos. Por trás dessa oposição, verifica-se a possibilidade de controle do consumo alheio, permitindo que grupos dominantes estabeleçam, autoritariamente, o que deve ou não ser consumido e, nessa lógica, o consumo "das classes menos favorecidas para suprir faltas e carências definidas culturalmente como básicas é considerado digno, enquanto aquele orientado para a reprodução de certos estilos de vida que vão além dessas necessidades é percebido como inadequado ou irresponsável" (BARBOSA; CAMPBELL, 2006, p. 39). Sendo a população negra uma das que foram historicamente excluídas do processo de consumo, podemos entender como essa moralidade ligada ao consumo é voltada, principalmente, para aquela população, por isso, a exigência de Marta de ter um vestuário de melhor qualidade foi visto como uma espécie de atrevimento ou convencimento por parte de uma mulher branca.

Penso, assim, que essa ligação entre consumo e moralidade pode representar na sociedade brasileira uma forma de manifestação das opressões racismo/sexismo/classismo. Nessa

perspectiva, Pinheiro-Machado e Scalco (2014) realizaram uma pesquisa sobre os "rolezinhos", fenômeno que ganhou repercussão nacional e internacional no início de 2014, que consistia em uma reunião de grande número de adolescentes das periferias urbanas para passear nos *shopping centers* de suas cidades. Os eventos causaram desconforto e apreensão por parte de frequentadores e, em razão disso, alguns proprietários de estabelecimentos conseguiram na justiça a proibição dos rolezinhos, impedindo o acesso dos jovens. Entendido enquanto ritual que representava a ostentação em uma sociedade em que o consumo figura como uma forma de ascensão e inclusão, as manifestações das elites brancas brasileiras evidenciaram o preconceito de cor e de classe, uma reação ao verem "seus espaços ameaçados", visão especialmente notada a partir da década de 2000, quando deu-se início no Brasil a políticas de inclusão social, como cotas nas Universidades e programas sociais.

Além do racismo sofrido diretamente, Tânia e Marta conviviam com um racismo que permeava suas opções de consumo, já que, no passado, não existiam produtos e serviços direcionados para pessoas negras, segundo relatado por Tânia:

> [...] a vida toda tive o cabelo crespo, então eu não ia em salão, o que eu ia fazer em salão? Meu cabelo era crespo, naquela época não tinha os artifícios de hoje, hoje tem, você faz um permanente afro, você relaxa depois enrola, é aquilo que eu sempre fiz, agora que parei de fazer, mas eu ficava apaixonada de ver o pessoal escovar o cabelo no salão, eu achava mó barato, mas pra isso tinha que ter o cabelo liso, meu cabelo não era liso. Então as minhas opções há trinta, quarenta anos atrás eram pouquíssimas, era alisar. (...) O lenço, naquela época, hoje pode ser enfeite, o lenço naquela época era pra tampar mesmo, tipo assim, era considerado um adorno bonito assim, pessoas de idade usavam, mas é porque naquela época não tinha acesso às coisas que têm, os shampoos que têm, os cremes que têm, então, eles até arrumavam o cabelo, mas depois botava o lenço [...] (TÂNIA, 52 anos).

A abundância de produtos direcionados aos cabelos cacheados e crespos que vemos nas prateleiras de supermercados e lojas de cosméticos na atualidade, bem como de tratamentos para cabelos crespos sem ser o alisamento (como, por exemplo, o salão "Beleza Natural"[23]) dão indícios de que houve uma mudança no mercado. Não tenho como definir os motivos reais dessa mudança, se por uma demanda social ou se pelo próprio mercado, mas, o fato é

[23] "O primeiro salão Beleza Natural foi aberto nos fundos de um sobrado, na cidade do Rio de Janeiro, no Bairro da Tijuca, em 1993. Mas a história da empresa se confunde com a de sua fundadora, Zica. De origem humilde, Zica trabalhou como doméstica, babá e vendedora, até concluir um curso de cabeleireira. A profissão se tornou uma paixão para ela que, vaidosa, não se conformava com a falta de produtos e tratamentos para cabelos crespos como os seus. Assim, foram 10 anos de conversas com fornecedores, pesquisas e experimentos, em que ela e a sua família serviam de cobaias, na busca de um produto que pudesse cuidar e dar um aspecto natural aos cachos dos cabelos frisados" (SUAREZ; CASOTTI; ALMEIDA, 2008, p. 556).

que a transformação ocorreu e as pessoas hoje estão mais atentas quanto a isso. Nesse ponto, considero importante a perspectiva de Appadurai (2008, pp. 48-49) de entender o consumo não apenas como forma de "envio de mensagens sociais", mas também de "recepção" delas, por isso, a demanda omitiria dois tipos de relação entre consumo e produção: por um lado, sendo determinada por forças sociais e econômicas; por outro, sendo capaz de manipular, dentro de alguns limites, tais forças econômicas e sociais. Tais pontos de vista colocam em questão a reprodução e a mudança dentro do capitalismo, por isso, cito a seguinte passagem:

> As liberdades capitalistas são potencialmente liberdades reais e o capitalismo faz a aposta, a qual é a essência da reprodução, de que as liberdades serão usadas para a auto-danação. A classe dominante não poderia nunca controlar essas liberdades sem auxílio de baixo (…). Ele (o capitalismo) faz sua própria aposta na incerteza; que os outros façam as suas (…). Deve, portanto, haver sempre um nível funcional de análise na reprodução. Mas isto não deve permitir que se ocultem as lutas que, através das incertezas, movimentam as partes do mecanismo (…). Há muitas rupturas, distâncias, antagonismos, lutas profundas e uma lógica subversiva real no interior e por detrás dos processos culturais da reprodução, os quais lutam por resultados diferentes daqueles que no momento satisfazem o sistema (…). Essa incerteza também deveria nos prevenir contra uma noção teleológica simplista a respeito do desenvolvimento capitalista. O gigantesco crescimento do estado nos setores de seguridade social e educação, por exemplo, não se dá necessariamente em favor dos melhores interesses do capitalismo. Ele foi, em alguma medida, imposto ao capitalismo por grupos em competição, utilizando suas próprias liberdades reais, para seu próprio avanço, tal como eles o enxergaram (WILLIS, 1991, pp. 214-215).

Na citação acima, o autor aponta como o capitalismo possui seus meios de coerção para que as pessoas se comportem da maneira que lhes convém, ao mesmo tempo em que necessita deixar uma margem de liberdade aos dominados, a fim de que a dominação possa se efetivar, e é justamente nessa liberdade que, muitas vezes, as pessoas buscam impor/contrapor seus interesses. Além do caso dos produtos estéticos para pessoas negras, temos o exemplo da inserção de mercadorias, especialmente vestuário, para pessoas gordas por meio da moda *plus-size*:

> Do ponto de vista geral das interlocutoras desta pesquisa, a moda *plus-size* coloca em cena um ideal de beleza mais plural e mais próximo das mulheres "comuns", mostrando que não é preciso usar um manequim pequeno para ser bonita e para se vestir de acordo com as tendências da moda. Algumas profissionais que trabalham no segmento dizem participar de uma democratização da moda (...). De fato o mercado *plus-size* tem se apresentado como um espaço de inserção social para muitas interlocutoras e tem colocado em cena um ideal de beleza menos rígido e mais próximo do cotidiano de suas consumidoras. No entanto, o segmento não é livre de um processo de construção de normas e padronizações (BETTI, 2014, p. 196).

Esse tipo de alteração na moda foi, inclusive, citado por uma de minhas interlocutoras em

uma pergunta sobre o que é ser bonita, justamente a que trabalha com o corpo como professora de uma academia só para mulheres:

> Se tá bem, cara. Pô, você tem tanta gente você vê que é gordo, que é, sabe, mas tipo, é gordo mas tem uma questão que não é por, às vezes não é por questão de "ai, eu como demais", mas é uma pessoa que é gorda, mas tem algum problema de saúde. Então, assim, se vai se tratar por causa do problema de saúde, mas não ligaria se fosse uma pessoa realmente gorda porque gosta de comer, se sente bem comendo, se sente bem botando uma roupa, que hoje tem *plus-size*, essas coisas, poxa, que roupa legal e tal, tô me sentindo bem assim, tô casada ou casado, sei lá, tenho minha família, vivo legal, trabalho com o que eu gosto, tô bem. Então eu acho que é isso, você tem que estar bem com você mesmo (CLÁUDIA, 39 anos).

Acredito que o que fica em tais reflexões é essa tensão entre normatividade e liberdade. Existe uma liberdade dentro daquilo que é colocado como padrões estéticos e as pessoas se aproveitam disso para buscarem seus propósitos e modificarem aquilo que é imposto. Por outro lado, as forças contrárias agem a fim de não deixar essa liberdade sair do controle, por isso, procuram colocar normatividades por cima das reações dos dominados com a finalidade de manterem as estruturas de poder necessárias ao pleno funcionamento do capitalismo.

Em resumo, vislumbro que as narrativas de minhas interlocutoras acerca do consumo de bens e serviços ligados à estética corporal são uma fonte de diversas informações não apenas relacionadas aos motivos para aquele tipo de consumo e o que pensam sobre ele. Pensar acerca desse tipo de consumo no curso de ação de suas vidas evidenciou outras complexidades envolvidas, em especial, o modo como as opressões racismo/classismo/sexismo também perpassam o âmbito do consumo.

4.4 O batom

> Com o tempo, eu passava muita maquiagem antes, e aí com o tempo eu fui diminuindo, não passo mais rímel, delineador, só se eu for sair pra um lugar especial, mas ai no dia a dia eu não passo nada. Só que eu acho que eu sou muito branquinha, então eu gosto de passar batom porque dá uma cor no meu rosto, eu acho bonito, eu gosto de batom escuro, acho que por causa desse contraste assim de eu ser muito branca. Me sinto ótima, acho que dá uma vida (ANA, 23 anos).

> Gente, nasci sem batom, passei hoje porque tava afim. Mas é gostoso também quando você passa, você olha assim "caramba, tô bonita". É diferente (CLÁUDIA, 39 anos).

> Eu hoje penso mais na minha saúde. Eu acho que o batom resolve todo o meu problema. Agora, o problema é que a saúde é mais difícil... eu acho que tenho que caminhar mais, fazer mais coisas, agora, passou batom vermelho resolveu quase tudo. Se a sobrancelha estiver feita e o cabelo estiver bonito, passo um batom e mais

> nada. Ou seja, tem que ter batom (TÂNIA, 52 anos).
>
> Isadora: Você passa maquiagem, alguma coisa...
> Marta: Não, muito vago um batom.

Por fim, encerro as análises deste ensaio com o batom. Esse foi um item que apareceu em todas as narrativas de minhas interlocutoras, tanto quando se referiam ao passado quanto ao presente. Para elas, o batom é importante por ser um item prático, que não provoca reações adversas, como alergias e dores, entrando em suas estéticas corporais quando desejam utilizá-lo ou quando sentem necessidade de estarem mais "arrumadas", além, claro, de ser um produto ligado à feminilidade. Destaco que o cabelo também apareceu nas quatro trajetórias, porém, entendo que a relação com o cabelo é bastante distinta nos quatro casos, devido à diversidade de suas narrativas, que perpassam por especificidades de gênero/raça/classe social, diferente do batom, em que o uso é atual e comum a todas.

A praticidade do batom está em sua facilidade de uso: "O ato é quase mecânico. Você tira a tampa, gira o cilindro e passa na boca. Aperta um lábio contra o outro olhando ou não para o espelho, dependendo da destreza de cada uma. Pronto, você passou um batom". A pintura no corpo feita por mulheres existe há milênios, contudo, somente há cem anos, o americano Maurice Levy, trabalhador de uma empresa de metalurgia, teve a ideia de encaixar a pasta colorida em um "tubo metálico e retrátil" (DUVANEL, 2015).

Segundo Simon (2016), pintar os lábios de vermelho era um hábito tanto feminino quanto masculino na Antiguidade, contudo, durante a Idade Média, tal ato converteu-se em sinônimo de pecado, quando a Igreja proibiu a maquiagem. Séculos depois, o tabu foi reforçado entre os anos de 1830 a 1999 pela rainha Victoria da Inglaterra com a decretação do fim do uso de maquiagem entre aristocratas "de bem". Mesmo assim, mulheres daquela época passaram a criar alternativas a fim de continuar usando sem serem vistas como pecadoras (SIMON, 2016).

Hoje, o batom é visto por algumas mulheres como símbolo de empoderamento, de quem deseja se sentir bem e confortável consigo mesma, por isso, aparece como um objeto muito ligado à autoestima (TIME MODICES, 2016). Claro que aqui estamos falando de mulheres, como minhas interlocutoras, que se sentem bem usando o batom, pois, também existem aquelas que não gostam e não usam, ou as que usam quando querem, como Cláudia. A

YouTuber Jout Jout (2015), por exemplo, em um vídeo que conta com mais de 3 milhões de visualizações, chamado “Não tira o batom vermelho”, relata casos que indicam um relacionamento abusivo e, em um dos exemplos, ela fala sobre a crítica dirigida ao batom vermelho por parte do/a parceiro/a sob a alegação de que a deixa com “cara de puta”.

Bem, considerando as visões de minhas interlocutoras e as citações acima, é possível vislumbrar que o batom é um item que está relacionado a seus projetos de serem femininas ao mesmo tempo em que se adapta às suas rotinas e preferências, devido a sua facilidade de aquisição, de uso e de armazenamento. Nota-se, ainda, que o mesmo está carregado de simbologia, seja de feminilidade, de poder ou mesmo de opressão. No caso de minhas interlocutoras, percebo que o batom é bastante útil em suas relações com a estética corporal, porque elas gostam de estar arrumadas em certos ambientes e contextos, mas não abrem mão da praticidade e da liberdade, por isso, creio que elegeram o batom, um item que as fazem se sentir bonitas, sem grandes esforços.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o consumo dentro das Ciências Sociais é investigar o comportamento dos consumidores e os sentidos que estes atribuem ao ato de consumir. Estudos recentes revelaram a importância desse tipo de pesquisa a fim de compreender aspectos sociais que podem estar ligados ao modo como as pessoas consomem bens e serviços e os valores que atribuem a eles. Ainda mais desafiador é buscar entender o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal, uma vez que as atenções quanto a esse tipo de consumo estão muito voltadas para as influências midiáticas e mercadológicas envolvendo conformação aos padrões de beleza socialmente impostos.

Partindo da importância da temática, o problema de pesquisa da dissertação envolvia compreender o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal a partir das trajetórias de consumo narradas por quatro interlocutoras: Ana, Cláudia, Tânia e Marta. O principal objetivo consistia em explorar o entendimento delas acerca do referido tipo de consumo e o modo como se relacionaram/relacionam com ele e elaboraram/elaboram suas estéticas corporais. Assim, fui a campo partindo de uma perspectiva antropológica com vistas a realizar entrevistas a fim de obter narrativas acerca de suas trajetórias de consumo envolvendo o passado e o presente. Realizei, então, entrevistas com as quatro interlocutoras com fulcro em Bertaux (2014), obtendo êxito em explorar seus entendimentos acerca do assunto e suas trajetórias ligadas àquele tipo de consumo. Ana, Cláudia, Tânia e Marta narraram fatos do passado envolvendo o consumo de bens e serviços de estética corporal e, também, as suas atuais rotinas de cuidados corporais. Mesmo não sendo o objetivo principal da pesquisa, busquei participar de, ao menos, um momento ligado ao cuidado estético delas e tive sucesso em acompanhar Ana, Cláudia e Tânia, não sendo possível apenas no caso de Marta, fato que não resultou em prejuízos ao trabalho.

Com os dados em mãos, a construção do texto foi pensada de modo a explorar ao máximo as narrativas de minhas interlocutoras. Assim, no primeiro capítulo busquei aprofundar um pouco mais acerca da minha trajetória até a elaboração do problema de pesquisa, apresentando como melhor opção para a produção do texto o ensaio de perspectiva etnográfica. Realizei, também, a apresentação de minhas interlocutoras expondo brevemente de onde as conhecia e como decidi incluí-las como possíveis sujeitos a participarem dos diálogos que construíram a

pesquisa.

As análises quanto às relações de minhas interlocutoras com o consumo de bens e serviços de estética corporal foram realizadas a partir de seus relatos de trajetórias de vida e assim, dediquei o segundo capítulo à apresentação delas, buscando, conforme a orientação de Bertaux (2014), exibir no texto de maneira direta as suas trajetórias conforme narradas nas entrevistas. Realizei algumas considerações no capítulo e fiz uma separação entre passado e presente, a fim de que a leitura e a compreensão do texto não fossem comprometidas, mas procurei deixar ao máximo os diálogos da forma como ocorreram. Importante destacar que as entrevistas consistiram em conversas dialógicas em que, muitas vezes, eu era questionada acerca de minhas experiências ao mesmo tempo em que buscava as experiências das interlocutoras, sendo muito mais uma troca em forma de diálogos, em que as informações e observações feitas por elas me faziam refletir quanto ao assunto. Outra questão interessante diz respeito ao vínculo entre os sujeitos, pois mesmo conhecendo anteriormente todas as interlocutoras, percebi o quanto nossas relações se estreitaram após a pesquisa, especialmente com Tânia e Marta.

Ainda que Bertaux (2014) considere o comportamento econômico como momentâneo, a ideia do curso de ação somado aos estudos do consumo, permitiram vislumbrar como o consumo de bens e serviços voltados à estética corporal pode se desenvolver ao longo de anos, envolvendo reflexões, estratégias, tendo em vista o objetivo do consumidor de efetivar o projeto de ter uma “boa aparência” ou uma estética corporal própria. Explorar esse tipo de consumo dentro das narrativas revelou as diversas contradições que permeiam o ato de consumir, ora envolvendo resistências, ora aquiescências, sem perder de vista que, a despeito das particularidades de cada narrativa, não se trata de uma ação inteiramente privada, já que as opções de consumo, bem como os padrões estéticos têm existência anterior aos consumidores e independente de suas vontades.

No terceiro capítulo, levantei discussões concernentes às percepções culturais sobre corpo, beleza e a formação de padrões de beleza, especialmente no Brasil, a partir de autores que discutem o assunto. Se o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal de minhas interlocutoras não pode ser enquadrado apenas enquanto conformação a certas expectativas sociais, também não significa que estas não sejam importantes. As narrativas delas

evidenciaram como os padrões de beleza fazem parte de suas rotinas, interferindo no modo como lidam com suas estéticas corporais e, portanto, com as decisões sobre o que irão ou não consumir para atender a tais expetativas sociais ou mesmo rechaça-las. Nesse sentido, dispositivos que dão acesso à internet e à fotografia também podem ser considerados um tipo de consumo voltado à estética corporal por potencializarem a relação com o próprio corpo a partir da visualização de outros corpos e dos seus através de imagens fotográficas.

Além de revelarem os sentidos que minhas interlocutoras dão ao consumo de bens e serviços voltados à estética corporal, as entrevistas mostraram que, mesmo estando permeado por elementos ligados ao desejo de estarem com uma boa aparência, dentro do que entendem como tal, elas não buscam se encaixarem exatamente conforme ditam os padrões de beleza. Ademais, foi evidenciado que o citado consumo envolve racionalidade e cálculos, tanto financeiros quanto de tempo, tendo em vista que elas sempre procuraram e ainda procuram calcular quanto de seu tempo e dinheiro serão destinados às práticas de embelezamento. Os cálculos são feitos tanto antes do ato de consumo quanto durante, quando elas levam em consideração suas possibilidades financeiras e disponibilidade de tempo, analisando e pesquisando produtos e serviços que possam se aproximar do efeito pretendido, ou mesmo se igualar, com um preço mais acessível.

Nas narrativas de minhas interlocutoras foi evidenciada a proximidade entre beleza, consumo e trajetórias pessoais. Vimos como elas refletem acerca dos padrões estéticos e o modo como essa reflexividade opera dentro de suas trajetórias de consumo. As entrevistas narrativas sobre o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal ofereceram múltiplas possibilidades de análise, por isso, realizei alguns recortes dentro da presente dissertação. Recortes estes que foram feitos levando em consideração os aspectos que mais se destacaram nas quatro narrativas, em especial a interseccionalidade gênero/raça/classe/idade. Estar em campo e ouvir Ana, Cláudia, Tânia e Marta foi uma experiência única. Suas narrativas de vida quanto ao consumo de bens e serviços ligados à estética corporal, proporcionaram ricos debates quanto aos sentidos daquele consumo e, ainda, revelaram outras particularidades ligadas às técnicas do corpo, aos modos de se lidar com os padrões de beleza, à maneira como gênero/raça/classe/idade se apresentam nas trajetórias de vida.

Um ponto de relevância diz respeito ao fato de que todas as minhas interlocutoras optaram em

algum momento de suas vidas por realizar o processo de alisamento capilar e cada uma delas atribui um significado para tal procedimento. Contudo, tendo em vista a formação de padrões de beleza racistas no Brasil, o alisamento não pode ser entendido fora dessa lógica que atribui como belo o cabelo liso. Tânia, inclusive, narrou o racismo que sofreu quando começou a frequentar uma escola em que as meninas brancas ficavam falando mal e rindo do seu cabelo e, por conta do episódio, ela passou a usar um lenço para escondê-lo.

De maneira geral, os bens e serviços mais buscados por minhas interlocutoras envolvem produtos e serviços para o cabelo, hidratantes corporais, perfume, maquiagem, fazer as unhas e tatuagem. Ademais, as quatro narrativas evidenciaram a relação entre consumo de estética corporal, feminilidade e beleza. A preocupação com o corpo (não precisa ser excessiva) e com cabelo (em especial ter um cabelo comprido e bem cuidado) junto a objetos como salto alto e maquiagem, particularmente o batom, formam o imaginário de feminilidade de minhas interlocutoras. Contudo, ao mesmo tempo em que querem aparentar ser femininas, elas também buscam seus próprios métodos para tanto, de modo a não se conformarem a todas as regras socialmente impostas sobre como as mulheres devem aparentar ou vestir. Suas trajetórias de consumo mostram que a preocupação com a aparência e a beleza vem acompanhada de reflexões ligadas à saúde, ao quanto estão dispostas a gastarem em termos financeiros e de tempo, ao que elas realmente gostam ou não e o que as deixam confortáveis ou não.

Dentro das trajetórias, foi interessante notar como as lembranças de minhas interlocutoras sobre o consumo de bens e serviços ligados à estética corporal envolvem bens específicos, até mesmo marcas, como lenço de cabelo, calçados de determinadas marcas, tipos de tecido de roupas, revelando como o consumo está relacionado às trajetórias de vida dos indivíduos. Trajetórias estas que não foram concebidas enquanto sucessão de eventos em uma estrutura linear de tempo, mas, sim, como ações em curso ao longo de anos, envolvendo reflexão e estratégias por parte dos sujeitos. Priorizei evidenciar os acontecimentos em suas vidas e como elas lidaram com eles e quais aspectos sociais puderam ser acessados através dessas lembranças. Inclusive, a realização de mais de uma entrevista foi fundamental, pois, obtive mais informações ao aprofundar nos eventos narrados na primeira entrevista, oportunizando que elas recordassem outros episódios vivenciados.

Como a pesquisa tratava acerca do consumo de bens e serviços voltados à estética corporal realizado por minhas interlocutoras ao longo da vida, o assunto quanto ao aprendizado desse tipo de consumo logo surgiu e, ao questioná-las sobre, a família apareceu com destaque, mais especificamente, as mulheres de suas famílias, sendo tias, avós e mãe. Somente Ana citou a mídia, recordando como personagens de novelas e desenhos fizeram com que buscasse certos tipos de consumo ligado à estética corporal. Mas, é preciso ressaltar que não se trata apenas de influências ao consumo, tendo em vista que, em alguns casos, como no de Cláudia e Tânia, o não-consumo possui relevância, ou seja, a convivência com familiares seus que não se importavam tanto com esse tipo de consumo as influenciaram a consumir menos.

Cada uma das minhas interlocutoras elencou quais bens e serviços voltados à estética corporal são os mais procurados por elas e notam-se diferenças nesse quesito, concomitantemente, existem pontos que se tocam entre algumas das trajetórias, destacando-se entre as quatro o batom. Este foi eleito por elas como o item de uso mais frequente. Isso porque seu uso faz com que se sintam belas e femininas, ao mesmo tempo em que não precisam ficar horas em frente a um espelho para utilizá-lo e nem gastar muito, o que combina com suas vidas práticas e atarefadas.

Insta mencionar que a realização de perguntas abertas explorando as narrativas dos sujeitos e a sua exposição no texto trouxeram muitos desafios, pois ao mesmo tempo que permitiam um maior fluxo de dados quanto ao assunto pesquisado, também acabaram levantando outras questões que, devido ao tempo, não puderam ser minuciosamente analisadas. Uma das questões citadas por Ana, Marta e Tânia que abordei suscintamente diz respeito às modificações visualizadas/experimentadas quanto à estética corporal a partir da mudança de uma cidade menor para uma maior. Quais relações podem ser estabelecidas entre mudança de ambiente e a estética corporal? Como os sujeitos experimentam ou não alterações em seus corpos a partir da mudança de ambiente considerando a interseccionalidade gênero/raça/classe? São questões passíveis de gerar discussões frutíferas e reflexões importantes quanto ao consumo de bens e serviços voltados ao embelezamento e à produção de estética corporal.

Além disso, a pesquisa também abre caminho para pensarmos em estudos acerca dos rituais envolvendo as práticas embelezadoras, estas consideradas dentro da perspectiva cultural de

produção de significados. Os momentos do cotidiano direcionados às práticas embelezadoras podem ser considerados como partes de um ritual do ponto de vista antropológico? Para quais atividades\eventos os sujeitos consideram importante a alteração momentânea de sua estética corporal? Esses são alguns exemplos de itens que demandam uma discussão mais aprofundada em outras pesquisas, sejam elas feitas a partir da análise focada nos indivíduos ou nos locais onde ocorrem os rituais. Destaco nesse ponto que, ainda que uma pesquisa antropológica e/ou sociológica se volte para os indivíduos, como foi o caso dessa dissertação, a problemática nela envolvida não considera aquele indivíduo de maneira isolada, mas, sim, enquanto sujeito inserido em determinado meio social. Tal perspectiva possibilita ampliar a compreensão quanto às dinâmicas atinentes à relação indivíduo-sociedade.

Por fim, saliento que essa pesquisa envolveu os sentidos do consumo de bens e serviços ligados à estética corporal para quatro interlocutoras, visando aprofundar na temática através de suas narrativas quanto às trajetórias de consumo. Sendo assim, os resultados apresentados não buscam generalizações, até mesmo porque, cada trajetória é única, mas acredito que pode ser um bom caminho para pensarmos em mais pesquisas como essa no intuito de contribuir para avanços nas discussões que envolvem a temática.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Feminismo, pós-colonialismo e novas narrativas sociológicas. In: Anais do **XXVIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS**. 26 a 30 de outubro de 2004. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-28-encontro/st-5/st22-3/4070-madelman-feminismo/file> Acesso em 22 jul. 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

ARCHER, Margaret S. Realismo e o problema da agência. In: **Estudos de Sociologia**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 2, n. 6, pp. 51-75, 2000a.

ARCHER, Margaret S. **Being human – the problem of agency**. New York: Cambridge University Press, 2000b.

ARCHER, Margaret S. *Habitus*, reflexividade e realismo. In: **Dados** –Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 54, nº 1, pp.157-206, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/dados/v54n1/05.pdf> Acesso em 22 jan. 2020.

BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin (Organizadores). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BECKER, Howard S. Mundos Artísticos e Tipos Sociais. In: VELHO, Gilberto. **Arte e sociedade – ensaios de sociologia da arte**. Zahar Editores, RJ, 1977.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo; Natal: Paulus; EDUFRN, 2010.

BERTAUX, Daniel. A vingança do curso de ação contra a ilusão cientificista. In: **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, nº 2, p. 250-271, maio-ago. 2014.

BETTI, Marcella Uceda. **Beleza sem medidas? Corpo, gênero e consumo no mercado de moda plus-size**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo.

BOLEN, Derek M. **Toward an applied communication relational inqueery: autoethnography, co-constructed narrative, and relational futures**. 2012. Wayne State

University Dissertations (doctor of philosophy).

BORN, Cláudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p.240-265, jan/jun 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222001000100011&lng=en&nrm=iso> Acesso em 02 jan. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 7ª Edição. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

CAETANO, Ana. Para uma análise sociológica da reflexividade individual. In.: **Sociologia, Problemas e Práticas** [Online], nº 66, 2011, pp. 157-174. Disponível em: < http://journals.openedition.org/spp/523> Acesso em 24 dez. 2019.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin (Organizadores). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CAMPOS, Veridiana Parahyba. Beleza, construção do self e reflexividade entre as mulheres. In.: **Mediações**. Londrina, v. 14, n.2, p. 145-161, Jul/Dez. 2009. Disponível em: < http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4511> Acesso em 24 dez. 2019.

CARVALHO, Aline Torres Sousa. Análise do discurso e narrativa de vida: em busca de interfaces. In: **Trabalhos Completos ALED Puebla**, v. 1, n. 2, 2015. Disponível em: <http://www.anaisaled.ufscar.br/index.php/aledpuebla/article/view/9> Acesso em 02 jan. 2020.

CURIEL, Ochy. **La Nación Heterosexual - Análisis del discurso jurídico y el régimen heterossexual desde la antropología de la dominación**. Bogotá: Brecha Lésbica y en la Frontera, 2013.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. 1ª Edição. 1ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DOUGLAS, Mary. O mundo dos bens, vinte anos depois. In: **Horizontes Antropológicos**, nº 28, v. 13, Porto Alegre, jul/dez 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200002>. Acesso em 26 mar. 2020.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUVANEL, Talita. Batom faz 100 anos e segue um aliado forte nas artimanhas femininas. In: **O Globo**, 05\09\2015. Disponível em: < https://oglobo.globo.com/ela/beleza/maquiagem/batom-faz-100-anos-segue-um-aliado-forte-nas-artimanhas-femininas-17402062> Acesso em 26 jan. 2020.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976;

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. In: **Periódicus**, Salvador, nº 3, v. 1, pp. 152-169, mai-out. 2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/14261> Acesso em 19 jan. 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. A política da beleza: nacionalismo, corpo e sexualidade no projeto de padronização brasílica. In.: **Diálogos Latinoamericanos**, núm. 1, pp. 88-109, 2000. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16200108> Acesso em 09 dez. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 18ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª Ed. 13ª Reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. In: **Psicol. clin.**[online], vol.17, n.2, pp.65-80, 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/pc/v17n2/v17n2a06.pdf> Acesso em 04 fev. 2020.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. Nem toda brasileira é bunda: corpo e envelhecimento na cultura contemporânea. In: CASOTTI, Letícia; SUAREZ, Maribel; CAMPOS, Roberta Dias (Orgs.). **O tempo da beleza – consumo e comportamento feminino, novos olhares**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. In: FIGUEIREDO, Angela; CRUZ, Cintia. **Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras** (Orgs.). Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. Introdução. In: GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z (Orgs.). **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2012.

GONÇALVES, Marco Antonio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z (Orgs.). **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2012.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In.: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. In: **Campos – Revista de Antropologia**. v. 12, n.1, pp. 9-29, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/28562>. Acesso em 02 jan. 2020.

HOCKEY, Jenny. Interviews as Ethnography? Disembodied Social Interaction in Britain. In: Rapport, Nigel (Ed.). **British Subjects: An Anthropology of Britain**. Oxford: Berg, 2002, pp. 209-222.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ISAPS, The International Society of Aesthetic Plastic Surgery [site institucional]. Estudo internacional mais recente revela que as cirurgias estéticas continuam crescendo em todo o mundo. Hanover, 03 dez. 2019. Disponível em: < https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2019/12/ISAPS-Global-Survey-2018-Press-Release-Portuguese.pdf> Acesso em 04 fev. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. 10ª Edição. São Paulo: Ática, 2014.

JOU JOUT. JoutJout Prazer. **Não tira o batom vermelho**. 26/02/2015 (8m33s). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg> Acesso em 06 fev. 2020.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

LUGONES, María. Colonialidad y género. In: **Tabula Rasa**. Bogotá, Nº 9, pp. 73-101, julio-diciembre 2008. Disponível em: < http://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf> Acesso em 27 fev. 2020.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, n. 34, p. 197-221, 1991. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111301> Acesso em 30 jul. 2018.

MARCUS, George E. Problemas contemporâneos da etnografia no sistema mundial moderno. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (orgs). **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Papéis Selvagens Edições, 2016.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica – biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. 2ª Edição. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MENDES, Jaqueline. Crise não afeta mercado de cosméticos, que cresce 10,6%. **Estado de Minas**, São Paulo, 06 jun. 2019. Disponível em: < https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/06/06/internas_economia,1059657/crise-nao-afeta-mercado-de-cosmeticos-que-cresce-10-6.shtml> Acesso em 04 fev. 2020.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. In.: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

MILLER, Daniel. Estudando cultura material no Sul de Londres. In: BARBOSA, Lívia; PORTILHO, Fátima; VELOSO, Letícia (orgs.). **Consumo: cosmologias e sociabilidades**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica: EDUR, 2009.

MIZRAHI, Mylene. Cabelos ambíguos: beleza, poder de compra e "raça" no Brasil urbano. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 30, n. 89, p. 31-45, Out. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092015000300031&lng=en&nrm=iso> Acesso em 23 jan. 2020.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Anais do 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: < https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em 13 mar. 2020.

MURARO, Rose Marie. A mulher brasileira e a sociedade de consumo. In: FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Rio de Janeiro: Vozes Limitada, 1971.

NAVA, Mica. Modernity´s disavowal: women, the city and the department store. In: FALK, Pasi; CAMPBELL, Colin (orgs.). **The Shopping Experience**. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE, 1997.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Antropologia e a *crise* dos modelos explicativos. In: **Estudos Avançados**, 9 (25), 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v9n25/v9n25a17.pdf> Acesso em 04 jun. 2020.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. In: **Horizontes Antropológicos**. Vol. 13, n. 28, pp. 375-405, Porto Alegre, jul./dez. 2007. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200015&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 20 fev. 2020.

PAREDES, Julieta. **Hilando Fino: desde el feminismo comunitario**. Cooperativa El Rebozo: México, 2014.

PAVESI, Patrícia Pereira. **Oi, tem internet? Claro! No mundo Tim! Sem conexões não vivo: o consumo do acesso à internet na grande terra vermelha**. 2014, 346 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ.

PAVIANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. In: **V SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais**. Caxias do Sul, ago. 2009. Disponível em: < https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/65/o-ensaio-como-genero-textual.pdf> Acesso em 29 jan. 2020.

PIÑEYRO, Magdalena. **Stop gordofobia y las panzas subversas**. Carcaixent, Málaga: Baladre y Zambra, 2016.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Rolezinhos – Marcas, consumo e segregação no Brasil. In: **Revista Estudos Culturais**, 1(1), 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98372> Acesso em 21 jan. 2020.

PINTO, Marcelo de Rezende; LARA, Jose Edson. As experiências de consumo na perspectiva da teoria da cultura do consumo: identificando possíveis interlocuções e propondo uma agenda de pesquisa. In: **Cadernos EBAPE.BR** [online], vol.9, n.1, pp.37-56. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v9n1/v9n1a04.pdf> Acesso em 07 jan. 2020.

PORTILHO, Fátima. Consumidores de alimentos orgânicos: discursos, práticas e auto-atribuição de responsabilidade socioambiental. In: **26ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Porto Seguro, 01 a 04 de junho de 2008. Disponível em: < https://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/03/PORTILHO-F%C3%A1tima-Consumidores-de-Alimentos-org%C3%A2nicos-Discursos-pr%C3%A1ticas-e-auto-atribui%C3%A7%C3%A3o-de-responsabilidade-s%C3%B3cio-ambiental.pdf> Acesso em 27 dez. 2018.

PREFEITURA DE VITÓRIA [site institucional]. Vitória em Mapas, fev., 2012a. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/dados/Bairros_2012/jardim_camburi.pdf> Acesso em 04 fev. 2020.

PREFEITURA DE VITÓRIA [site institucional]. Vitória em Mapas, fev., 2012b.

Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/dados/Bairros_2012/jardim_penha.pdf > Acesso em 04 fev. 2020.

PREFEITURA DE VITÓRIA [site institucional]. Vitória em Mapas, fev., 2012c. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/dados/Bairros_2012/sao_pedro.pdf> Acesso em 04 fev. 2020.

PREFEITURA DE VITÓRIA [site institucional]. Vitória em Mapas, fev., 2012d. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/geral/dados/Bairros_2012/santa_lucia.pdf> Acesso em 04 fev. 2020.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

RODRIGUES, Márcia B. F. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. In: **Dimensões** - Revista de História da Ufes. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n° 17, 2005. 213-221 pp. Disponível em: < http://nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/RODRIGUES,%20M%C3%A1rcia%20B.F.%20Raz%C3%A3o%20e%20Sensibilidade.pdf> Acesso em 04 jun. 2020.

ROSALES, Marta Vilar. The domestic work of consumption: materiality, migration and home-making. In: **Etnográfica**, 14 (3): 507-525, outubro de 2010. Disponível em: < http://www.scielo.mec.pt/pdf/etn/v14n3/v14n3a06.pdf> Acesso em 24 jan. 2020.

SANSONE, Livio. Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. In: **Mana**, v. 6, nº.1, pp.87-119, 2000. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100004> Acesso em 20 jan. 2020.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). In: **Mana**, 3(1):41-73, 1997.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios . In: **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972> Acesso em 20 fev. 2020.

SIMON, Juliana. Batom vermelho: conheça a história do make que virou símbolo de libertação. In: **UOL**, 19/01/2016. Disponível em: < https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2016/01/19/batom-vermelho-conheca-a-historia-do-make-que-virou-simbolo-de-libertacao.htm> Acesso em 06 fev. 2020.

SUAREZ, Maribel Carvalho; CASOTTI, Letícia Moreira; ALMEIDA, Victor Manoel Cunha de. Beleza Natural: crescendo na base da pirâmide. In: **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 12, n. 2, p. 555-574, Abr./Jun. 2008. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552008000200012> Acesso em 26 jan. 2020.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

TAVOLARO, Sergio B. F. Existe uma modernidade brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 20, nº 59, out. 2005.

TIME MODICES. Batom: Símbolo de resistência e de empoderamento. In: **Modices**, 30/07/2016. Disponível em: <https://www.modices.com.br/beleza/batom-e-empoderamento-conforto-e-ser-voce-mesma/> Acesso em 06 fev. 2020.

VIDALE, Giulia. **Estética: procura por procedimentos não cirúrgicos aumenta 390%**. 27 de out. 2017. Disponível em: < http://www2.cirurgiaplastica.org.br/2017/10/27/estetica-procura-por-procedimentos-nao-cirurgicos-aumenta-390/> Acesso em 20 fev. 2020.

WEBER, Max. Conceitos sociológicos fundamentais. In: WEBER, Max. **Economia e sociedade – fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol. 1. 4ª edição. 3ª reimpressão. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

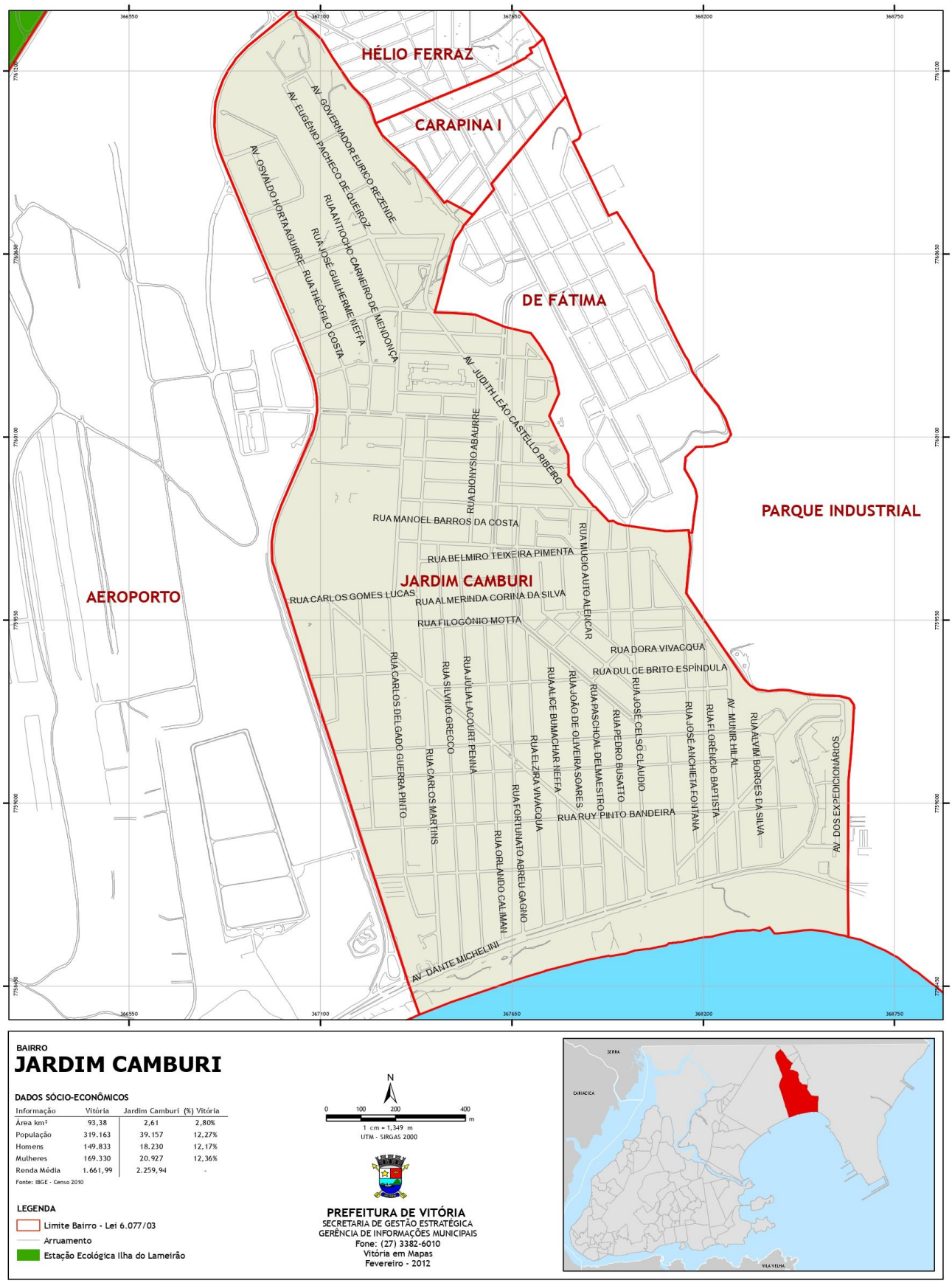
WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

WITTIG, Monique. **The straight mind and other essays**. Boston: Beacon Press, 1992.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

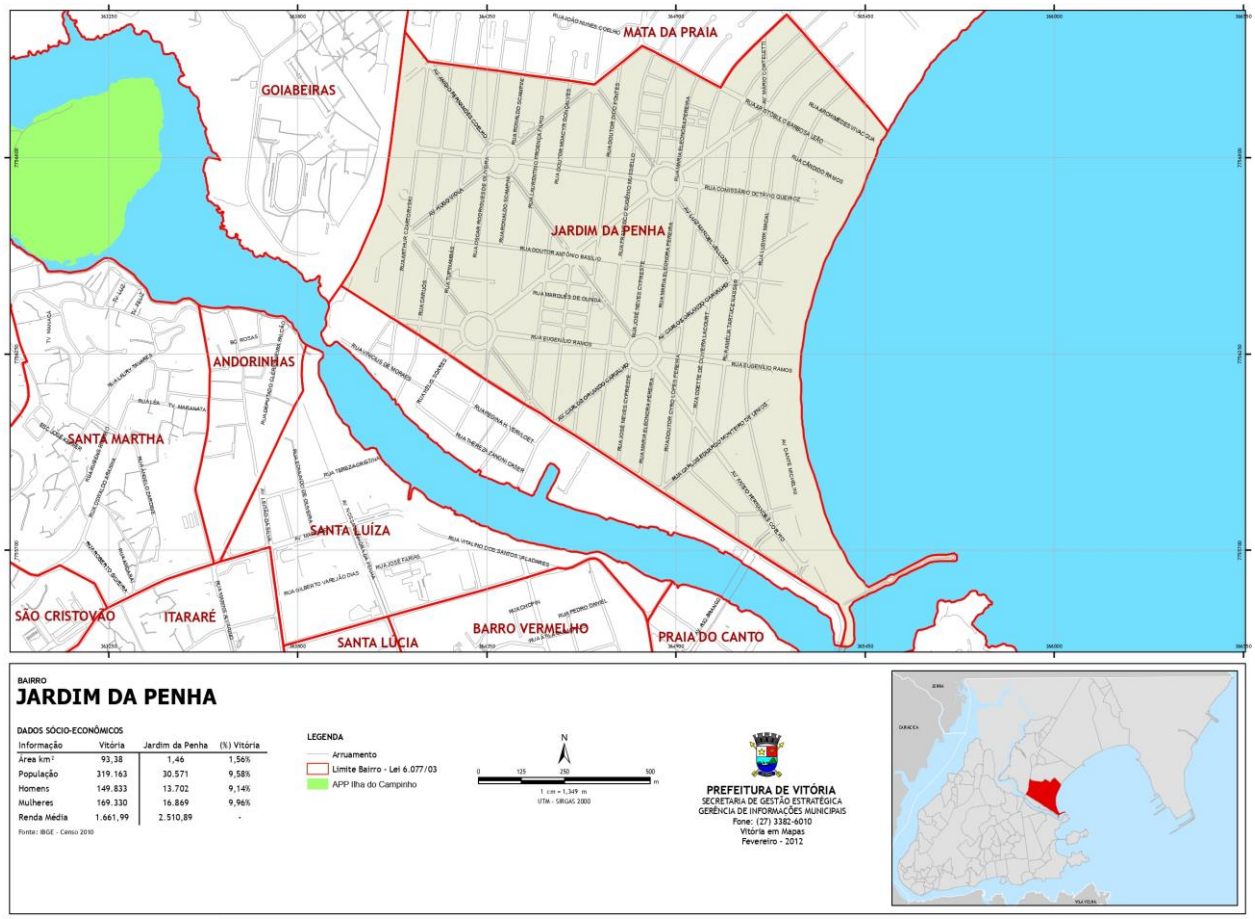
YUVAL-DAVIS, Nira. **Gender & Nation**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1997, pp. 1-25.

ANEXO A – MAPA DO BAIRRO JARDIM CAMBURI



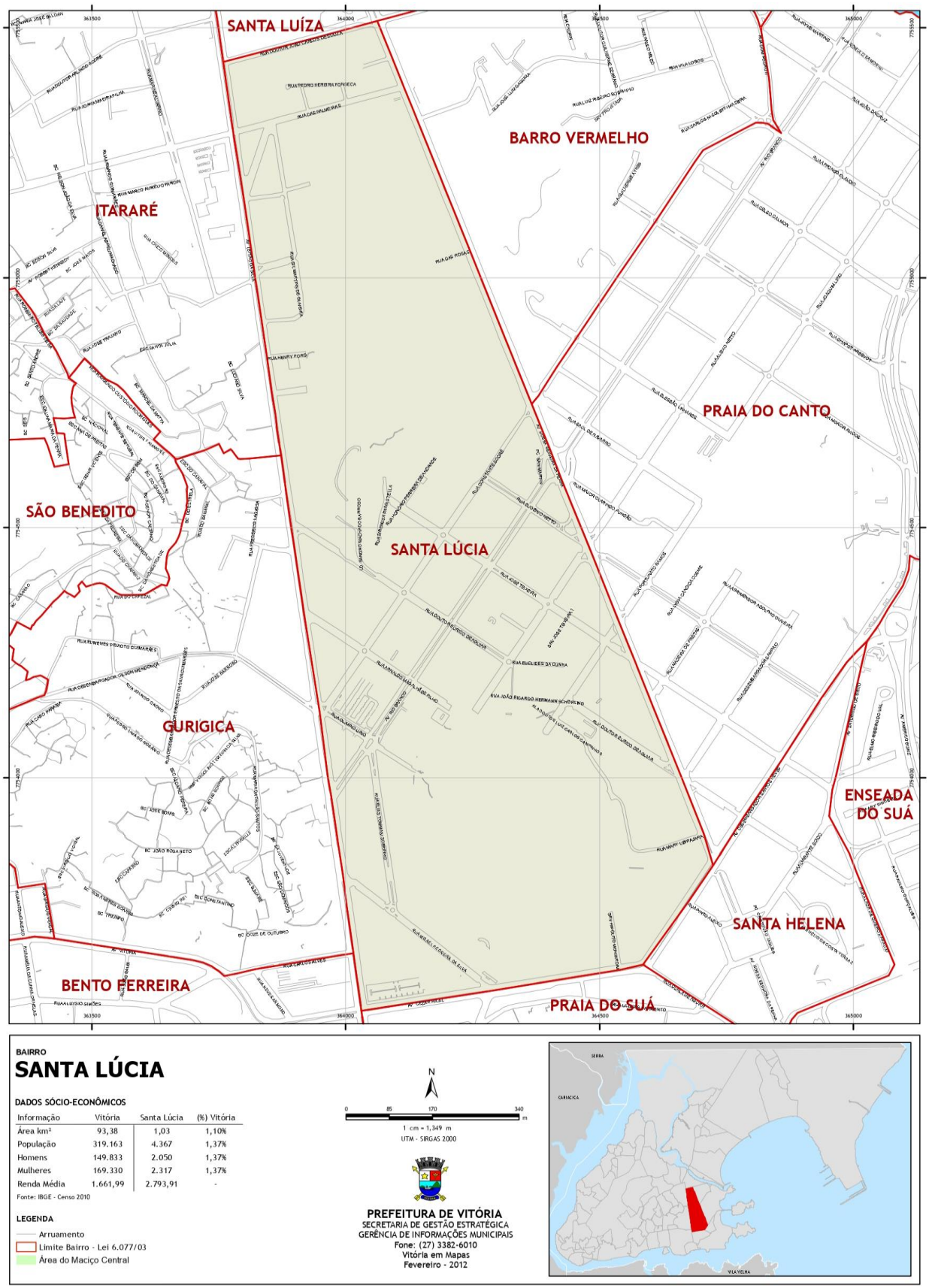
Fonte: Prefeitura de Vitória (2012a)

ANEXO B – MAPA BAIRRO JARDIM DA PENHA



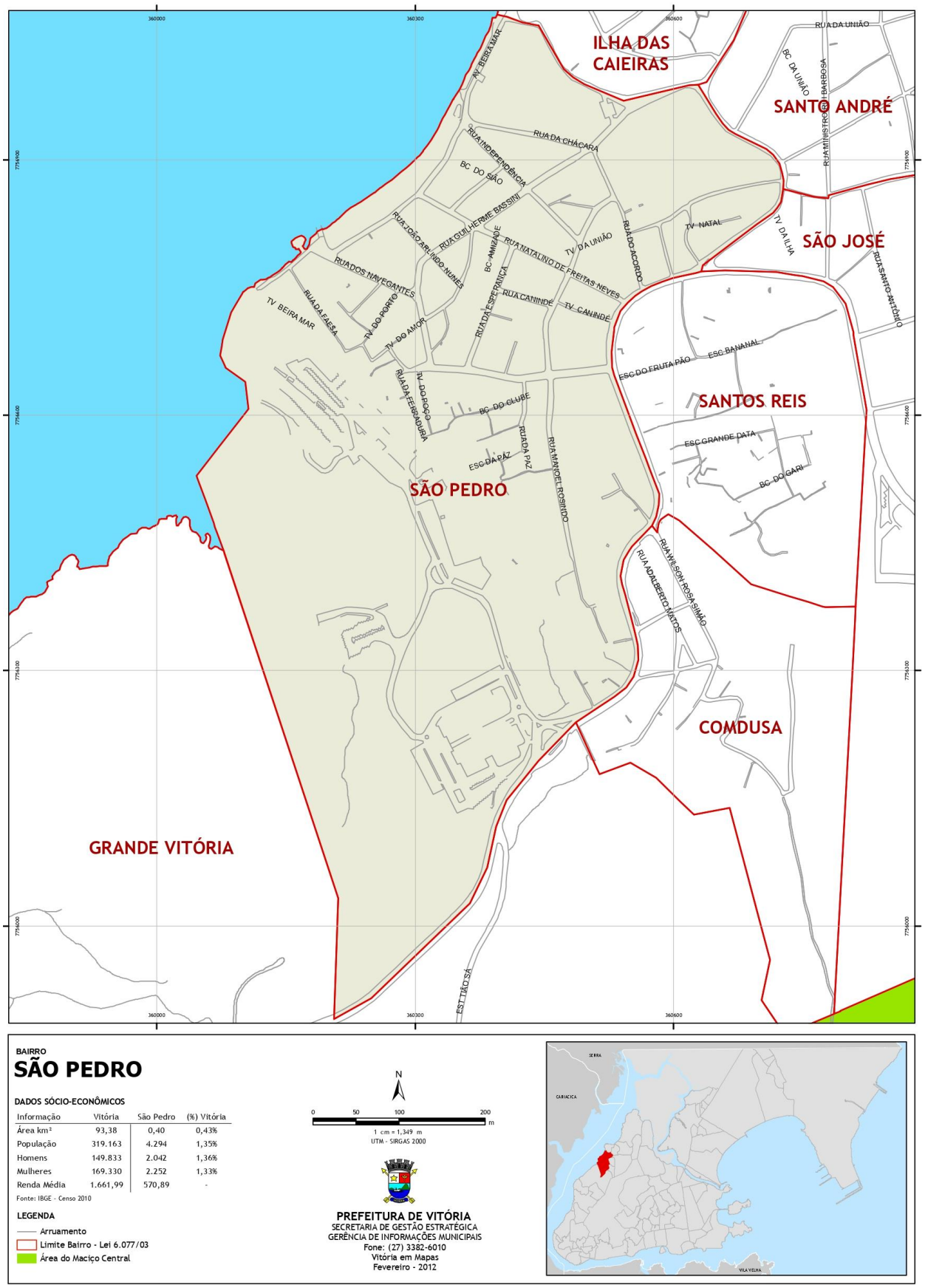
Fonte: Prefeitura de Vitória (2012b)

ANEXO C – MAPA BAIRRO SANTA LÚCIA



Fonte: Prefeitura de Vitória (2012c)

ANEXO D – MAPA BAIRRO SÃO PEDRO



Fonte: Prefeitura de Vitória (2012d)